UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
ANDREY LOPES DE SOUZA

Os estudantes movimentam a cidade: Trajetórias, lutas e memórias do movimento estudantil em Montes Claros/MG (1980-1989)

Uberlândia
2010

ANDREY LOPES DE SOUZA

Os estudantes movimentam a cidade: Trajetórias, lutas e memórias do movimento estudantil em Montes Claros/MG (1980-1989)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Trabalho e Movimentos Sociais.

Orientador: Prof. Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcellos.

Uberlândia
2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729e Souza, Andrey Lopes de, 1985-
Os estudantes movimentam a cidade: trajetórias, lutas e memórias do movimento estudantil em Montes Claros/MG. / Andrey Lopes de Souza. - 2010.
258 f. : il.

Orientadora: Regina Ilka Vieira Vasconcellos.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História.
Inclui bibliografia.

1. História social - Teses. 2. Movimentos sociais - Montes Claros (MG) - História - Teses. 3. .Movimentos estudantis - Montes Claros (MG) - História - Teses. 4. Estudantes - Atividades políticas -Teses. Vasconcelos, Regina Ilka Vieira. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História. III.Titulo.

CDU: 930.2:316

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de Catalogação e Classificação

ANDREY LOPES DE SOUZA

Os estudantes movimentam a cidade: Trajetórias, lutas e memórias do movimento estudantil em Montes Claros/MG (1980-1989)

Texto apresentado à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em História, para qualificação, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Trabalho e Movimentos Sociais.

BANCA EXAMINADORA

_____

Dra. Marta Emisia Jacinto Barbosa - UFU
Membro 1

_____

Dra. Heloísa de Faria e Cruz - PUC-SP
Membro 2

_____

Dra. Regina Ilka Vieira Vasconcellos - UFU
Orientadora

À meus pais Uilson e Zaíra, e a minha irmã Geisiany, minha fortaleza e meu porto seguro.

AGRADECIMENTOS

A investida para ingressar no mestrado constitui um projeto de vida que, embora visto como um sonho distante no início da graduação na Unimontes, hoje se concretiza. Momentos de solidão e o contato com outras pessoas marcaram esta pesquisa, cujo resultado é fruto de enfrentamentos, questionamentos, revisões e posicionamentos que se conformaram ao longo de seu desenvolvimento. Por isso, na elaboração e feitura deste trabalho, muitas pessoas contribuíram de forma direta e indireta para o seu resultado. Embora o nome de todos não seja citado diretamente nas páginas que se seguem, há um pouco de cada um deles e registro aqui meus agradecimentos.

A Deus, pela família com que fui presenteado ao nascer.

A minha orientadora, Regina Ilka Vieira Vasconcellos, pelos momentos agradáveis de orientação, sempre aberta ao diálogo e defensora de uma história comprometida com o social. Pela hospitalidade que lhe é peculiar, permeada de profissionalismo e seriedade em seu trabalho, e por ter aceitado orientar um estudante desconhecido.

À professora Marta Emísia Barbosa, pelo acompanhamento da pesquisa, com sugestões sempre valiosas e pontuais desde o Seminário de Pesquisa até a defesa da dissertação.

À professora Dilma Andrade de Paula, pelas considerações pontuais realizadas na qualificação e apoio constante na realização da pesquisa ao longo do mestrado.

À professora da PUC-SP, Heloísa de Faria Cruz, por ter aceitado o convite para participar da defesa deste trabalho, momento de grande valia depois do contato com trabalhos produzidos pela historiadora.

A Américo Martins Filho, pela disposição do seu arquivo particular de jornais e receptividade nas diversas pesquisas realizadas em sua residência.

Aos entrevistados, pela disponibilidade em narrar momentos de suas vidas.

Ao Programa de Pós-graduação em História e ao Instituto de História da UFU pelo apoio.

Aos professores que compõem a Linha de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais, pelo apoio, incentivo e discussões importantes para a concretização deste trabalho.

Aos colegas do mestrado Olívia, Thiago, Mariana, Janaína, Carlos, Henrique, Tadeu e Amanda, pelo apoio e momentos de convivência agradáveis.

Aos Amigos Tadeu, Valmiro, Olívia e Antunes, sempre receptivos e hospitaleiros nas minhas idas a Uberlândia.

À Clarice, Rosana e Rejane que nos recebeu em sua república quando fomos investir nesta empreitada.

Aos amigos de república em Uberlândia, Valéria, Léo, João e Mary, obrigado pelo apoio, momentos de distração e discussões sobre a pesquisa sempre proveitosas. Cada um de vocês possui uma importância diferente para este trabalho que ora se conforma, seja pelo apoio e palavra amiga em momentos de insegurança, seja em discussões e esforço de irmos juntos à cata das fontes. A estadia em Uberlândia foi muito mais agradável com a presença de vocês.

Aos professores do Departamento de História da Unimontes pelo incentivo nesta empreitada. À professora Márcia Pereira da Silva, orientadora de Iniciação Científica, atual professora da Unesp-Franca, principal incentivadora do meu ingresso no mestrado. A Laurindo Mékie pelo apoio e incentivo quando, às vezes, nem eu mesmo acreditava que fosse conseguir. À Filomena Cordeiro pelo apoio.

A Capes pela bolsa no último semestre do mestrado.

Aos meus pais, Uilson e Zaira, e a minha irmã, Geisiany, que, entre vitórias e derrotas, estiveram sempre do meu lado torcendo por mim. Esta vitória não é apenas minha, mas da nossa família.

Aos amigos que fiz durante a graduação e antes dela quando residia em Jaíba, cidade natal. O apoio de vocês foi indispensável.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar as movimentações estudantis em Montes Claros nos anos 1980. Tomando a cidade como lugar, procuramos analisar o trânsito dos estudantes pelos diversos espaços, na conquista de territórios de expressão sociopolítica, na constituição de formas de organização, mobilização, lutas, debates e no enfrentamento das questões educacionais e cotidianas que afligiam os jovens naquele momento. Elegemos os universitários como nossos sujeitos de pesquisa, problematizando suas trajetórias que reportam as movimentações nos grupos de jovens da Igreja, no movimento secundarista, nos partidos, associações de bairro, dentre outros espaços. Como a trajetória dos estudantes pela cidade acabou por vir a ser um objetivo do trabalho em virtude de que muitos militantes do movimento universitário transitaram no movimento secundarista, em vários momentos referenciamos as ações dos partícipes desses dois lugares a fim de problematizar esses percursos como momentos representativos da militância estudantil e da constituição desses sujeitos.

Palavras chaves: História Social, Cultura e Cidade, Movimento Estudantil e Montes Claros

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the student movements in Montes Claros in the 1980s. Taking the city as a place, we tried to analyze the traffic of students in various spaces in the conquest of territories of sociopolitical expression, in the makeshift of forms of organization, mobilization, battles, debates and in the confrontations of educational issues and the day to day afflictions of the young people during that time. We chose the university students as our research subject, taking their day to day problems that they had in their educational trajectory that reported the youth group movements of the churches, in high school movements, parties, neighborhood associations, among other places. Since the trajectory of the students around the city ended up being the objective of the study in a good aspect, because many of the militants of the university student movement were connected in some way to high school movements, at various times we mention the actions of participants in these two places with the intention of discovering the problems of these routes as representative moments of the student activism and the formation of these subjects.

Key words: Social History, Culture and the City, the Student Movement and Montes Claros

SUMÁRIO

Lista de siglas e abreviaturas p.10
Lista de figuras ..... p. 12
Lista de organogramas ..... p. 13
Lista de tabelas ..... p. 13

INTRODUÇÃO p.14

CAPÍTULO I: Os estudantes transitam pela cidade ..... p. 35
1.1. Sentidos e práticas de movimento estudantil na conformação da cidade ..... p. 35
1.2. Estudantes e imprensa: debates e críticas p.71
1.3 (Des)venturas estudantis: Partidos, igreja e estudantes p.102

CAPÍTULO II: A faculdade expressa a cidade p.118
2.1. Organização e mobilização p.118
2.2. A “crise universitária”: federalizar ou estadualizar a fundação ..... p. 146

CAPÍTULO III: Dentro e fora da cidade ..... p. 182
3.1. Presenças e (ambivalências) marcas estudantis: percepções sobre os estudantes ..... p. 182
3.3. Cidades, sertões e estudantes: disputas de memórias ..... p. 207

CONSIDERAÇÕES FINAIS p.245

FONTES ..... p. 249

BIBLIOGRAFIA ..... p. 251

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABI-Associação Brasileira da Imprensa

ACAH-Arquivo do Centro Acadêmico de História

AEMC-Associação dos Estudantes de Montes Claros

AgreMoc-Associação dos Grêmios Estudantis de Montes Claros

AMS-Área Mineira da Sudene

AMPS-Área Mineira do Polígono das Secas

APAMF-Arquivo Particular de Américo Martins Filho

ARTEUNI-Festival de Arte Universitária

AULA-Associação Universitária de Lazer e Atletismo

CA-Centro Acadêmico

CCBS-Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

CCET-Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas

CCH-Centro de Ciências Humanas

CCSA-Centro de Ciências Sociais Aplicadas

CCHP-Centro Cultural Hermes de Paula

CEBS-Comunidades Eclesiais de Base

CNEN-Conselho Nacional de Energia Nuclear

COMPOR-Concurso de Contos, Crônicas e Poemas

CONEB-Conselho Nacional de Entidades de Base

CPT-Comissão da Pastoral da Terra

DA-Diretório Acadêmico

DCE-Diretório Central dos Estudantes

DEMC-Diretório dos Estudantes de Montes Claros

DOE-Departamento de Operações especiais

DPDOR-Divisão de Pesquisa e Documentação Regional

ENEFil-Encontro Nacional dos Estudantes de Filosofia

ENEH-Encontro Nacional dos estudantes de Historia

ENES-Encontro Nacional dos Estudantes Secundaristas

FACEART-Faculdade de Educação Artística

FADEC-Faculdade de Administração e Finanças

FADIR-Faculdade de Direito

FAFIL-Faculdade de Filosofia Ciências e Letras

FAMED-Faculdade de Medicina

FELP-Fundação Educacional Luiz de Paula

FUCAP-Festival Universitário de Canção Popular

FUME-Federação Universitária Mineira de Esportes

FUNM-Fundação Norte Mineira de Ensino Superior

JEC-Juventude Estudantil Católica

JUC-Juventude Universitária Católica

JUMEs-Jogos Universitários Mineiros

JUMOC-Jogos Universitários de Montes Claros

LIBELU-Liberdade e Luta

MDB-Movimento Democrático Brasileiro

MCE-Programa Melhoria do Ensino Superior

ME-Movimento Estudantil

MR8-Movimento revolucionário 8 de outubro

OAB-Ordem dos Advogados do Brasil

PCB-Partido Comunista Brasileiro

PCdoB-Partido Comunista do Brasil

PDS-Partido Democrático Social

PJE-Pastoral da Juventude Estudantil

PJU-Pastiral da Juventude Universitária

PMDB-Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PO-Pastoral Operaria

PT-Partido dos Trabalhadores

SAJ-Serviço de Assistência Jurídica

SECELT-Secretaria de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo

SUDENE-Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

UBES-União Brasileira dos Estudantes Secundaristas

UCSal-Universidade Católica de Salvador

UEE-União Estadual dos Estudantes

UNE-União Nacional dos Estudantes

UNESP-Universidade Estadual de São Paulo

UNICAMP-Universidade Estadual de Campinas

UNMES-União Norte Mineira dos Estudantes Secundaristas

USP-Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Minas Gerais com destaque para Montes Claros p.17
Figura 2 – Fotografia página do Jornal do Norte, 13 de janeiro de 1984, p.03.....p.51
Figura 3 – Fotografia página caderno de colagens de Gy Reis, luta pelo meio-passe p.54
Figura 4 – Panfleto pelo meio-passe p.59
Figura 5 – Fotografia de manifestação pelo meio-passe p.60
Figura 6 – Fotografia de manifestação pelo meio passe na Câmara Municipal.....p.62
Figura 7 – Fotografia do Jornal do Norte, 04 de janeiro de 1980, p.03 .....p.74
Figura 8 – Mapa das regiões de planejamento de Montes Claros p.80
Figura 9 – Fotografia do Jornal do Norte, 10 de novembro de 1980 .....p.84
Figura 10 – Fotografia do Jornal do Norte, 14 de maio de 1982, p.03.....p.95
Figura 11 – Mapa instituições de ensino no Norte de Minas Gerais.....p.120
Figura 12 – Mapa corrida rústica, 1989.....p.122
Figura 13 – Cartaz de divulgação do I Salão de Arte da FAFIL.....p.128
Figura 14 – Fotografia da visita de Luiz Inácio Lula da Silva a Montes Claros no momento da fundação do Partido dos Trabalhadores na cidade p.136
Figura 15 – Fotografia do Jornal do Norte, 23 de abril de 1987, p.01 .....p.144
Figura 16 – Fotografia do Jornal do Norte, 23 de abril de 1987, p.03 .....p.145
Figura 17 – Fotografia do Jornal do Norte, 16 de agosto de 1977 .....p.159
Figura 18 – Charge contra o aumento das anuidades da FAFIL p.173
Figura 19 – Fotografia do Diário de Montes Claros, 26 de agosto de 1988.....p.179
Figura 20 – Fotografia do Diário de Montes Claros, 24 de agosto de 1988.....p.180
Figura 21 – Fotografia do prédio da FAFIL p.182

LISTA DE ORGANOGRAMAS

Organograma 1 – Faculdades da FUNM.....p.15
Organograma 2 – Entidades estudantis secundaristas.....p.18
Organograma 3 – Entidades estudantis universitárias.....p.19

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População de Montes Claros de 1940 a 1980.....p.16
Tabela 2 – Presidentes e gestões do DEMC na década de 1980 .....p.43
Tabela 3 – Eleições e gestões do DA-FAFIL na década de 1980 .....p.89
Tabela 4 - Indicadores de educação setores de baixa renda Montes Claros – 1980...p.119
Tabela 5 – Eleições e gestões do DCE na década de 1980.....p.124
Tabela 6 – Eleições e gestões dos Das FADEC, FAMED e FADIR p.125
Tabela 7 – Textos publicados no Jornal do Norte na década de 1980.....p.223

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objetivo analisar as movimentações estudantis em Montes Claros nos anos 1980. Tomando a cidade como lugar, procuramos analisar o trânsito dos estudantes pelos diversos espaços, na conquista de territórios de expressão social e política, na constituição de formas de organização, mobilização, lutas, debates e no enfrentamento das questões educacionais e cotidianas que afligiam os jovens naquele momento. Elegemos os universitários como nossos sujeitos de pesquisa, problematizando suas trajetórias que reportam às movimentações nos grupos de jovens da Igreja, no movimento secundarista, nos partidos, associações de bairro, dentre outros espaços. Como a trajetória dos estudantes pela cidade acabou por vir a ser um objetivo do trabalho em virtude de que muitos militantes do movimento universitário transitaram no movimento secundarista, em vários momentos referenciamos as ações dos partícipes desses dois lugares a fim de problematizar esses percursos como momentos representativos da militância estudantil e da constituição desses sujeitos.

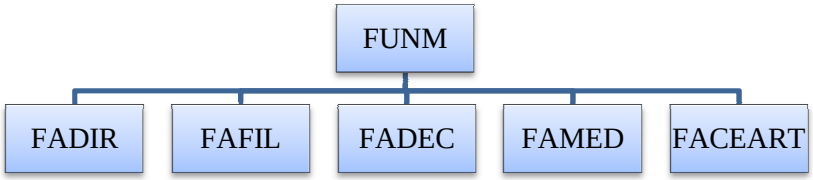
A década de 1980 indica um momento em que os estudantes estavam se organizando para uma luta que mudaria o rumo do ensino superior na região, a saber, a luta pela estadualização ou federalização da Fundação Norte Mineira de Ensino Superior – FUNM. A FUNM foi criada no dia 24 de maio de 1962 através da Lei Estadual 2615, de autoria do deputado Cícero Dumont. A efetiva transformação da FUNM na Unimontes, alcançando o objetivo dos estudantes de estadualizar as faculdades, ocorreu no dia primeiro de agosto de 1990. A lei estadual número 11517, de 13 de julho de 1994, reorganizou a Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes – do ponto de vista administrativo-funcional, extinguindo as faculdades e criando os Centros, a saber, o Centro de Ciências Humanas (CCH), Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CCET) e Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA).[1]

A partir do organograma abaixo, podemos visualizar a estrutura organizacional da FUNM.

---

[1]Em 1963 surgiu a primeira unidade de ensino superior, intitulada Faculdade de Filosofia Ciências e Letras – FAFIL – que era ligada à Fundação Educacional Luiz de Paula – FELP. Em 1966, a FAFIL foi desligada da FELP. A primeira unidade de ensino superior integrada à FUNM foi a Faculdade de Direito – FADIR em 1965, posteriormente foi criada a Faculdade de Medicina – FAMED em 1969, em 1972 a Faculdade de Administração e Finanças – FADEC e em 1987 a Faculdade de Educação Artistica – FACEART.

ORGANOGRAMA 1
Faculdades da FUNM



A luta contra o aumento das anuidades e pela estadualização ou federalização da FUNM ganhou fôlego no início dos anos 1980, com ampla publicação de textos nos jornais que circulavam na cidade, sendo esse objetivo perseguido pelos estudantes ao longo de toda a década. Dessa maneira, a presente periodização remete aos anos 1980, pois essa luta pela estadualização ou federalização da FUNM foi o carro chefe das lutas estudantis e conseguiu reunir o maior número de partícipes em torno de um objetivo comum, sendo um momento importante o Decreto Estadual número 30971 do dia 09 de março de 1990, conforme disposto na Constituição Estadual de 1989, que instituiu a Unimontes.

Desde a década de 1980, a FUNM (atual Unimontes) recebe estudantes das cidades vizinhas como Janaúba, Pirapora, Francisco Sá, Capitão Enéas, São Francisco, Coração de Jesus, dentre outros municípios da região. Atualmente, Montes Claros é considerada uma cidade universitária em virtude do relevante número de cursos superiores do setor público e privado que aqui são oferecidos. Estudantes do Norte de Minas Gerais, Vale do Jequitinhonha e Mucuri, Sul da Bahia, dentre outras regiões do estado e do país, procuram a cidade para dar continuidade aos estudos. O *slogan* da Unimontes é "Universidade de integração regional" visto que é a única universidade pública com sede na região.[2] A chegada de novos moradores, mesmo que temporários, para Montes Claros ocorre desde a primeira metade do século XX, quando correntes

[2] O município de Montes Claros pertence ao Norte de Minas Gerais, sendo que segundo o censo de 2000, a cidade possuía cerca de trezentos mil habitantes. Atualmente, Montes Claros recebe estudantes secundaristas e universitários de várias localidades que procuram a cidade em virtude da oferta do ensino superior público e privado. A cidade possui várias escolas e faculdades particulares. Dentre as faculdades particulares estão: Santo Agostinho, FUNORTE, Pitágoras, Universidade Presidente Antônio Carlos – Unipac –, Instituto Superior de Educação Ibituruna – ISEIB –, Universidade do Norte do Paraná – UNOPAR – (virtual), dentre outras. A Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – possui um *campus* na cidade com cursos ligados à área de Agronomia, Engenharia Ambiental e outros cursos. A Unimontes possui vários polos espalhados pela região, como Janaúba, Pirapora, Almenara, São Francisco, Unaí, Januária, dentre outras. Para se inteirar sobre o assunto ver: PEREIRA, Anete Marília. **Cidade média e região:** o significado de Montes Claros no Norte de Minas Gerais. Tese de Doutorado em Geografia. Uberlândia, UFU, 2007.

migratórias vindas do noroeste de Minas Gerais e do Nordeste com destino ao Sudeste do país, em passagem por Montes Claros, acabavam aqui se instalando na cidade. Montes Claros era um ponto de parada para esses migrantes, sendo que, muitos deles, por não possuírem condições para prosseguir a viagem, que durava dias, acabavam por permanecer na cidade.[3] Outro fator que contribuiu para a chegada de novos moradores na cidade foi a atuação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE. Esse órgão foi criado em 1959, pela lei 3.902, sendo que a partir de 1963 o Norte de Minas foi integrado oficialmente à Área Mineira da Sudene – AMS – e à Área Mineira do Polígono das Secas – AMPS. Com os incentivos fiscais da SUDENE, várias indústrias foram instaladas na cidade, o que contribuiu para a urbanização de Montes Claros. A partir da tabela abaixo, podemos perceber o crescimento populacional de Montes Claros, que expressa o quanto a cidade nesse momento se constitui como um espaço complexo. Procuramos no texto, para além dos números, apreender os processos sociais que esses sujeitos registram.

TABELA 1

População de Montes Claros – 1940-1980					
	1940	1950	1960	1970	1980
Rural	46.216	30.424	62.885	31.332	25.427
Suburbana	7.509	-	-	-	-
Urbana	7.807	21.943	43.097	85.174	151.881
Total	61.532	*52.367	105.982	116.486	177.308

*Já descontadas as populações de Mirabela, emancipada em 1962, e Juramento, emancipado em 1953. PEREIRA, Laurindo Mékie. **Em nome da região, a serviço do capital:** o regionalismo político norte-mineiro. Tese de Doutorado em História Econômica. São Paulo, USP, 2007.

Essas mudanças ocorridas em Montes Claros contribuíram para que o município hoje se constituísse como cidade universitária; nos anos 1980 notamos que esse ambiente constituía o lugar de enfrentamento das questões cotidianas relacionadas ao bairro, à educação, ao lazer e à saúde, pelo que os estudantes lutavam e

[3]CARDOSO JR, Edy Freitas. **Experiência e poder na urbe em expansão:** "cultura política popular" em Montes Claros/MG entre 1930 e 1964. 2008. Dissertação (Mestrado em História – Culturas Políticas) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

improvisavam formas de luta na disputa pelo direito à cidade e pela defesa da cidadania e pela democracia. A partir do mapa abaixo podemos visualizar a localização de Montes Claros no Norte de Minas Gerais, que acabou por se tornar um núcleo de investimento de diversos grupos da localidade, inclusive os estudantis, visto que era a única cidade que possuía faculdades na região.

FIGURA 1

Mapa de Minas Gerais com destaque para a localização de Montes Claros e a distância da cidade com relação algumas capitais de estados brasileiros. Mapa produzido pela prefeitura municipal de Montes Claros.

Nesse sentido, outra questão que acaba por se constituir uma problemática deste trabalho e que reporta à atualidade com a existência do slogan “Universidade de integração regional” é: A quem se destinam essas faculdades? Ou melhor, que projeto de universidade foi pensado naquele momento? Quanto à atualidade, essa indagação fica como uma provocação.

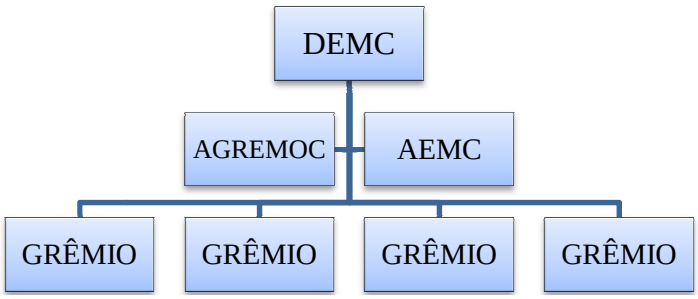
Para entendermos todas essa relações engendradas no meio estudantil, quanto à luta pelo ensino superior de qualidade nos anos 1980, precisamos visualizar a organização das diferentes entidades estudantis que existiam na cidade.

Nesse momento, o meio estudantil era dividido em dois grupos, os secundaristas e os universitários. Os secundaristas estudavam nas escolas públicas estaduais e municipais, além das particulares e confessionais como o colégio Marista e

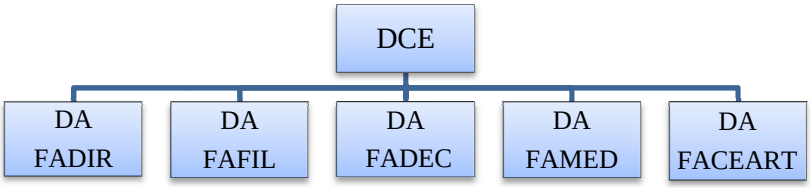
São Norberto, sendo que os universitários estudavam nas faculdades privadas da FUNM – inicialmente chamada Fundação Universidade Norte Mineira que foi criada em 1962 e, depois, intitulada Fundação Norte Mineira de Ensino Superior. Os secundaristas eram representados pelos grêmios estudantis que funcionavam em cada escola, sendo que o Diretório dos Estudantes de Montes Claros – DEMC – era e/ou é o órgão de maior representatividade entre eles. O DEMC foi criado no ano de 1948 por um grupo de estudantes secundaristas, dentre eles Ruy Tupinambá. A Associação dos Grêmios de Montes Claros – AGREMOC – era um conselho fiscal e consultivo do DEMC, sendo que a Associação dos Estudantes de Montes Claros – AEMC – foi criada no início dos anos 1980 por um grupo de estudantes secundaristas (dentre eles Charles Edvar Parrela Veloso que a presidiu no ano de 1981) para fazer oposição à AGREMOC. Cada uma das faculdades possuía um Diretório Acadêmico – DA – que, no caso do movimento estudantil universitário, representava os estudantes no âmbito de cada uma delas. O Diretório Central dos Estudantes – DCE – era o órgão estudantil máximo que representava os universitários no âmbito da Fundação.

Os organogramas abaixo são elucidativos e demonstram um pouco da organização das entidades estudantis secundaristas e universitárias existentes naquele momento na cidade. A aparente hierarquia aqui projetada não pode ser visualizada e compreendida de forma imparcial, visto que as relações sociais vivenciadas no cotidiano do movimento estudantil apontam para injunções diversas. Pelo contrário, os diferentes posicionamentos e projetos das gestões que dirigiram as diferentes entidades apontam para uma multiplicidade de relações.

ORGANOGRAMA 2
Entidades estudantis secundaristas



ORGANOGRAMA 3
Entidades estudantis universitárias



A presença dos estudantes e da faculdade pela cidade se faz sentir de várias maneiras. Na geografia das movimentações estudantis podemos percebê-los em editorias de periódicos, em grupos artísticos, grupos de jovens da Igreja, associações de bairro, partidos, entidades secundaristas e universitárias, além do fato de muitos deles na atualidade comporem outros movimentos como o Sindicato dos Professores da Rede Estadual de Ensino (SINPRO), a União Popular de Mulheres (UPM), dentre outros. Nesse momento os eventos artísticos promovidos pelos estudantes, como calouradas, bailes, festivais e o "teatro de rua", misturavam-se com a vida noturna da cidade, com os "bordéis" que se localizavam próximo à FAFIL, com os moradores que estavam nos bares do centro, com os trabalhadores das fábricas e com os políticos locais em reuniões e eventos da cidade. Os hábitos culturais gerados pela presença dos estudantes na cidade imiscuíam-se com outros valores produzidos pelos moradores, promovendo um ambiente marcado por compromissos, negociações, interesses e conflitos.[4] Nessa época, era comum o engajamento dos estudantes em variados movimentos, pois, entre os valores sustentados por eles, estava o desejo de utopia e mudança da realidade vivida. Por isso eles acabaram por ingressar em várias frentes de atuação na cidade como forma de luta e afirmação enquanto sujeitos de sua história nesses espaços. Participar e atuar em diversos movimentos, reuniões, conselhos, eventos artísticos e instâncias da prefeitura e das faculdades acabaram por se tornar uma forma de atuação de primeira hora, a fim de não apenas se inteirar dos debates e projetos existentes no âmbito da cidade, mas de possuir vez e voto nos assuntos discutidos naquele momento.

A trajetória da escolha do tema expressa nuanças de memórias hegemônicas sobre o movimento estudantil brasileiro. No momento da escolha do tema de monografia na graduação, na Universidade Estadual de Montes Claros, no ano de 2006,

[4]CRUZ, Heloísa de Faria e. O burgo dos estudantes. *In*: **São Paulo em papel e tinta.** Periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: EDUC FAPESP, 2000.

após leituras sobre o movimento estudantil de 1968, resolvemos analisar as ações dos estudantes em Montes Claros nos anos 1960. No início, nos indicaram que deveríamos procurar o então vereador de Montes Claros, Lipa Xavier, que havia sido um militante "fervoroso" do movimento estudantil na cidade. Esse *deveria* procurar certo militante é um indício da produção de memórias sobre o movimento estudantil na cidade. Ao longo de uma conversa em seu gabinete na Câmara Municipal, os episódios citados nos levaram a outro período, além daquele consagrado pela historiografia dos anos 1960. As ações lembradas por ele indicavam diversas movimentações dos estudantes secundaristas e universitários nos anos 1980. Nesse momento ele mencionou a luta pela estadualização ou federalização da FUNM, a luta contra a vinda de um depósito de lixo atômico para a cidade, a luta pelo meio passe, e outras ações.

A partir de então começamos a definir um tema, o movimento estudantil em Montes Claros nos anos 1980. Posteriormente, essa escolha foi divulgada para algumas pessoas e, logo, surgiram impressões diversas sobre o tema: "Que interessante, você vai escrever sobre os jovens dos anos 1960? Eles aprontaram muita coisa!", "Mas Montes Claros teve movimento estudantil?", e outras.

As opiniões giraram em torno dessas duas ideias. Primeiro, por mais que explicássemos que a periodização remetia aos anos 1980, as pessoas sempre se referiam aos anos 1960 – embora também estivesse com esse marco presente em nossos escritos. Segundo, havia certa desconfiança de que realmente houvesse ocorrido movimento estudantil na cidade. Os modelos de movimento estudantil, principalmente os marcados pelas ações nos grandes centros urbanos nos anos 1960, compõem terreno fértil para a produção dessas impressões. Sentidos, significados e práticas de movimento estudantil consagradas pela literatura acerca do tema nortearam a produção de memórias que abarcavam formas de participação ligadas à passeata e à figura do militante esquerdista.

A produção acadêmica, historiográfica e memorialística do movimento estudantil nos anos 1960 é vasta, indicando um prisma de memórias e percepções acerca das experiências estudantis no período. Esses textos produzidos, por um bom tempo, direcionaram as formas de pensar a problemática da pesquisa, que se baseava na busca da compreensão das participações dos estudantes nos últimos anos da Ditadura Militar e nos primeiros anos da democracia, a saber, a suposta transição. A referência desses trabalhos e memórias se refere ao ano de 1968, marco este que norteia e/ou norteou a

produção dos trabalhos produzidos sobre o movimento estudantil desde então.[5] O contato com os textos de Raymond Williams nos instigou a tratar os conceitos como problemas analíticos e também como movimentos históricos, que precisam ser pensados em conjunto com a experiência social, o que contribuiu para levantar outras questões e indagar sobre o que vem a ser um movimento estudantil.

No entanto, os trabalhos produzidos sobre o movimento estudantil já nos instigavam a questionar alguns marcos, bem como (re)pensar os movimentos dirigidos pelos estudantes. João Roberto Martins Filho, no livro *Movimento Estudantil e Ditadura Militar*, fruto de uma dissertação em Ciências Sociais, analisou a geração da década de 1960 e concluiu que é impossível atribuir à ação dos estudantes um caráter genérico e imutável. Segundo ele, em cada lugar e período, o Movimento Estudantil – ME – poderia assumir formas e conteúdos distintos. Por conseguinte, o autor questiona a imagem mítica disseminada pelos órgãos de representação estudantil, que afirmam que os estudantes estiveram, em todas as suas lutas, do lado do povo. Martins Filho ainda afirma que o ME é muito complexo para conceituações simplistas e que é preciso conhecê-lo melhor.[6]

Nessa esteira, o historiador José Alberto Saldanha de Oliveira, ao estudar o movimento estudantil alagoano, afirmou que:

> o não existir de um caráter genérico de objetivos permanentes e imutáveis apontaria o questionamento do eixo Rio - São Paulo como centro determinista da prática estudantil e identificaria no estudo de

[5]Acerca da participação estudantil, existem diferentes interpretações. Na obra intitulada *Ensaios contra a maré*, Roberto de Oliveira Campos, integrante da chamada direita, afirma que grande parte da juventude não tinha consciência para avaliar o momento. Segundo o autor, os estudantes estavam fascinados com as proporções epidêmicas que o movimento assumiu. CAMPOS, Roberto de Oliveira. **Ensaios contra a maré.** Rio de Janeiro: APEC, 1969. Zuenir Ventura, membro da chamada esquerda, afirma que a juventude era politicamente esclarecida e nada egoísta, pois pensava no coletivo e não em si mesma. Afirmou o autor "[...] se houve na história um momento em que seus componentes não souberam o que era egoísmo, anulando-se como indivíduo para se encontrar como massa, esse movimento foi o da espetacular, pública e gregária geração de 68." VENTURA. **1968:** o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p.183. Já Márcia Pereira da Silva analisa a juventude do período, que propunha liberdade, amor, um novo jeito de vestir e falar sem restrições e conclui: "Não é somente entusiasmo o que motiva os jovens dos anos 60. O clima romântico e as manifestações que pipocavam por todo o mundo iam ao encontro dos anseios de uma geração ávida pelo conhecer e se expressar." SILVA, Márcia Pereira da. **Em busca do sonho:** História, juventude e repressão: Franca 1960 – 1970. Montes Claros: Unimontes, 2002, p.64.

[6]MARTINS FILHO, João Roberto. **Movimento Estudantil e Ditadura Militar.** Campinas: Papirus, 1987.

> experiências locais a possibilidade de questionar a 'visão mitológica' do movimento estudantil.[7]

As propostas apresentadas por João Roberto Martins Filho e José Alberto Saldanha de Oliveira são instigantes para pensarmos o movimento estudantil, inclusive respondem a questões dos seus momentos de produção. Após a abertura política, os trabalhos produzidos sobre o movimento estudantil procuraram problematizar a participação dos estudantes na sociedade, bem como a União Nacional dos Estudantes – UNE –, despindo-os da roupagem de heróis nacionais. A contribuição desses trabalhos é inegável, uma vez que contribuíram, inclusive, para atribuir novos significados ao movimento estudantil, avançando nesse debate. No entanto, percebemos que os próprios marcos questionados nos trabalhos dos autores não são postos em cheque, pois há mais uma vontade de anunciar uma percepção sobre o resultado de suas pesquisas, visto que os recortes temporais os denunciam.[8]

Essa relevante e também grande atenção atribuída ao "movimento estudantil de 1968" acabou por criar uma memória sobre as movimentações estudantis no país que encerra as experiências vivenciadas nos anos 1960 em impressões e práticas genéricas, opacizando a vitalidade da presença dos diversos sujeitos sociais, sejam eles militantes inseridos ou não nos processos decisórios dos grandes órgãos estudantis do momento. Eventos, episódios e práticas eleitas como representativas do movimento evidenciados na produção acadêmica e memorialística acabaram por atribuir sentido e dar o norte da produção do conceito de movimento estudantil.

O Projeto Memória do Movimento Estudantil Brasileiro, que foi criado em 2005 com parceria da Rede Globo, Fundação Roberto Marinho, Petrobrás, Museu da República e UNE, é representativo da intencionalidade de se constituir um acervo das memórias do movimento estudantil no Brasil. O objetivo do projeto é coletar, dispor, registrar depoimentos e incentivar a doação de documentos para o acervo, a fim de resgatar a memória das ações estudantis no país.[9] O destacado espaço atribuído à história da UNE, seus presidentes, ao eixo Rio/São Paulo e, principalmente, aos anos

---

[7] OLIVEIRA, José Alberto Saldanha. **A mitologia estudantil:** uma abordagem sobre o movimento estudantil alagoano. Maceió: SERGASA, 1994, p.16.

[8] A professora Marta Emísia Barbosa nos havia advertido na disciplina "Seminário de Pesquisa" do Programa de pós-graduação em História da UFU, no segundo semestre de 2008, que em nossa fala e escrita nos denunciamos, deixando expressos resíduos e vícios de outras leituras. No que diz respeito a essa reflexão, a professora teve papel importante, instigando o pesquisador a questionar marcos e memórias pré-estabelecidas do movimento estudantil.

[9] Ver site: www.mme.org.br (acessado dia 22 de dezembro de 2009).

1960 e à campanha do *Petróleo é nosso* indica os sentidos que se quer construir dessas memórias que está presente até mesmo na academia. Outros sujeitos, práticas e presenças foram preteridos em um momento a fim de se atribuir notoriedade à luta dos estudantes contra a Ditadura Militar instaurada em 1964. Essa veemente profusão de memórias produzidas por militantes que vivenciaram o movimento nos anos 1960, publicadas principalmente após o fim da Ditadura em 1985, acabou por encobrir a vitalidade de movimentações estudantis que ocorriam em vários lugares e temporalidades na luta pela cidadania. Os movimentos nas pequenas e médias cidades do Brasil nos anos 1980 são pouco referenciados nesses materiais, o que acabou por contribuir para dificultar a visualização da organicidade do movimento estudantil engendrada no país.

No site, é perceptível uma notória preponderância das décadas de 1960 e 1970 que, necessariamente, contempla discursos hegemônicos que opacizam outros episódios além daqueles consagrados pela literatura disponível sobre o tema. [10] Interessa-nos descortinar essas formas de hegemonia que *a priori* a qualquer análise rotula e estigmatiza valores, experiências e modos de vida das pessoas. Uma realidade é induzida a ser lida a partir de outras experiências passadas. Esse processo de constituição de certos marcos históricos que, comumente, colabora para perpetuar formas expressivas de poder é advertida por Maria do Pilar Vieira, Maria do Rosário Peixoto e Yara Aun Khoury:

> tais temas já trazem consigo uma relação de poder, uma carga de significados, que lhe foram atribuídos pelos atores no exercício de sua prática política. Trazem também um aval da historiografia que a endossa. Dessa forma tais temas são suportes de práticas concretas, com interesses concretos, detectáveis, mas que aparecem sob a chancela da objetividade, que escamoteia o lugar de onde a historiografia fala. [11]

É, pois, importante tomar nota que esse não foi o único momento em que houve a iniciativa e criação de um arquivo do movimento estudantil brasileiro. Nos anos

---

[10]O ano de 1968 é tão marcante para o movimento estudantil, que virou o logotipo preferido da maioria dos livros que trataram da temática. Como exemplo pode-se elencar vários livros emblemáticos: “1968: o ano que não terminou”, de Zuenir Ventura publicado em 1988, “68 mudou o mundo” de Márcio Moreira Alves lançado em 1993 e “1968: o diálogo é a violência”, de Maria Ribeiro do Valle publicado em 1999, entre outros títulos. Como sublinhou Robert Darnton, os livros não somente relatam à história eles acabam por fazer parte da mesma. DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.

[11]VIEIRA, Maria do Pila Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em história**. São Paulo: Ática, 1991, p.32.

1980, principalmente depois da Ditadura Militar, alguns arquivos foram constituídos no Brasil no intuito de resgatar a memória do movimento estudantil. O Centro de História Pesquisa e Documentação do Movimento Estudantil – CHPD/ME – foi criado na Universidade Federal da Paraíba, com apoio do DCE, estudantes, tendo obtido uma publicação com os resultados do projeto em julho de 1987. Além disso foi criado o projeto "Fontes para a história do movimento estudantil brasileiro", desenvolvido no interior do Arquivo Edgar Leueroth/Unicamp desde meados de 1984, por estudantes, pesquisadores, arquivistas sob orientação e coordenação geral do professor Marco Aurélio Garcia. Nesse período, a preocupação do CA de História da Universidade de Brasília – UnB – no âmbito do movimento estudantil, com a formação e atuação social do historiador, acabou por se tornar em atividades estratégicas de luta política para preservação da memória das ações estudantis no momento. No ano de 1985 eles criaram o projeto Sistema de Informação, Documentação e Arquivo do Centro Acadêmico de história da Universidade de Brasília – SIDOCAH. Esse projeto ganhou força, tanto que como desdobramento do SIDOCAH, surgiu o Projeto Memória do Movimento Estudantil da UNB – PROMEMEU –, com o objetivo de organizar a documentação das entidades estudantis da universidade. Esses dois projetos tiveram publicações com os resultados auferidos com a pesquisa, organização e campanha para juntar e reunir documentos das entidades estudantis. No Sétimo Congresso Brasileiro de Arquivologia realizado na UNB no ano de 1988, duas comunicações de dois projetos foram apresentadas, uma sobre o SIDOCAH e outra sobre o PROMEMEU. Em comunicação sobre o SIDOCAH, Edilberto Sebastião Dias Campos afirmou que os estudantes naquele momento "chegaram às universidades na condição de desinformados, com uma estereotipada e depreciativa visão da realidade que os afastava das discussões promovidas pelo movimento estudantil",[12] sendo que os projetos citados possuíam o objetivo de "solucionar o problema", incentivando a preservação da memória do movimento, que, na verdade, era uma forma de luta política do momento.

Nesse sentido, a definição da periodização do trabalho se constituiu como uma questão a ser definida desde o início, visto que a leitura da bibliografia disponível acerca do tema nos conduziu ao movimento estudantil de 1968. O trabalho, que, no início, pretendia analisar o movimento estudantil nos anos 1960 em Montes Claros, foi

---

[12]CAMPOS, Edilberto Sebastião Dias e outros. **Sistema de informação, documentação e arquivo do centro Acadêmico de Historia da Universidade de Brasília-SIDOCAH.** (Brasília-DF). 7 Congresso Brasileiro de arquivologia. Brasília, UNB, 1988. (Cadernos de resumos).

direcionado a outra temporalidade em virtude do contato com o primeiro entrevistado, Eurípides Xavier, que nos foi indicado como um dos militantes estudantis de maior atuação na história da cidade. A atuação reportada por ele se referia aos anos 1980. Além do mais, na pesquisa com o Jornal do Norte, a luta pela federalização ou estadualização da FUNM foi a bandeira de maior menção nas páginas dos periódicos locais. Como essa luta ganhou força no início dos anos 1980 (embora já tenha sido referenciada na década anterior), sua inserção como tema de maior interesse entre os estudantes do momento acabou por vir a ser uma peça chave para o trabalho.

Dessa maneira o contato, a princípio, com a historiografia acabou por contribuir para afixar modelos, memórias e tipologias do que vem a ser um movimento estudantil. Beatriz Sarlo já havia apontado sobre a dificuldade de apagar os resíduos de uma leitura. A leitura dos textos "A lógica histórica" e "Termo ausente", de E. P. Thompson proporcionou o alargamento de noções cristalizadas pela memória oficial, a saber, apenas a greve ou o ato público como forma de luta. A partir daí reavaliamos nossa proposta, revisitamos arquivos para perceber novos vestígios e linguagens dissidentes, a fim de perscrutar os materiais como práticas sociais que expressam relações sociais.

A leitura do livro *Quando novos personagens entraram em cena*, de Eder Sader, em que o autor saiu no encalço das movimentações de outros sujeitos sociais que não estavam nas tradicionais entidades representativas dos anos 1970 – mas mesmo assim não deixavam de registrar seu descontentamento com a realidade e lutavam pelo direito à cidade –, acabou por contribuir para alargar noções antes cristalizadas no início da pesquisa. Práticas que, *a priori*, pareciam não conter qualquer teor político acabaram por ser inundadas de vontades, desejos, descontentamento e, por isso, alvo de reivindicação e luta.[13] Por isso, a espinha dorsal deste trabalho é analisar as movimentações dos estudantes pelos diversos espaços na cidade, ora questionando valores, ora construindo alianças e compromissos na luta pelo direito à cidade. Muitos foram os projetos e sonhos elaborados, reivindicados e buscados pelos estudantes, dentre eles a luta pela estadualização ou federalização da FUNM, que possui maior referência no Capítulo 2 e que era o tema de maior discussão entre os estudantes universitários da época. Desse modo, o trabalho que antes buscava analisar o movimento estudantil na "transição democrática" acabou direcionando seus esforços

[13]SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena.** São Paulo: Paz e Terra, 1988.

para perscrutar os meandros da vida estudantil no empreendimento das lutas pela cidadania.

As movimentações estudantis na cidade dos anos 1980 não são referenciadas pela memória oficial. Por isso, inspirados por Thompson, propomos pensar "que toda contradição é um conflito de valores, tanto quanto um conflito de interesses".[14] Nesse sentido, a memória é um campo minado por lutas sociais, em que os holofotes são jogados para alguns episódios e sujeitos a fim de dotá-los de força, enquanto outras memórias são levadas ao esquecimento.

No trabalho que se segue, perseguimos o objetivo de analisar as movimentações estudantis na cidade na busca pela constituição de espaços e lutas em torno de valores para construção de uma sociedade que esses estudantes julgavam ideal para se viver. No entanto, Déa Fenelon já havia pontuado que "as questões e as indagações colocadas pela História Social são sempre no sentido mais amplo e abrangente das experiências vivenciadas, seja na configuração das explicações buscadas, seja no arranjo dos resultados obtidos nas pesquisas".[15]

Buscamos por meio dos materiais trazer à luz o trânsito dos estudantes pela cidade, problemática esta que nos revela apenas uma certeza: a de que o movimento estudantil é muito mais amplo, complexo e amalgamado do que possamos tentar descrevê-lo. Por isso a cidade foi encarada como lugar de expressão de modos de vida e luta social em torno de valores. Afinal, são as relações sociais operadas na cidade "que, em última análise, acabam por definir e delinear a paisagem urbana, a imagem da cidade".[16]

A partir de entrevistas, jornais e documentos produzidos pelos estudantes procuramos analisar o fazer-se dos estudantes na luta pela cidade. No processo de leitura desses materiais, percebemos que palavras como "estudantes", "entidade" e "movimento estudantil", quando escritas no singular, aparentam a homogeneização das sociabilidades vivenciadas por esses sujeitos sociais. No entanto, aqui as utilizamos apenas com fins de simetria textual, pois elas comportam um mosaico de significados que delineiam relações sociais forjadas na cidade. Quanto ao critério de pesquisa para

---

[14]THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros:** uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981, p.189.

[15]FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular**. Historia e Perspectivas**. Uberlândia, v. 6. p. 9-23, jan;-jun. 1992.

[16]FENELON, Déa Ribeiro. (org) Introdução. *In*: **Pesquisa em história.** Cidades. São Paulo: Olhos D`água, 1999, p.06.

analisar as fontes, procuramos relacionar a recorrência e circularidade de temas, nomes de pessoas, para percebermos como essas presenças são significativas para entender a formação de alianças e compromissos. Para o pesquisador, quanto maior a distância temporal com relação ao tema pesquisado, mais complicado se torna perceber as diversas sociabilidades. Por isso relacionamos nomes que foram mencionados nos diversos espaços objetivando compreender um pouco desse emaranhado social.

Pensar a trajetória de escolha do tema, a periodização, critério de análise e contato com as fontes acabou por ser um momento de extrema importância para a pesquisa, pois nos levou a perceber as presenças dessas temporalidades, a vitalidade e vivacidade do movimento estudantil na cidade. O contato com os entrevistados que atualmente estão em diversos espaços na cidade, inclusive militando em outros movimentos sociais, contribuiu para pensar a vivacidade dessas experiências no tempo.

No momento da escolha do tema da monografia, alguns professores acabaram por indicar alguns nomes de possíveis entrevistados, lembrando que grande parcela do corpo docente da Unimontes foi partícipe de alguma entidade estudantil na cidade. Como alguns nomes eram recorrentes, resolvemos procurá-los. Inicialmente, os militantes que eram citados com recorrência em conversas com algumas pessoas, acrescido da considerável publicação de seus nomes nos periódicos locais, acabaram por ser o critério de seleção dos entrevistados. Posteriormente, com o intuito de perceber outras relações que extrapolavam as experiências vivenciadas pelos militantes que se tornaram presidentes das entidades estudantis, procuramos outros militantes. Nesse sentido, com a finalidade de analisar a participação feminina, entrevistamos duas mulheres, que apontaram para outras relações além daquelas apresentadas pelos militantes que presidiram as entidades.

Realizamos e transcrevemos as entrevistas por acreditarmos que esse é um momento de reflexão e interpretação da fonte que o historiador deve e precisa vivenciar. A condução da entrevista foi reavaliada durante o percurso. Inicialmente, partimos de perguntas referentes a temas que pretendíamos abordar, como: “Quando ingressou na faculdade?”; “Qual faculdade fez?”; “Participou do movimento estudantil?”; “Como foi a luta pela estadualização ou federalização da FUNM?”; “Havia partidarização do movimento estudantil?”; “Como era a participação feminina?”, dentre outras questões. Tomando a narrativa como ato interpretativo, optamos por produzir entrevistas. Por mais que partíssemos de preconceitos quanto ao tema, os entrevistados construíram suas interpretações e o enredo da entrevista de acordo suas experiências. No entanto, o

contato com os entrevistados, bem como a leitura de textos de Portelli e de Yara Khoury, nos inspirou a pensar a/na produção da fonte e o quanto o seu encaminhamento é representativo para os resultados auferidos com esse momento. Desse modo, ao longo da pesquisa, as indagações passaram a levar em conta outras questões, como: “Você nasceu em Montes Claros?”; “De onde seus pais são?”; “Quantos irmãos têm?”; “Em que escola estudou?”; “Como era o acesso ao ensino superior?”; “Em que bairro morava?”; “Você trabalhava?”; “Participou de grupos de jovens?”; “Seus pais participaram de algum movimento social ou artístico na cidade?”; “Como era morar na cidade?”; “O que vocês ouviam e liam?”, e outras.

Assim, foram entrevistados estudantes partícipes de entidades estudantis. Dentre os entrevistados, apenas Nivaldo Cardoso não foi universitário, sendo que o encontro com ele se deu a partir de uma fotografia que encontramos em um salão de cabeleireiro no momento em que procurávamos o presidente da Associação de Moradores do bairro Morrinhos. Nesse dia resolvemos ir à sua casa, localizada próxima ao salão, então ele mostrou a fotografia original e começamos um diálogo que foi gravado. A procura pelo presidente da Associação do bairro Morrinhos se deu em virtude de procurarmos rastrear o trânsito dos estudantes nos diversos espaços na cidade. Essa se constituiu uma estratégia criada para problematizar os novos percursos de pesquisa em relação à cidade. Ou seja, a cada entrevista, outros nomes, situações, lutas e sociabilidades eram citados ou até mesmo referenciados de forma velada, o que nos instigou a procurar por outras pessoas para entrevista.

A primeira entrevista foi realizada no gabinete do então vereador da cidade em 2006, Eurípides Xavier, o Lipa Xavier. Representante do Partido Comunista do Brasil, PCdoB, no Norte de Minas e ex-militante do DEMC, sua principal reivindicação era a luta pelo meio passe escolar, bandeira histórica que foi mencionada na entrevista. Eurípides Xavier indicou para entrevistarmos Márcia Beatriz Inácio Xavier, que conhecera na Faculdade de Filosofia – FAFIL – e com quem fora casado. Márcia Beatriz Xavier foi entrevistada no Sindicato dos Professores da Rede Estadual, que se localiza no centro de Montes Claros, sendo que antes do início da entrevista ela convidou Ely Isabel (atual presidente do PCdoB na cidade) e as duas começaram um diálogo. Um ano depois, procurei Márcia Beatriz novamente e realizei um novo diálogo a fim de esclarecer alguns pontos da entrevista anterior e levantar novas questões. Entrevistei o professor universitário e ex-presidente do DCE Marcos Fábio Martins de Oliveira em uma sala no prédio do CCSA da Unimontes. Já o professor universitário e

ex-presidente do DEMC e do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia – DA-FAFIL –, Gy Reis Gomes Brito, foi entrevistado em sua residência, em meio a sua campanha eleitoral para vereador em 2008. O encontro com os entrevistados se deu com a indicação dos nomes, sendo que, ao longo das entrevistas, eles indicaram outras pessoas. Quando os nomes eram indicados, era normal que não houvesse grandes informações sobre o indicado, sendo que muitos deles atualmente não residem em Montes Claros. Dessa maneira, por indicação de Eurípides Xavier, procuramos por duas vezes, em seu gabinete, o então vice-prefeito de Montes Claros (gestão 2005-2008), Sued Botelho, mas um parente seu foi apontado por seu secretário. Naquele momento estávamos à procura de um entrevistado que tivesse constituído o DEMC nos três primeiros anos da década de 1980. Nesse período foram publicados inúmeros textos nos jornais que circularam na cidade sobre denúncias e críticas quanto à entidade representativa dos estudantes secundaristas. Então, fomos à casa de Charles Edvar Parrela Veloso, tio de Sued Botelho, e aproveitamos a oportunidade para gravar a conversa. Percebemos que ele não era estudante universitário nos anos 1980, e mesmo assim conviveu com diversos estudantes que passaram pelo movimento estudantil secundarista e universitário. A entrevista com Manoelito Xavier (irmão de Eurípides Xavier) ocorreu de forma parecida, visto que chegamos a sua casa para ouvir sobre suas histórias no Grupo Agreste (grupo de música regional, criado em 1978 por um grupo de estudantes, dentre eles universitários da FUNM, que possuía músicas próprias, de questionamento da desigualdade social no Norte de Minas), inspirados em novas estratégias de pesquisa em relação ao trânsito dos estudantes na cidade, e percebemos que o grupo ensaiava no porão da FAFIL e era composto em sua maioria por universitários da faculdade. Reiteramos que a procura das possíveis pessoas para serem entrevistadas foi realizada a partir dos nomes mencionados nos jornais e indicados por algumas pessoas. Como a menção aos estudantes da FAFIL era recorrente nos jornais, além do fato de ser o DA mais ativo, tal fato expressa a maior presença dos entrevistados que concluíram seu curso nessa faculdade. Muitos partícipes do movimento estudantil não foram localizados e outros atualmente não residem na cidade, o que dificultou o acesso.

Apesar de entrevistar apenas ex-militantes (a maioria dos entrevistados atualmente está envolvida em outros movimentos, como Márcia Beatriz no movimento de mulheres e Eli Isabel no Sindicato dos Professores da Rede Pública Estadual), não deixamos de perceber que eles constroem relações sociais fora do alcance dos tentáculos

das entidades. As entrevistas foram realizadas de forma dialógica a fim de perceber, nas interpretações, a busca constante pela atribuição de significados sobre a realidade vivida. Silêncios, gestos e justificativas foram essenciais para entender o conjunto desse enredo.[17]

As entrevistas foram temáticas, se direcionando a questões pontuais como participação feminina, partidarização do movimento, eventos artísticos, a luta contra a Ditadura, a luta pela anistia, estadualização ou federalização da FUNM, o meio passe, dentre outros, embora indagações sobre o envolvimento da família com movimentos sociais, leituras e músicas que moviam e inspiravam a juventude também estivessem na pauta. Esse empreendimento foi realizado com o objetivo de traçar as lutas, injunções e disjunções vivenciadas no movimento estudantil dos anos 1980. A multiplicidade de práticas sociais e a natureza desses materiais apontam uma miríade de sociabilidades que escapam aos objetivos deste trabalho.

Utilizamos algumas entrevistas com ex-militantes que militaram na década de 1980 na União Nacional dos Estudantes – UNE e na União Brasileira Estudantes Secuntaristas – UBES que estão disponíveis no site do Projeto Memória do Movimento Estudantil Brasileiro.[18] Os entrevistados, em sua maioria, são militantes conhecidos nacionalmente e presidentes de entidades que possuíram grande inserção nos debates e decisões dos rumos institucionais do movimento estudantil brasileiro em diversos períodos.

No que toca à imprensa, utilizamos o Jornal do Norte, recortes de jornais (Jornal do Norte, Jornal de Montes Claros e Diário de Montes Claros), Revista Montes Claros em Foco e uma edição do jornal estudantil intitulado Corujão. O Jornal do Norte foi criado em 1979 e circulou pela cidade nos anos 1980, sendo que faz parte do Arquivo Particular de Américo Martins Filho – APAMF –, um dos seus proprietários. Além do Jornal do Norte, o Jornal Diário de Montes Claros faz parte de uma coleção de jornais de Américo Martins Filho que foram encadernados e está em uma chácara no

---

[17] Os textos de Yara Khoury nos servem de extrema valia para reflexão para analisarmos as fontes orais. A autora ressalta a contribuição de Portelli, como profissional da área da literatura, ao trabalhar as narrativas como "textos e, portanto, com um enredo, com interpretações construídas pelos sujeitos; da mesma forma, ao tecer considerações sobre a oralidade como um gênero de discursos, com características próprias que tornam evidente o trabalho da palavra como trabalho da consciência, construindo interpretações da dinâmica social". KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. **Projeto História**. São Paulo, n.22, jun. 2001, p.83. Ver: PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos. Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Projeto História**. São Paulo, n.10, dez. 1993, p.41-58.

[18] Ver site: www.mme.org.br (acessado 15 de dezembro de 2009).

Bairro Jaraguá na saída de Montes Claros, na estrada da produção.[19] Os recortes de jornais estão disponíveis em pastas com títulos como "Consolidação", "Denúncias" e "Eventos", no arquivo da Divisão de Pesquisa e Documentação Regional – DPDOR – que se localiza na Unimontes. Já a Revista Montes Claros em Foco, de circulação semanal naquele período, está no arquivo do Centro Cultural Hermes de Paula – CCHP. Encaramos a imprensa como prática e expressão de momentos de constituição e instituição de formas de viver e pensar. Esse caminho para refletir sobre a imprensa foi inspirado nas reflexões da historiadora Heloísa Faria Cruz, que problematiza a relação entre periodismo e vida urbana.[20]

O primeiro contato com os jornais se deu no ano de 2006, depois que pesquisamos os recortes de jornais disponíveis na DPDOR, em que rastreamos presenças dos estudantes nos periódicos e fomos no encalço desses materiais para pensarmos o conjunto do jornal como uma prática social. A experiência na DPDOR como estagiário e o acesso a um gama de jornais nos instigaram a pesquisa. Optamos pelo Jornal do Norte, que foi criado no ano de 1979, possuía circulação diária e publicava assuntos relacionados à cidade, região, estado e país, além de o dono dos jornais ter facilitado o acesso. A grande quantidade de menções dos estudantes no jornal nos instigou cada vez mais à pesquisa. Fomos seduzidos pelas notícias, reportagens e editoriais e, a cada vez que retornávamos aos materiais, novas faces da cidade e da imprensa eram percebidas. Estudantes assinando textos para os jornais, disputas entre estudantes conquistando espaço no periódico, críticas, debates, formas de organização e viver na cidade ganhavam contornos mais definidos. Esse contato com exemplares originais teve grande importância para a pesquisa. O retorno constante aos materiais acabou por vir a ser necessário, pois, no decorrer da pesquisa, o pesquisador se refez, modificando sua maneira de perceber e tratar essas fontes, se tornando mais atento às suas formas, conteúdos e linguagens. Nesse sentido, trouxemos para o corpo do texto páginas do jornal com o objetivo de trazer em evidência a circularidade e espaços dos

---

[19]Esses jornais não existem mais, sendo que esse arquivo particular é o único lugar em que é possível encontrá-los. Dentre esses jornais, algumas partes das coleções não podem ser pesquisadas, pois não estão em bom estado de conservação. Desse modo, existem tentativas da Unimontes de levar o acervo de jornais de Américo Martins Filho para a DPDOR e digitalizá-los para consulta. Lembrando que o proprietário dos jornais coleciona também carros e rádios antigos, dentre outros objetos. O estado e lugar onde estão esses materiais são instigantes para pensarmos a relação arquivo, patrimônio e memória na cidade.

[20]CRUZ, Heloísa de Faria e. **São Paulo em papel e tinta.** Periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: EDUC FAPESP, 2000.

temas na produção dessa fonte, perscrutando os interesses, projetos, compromissos e alianças construídos no jornal. Além disso, esses sinais são indícios e expressão dos posicionamentos do periódico no momento.

Um mapa atual da cidade nos possibilitou visualizar a disposição dos bairros que, naquele momento, estavam se constituindo. Quando reavaliamos a maneira de pensar a cidade, o mapa acabou por ser uma estratégia para pensá-la, e, acrescido das entrevistas e do jornal, nos permitiu perceber a geografia dos bairros.

Nesse percurso, as reflexões apresentadas pela historiadora Marta Emísia Jacinto Barbosa – em Seminário de Pesquisa da Linha de Pesquisa "Trabalho e Movimentos Sociais" do Mestrado em História Social da Universidade Federal de Uberlândia – UFU e a partir da leitura de textos produzidos –, foram instigantes e provocativas, na medida em que a autora analisa a imprensa como agente social. Inspirados em suas reflexões trouxemos para o corpo do texto páginas dos jornais, pensando a circularidade, espaços e formas com que temas, notícias, reportagens e editorias se apresentam.[21] O posicionamento enérgico da historiadora na defesa do enfrentamento do jornal com um esforço de pesquisa que exige atenção e trabalho vigoroso para analisar a variedade de temas no periódico, que precisa ser levado a cabo por todos que utilizam dessa fonte, foi um aprendizado ímpar ao longo da pesquisa. Inicialmente, a metodologia não foi utilizada no trabalho, sendo que a partir de novos contatos com o jornal percebemos presenças dos estudantes assinando textos, o que nos instigou a pensar a produção da fonte e, então, a proposta apresentada pela historiadora acabou por se tornar uma estratégia para pensar e analisar a imprensa. Percebemos um jornal complexo que procura definir papéis sociais, encerrar episódios e assuntos de acordo com interesses e compromissos, como alertou Laura Antunes Maciel, mas que também pode, se for analisado em seu conjunto, oferecer subsídio para localizarmos e questionarmos os lugares de produção dessas memórias.[22] Um jornal que se for analisado de forma fragmentada poderá ser definido e visto de forma homogênea,

---

[21]BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. Famintos do Ceará. *In*: FENELON, Déa Ribeiro *et all*. (orgs.) **Muitas memórias, outras Histórias.** São Paulo: Olho D`água, 2004, p.94-115. BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. Sobre história: imprensa e memória. *In*: Maciel, Laura Antunes *et all*. (orgs.) **Outras histórias**: memórias e linguagens. São Paulo: Olho D`água, 2006, p.262-272. Ver: CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**. São Paulo, n.35, jul/dez 2007, p. 255-272.

[22]MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: Algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa. 1880/1920. *In*: FENELON, Déa Ribeiro (orgs). **Muitas Memórias, outras histórias.** São Paulo: Olho D`água, 2004.

perdendo de vista a vitalidade e vivacidade das alianças, compromissos e interesses dos projetos em disputa no mesmo.

Os documentos produzidos pelos estudantes que estão no Centro Acadêmico de História – CAHis – localizam-se em uma sala do Centro de Ciências Humanas na Unimontes. Compõem-se de carteirinhas, prestações de conta, cartazes, troféus, atas, poesias, uma edição do jornal O Corujão, dentre outros. O contato com esses materiais, que estão desorganizados, se deu na época em que compunha uma gestão do CAHis. Esses materiais são extratos de memórias que constituem o enredo da história da cidade e também da universidade, e que estão esquecidos. Ainda foi utilizada uma pasta de colagens que faz parte do arquivo particular de Gy Reis Gomes Brito no período de sua gestão à frente do DEMC em 1984, que possui fotografia da luta pelo meio passe, documentos da entidade, uma página de jornal com a prestação de contas de sua presidência, recortes do jornal próprio do diretório e outros.

O conjunto das fontes utilizadas na pesquisa não está organizado em arquivos públicos, sendo que os jornais fazem parte de um acervo particular em que não há tratamento ideal para o seu acondicionamento. Os documentos produzidos pelo DA-FAFIL que estão no CAHIs também não possuem as condições necessárias para o seu acondicionamento e disponibilidade para pesquisa. Apenas alguns recortes de jornais estão disponíveis para consulta na DPDOR. Desse modo, somos levados a pensar a constituição e localização desses materiais como representativos da produção de memórias que expressam o desinteresse pela preservação de um determinado patrimônio. Histórias da universidade e da cidade que estão espalhadas por diversos lugares são levadas ao esquecimento enquanto poderiam ser representativas do reconhecimento da construção desses espaços sob a luta desses sujeitos sociais, por vezes colocados como espectadores.

A dissertação divide-se em três capítulos. Do primeiro ao terceiro capítulo procuramos traçar um caminho no sentido de reconstituir as práticas, as presenças, os significados e os sentidos construídos pelos estudantes no trânsito pela cidade. Partimos dos diversos espaços ocupados pelos estudantes na cidade, passando pelas organizações e lutas empreendidas com o objetivo de alcançar melhorias para o ensino superior para, enfim, retornar às impressões e significados construídos sobre e pelos estudantes na cidade.

No primeiro capítulo, analisamos o trânsito dos estudantes pela cidade, ocupando diversos espaços, formulando diversas lutas entre debates e críticas.

Problematizamos ainda as trajetórias percorridas pelos estudantes, nos grupos de jovens da Igreja, no movimento secundarista, universitário e nos partidos.

No segundo capítulo, tratamos das movimentações e reclames estudantis que dizem respeito ao ensino superior público gratuito e de qualidade. Tratamos das formas do fazer-se dos estudantes, suas organizações, formas de reivindicação, mobilização e o embate de projetos para a Educação em Montes Claros e para o país.

No terceiro capítulo, optamos por tratar das impressões e memórias que são forjadas sobre os estudantes na cidade. Analisamos os projetos que eles elaboraram para cidade, bem como as contradições nela vivenciadas. Nessa parte trataremos dos sentidos de movimento estudantil na cidade a partir dos significados da participação feminina, de uma festa *gay* realizada na sede do DCE, pela luta contra a Ditadura e na luta contra a vinda de um depósito de lixo atômico para a cidade. A partir de poesias, fontes orais e documentos produzidos pelos estudantes, procuraremos reconstituir as vivências da juventude daquele momento e suas interpretações sobre o viver a/na cidade.

CAPÍTULO I
OS ESTUDANTES TRANSITAM PELA CIDADE

Neste capítulo, analisamos as movimentações estudantis na cidade na busca pela constituição de espaços de expressão social e política. Procuramos tratar dos debates e críticas travados pelos estudantes, bem como das ações estudantis em diversos lugares, como a igreja, o partido, a associação de bairro e a entidade estudantil, no enfrentamento das questões cotidianas e na produção de sentidos e significados do viver na cidade. Ao longo do texto, referenciamos as diversas ações dos secundaristas e dos universitários, visto que esse foi um percurso de atuação da maioria dos estudantes, o que representa como esses sujeitos se constituem historicamente na cidade.

1.1 Sentidos e práticas de movimento estudantil na conformação da cidade

> Buscando apreender os significados mais profundos das relações sociais, e da mudança histórica, compreendendo e incorporando a diversidade de perspectivas e pontos de vista, como possibilidades alternativas colocadas no social, procuramos dar uma explicação densa dos fatos e trabalhá-los acima de qualquer compartimentação. Para isso não só recorremos a uma gama bastante diversificada de fontes, mas lançamos novo olhar sobre elas.
>
> Yara Aun Khoury

"Eu fui o único expoente lá, o protagonista fui eu". Essa foi uma das primeiras frases ditas pelo então candidato a vereador pelo Partido dos Trabalhadores – PT – em 2008, o professor universitário Gy Reis Gomes Brito, em entrevista realizada em sua casa em meio a uma incursão e outra pela cidade na busca por votos. Nascido em 1962, no município de Montes Claros, filho de costureira e barbeiro, Gy Reis hoje é professor universitário da Unimontes. Relembrar o período em que era estudante traz à tona anseios, desejos e sonhos de um momento de sua vida. O período de sua juventude adquiriu grande relevância no decorrer da narrativa, na medida em que o fato de ser hoje professor universitário e de alcançar uma condição social e econômica melhor que a dos seus pais representa para ele os frutos adquiridos a partir do seu trabalho e persistência.

A partir daí ele se (re)lembra do período de estudante secundarista no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, "quando já participava de movimentos, de grupos

de jovens, de pastorais da Igreja Católica”[1], e estudava na Escola Estadual Professor Plínio Ribeiro, conhecida como Escola Normal, em que iniciou “a tomada da consciência política”. Ao interpretar um momento de sua vida, ele diz que mesmo “dentro daquela pouca consciência, a gente já tinha um compromisso com o proletariado, com os excluídos”. Isso que ele definiu como inclinação para os excluídos, possivelmente, deve-se ao fato de que “nós também somos oriundos dessa parte da sociedade excluída”. Ele fazia parte dos grupos de jovens que eram formados no âmbito de cada bairro e incentivados pelas paróquias, sendo inspirados pela ala progressista da Igreja, a saber, a Teologia da Libertação. No Brasil, a Teologia da Libertação possuía uma geografia e uma rede de organização, que articulava diversos setores da sociedade. A existência de diversos grupos de jovens na cidade expressa a articulação dos estudantes com a Teologia da Libertação que era um fato recorrente no país, e, como Montes Claros era a maior cidade da região, acabou por vir a ser um lugar estratégico para atuação desses grupos. Essa inclinação pelos excluídos que ele enfatiza se deve a sua ligação com a Teologia da Libertação nos grupos de jovens que defendiam a equação da fé com a política, com vistas a levar em consideração a desigualdade social e a promoção humana como questões importantes a serem debatidas.[2]

A satisfação pela condição que conseguiu alcançar perpassa toda a narrativa, bem como o orgulho por participar de diversos momentos que julga serem importantes na história da cidade: o início nos grupos de jovens da Igreja Católica no final dos anos 1970, que era formado por jovens que concluíam a Crisma (Catequese), a participação como presidente do DEMC (maior órgão de representação dos estudantes secundaristas) – e do DA-FAFIL, além da integração em gestões da União Nacional dos Estudantes – UNE – e União Estadual dos Estudantes – UEE –, que se revelam como conquistas importantes em sua vida:

> Andrey: Participou do DCE?
> Gy Reis: [...] Sim, fomos presidente do DA, do DCE. Participei foi em 85 e aí fui presidente. Participei como diretor da UEE, da UNE, de todas as instâncias. Eu cheguei a colar a *última divisa* n`é? No

[1]BRITO, Gy Reis Gomes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

[2]O Norte de Minas, devido possivelmente às disputas de terra travadas principalmente na região de Jaíba e Cachoeirinha (atual Verdelândia), acabou por se tornar um lugar de forte atuação da Pastoral da Terra que era um dos braços da Teologia da Libertação. No terceiro item, tratamos de forma mais detalhada da relação Igreja e estudantes.

> sentido assim da *hierarquia* até a União Nacional dos Estudantes. [3] [Grifo nosso]

A narrativa é permeada de momentos díspares, pois, ao aceitar conceder a entrevista, não é mais o estudante dos anos 1980 que narra momentos de sua vida, mas um professor universitário candidato a vereador pelo PT na cidade de Montes Claros que interpreta o que viveu. A entrevista foi realizada em meio à campanha municipal, por isso se percebe que o candidato, em alguns momentos, aparece com maior expressividade, e, por vezes, de forma velada. Como Gy Reis, após sair da faculdade, ingressou no movimento sindical dos professores, sua fala, em algumas situações, também é do representante que fala do movimento. O tom de voz e a postura revelam seu posicionamento como a pessoa certa para falar do movimento, pois, afinal, o fato de ele ter integrado, em todos os níveis, as entidades estudantis da cidade e do país - "nós saímos de soldado e fomos até coronel" - seria supostamente a condição *sine qua non* que conferiria legitimidade à sua fala.

Muitos estudantes passaram pelos grupos de jovens da Igreja, ingressaram em entidades de representação secundarista e, posteriormente, universitárias. Quando muitos deles ingressaram no ensino superior, já possuíam trajetória nos movimentos sociais na cidade, sendo que também já haviam tido contato com outros militantes de entidades de representação universitária. Além do mais, muitos deles pertenciam a grupos de militantes que, muitas vezes, eram ligados a partidos, como é o caso de Gy Reis Brito e Sued Botelho que se filiaram ao PT a partir de 1987. Logo que muitos desses estudantes chegavam à faculdade, o ingresso em grupos e a inserção nas discussões travadas na FUNM eram agenda de primeira ordem, visto que eles eram militantes, muitas vezes ligados a partidos, e estavam engajados em vários movimentos na cidade.

Os termos *divisa* e *hierarquia* citados em sua fala indicam a sua preocupação e satisfação por ocupar os diferentes espaços no movimento estudantil. Um caminho era perseguido pelos militantes no sentido de constituir as gestões dos grêmios estudantis secundaristas, DEMC, DA, DCE, UEE e, posteriormente a UNE, que é o ponto máximo de representatividade dos estudantes. No início dos anos 1980, o Partido Comunista do Brasil – PCdoB –, a que Gy Reis era ligado, vivia na clandestinidade e o fato de ter um estudante que representasse o partido numa cidade de localização estratégica no Norte

---

[3]BRITO, Gy Reis Gomes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

de Minas Gerais acabou por ser um fator preponderante. Assim, Gy Reis, no período de participação do DEMC, era ligado ao PCdoB, mas estava no Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB –, sendo que, posteriormente, em 1987, integrou-se ao PT. Essa trajetória indica um estudante que quando ingressou no ensino universitário procurou integrar grupos que já estavam formados nas faculdades. Como ele já possuía um grupo formado que era afeito a certo partido, logo esse trânsito para a faculdade era elaborado sob essas relações. Isso também aconteceu com Lipa Xavier, dentre outros estudantes que vieram de entidades secundaristas e continuaram a participar do movimento nas faculdades.

Então, ele se coloca no centro da narrativa como a pessoa autorizada para falar do movimento e, consequentemente, acaba por produzir conceitos e significados sobre o que vem a ser um movimento estudantil, o que merece ser lembrado ou não. Afinal, "eu e mais um grupo de colegas, e que essa turma é que basicamente estava à frente do movimento estudantil, frente ao diretório municipal dos estudantes".[4]

Essa passagem é elucidativa na medida em que nos leva a perceber a fala do representante que se coloca à frente do movimento estudantil, visto que estava na direção do DEMC. Esse é o conceito produzido de movimento estudantil vinculado à entidade ou, por vezes, chancelado por ela. Falar de projetos alternativos e movimentações que escapam ao controle das entidades poderia significar colocar em questão o alcance de sua representação e legitimidade como entidade representativa.

A criação da Associação dos Estudantes de Montes Claros – AEMC –, no início dos anos 80, indica nuanças da formulação de propostas dissidentes ao DEMC que, criado por Ruy Tupinambá no ano de 1948, é o órgão máximo de representação dos estudantes secundaristas. A AEMC foi criada por um grupo de estudantes secundaristas, dentre eles Charles Edvar Parrela Veloso, então presidente da associação no ano de 1981. A criação dessa associação aconteceu em contraponto à Associação dos Grêmios Estudantis de Montes Claros – AGREMOC – que, segundo Charles Edvar Parrela Veloso – em entrevista e a partir de nota que foi distribuída na cidade e mencionada no Jornal do Norte –, foi concebida por um estudante universitário infiltrado no meio secundarista, a fim de impedir a eleição direta para direção do DEMC.

---

[4]BRITO, Gy Reis Gomes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

O Jornal do Norte, em fevereiro de 1981, deu cobertura ao acontecido e publicou reportagem sobre essa incongruência, evidenciada na disputa entre esses dois grupos pelo DEMC. Com destaque na parte do jornal que diz respeito a assuntos da cidade, a reportagem ganhou espaço no meio da terceira página e a opinião de Charles Veloso foi explanada. Para Charles Veloso, o ex-presidente do DEMC foi ameaçado de agressões físicas e coagido a assinar documento atribuindo aos integrantes da AGREMOC pleno respaldo para tomar qualquer decisão que dissesse respeito à entidade. Aproveitou a ocasião para tecer críticas à AGREMOC, acusando-a de boicotar o movimento pelo passe escolar e, ao mesmo tempo, para intitular o representante legítimo dos secundaristas na luta pela defesa de seus direitos e por eleições diretas do diretório.

Em agosto de 2006, quando da entrevista realizada em sua residência, Charles Veloso procurou relembrar suas vivências de juventude. Quando foi perguntado sobre um conjunto de textos publicados no Jornal do Norte que colocaram o DEMC[5] sob alvo de disputas entre os estudantes, ele construiu sua narrativa a partir de suas experiências. O encontro com o entrevistado ocorreu depois de pesquisa no referido jornal, que, no início dos anos 1980, principalmente em 1981, publicou textos que majoritariamente diziam respeito a disputas e acusações entre os estudantes pela direção da entidade secundarista. Ele disse que, após a saída de Paulo Ribeiro da direção do DEMC em 1980, ocorrida por questões particulares, a entidade foi dirigida por uma junta composta por Carlos Parrela, seu irmão, dentre outros estudantes. Esse seria um mandato tampão com a finalidade de posteriormente haver um processo eleitoral. Nesse panorama, teria surgido a AGREMOC que, segundo Charles Veloso, era composta por um grupo conservador que conseguiu a direção do DEMC: “P`ra não ficar fora do movimento estudantil, eu e um grupo de estudantes formamos a Associação dos Estudantes de Montes Claros”.[6]

No início de março de 1981, o Jornal do Norte publicou notícia sobre o acontecido:

---

[5]As disputas dos estudantes pela direção do DEMC aconteceram em vários momentos. A eleição para a gestão 2010-2011 do diretório foi marcada por críticas inclusive da chapa derrotada que afirmou que o processo eleitoral foi ilegal. Houve agressões e o senhor Jeziel Judson Marques, pai do estudante que perdeu as eleições, foi encaminhado à delegacia por agressões físicas aos estudantes. Nesse momento o DEMC possui a sua sede alugada para a Universidade Anhanguera – UNIDERP –, o que acabou por se tornar outro motivo de crítica entre os estudantes. Jpmd.moc/blogspot.com

[6]VELOSO, Charles Edvar Parrela. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de agosto de 2007.

> A AGREMOC impetrou contra Charles Edvar Parrela Veloso, presidente da associação dos estudantes, esclarecimento é feito tornando público que os membros da AGREMOC estão usando como testemunha um funcionário doméstico que não tem ligação nenhuma com o movimento estudantil, e que está sendo coagido pelo seu patrão e coordenador da AGREMOC, Edson Antônio Martins, universitário que se infiltrou no movimento estudantil secundarista com a finalidade de tumultuar e tirar proveito próprio, motivo que vem gerando o protesto dos estudantes secundaristas, que querem o afastamento daquele estudante.[7]

Nessa passagem, podemos perceber que a linguagem empregada na escrita do texto do jornal indica que este, nesse momento, se posiciona em oposição à AGREMOC, visto que foi escrito: "estão usando como testemunha um funcionário doméstico que não tem ligação nenhuma com o movimento estudantil, e que está sendo coagido pelo seu patrão e coordenador". A crítica quanto à AGREMOC e ao universitário infiltrado no movimento, acrescida da contrariedade dos secundaristas com o posicionamento da associação gremista, acaba por reforçar a desconfiança das intenções da entidade estudantil. Como havia críticas de que a AGREMOC era ligada a um grupo de estudantes direitistas e o Jornal do Norte ser ligado ao PMDB, partido este de possível ligação de Sued Parrela Botelho, sobrinho de Charles Parrela Veloso, podemos visualizar indícios dessa relação jornal/estudantes e cidade. Os jornais locais animavam a vida na cidade com debates sobre a política local, denúncias e críticas direcionadas a diversos grupos e entidades. Nesse período, os estudantes, além de comporem as páginas dos jornais com menções, publicações de opiniões, entrevistas e esclarecimentos, compunham as redações dos jornais, como é o caso de Miguel Vinícius, presidente do DA-FAFIL em 1980, um dos fundadores do PT em Montes Claros e jornalista do Jornal do Norte. Esses fatores podem explicar a grande quantidade de publicações de textos relacionados aos estudantes e suas entidades nos periódicos locais.

Os membros da AEMC, no mês de maio de 1981, enviaram ofício, que foi mencionado no Jornal do Norte, às autoridades da área de segurança nacional, solicitando medidas de proteção contra o presidente do DEMC, Manoel Aroldo Santos. Foi escrito que os secundaristas acreditavam que ele era um "elemento altamente nocivo ao movimento estudantil"[8] que, juntamente com Edvaldo Martins Leite e Sebastião

---

[7]**APAMF** (Arquivo Particular de Américo Martins filho). Jornal do Norte, 06 de março de 1981, p.03.
[8]**APAMF**. Jornal do Norte, 06 de maio de 1981, p.04.

Caetano Prates, invadiu a sede do DEMC com “atentados à bomba”, provocando tumulto e destruição de documentos da entidade.

Anteriormente, no dia 03 de abril de 1981, a AGREMOC, conselho consultivo e fiscal do DEMC – em texto, publicado também no Jornal do Norte, de menor tamanho que as notícias anteriores publicadas no periódico –, comentou as notas publicadas na imprensa local por Charles Edvar Parrela Veloso sobre o grupo de estudantes pertencentes a AEMC que questionaram a validade das carteirinhas estudantis e a legitimidade da AGREMOC. Nesse momento, foi editado no Jornal do Norte que as carteirinhas expedidas pelo DEMC eram legais e verdadeiras, sendo que a réplica foi elaborada com a acusação de Charles Edvar Veloso ao tecer críticas depreciativas à AGREMOC, ocorreu devido ao fato de ter exigido cerca de 50% da renda das mesmas para retificação de sua fala na imprensa.[9]

A entidade é formada por estudantes que possuem valores ou interesses semelhantes que, nem sempre, são compartilhados pela maioria do seus pares. Desse modo a utilização da entidade muitas vezes é realizada com objetivo de legitimar a sua fala, visto que o presidente da mesma foi eleito pela maioria do grupo estudantil. Falar a partir da entidade, dota a assertiva de um discurso coletivo, em virtude de que ela representa legitimamente e é a responsável por representar os estudantes. Ou seja, o presidente do DEMC Manoel Aroldo Santos fala do ocorrido citando a entidade, na busca por legitimação, pois o sentido do discurso competente passa pelo coletivo que é evocado com o nome da entidade e não de sua opinião. A grande recorrência do nome das entidades que é evocado em vários momentos no Jornal do Norte indica que essa prática possui certa intencionalidade. Nas últimas páginas deste item tratamos de forma mais clara essa questão.

A carteirinha estudantil proporcionava os estudantes o pagamento da meia entrada em shows, eventos artísticos e no cinema local. A discussão em torno da emissão das carteiras de estudante rendeu intensos debates, uma vez que o poder de emitir as carteiras relacionava-se diretamente com a legitimidade da entidade estudantil e por significar a sua principal forma de arrecadação de verba (embora as entidates tenham também utilizado outras formas de angariar fundos e, em alguns momentos, recebido subvenção da prefeitura). Nesta passagem, a referência às carteirinhas por parte de Charles Veloso como prática ilegal ocorre devido ao fato de ele fazer oposição

[9]**APAMF**. Jornal do Norte, 03 de abril de 1981, p.03.

à gestão que estava à frente do DEMC naquele período. As carteirinhas proporcionavam e/ou proporcionam ao DEMC uma considerável quantidade de verba, o que insuflava diversas críticas. Essas críticas, na verdade, eram expressão da disputas entre diversos grupos pela direção do DEMC que possuía e ainda possui grande importância como espaço estratégico para divulgação de projetos e valores diversos.

Nesse momento, o presidente do diretório estudantil secundarista era Manoel Aroldo Santos, sendo que no Jornal do Norte a referência da entidade expressa apenas esse panorama de críticas, indicando intensas disputas entre esses grupos. No ano de 1984, Gy Reis foi o presidente do DEMC, sendo que dentre os estudantes que compunham sua gestão muitos deles foram companheiros de lutas em diversos momentos, como Fernando Rocha, Sued Botelho, Plínio Baêta Apoláfio, dentre outros. Na gestão do ano de 1985, o presidente da entidade foi Fernando Rocha que representava a chapa *Travessia para coração de estudante*, que era composta por Sued Botelho (vice-presidente). No ano de 1986, Sued Kenned Parrela Botelho dirigiu o DEMC, sendo que no ano de 1987, Plínio Baêta Apoláfio (secretário geral da UBES na região) estava à frente da entidade. No primeiro semestre de 1984, Gy Reis, Fernando Rocha e Sued Botelho organizaram uma caravana para a delegação de Montes Claros ir ao XXII Congresso da UBES no Rio de Janeiro. A ida dos estudantes foi publicada no "Jornal Minas PMDB Jovem" no mês de setembro do mesmo ano. Além do mais, Gy Reis é filiado ao PT desde 1987, sendo que Sued Botelho também constitui o mesmo partido na atualidade e é sobrinho de Charles Edvar Parrela Veloso. A menção desses nomes nos mesmos lugares, constituindo alianças, nos fornece subsídio para afirmar que eles podem ter tido uma trajetória semelhante no que concerne à integração nesses partidos. Esse grupo esteve à frente do DEMC nessas gestões, o que podemos notar a partir da tabela abaixo. Para produção desta tabela utilizamos o Jornal do Norte. Plínio Baêta Apoláfio foi citado como presidente da entidade em 1987, sendo que até o mês de outubro ele estava na direção do DEMC. Não sabemos se ele esteve à frente da entidade por dois anos ou se sua gestão iniciou no fim de 1987. Quanto à gestão da chapa *Liberdade, União, Trabalho e Ação Estudantil – LUTAE –*, percebemos que ela fez oposição à chapa anterior, visto que no Jornal do Norte foi publicada, no dia 28 de outubro de 1988, nota em que João Luiz dizia que já "há algum tempo vem propagando mudanças no DEMC, por entender que o mesmo estava mal dirigido".[10] A chapa

[10]**APAMF**. Jornal do Norte, 28 de outubro de 1988, p.04.

LUTAE, de João Luiz, concorreu com as chapas *Viração*, uma corrente ideológica ligada ao PCdoB, que realizou muita propaganda para eleições diretas dos diretórios feitas nas escolas, e a chapa *Reconstrução*. A eleição da LUTAE representou o fim do período em que o grupo de Gy Reis, Fernando Rocha, Sued Parrela Botelho, Plínio Baêta Apoláfio, os quais, pelo que notamos, vieram do PCdoB na época da clandestinidade, estiveram presentes no PMDB, mas desde meados de 1987 ingressaram no PT.

TABELA 2

Presidentes do DEMC	
Ano	Presidente
1980	Paulo Ribeiro
1981	Manoel Aroldo Santos
1982	
1983	
1984	Gy Reis Gomes Brito
1985	Fernando Rocha Rossínio Parrela Veloso da chapa "Travessia para coração de estudante".
1986	Sued Kenned Parrela Botelho
1987	Plínio Baêta Apoláfio, Cleodson Roberval Soares Silva (vice).
1988	
1989	João Luiz Corrêa da chapa LUTAE, Liberdade, União, Trabalho e Ação Estudantil

Fonte: Jornal do Norte. Alguns nomes não foram encontrados na pesquisa.

Essa questão das carteirinhas também já havia sido tema em notícia publicada no Jornal Diário de Montes Claros, no dia dezoito de março de 1981. A AEMC boicotou as carteirinhas do DEMC e se colocou como único órgão legítimo de representação estudantil: "Segundo a associação, os estudantes estão sendo pressionados por diretores de vários educandários da cidade, principalmente pelo diretor do colégio Dulce Sarmento, Hamilton Lopes, que insistem em reconhecer a validade das carteirinhas expedidas pela AGREMOC".[11] Nesse período, Hamilton Lopes era ligado ao Partido Democrático Social – PDS – e foi candidato pelo mesmo partido no ano de 1983. Já Charles Veloso era um estudante afeito a ideais esquerdistas, tendo acusado a

[11]**APAMF**. Jornal Diário de Montes Claros, 18 de março de 1981, p.03.

AGREMOC de ser um grupo conservador. O movimento das notícias e as relações evidenciadas entre os militantes e outros sujeitos ali mencionados expressam que havia certa ligação dos estudantes que compunham a AGREMOC com o diretor ligado ao PDS, Hamilton Lopes. Noutro sentido, também parece que Charles Parrela Veloso, hoje professor do ensino público, tio de Sued Parrela Botelho, pertencia ao mesmo grupo do sobrinho. A partir do que expomos, podemos tomar nota de que Montes Claros, nesse período, era uma cidade estratégica para o investimento de vários grupos de esquerda e direita na construção de relações e disputas por espaço para divulgação de suas ideias. As entidades estudantis acabaram por ser um lugar importante para capitanear novos militantes e estratégico pelo fato de proporcionar aos seus dirigentes o contato com diversas outras lideranças, com os convites para participarem de reuniões e eventos na cidade. O que provocava a disputa dos diversos grupos para estarem à frente da entidade em virtude da oportunidade ímpar de promoverem suas ideias.

Essa disputa pelo DEMC ganhou as páginas da imprensa da cidade e até mesmo chegou à emissora de televisão de Montes Claros, que estava surgindo na época, a saber, a TV Montes Claros.[12] O presidente da AGREMOC foi até a TV-MOC e acusou Charles Veloso de ter pichado a parte interna do DEMC. Em virtude dessa aparição na emissora de televisão, acrescida das reportagens e notícias publicadas na imprensa da cidade e as investigações realizadas pela Divisão de Operações Especiais – DOE – da Delegacia Regional, esse assunto ganhou grande proporção. Em entrevista, em agosto de 2007, Charles Edvar Parrela Veloso (re)lembra o acontecido e afirma que "então foi uma situação delicada, por mais que estava no fim da Ditadura a gente sabe dos riscos naquela época n`é?". [13]

Esses dois grupos, então, disputaram a direção do movimento secundarista. Charles Edvar fala sobre a disputa pelos grêmios estudantis da cidade, afirmando que os dirigentes da AGREMOC: "distribuíram carteirinhas na época tentando conquistar o pessoal n`é? Mesmo assim, *conseguimos eleger Fernando Rocha como presidente do grêmio da escola normal*"[14] (grifo nosso). Esse verbo, *conseguimos*, indica a existência de um grupo de estudantes que possuíam objetivos parecidos e que faziam oposição à

---

[12]O Jornal do Norte em notícia de primeira página publicada na sexta-feira do dia 12 de setembro de 1980, intitulada "TV Montes claros entra no ar domingo às 11 horas", evidencia que Elias Siufi era o diretor da rede de televisão que era ligada à rede Bandeirantes naquela época.

[13]VELOSO, Charles Edvar Parrela. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de agosto de 2007.

[14]VELOSO, Charles Edvar Parrela. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de agosto de 2007.

AGREMOC. O entrevistado Charles Parrela Veloso, além de tio de Sued Parrela Botelho, é parente de Fernando Rocha Rossínio Parrela Veloso (em 1982 constituiu o grêmio da Escola Normal), que era ligado ao grupo de Gy Reis Gomes Brito, que, por sua vez, constituiu o PCdoB na clandestinidade, era filiado ao PMDB e, depois, em 1987, veio a integrar o PT. Noutro sentido, também percebemos a participação da família dos Parrela Veloso nas entidades estudantis secundaristas, o que confirma que eles pertenciam ao mesmo grupo que esteve à frente do DEMC em várias ocasiões.

No dia 23 de junho de 1982, a notícia "Grêmio da Escola Normal quer DEMC livre de um 'forasteiro'", foi publicada no Jornal do Norte. Na ocasião, foi dito que o presidente do grêmio pedia à gestão anterior a prestação de contas da entidade nos anos de 1982-1983 e eleições diretas e democráticas. Fernando Rocha Rossínio Parrela Veloso, ao falar pelo presidente, afirmou que "está na hora de se dar um fim ao professor ficar manipulando o presidente do DEMC, como o faz o professor Edson", que, segundo ele, "está quebrando a tradição dos grandes presidentes da entidade, como Wanderlino Arruda, José da Conceição e outros".[15] Ele ressaltou que após a instalação da AGREMOC não houve uma preocupação com o estudante e que a entidade estaria se reunindo com empresários do transporte para conseguir pelo menos 20% de desconto nas passagens dos secundaristas, sendo que os demais grêmios deveriam fazer o mesmo. O texto, além de expressar a crítica quanto à interferência do professor, que, provavelmente, representava um grupo contrário ao seu, acaba por indicar que a família dos Parrela Veloso estava inserida nas entidades secundaristas e atuando em várias frentes.

Charles Parrela Veloso relembra desse momento e, ao interpretar o acontecido, diz que era um período turbulento, "de muita dor e muita alegria". Todas essas acusações geraram um clima de medo tanto dele, quanto da sua família e dos seus pares, muito em virtude de que os Parrela Veloso estavam em peso constituindo esse grupo que tecia críticas à AGREMOC. As proporções que essas movimentações atingiram indicam os rastros deixados pelos estudantes na disputa por espaços de luta e conquistas de territórios de expressão política. A ampla publicação de textos no Jornal do Norte, que dizem respeito à disputa entre os dois grupos de estudantes pela direção do DEMC, indica o quanto a entidade possuía importância na organização do movimento. O DEMC era movimentado com a verba arrecadada com a emissão de

[15]**APAMF**. Jornal do Norte, 23 de junho de 1982.

carteirinhas, que foi mencionado nos textos publicados como um fator preponderante dessas disputas. Além do mais, para os diversos grupos de militantes que se articulavam na cidade, deixar de estar à frente de uma entidade representativa como o DEMC representaria menores oportunidades de ser convidado a participar de reuniões, conselhos, debates e eventos, o que pode explicar em parte o surgimento de outra entidade, "p`ra não ficar fora do movimento estudantil, eu e um grupo de estudantes formamos a Associação dos Estudantes de Montes Claros", que contrapunha a AGREMOC.

> Andrey: O que era a AGREMOC? [...] Pesquisei o Jornal do Norte e houve muita referência a disputas pelo DEMC, envolvendo a AGREMOC?
> Charles Parrela Veloso: [...] Aí surge a imprensa batendo direto. De repente, sai na primeira página, sai na página policial, na página da coluna social. Falando que houve um grande pichamento naquela época no DEMC, me acusando que eu teria feito toda essa mobilização. [...] E aí falaram, n`é? Deram uma entrevista, até praticamente quando iniciou a TV Montes Claros aqui. As primeiras apresentações, n`é? As entrevistas de três a quatro minutos. Na época, o jornal não era demorado e claramente n`é? Que eu tinha feito as pichações todas por um determinado partido. [16]

Charles Parrela Veloso era um estudante alinhado a uma atuação esquerdista, de cunho socialista e com posicionamentos de crítica aos grupos ligados a partidos tidos como conservadores, como o PDS. Relaciona seu receio às grandes proporções que as acusações ganharam. Hoje, ele interpreta suas experiências de forma a perceber que os riscos que corria parecem ter sido maiores do que ele conseguiu perceber naquele período. Na sua fala se percebe que em sua juventude – ele possuía entre dezessete e dezoito anos – havia certo desprendimento, bem como um sentimento e ideal de que poderia mudar a realidade, nem que fosse da sua cidade. E, hoje, demonstra perceber que naquele momento não visualizava o real perigo que corria: "Então foi uma situação delicada. Por mais que estava no final da Ditadura, a gente sabe dos riscos naquela época n`é? [...] O desejo de mudança. Aquela ilusão de achar que as coisas iriam mudar da noite para o dia...".[17] Charles Parrela interpreta sua vivência naquele momento a

[16]VELOSO, Charles Edvar Parrela. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de agosto de 2007.
[17]VELOSO, Charles Edvar Parrela. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de agosto de 2007.

partir de valores que possui hoje: embora não negue a importância do investimento realizado, revela a vitalidade do tempo no processo histórico.

É importante ressaltar, ao mesmo tempo, que o movimento não se resumia à entidade, o que explica o surgimento de outra associação em contraponto ao DEMC e à AGREMOC. Em algumas fontes, principalmente em entrevistas com ex-líderes estudantis que hoje compõem o quadro de políticos ou líderes de organizações da cidade, a narrativa é constantemente permeada pela marcante presença do líder que fala do e para o movimento. O entrevistado, quando inquirido, coloca-se no centro da narrativa e, em alguns momentos, procura dotar suas experiências de maior importância, sendo que às vezes pode até ocorrer de supervalorizar certo evento, circunstância ou lugar que, ao final, pode ter marcado e sido importante na sua trajetória e não na dos seus pares.

Essa questão também é percebida na entrevista realizada em 2006 com Eurípedes Xavier, também conhecido como Lipa Xavier, que, a essa época, era vereador em Montes Claros pelo PC do B. Ele também participou de grupos de jovens, integrou o DEMC e a AGREMOC no início dos anos 80, foi presidente do DA-FAFIL e vice-presidente do DCE em 1988. A sua fala também é da pessoa autorizada para falar do movimento estudantil.[18] Um indício dos encaminhamentos dados na produção dessa fonte é o fato de a entrevista ter sido realizada em seu gabinete, em um momento de sua atuação legislativa: "por coincidência, agora eu estou falando com você, eu me atrasei um pouco, você ficou esperando porque eu estou tentando aqui dar a redação final p`ro projeto do meio passe que vai ser votado pela Câmara agora em dezembro".[19] Esse tema do meio passe posteriormente é retomado para o duplo movimento de valorização de sua participação política: no passado, como estudante e líder estudantil que lutou pela garantia da meia passagem para os estudantes de Montes Claros, e, no presente, como vereador que redige e apresenta o Projeto de Lei do meio passe. Quando perguntado sobre a luta pelo meio passe, Lipa Xavier (era diretor do Grêmio Geral da Escola Plínio Ribeiro em 1984 e provavelmente ligado ao grupo de Gy Reis) disse que:

---

[18]Marilena Chauí disserta sobre o discurso competente em que os interlocutores "já foram previamente reconhecidos como tendo o direito de falar e de ouvir, no qual os lugares e as circunstâncias já foram predeterminados para que seja permitido falar e ouvir e, enfim, no qual o conteúdo e a forma já foram autorizados segundo os cânones da esfera de sua própria competência". CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia:** o discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 1980, p. 07.

[19]XAVIER, Eurípedes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de novembro de 2006.

> É essa luta mais antiga e a luta mais importante do DEMC. Eu daria esse exemplo como a principal luta travada pelo DEMC, que é uma luta, que seguramente já dura mais de trinta anos e é talvez a luta mais importante do movimento estudantil em Montes Claros [...] Nesse particular, o Diretório dos Estudantes de Montes Claros, eu acho que tem uma participação mais intensa. [20]

Eurípedes Xavier, que participou do DEMC no início dos anos 1980, destaca, ao longo da entrevista, a luta pelo meio passe estudantil como uma reivindicação caracteristicamente dos secundaristas. Ele ainda ressalta que o diretório estudantil, por muito tempo, esteve vigiado permanentemente pela polícia (militar), e que, a partir do ano de 1983, quando iniciou a "virada democrática" no país, ou seja, com as lutas pelas eleições diretas, a situação modificou. Ao falar sobre a entidade, ele disse que "em 86 é que o DEMC voltou a ter uma direção mais ligada [...] aos estudantes, que o Diretório dos Estudantes de Montes Claros voltou a participar dos fóruns nacionais do movimento secundarista".[21] Nessa época, Sued Kenned Parrela Botelho era presidente do diretório secundarista. No entanto, a partir de um caderno com colagens produzido por Gy Reis Gomes Brito quando era presidente do DEMC, no ano de 1984, pudemos perceber a organização do movimento secundarista depois do período em que o diretório esteve envolvido em denúncias e críticas nos anos de 1980 e 1981. Sued Botelho Parrela Veloso constituía a gestão de Gy Reis Brito, sendo um dos principais militantes na entidade. Talvez a "virada democrática" citada por Lipa Xavier no ano de 1983 tenha ligação com a gestão de 1984.

No dia 13 de janeiro de 1984 no início da gestão de Gy Reis à frente do DEMC, foi publicada na página dedicada aos assuntos da "Cidade" reportagem sobre a entidade, em que o então presidente realizou um balanço da situação e afirmou que o diretório naquele momento passava por dificuldades financeiras devido à má organização de um grupo que esteve à frente da entidade naqueles últimos três anos. Ele destacou que esse grupo acabou "deixando a entidade em péssimas condições e com uma imagem deturpada perante a comunidade, que a vê como um salão de festas e uma mera fábrica de identidades estudantis".[22] A página do Jornal do Norte abaixo indica que o início do ano de 1984 movimentou a cidade. Em meio à reportagem intitulada "Os estudantes querem moralizar novamente a sua entidade máxima", foi publicado

---

[20]XAVIER, Eurípedes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de novembro de 2006.
[21]XAVIER, Eurípedes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de novembro de 2006.
[22]**APAMF**. Jornal do Norte, 13 de janeiro de 1984, p.03.

outro texto no início da página intitulado “A taxa de licença é inconstitucional”, em que foi escrito que comerciantes cariocas entraram com ação contra a taxa de renovação do alvará de funcionamento dos estabelecimentos comerciais. Ao lado da reportagem dos estudantes está outra matéria intitulada “Pimenta conta com João Bosco para erguer: PDS”, em que o vereador Carlos Pimenta, principal representante do PDS, critica alguns filiados do partido que estariam “propensos” a deixá-lo caso o emprego que reivindicaram não fosse atendido. Carlos Pimenta enfatizou não acreditar na “derrota para o PMDB, nas eleições passadas, foi porque o PMDB tenha maior representação que o PDS”, sendo que isso ocorreu devido ao contexto político “e temos que conquistar o espaço perdido [...] precisamos de novas lideranças”. Nessa mesma página dedicada aos assuntos da cidade foi publicado sobre o recebimento de medicamentos pelo Centro Regional de Saúde – CRS –; sobre a central de reclamações da cidade que havia recebido a milésima queixa sobre “coleta de lixo, patrulhamento de ruas, tapação de buracos e desentupimento de bueiros”, direcionada aos setores responsáveis da prefeitura; o aumento de 50% da conta de água; a eleição do Rei Momo do Carnaval de 1984 promovida pela prefeitura e pela Associação de Escolas de Samba e Blocos Caricatos de Montes Claros; a biblioteca municipal, a saber o Centro de Educação e Cultura Hermes de Paula, que fechou o ano de 1983 com 306199 leitores; as quatro creches inauguradas pela prefeitura no Cintra, Major Prates, Renascença e Vera Cruz, além da chamada para o leitores assistirem à peça teatral “Morre um gato na China” do grupo Apollo no CCHP.

A circularidade desses temas na página “Cidade” indica um lugar movimentado com problemas estruturais de uma cidade que não estava preparada para receber os novos moradores que vieram tentar a vida em Montes Claros. A existência da central de reclamações e os principais reclames expressam esse despreparo da cidade, sendo que a atuação do Centro Regional de Saúde e da prefeitura com a criação das creches pode estar relacionada à insatisfação dos moradores dos bairros beneficiados, que, nesse momento, se organizavam em associações bairristas. Um momento de carestia, mas que, mesmo assim, os seus moradores se inseriam, nos diversos movimentos da cidade, como o carnaval de rua, a apresentação de peças de teatro e frequentavam a biblioteca municipal. Inclusive o PDS, que perdia forças e espaço para o PMDB, procurava novas lideranças na cidade.

O Jornal do Norte foi fundado por Américo Martins Filho e Jorge Antônio dos Santos, o diretor de imprensa era Jorge Silveira e a editoria geral era de

responsabilidade de Felipe Gabrich que foi presidente do DA-FADEC em fins da década de 1970. O noticiário nacional do jornal era fornecido pelo O Globo, sendo que “os artigos assinados não expressam, necessariamente, a opinião do JORNAL, mas tão somente a dos seus autores”. Não podemos encontrar quem escreveu os textos publicados nessa página que a editoria geral afirmava ser de responsabilidade de um ex-estudante e militante estudantil da FADEC, mas o conjunto dos temas expõe os problemas da cidade e pontua o início do ano de 1984 como um momento de mudança, visto que “os estudantes querem moralizar a sua entidade máxima”.

FIGURA 2

CIDADE

JORNAL DO NORTE — Montes Claros, 13/01/1984

A taxa de licença é inconstitucional

Pimenta conta com João Bosco para erguer: PDS

Os estudantes querem moralizar novamente a sua entidade máxima

Central de reclamações recebeu mil queixas do povo até agora

entro Regional receberá mais edicamentos para distribuir

Biblioteca Municipal fecha seu quarto ano com 306.199 leitores

partir de fevereiro a fica 50% mais cara

„Rei Momo" será eleito durante rodada de samba

Prefeitura inaugurará 4 creches nos bairros

Gato vai morrer sábado, no CECHP

Será apresentado neste final/início de semana (sábado e domingo), às 20:30 horas, no Centro de Educação e Cultura Hermes de Paula, a peça teatral "Morre um Gato na China" de Pedro Bloch, sob a coordenação do Grupo Apolo, onde o autor procura mostrar fatos da vida cotidiana através de uma tragicomédia. O tema principal é o Bem superando o Mal. Nos papéis principais estão: Romeu de Carvalho, coordenador do Grupo, Ivone Spyer e Adélio Rocha.

Página do Jornal do Norte, **APAMF**. Jornal do Norte, 13 de janeiro de 1984, p.03.

No início dos anos 1980 é notória a publicação de textos no Jornal do Norte que dizem respeito a críticas e disputas pela direção do DEMC. O caderno de colagens de notícias, documentos, prestação de contas, fotografias da gestão de 1984 foi produzido pelo então presidente do diretório Gy Reis Brito, o que já fornece subsídio para refletirmos sobre os sentidos de sua produção. No caderno há diversas colagens de

um jornal próprio da entidade, sem paginação, que trata de assuntos ligados aos secundaristas. As notícias sempre em letras grandes afirmam: “II Jogos da Primavera”, “A Educação Brasileira”, “Grêmio Geral da E.E. Prof. Dulce Sarmento”, “Restauração de Grêmios”, “Grêmio Geral da E.E.P.P.R” (Escola Estadual Professor Plínio Ribeiro, Escola Normal), dentre outras. Aqui percebe-se a ênfase dada aos grêmios, inclusive à criação dos Grêmios Gerais, como foi publicado na carta do presidente do grêmio geral da Escola Estadual Dulce Sarmento, Evandro D. S. Medeiros, em outubro de 1984, em agradecimento à direção do DEMC.

O presidente do Grêmio Geral da Escola Normal, Artur F. A. Júnior, também enviou carta ao jornal do DEMC, com votos de parabéns e ressaltando a criação de um Grupo de Teatro que havia estreado dia 7 de setembro com a peça “Brasileiros eternamente Brasileiros”, e a reativação do Cine Clube, dentre outros eventos artísticos e esportivos realizados nos intervalos. Provavelmente, os estudantes eleitos pertenciam ao grupo do DEMC. A notícia “Restauração dos Grêmios” indica a estratégia da entidade de, nessa época, reorganizar as entidades com o objetivo de fortalecer também suas representações no âmbito de cada educandário. Nas duas cartas, em letras maiúsculas, foi explanado sobre a luta pelo meio passe, o que indica um momento de organização para a reivindicação. A notícia ressalta que no momento havia oito grêmios ativos e outros em vésperas de eleições. Com auxílio e assistência, foram criados vários grêmios, como o caso dos colégios Agrícola, Armênio Veloso e Eloy Pereira, sendo que as Escolas Dulce Sarmento, Instituto, Escola Normal e outros, precisaram de acompanhamento assíduo. No jornal secundarista foi publicado que a criação dos grêmios foi uma alternativa para corrigir “um grande erro de muitas gestões passadas, que queriam fortalecer o DEMC, mas não trabalhavam as bases da entidade que são os grêmios”.[23] Ressaltou-se que as entidades seriam combativas a partir do momento em que elas fossem livres e atuantes.

> A partir do momento em que todas as escolas tiverem um Grêmio atuante, eles se converterão em sustentáculos para nossa entidade a nível municipal, que é o DEMC. Assim, temos convicção da necessidade da reconstrução da UCMG (União Colegial de Minas Gerais); do maior fortalecimento do DEMC [...]. [24]

[23]**APGRGB** (Arquivo Particular de Gy Reis Gomes Brito). Caderno de colagens. Jornal do DEMC, “Restauração dos Grêmios”, 1984.
[24]**APGRGB**. Caderno de colagens. Jornal do DEMC, “Restauração dos Grêmios”, 1984.

Montes Claros, nesse tempo, estava recebendo inúmeros migrantes. A cidade havia sido escolhida para o Projeto Cidade de Porte Médio, que tinha como objetivo possibilitar à população de baixa renda, em especial as que residiam em áreas ocupadas ou favelas, o acesso à casa própria, a serviços urbanos e saneamento básico. Assim como também passou a integrar, com todo o Norte de Minas, a Área Mineira da SUDENE.[25] Desse modo, a cidade acabou por se tornar um lugar estratégico no Norte de Minas Gerais para atuação de vários grupos, sejam eles de cunho esquerdista ou não. O investimento na criação dos grêmios gerais nesse período constitui um movimento mais amplo de formação de núcleos estratégicos para a "reconstrução da UCMG" e fortalecimento das representações estudantis em todo o estado de Minas Gerais. Assim, os estudantes estavam ocupando diversos espaços, como os grupos de jovens da Igreja, as associações de bairros, grupos artísticos como o "teatro de rua", redações de jornais locais e partidos, o que indica movimentações que extrapolam a batuta das entidades, embora não deixe de realizar nexos importantes com as mesmas, visto que era comum estar em vários espaços empunhando bandeiras variadas que, de forma geral, constituíam a luta pela cidadania e pela democracia a construir no país.

O caderno de colagens de Gy Reis Gomes Brito, de um modo geral, produz percepções favoráveis a sua gestão, criando impressões positivas de sua atuação na entidade, principalmente no que tange à luta pelo meio passe para os estudantes. Em sua gestão, ele organizou eventos esportivos e artísticos, festas com o objetivo de arrecadar verba para a ida ao XXII Congresso da UBES no Rio de Janeiro, dentre outros eventos.

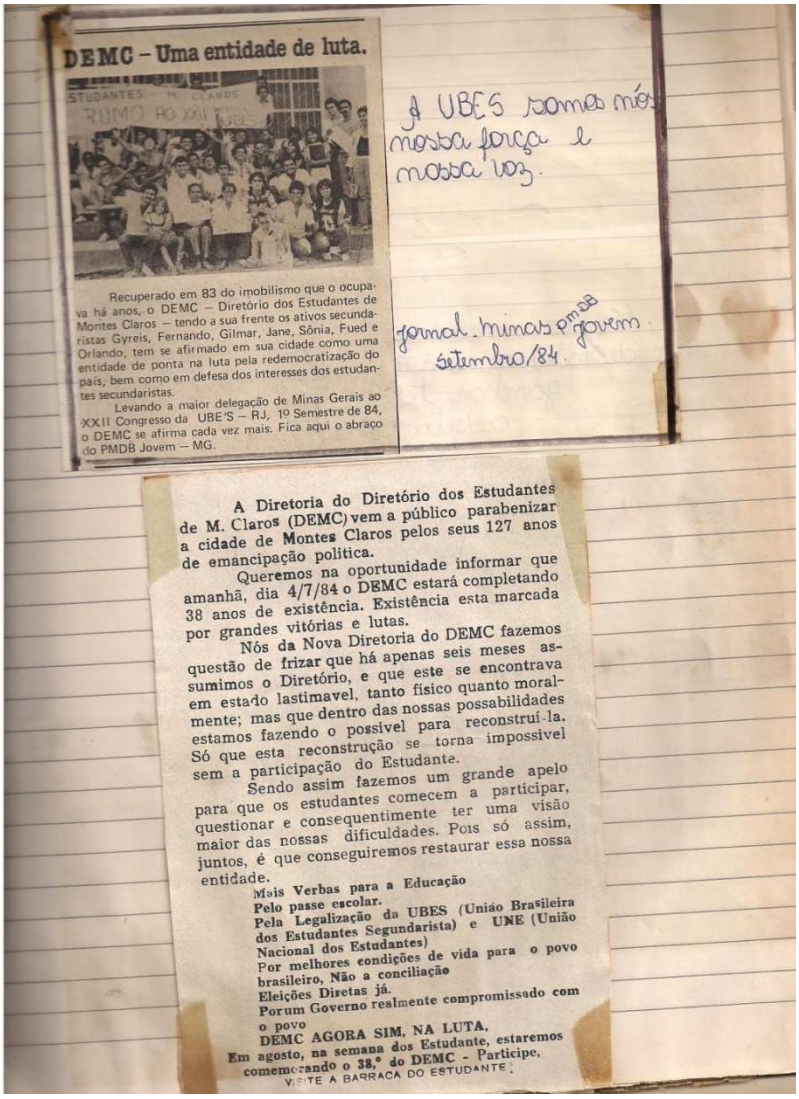
Nos materiais produzidos pelo DEMC, a maioria expressa o clima de mudança vivenciado na entidade, bem como a crítica às gestões que lhe antecederam, nos anos de 1981, 1982 e 1983. Gy Reis, então, constituía o PMDB Jovem, o que explica a publicação de uma fotografia dos secundaristas em frente ao prédio do DEMC,

---

[25]LEITE, Marcos Esdras; PEREIRA, Anete Marília. A expansão urbana de Montes Claros a partir do processo de industrialização. *In*: PEREIRA, Anete Marília; ALMEIDA, Maria Ivete Soares de. (orgs) **Leituras geográficas sobre o norte de Minas Gerais.** Montes Claros: Unimontes, 2004. Laurindo Mékie Pereira, em tese de doutorado sobre a emergência e o desenvolvimento da ideologia das classes dirigentes montes-clarenses, concluiu que a burguesia regional se organizou como classe, tendo evoluído de uma atuação corporativa inicial para o exercício da hegemonia no final do século XX. O autor aponta que a inclusão da cidade como polo dos recursos advindos da SUDENE e a inclusão do Norte de Minas na Área Mineira da SUDENE deveu-se em grande parcela ao esforço dessa burguesia regional composta por fazendeiros, médicos, advogados e profissionais liberais que estavam à frente da prefeitura local e que se uniam em vários momentos que julgassem conveniente. PEREIRA, Laurindo Mékie. **Em nome da região, a serviço do capital:** o regionalismo político norte-mineiro. Tese de Doutorado em História Econômica. São Paulo, USP, 2007. A conclusão do autor nos instiga a pensar a ideia de cidade polo de Montes Claros como uma construção, que passou pela batuta dessa burguesia regional, sendo que o conjunto das fontes da pesquisa aqui presentes nos indica que grupos de esquerda, dentre outros, elegeram Montes Claros como lugar estratégico para divulgar suas ideias no Norte de Minas Gerais.

na ocasião em que eles iam para o XXII Congresso da UBES, editada no Jornal PMDB Jovem. Como foi dito anteriormente, Montes Claros, nesse momento, e já desde os anos 1960 e 1970, constituía-se como uma cidade estratégica para que os diversos grupos políticos conseguissem arregimentar o maior número de adeptos, inclusive no meio estudantil. Esse momento era de grandes discussões e decisões, em virtude das mobilizações por transformações políticas.[26] A fotografia abaixo, de uma página do caderno de colagens de Gy Reis Gomes Brito, expressa essas ligações dos estudantes com o partido e a crítica presente nos materiais quanto às gestões anteriores do diretório secundarista.

FIGURA 3



DEMC – Uma entidade de luta.

Recuperado em 83 do imobilismo que o ocupava há anos, o DEMC – Diretório dos Estudantes de Montes Claros – tendo a sua frente os ativos secundaristas Gyreis, Fernando, Gilmar, Jane, Sônia, Fued e Orlando, tem se afirmado em sua cidade como uma entidade de ponta na luta pela redemocratização do país, bem como em defesa dos interesses dos estudantes secundaristas.

Levando a maior delegação de Minas Gerais ao XXII Congresso da UBES – RJ, 1º Semestre de 84, o DEMC se afirma cada vez mais. Fica aqui o abraço do PMDB Jovem – MG.

A UBES somos nós nossa força e nossa voz.

Jornal Minas PMDB Jovem Setembro/84

A Diretoria do Diretório dos Estudantes de M. Claros (DEMC) vem a público parabenizar a cidade de Montes Claros pelos seus 127 anos de emancipação politica.

Queremos na oportunidade informar que amanhã, dia 4/7/84 o DEMC estará completando 38 anos de existência. Existência esta marcada por grandes vitórias e lutas.

Nós da Nova Diretoria do DEMC fazemos questão de frizar que há apenas seis meses assumimos o Diretório, e que este se encontrava em estado lastimavel, tanto fisico quanto moralmente; mas que dentro das nossas possabilidades estamos fazendo o possivel para reconstruí-la. Só que esta reconstrução se torna impossivel sem a participação do Estudante.

Sendo assim fazemos um grande apelo para que os estudantes comecem a participar, questionar e consequentimente ter uma visão maior das nossas dificuldades. Pois só assim, juntos, é que conseguiremos restaurar essa nossa entidade.

Mais Verbas para a Educação
Pelo passe escolar.
Pela Legalização da UBES (União Brasileira dos Estudantes Segundarista) e UNE (União Nacional dos Estudantes)
Por melhores condições de vida para o povo brasileiro, Não a conciliação
Eleições Diretas já.
Porum Governo realmente compromissado com o povo
DEMC AGORA SIM, NA LUTA.

Em agosto, na semana dos Estudante, estaremos comemorando o 38.º do DEMC - Participe,

VISITE A BARRACA DO ESTUDANTE.

Fotografia de uma página do caderno de colagens produzido por Gy Reis Gomes Brito no período de sua gestão à frente do DEMC, em 1984.

[26] Sobre as *Diretas Já* veja o terceiro capítulo.

A ligação desses estudantes com o PMDB fica mais clara quando, em notícia assinada por Eurípedes Xavier, o então diretor do Grêmio Geral da Escola Estadual Professor Plínio Ribeiro, publica matéria intitulada "Secundaristas querem passe escolar", em jornal não mencionado no caderno de colagens, mas que provavelmente deve ser o jornal do DEMC. Eurípedes Xavier escreveu que o projeto do meio passe havia sido proposto por Sérgio Rocha e Geraldo Honorato Marques, ambos do PMDB, sendo que "ao chegarmos a Câmara e lotarmos as suas dependências o vereador do PDS Milton Cruz pediu o adiamento da votação do projeto, numa manobra que revoltou a todos".[27] O grupo dos estudantes de Gy Reis possuía contato com o PMDB, além de participar do PMDB Jovem, o que explica a oposição ao PDS.

A luta do meio passe movimentou o DEMC nesse momento, tanto que foram produzidos vários materiais que são expressão da presença dos estudantes pela cidade. Naquele momento, o DEMC organizou pesquisa pelas escolas da cidade com o objetivo de apurar o número de estudantes que possuíam condições de utilizar o serviço de transporte coletivo. Foi publicada notícia intitulada "Estudantes querem passe escolar" em 1984, com falas do presidente do diretório Gy Reis Brito e fotografia do vereador Honorato do PMDB, no jornal Mutirão, que pertencia à prefeitura na gestão de Tadeu Leite. Como Tadeu Leite pertencia ao PMDB, percebemos o interesse da publicação do texto, visto que há uma referência à participação do prefeito em reunião dos estudantes.

> O movimento vem sendo realizado de forma ampla, através dos meios de comunicação, de cartazes, faixas e folhetos, além de pregações em salas de aulas. Gy Reis, confiante, espera que os proprietários das empresas concessionárias se sensibilizem com o problema, argumentando que, com o desconto parcial, estudantes que até então se deslocavam para suas escolas a pé passarão a se servir de lotações, aumentando, assim o faturamento das empresas. [28]

O jornal Mutirão era ligado à prefeitura, o que explica a crítica às empresas de transporte coletivo urbano, a saber, a Transmoc e a Alprino. O texto exprime de forma clara a "insensibilidade" da empresa na não aprovação do meio passe, sendo que o prefeito, nesse caso, foi referenciado como o representante que esteve presente na reunião promovida pelos estudantes. Era, então, ventilada a ideia de que se o meio passe

---

[27]**APGRGB**. Caderno de colagens. Jornal não identificado. Notícia intitulada "Secundaristas querem passe escolar", 1984.
[28]**APGRGB**. Caderno de colagens. Jornal Mutirão. Notícia intitulada "Estudantes querem passe escolar", 1984.

fosse aprovado haveria um aumento na passagem, o que prejudicaria os outros moradores que faziam uso dos ônibus. Por isso, Gy Reis ressaltou na passagem acima que se o meio passe fosse aprovado, estudantes que não se utilizavam dos "lotações" passariam a utilizá-los.

Em matéria intitulada "A Câmara não se emenda", encontrada no caderno de colagens de Gy Reis Gomes Brito, cuja procedência e datação do jornal não foram identificadas, podemos perceber uma crítica do periódico quanto aos vereadores Geraldo Honorato e Sérgio Rocha, ambos do PMDB. No início, a proposta defenderia a isenção total das passagens, mas posteriormente a que foi defendida pelos vereadores e reivindicada pelos estudantes foi a de meia passagem. Na matéria, severas críticas foram tecidas aos vereadores defensores de que o artigo 83 da Lei Municipal número 1.477/1984 passasse a vigorar de forma a prever o meio passe aos estudantes a partir de carteira de identificação estudantil expedida por órgão competente, no caso, o DEMC. A defesa do meio passe pelos vereadores foi abordada como ato demagógico, que "resolveu mostrar ao povo sua cara de bonzinho", ação que representava uma "pseudo-bonomonia". A proposta apresentada pelos vereadores citados, com previsão de que o meio passe abrangeria outras categorias, como as lavadeiras, idosos, "paraplégicos" e professores, foi vetada pelo prefeito municipal Luiz Tadeu Leite.

> Em outras palavras propunham a falência das empresas concessionárias do serviço de transportes coletivos ou uma super inflação dos bilhetes a serem pagos pela maioria do povo não isenta. Acertou o chefe do executivo ao vetar tamanho disparate, só concebível num agrupamento de cabeças vazias [...] *convém esclarecer ao público leitor os defeitos da pretendida e refugada, isenção*. Passando a emenda, as concessionárias procurariam compensar a perda real da arrecadação decorrente da não cobrança de passagens a professores, "paraplégicos", estudantes, idosos, e lavadeiras. Bateriam as portas do Executivo propondo: a)subsídios na razão direta da queda de rendimentos; b)não sendo possível, a elaboração de novos cálculos que levassem em conta a redução do número de passageiros registrados por suas roletas.[29] Grifo nosso

A matéria publicada ocupou provavelmente a terça parte da página do jornal, o que indica um posicionamento do periódico. Como o tema envolvia interesses de diversos grupos, dentre eles da prefeitura e empresas concessionárias do transporte coletivo, é possível visualizarmos a correlação de forças nesse momento e, a partir do

[29]**APGRGB**. Caderno de recorte e colagens. Matéria intitulada "A Câmara não se emenda", 1984.

tom de crítica na passagem acima, perceber os compromissos expressos na matéria. O tamanho da matéria, a crítica ferrenha aos proponentes do projeto - “convém esclarecer ao público leitor os defeitos da pretendida e refugada, isenção” -, a tentativa de demonstrar sua suposta inviabilidade expressam o posicionamento do periódico, que não procura trazer nenhuma alternativa. Não identificamos o jornal, mas como há uma defesa clara do prefeito Luiz Tadeu Leite, pode ser que se trate do Jornal do Norte, visto que o Jornal Diário de Montes Claros era opositor àquela administração. Além do possível aumento dos preços dos ônibus que seria provocado com a aprovação do meio passe, foram questionados os critérios que seriam utilizados para prever quem seriam os beneficiados.

> Assim como há idosos pobres, é certo que há entre eles os que podem pagar, assim acontecendo, também com o paraplégicos e estudantes. Por que o beneficio da isenção a professores e lavadeiras, se na mesma penúria encontram-se outras faixas do operariado não visadas pela malsinada emenda?[30]

As duas passagens retiradas do jornal e citadas anteriormente expressam o tom crítico quanto à emenda, bem como aos seus autores. Ao final, foi ressaltado que a emenda preteriria outros setores, como os operários. Se a matéria já apontava a inviabilidade do projeto, pode ser que a menção a esses setores serviria de subsídio para tentar convencer o leitor de que a emenda não era possível. No mesmo caderno de recortes e colagens de textos publicados em jornais, um pequeno texto intitulado “Passe escolar” foi publicado em jornal não identificado.

> Outra informação que vazou nos corredores da Prefeitura: o DEMC estaria defendendo o passe escolar apenas para poder emitir novamente suas carteirinhas de estudantes. Hoje sem essa regalia, aquela entidade estudantil se vê impossibilitada de qualquer receita própria. E com a emissão das carteirinhas, poderia novamente ter uma fonte própria de recursos. Esse tipo de receita, no entanto, é uma faca de dois gumes. Pois, como também pode matar, pode do mesmo jeito suicidar. Questão de visão ...
>
> CONTANDO OS NÚMEROS
> Se o DEMC resolver emitir suas carteirinhas, terá aproximadamente dez mil estudantes interessados. Ao preço <<irrisório>> de Cr$ 1 mil o DEMC teria em mãos Cr$ 10 milhões para promover festas e olimpíadas. E ainda sobraria dinheiro, né?[31]

---

[30]**APGRGB**. Caderno de recorte e colagens. Matéria intitulada “A Câmara não se emenda”, 1984.
[31]**APGRGB**.Caderno de recorte e colagens. Notícia intitulada “PASSE ESCOLAR”, 1984.

Nessa passagem, podemos notar o posicionamento crítico ao DEMC, sendo que a defesa do meio passe pela entidade é pontuada como interesse em virtude da renda que sua confecção proporcionaria ao diretório. Tanto é que, logo abaixo da nota sobre o "PASSE ESCOLAR", outra nota realizou as contas de quanto a entidade ganharia com a venda das carteirinhas, expressando um teor duvidoso com relação aos interesses dos militantes do diretório.

No dia 16 de junho de 1984, foi realizada na sede do DEMC assembléia para discutir a questão do passe escolar. Em um convite elaborado pelos estudantes foi escrito que representantes de associações e sindicatos compareceriam ao evento. Em caderno de colagens de recortes de jornais e documentos, produzido por Gy Reis Gomes Brito na época em que estava à frente do DEMC, em 1984, a notícia "Associação de moradores apóia o passe escolar" é evidenciada. O texto faz referência à campanha dos estudantes secundaristas pelo direito de pagarem meia passagem nos ônibus. O presidente da Associação da Vila Oliveira e Mauricéia, Edmar Pereira Santos (profissional autônomo), "revelou que o objetivo de solicitar ao prefeito Luiz Tadeu Leite e aos vereadores para que o passe escolar se torne uma realidade, pois a maioria dos estudantes não tem condições de pagar lotações todos os dias".[32] Em notícia de jornal não identificado, intitulada "Associações de bairros querem pressionar Câmara e Prefeitura", foi escrito que o presidente da Associação de Moradores das Vilas Mauricéia e Oliveira, Edmar Pereira Santos, estava apoiando o movimento. Assim como diretores de escolas, Conceição Mendonça, do Colégio Padre Chico – CBmoc –, e o irmão Eugenio, do Colégio Marista São José, que registraram apoio ao movimento e citaram outras cidades do Estado e do país que já tinham o passe escolar em funcionamento.

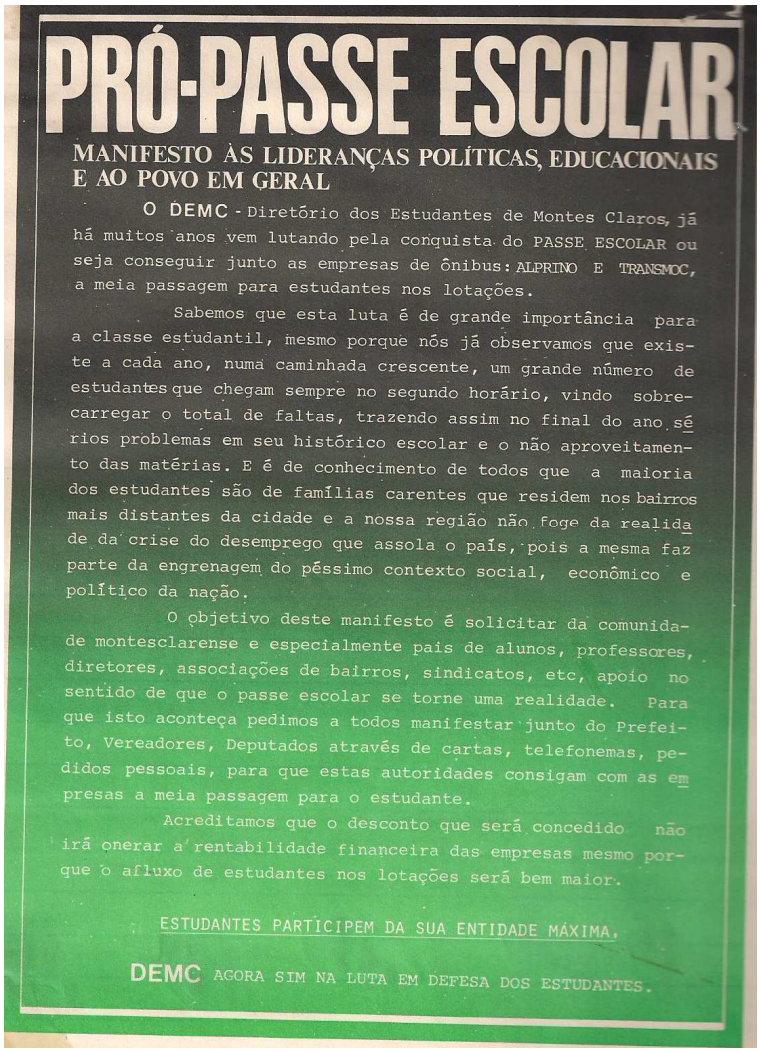
Desse modo, podemos perceber que vários grupos apoiaram o movimento e como o tema movimentou a cidade, uma vez que a aprovação do meio passe beneficiaria várias parcelas dos moradores. Constituía-se o contato dos estudantes com diversos outros movimentos, dentre eles as associações de bairro, que se uniram em lutas, indicando o correio de relações que havia entre os estudantes pela cidade. Em uma cidade que recebia cada vez mais novos moradores e crescia em extensão, a aprovação do meio passe facilitaria a locomoção para os bairros.

---

[32]**APGRGB.** Caderno de recortes de jornais. Recorte de jornal, 1984. (Jornal não identificado)

No Jornal do Norte, os meses de abril, maio e junho – momento de maior efervescência da luta pelo meio passe, como podemos notar pelo caderno de recorte e colagens de Gy Reis Gomes Brito – não puderam ser pesquisados, visto que os exemplares encontrados não estão em bom estado. A menção a essa luta na gestão de Gy Reis se deveu ao contato com o caderno de recortes e colagens produzido por ele, mas não encontramos outras menções no Jornal do Norte. Mesmo assim podemos perceber que a cidade foi bastante movimentada nesse momento, muito em função dessa luta, tanto que os estudantes, na maioria dos materiais produzidos por eles próprios, deixaram registrada a defesa da luta pelo meio passe. O panfleto abaixo expressa a presença dos secundaristas pela cidade.

FIGURA 4



PRÓ-PASSE ESCOLAR

MANIFESTO ÀS LIDERANÇAS POLÍTICAS, EDUCACIONAIS E AO POVO EM GERAL

O DEMC - Diretório dos Estudantes de Montes Claros, já há muitos anos vem lutando pela conquista do PASSE ESCOLAR ou seja conseguir junto as empresas de ônibus: ALPRINO E TRANSMOC, a meia passagem para estudantes nos lotações.

Sabemos que esta luta é de grande importância para a classe estudantil, mesmo porque nós já observamos que existe a cada ano, numa caminhada crescente, um grande número de estudantes que chegam sempre no segundo horário, vindo sobrecarregar o total de faltas, trazendo assim no final do ano sérios problemas em seu histórico escolar e o não aproveitamento das matérias. E é de conhecimento de todos que a maioria dos estudantes são de famílias carentes que residem nos bairros mais distantes da cidade e a nossa região não foge da realidade da crise do desemprego que assola o país, pois a mesma faz parte da engrenagem do péssimo contexto social, econômico e político da nação.

O objetivo deste manifesto é solicitar da comunidade montesclarense e especialmente pais de alunos, professores, diretores, associações de bairros, sindicatos, etc, apoio no sentido de que o passe escolar se torne uma realidade. Para que isto aconteça pedimos a todos manifestar junto do Prefeito, Vereadores, Deputados através de cartas, telefonemas, pedidos pessoais, para que estas autoridades consigam com as empresas a meia passagem para o estudante.

Acreditamos que o desconto que será concedido não irá onerar a rentabilidade financeira das empresas mesmo porque o afluxo de estudantes nos lotações será bem maior.

ESTUDANTES PARTICIPEM DA SUA ENTIDADE MÁXIMA.

DEMC AGORA SIM NA LUTA EM DEFESA DOS ESTUDANTES.

Panfleto pelo meio passe. Arquivo Particular de Gy Reis Gomes Brito. 1984.

Além da panfletagem realizada pelos secundaristas na cidade, com o objetivo de sensibilizar a comunidade quanto à luta pelo meio passe, outras alternativas foram utilizadas para divulgar feitos e arregimentar adeptos para o movimento. Foram realizadas passeatas e movimentações na Câmara Municipal com o objetivo de pressionar os vereadores a aprovarem a emenda. Na fotografia abaixo, que está colada no caderno de Gy Reis Gomes Brito, podemos visualizar a passeata dos estudantes pelas ruas da cidade.

FIGURA 5

Fotografia de manifestação dos estudantes secundaristas na luta pelo meio passe realizada no ano de 1984. Fotografia do Arquivo Particular de Gy Reis Gomes Brito. Rua Governador Valadares Centro de Montes Claros.

Na fotografia, os estudantes aparecem com faixas e cartazes, alguns estão com pastas escolares nas mãos, o que indica que eles realizaram a passeata no horário escolar. Os estudantes ocuparam ruas da cidade, o que dificultou o trânsito e promoveu maior divulgação do movimento na cidade. Alguns estudantes fazem pose para tirar a foto, enquanto um deles ergue os braços e cruza os pulsos. Não sabemos ao certo o significado desse gesto, que pode representar talvez amarras que os estudantes possuíam em virtude de que moravam longe da escola, o que se apresentava como uma

dificuldade enfrentada para concluir os estudos secundários; ou uma evocação ao sinal de luta do punho fechado e erguido.

Em reportagem intitulada "Nardel: 'Lugar de baderna é na rua, não no Legislativo'", que não possui referência do periódico e datação e se encontra no caderno de colagens de textos produzido por Gy Reis, foi explanado sobre reunião da Câmara Municipal em que houve presença dos estudantes. A reportagem teve destaque no jornal, ocupando quase um terço dele. O presidente da Câmara Municipal José Nardel de Almeida afirmou que nas próximas reuniões na instituição poderia haver no máximo seis estudantes. A reportagem foi dividida em três partes: a primeira, com uma pequena introdução; a segunda intitulada "REPRESSÃO"; e a terceira, "CONTRA O PROJETO". O presidente da Câmara ressaltou a "baderna" realizada pelos estudantes, e na segunda parte foi publicado que:

> Não haverá policiais no prédio da câmara, mas a polícia estará de sobreaviso para atender de imediato qualquer chamada urgente da presidência do Legislativo. Para isso, o vereador José Nardel vai se encontrar nas próximas horas com o comandante do 10 Batalhão de Polícia Militar, Ten-cel. Flavio Prats, a quem pedira apoio para garantir a integridade do Legislativo. 'Não vou por soldado na Câmara, mas algumas medidas preventivas estão sendo tomadas, pois a bagunça que ocorreu nas últimas reuniões eu não aceitarei mais'. [33] sic

Embora afirme-se integrante de um partido de oposição que defende a "liberdade do povo", enfatiza que não concorda com a bagunça realizada pelos estudantes e afirma que é contra o projeto, pois sua aprovação acarretaria o reajuste dos preços das passagens. A presença dos policiais na reunião representa a correlação de forças e interesses em jogo no movimento do meio passe. A fotografia abaixo, que se encontra no caderno de colagens de Gy Reis, indica a presença dos estudantes nas reuniões da Câmara Municipal, com cartazes e panfletos. Provavelmente esta tenha sido a situação descrita pelo presidente da Câmara Municipal, Nardel.

[33]**APGRGB**. Caderno de recortes de jornais. Reportagem "Nardel: 'Lugar de baderna é na rua, não no Legislativo'", 1984.

FIGURA 6

Fotografia de manifestação dos estudantes secundaristas na luta pelo meio passe realizada dentro da Câmara Municipal de Montes Claros no ano de 1984. Fotografia do Arquivo Particular de Gy Reis Gomes Brito.

A fotografia foi tirada de forma a apresentar um panorama da presença estudantil na Câmara, embora nesse momento o meio passe não tenha sido aprovado.[34] Esse movimento foi organizado pelo DEMC, que produziu os panfletos. Embora os interesses e valores trazidos por esses estudantes viessem a ser diferentes - o meio passe, inclusive, possui representação distinta na vida de cada um deles -, esta fotografia expressa que o movimento, ainda que organizado pela direção da entidade, ganhou legitimação perante a sociedade com a participação e aprovação de diversos segmentos.

[34]Em vários momentos houve o esforço dos estudantes na luta pela aprovação do passe escolar. No ano de 2008 foi realizado um movimento dos estudantes secundaristas, em que houve participação dos universitários, UBES, UEE-MG, Sindicato dos Professores (SINPRO), UCMG e pais de estudantes. Foi realizado um movimento em frente à Câmara Municipal com cerca de 5 mil jovens, sendo que nesse ano foi aprovado o Projeto de Lei 4.008 no dia 26 de julho de 2008, de autoria do então vereador pelo PCdoB, Eurípedes Xavier, que tramitava no Legislativo por quinze anos e que entraria em vigor a partir do início de 2009. Em uma das movimentações estudantis em frente à prefeitura, a Polícia Militar foi chamada, sendo que utilizaram bombas de efeito moral, balas de borracha e cachorros. Na prática, até o momento o meio passe ainda não está sendo usufruído pelos estudantes. www.une.org.br (acesso dia 03 de janeiro de 2010), reportagem “Vitória dos estudantes!”, publicada no dia 24 de setembro de 2008.

A entidade estudantil, em alguns momentos, passa a se confundir com o movimento estudantil em um processo mutualístico quando ela é uma das expressões do movimento. Ela incorpora projetos, interesses e sonhos acalentados pelos estudantes, mas o que cada um desses anseios significa e como eles repercutem na vida dessas pessoas é ressignificado em palavras de ordem e agendas políticas. Pensar o movimento a partir de um conjunto articulado de reivindicações, projetadas pelas entidades como lutas históricas dos estudantes, engessa as experiências vividas por esses sujeitos sociais, bem como chancela o cotidiano como o lugar onde nada acontece.

Embrenhar em um sentido de movimento estudantil, que vai além da entidade, mas que leve em consideração os anseios, sonhos e melhorias desejadas na vida desses estudantes, é um desafio. Nesse sentido, como nos alerta Yara Khoury, "mais do que buscar dados e informações nas fontes, nós as observamos como práticas e/ou expressões de práticas sociais através das quais os sujeitos se constituem historicamente".[35] Dessa maneira, pensamos a utilização das fontes, dentre elas as orais, como ato interpretativo, em que o momento de sua produção é importante, pois expressam formas de como os sujeitos se constituem historicamente.

Vejamos as entrevistas com Gy Reis Brito e Eurípides Xavier. Tratam-se de pessoas envolvidas na política municipal e, por terem sido entrevistadas em períodos de decisões políticas importantes, suas narrativas estão impregnadas pela experiência desse momento.[36] As falas de Gy Reis e Lipa Xavier – que, como já se disse, foram militantes do movimento estudantil e hoje militam em outros movimentos, sendo que o primeiro foi entrevistado em meio a sua campanha para vereador na eleição de 2008 para Montes Claros e o segundo foi entrevistado dentro do seu gabinete em um momento que ele dizia estar escrevendo um projeto lei do meio passe – acabam por ser fatores importantes para produção dessa fonte. Desse modo, em vários momentos eles tecem considerações no sentido de falarem recorrentemente sobre o período em que eram presidentes de entidades, suas lutas e memórias.

O que nos parece mais evidente, e que também é uma questão de fundo em outras fontes, é que práticas vivenciadas em diferentes períodos estão conferindo sentidos a noções de movimento estudantil e elas, por sua vez, disputam e/ou produzem

---

[35] KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. **Projeto História**. São Paulo, n.22, jun. 2001, p.81.

[36]Como bem alertou Portelli, "o momento da vida em que a estória é contada, entretanto, é um fator crucial na sua moldagem". PORTELLI, Alessandro. "O momento da minha vida": funções do tempo na história oral. In:FENELON, Déa Ribeiro *et all*. (orgs.) Muitas memórias, outras Histórias. São Paulo: Olho D`água, 2004, p. 298.

os significados do conceito no social. Essa disputa se dá no campo da memória, em que o que vai ou não ser lembrado ganha dimensão que aufere significados às experiências dos estudantes. Como bem advertem Marilena Chauí[37] e Alessandro Portelli[38], "lembrar significa esquecer" e "o tempo tira tanto quanto acrescenta", respectivamente. Além do mais, precisamos pensar esses diferentes tipos de linguagens "dependendo de um mercado, garantindo certas modalidades de relações sociais e colaborando na constituição de certa memória".[39]

Nos jornais, percebemos nuanças dessa disputa em torno de quais significados atribuiu às experiências dos estudantes em Montes Claros. Disputa esta que parece sutil, mas, no entanto, muitas vezes nomeia e determina processos históricos. Ao realizar a leitura do Jornal do Norte, percebemos que os títulos dos textos, publicados ao longo dos anos 80, nos parecem ser um indicativo interessante para analisarmos como se dá essa disputa no âmbito da imprensa. Nas notícias, em sua maioria, o presidente da entidade aparece para publicizar e avaliar o movimento. Assim, uma realidade é direcionada para ser lida a partir de discursos de um grupo. Entre os anos de 1982 e 1987, os títulos das notícias afirmam: "Dia dos estudantes lembrados pelo DCE mediante manifesto" [40]; "DCE quer permanência do presidente da UNE"[41]; "DCE pretende fazer concentração gigantesca com Teotônio Vilela"[42]; "Presidente do DCE quer seu antecessor prestando contas"[43]; "Faculdades se preparam para Olimpíadas do DCE"[44]; "DCE comemora êxito dos XI Jogos universitários"[45]; "DCE participa dos Jogos mineiros"[46]; "DCE quer ver quem são os marajás"[47]; "DCE já iniciou a greve branca"[48].

---

[37]CHAUÍ, Marilena. Apresentação. Ecléa Bosi. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

[38] PORTELLI, Alessandro. "O momento da minha vida": funções do tempo na história oral. *In*: FENELON, Déa Ribeiro *et all* (orgs.) **Muitas memórias, outras Histórias.** São Paulo: Olho D`água, 2004, p.299.

[39]SILVA, Marcos A. O trabalho da linguagem. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.6, n. 11, 1985-1986, p.51. "Trata-se de atentar no menos visível, menos audível, em discursos e práticas que escapam, pelas fissuras, seja aos ditames do mercado, seja aos circuitos habituais". SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias:** intelectuais, arte e meios de comunicação. São Paulo: EDUSP, 1997, p.60.

[40] **APAMF**. Jornal do Norte, 19 de agosto de 1982, p.03. Grifo nosso em todos os títulos elencados.

[41] **APAMF**. Jornal do Norte, 20 de junho de 1982, p.01.

[42] **APAMF**. Jornal do Norte, 06 de abril de 1983, p.03.

[43] **APAMF**. Jornal do Norte, 04 de outubro de 1983, p. 03.

[44] **APAMF**. Jornal do Norte, 04 de outubro de 1983, p. 03.

[45] **APAMF**. Jornal do Norte, 05 e 06 de novembro de 1983, p. 03.

[46] **APAMF**. Jornal do Norte, 19 e 20 de novembro de 1985, p. 05.

[47] **APAMF**. Jornal do Norte, 23 de abril de 1987, p. 03.

[48] **APAMF**. Jornal do Norte, 13 de maio de 1987, p. 04.

Nas chamadas para as notícias, os verbos, em grande parte, estão na voz ativa revelando um teor imperativo, quando afirmam: o DCE quer ver, iniciou, pretende fazer e outros. As repetições percebidas, principalmente o *quer*, são indícios de como os sentidos de movimentos são construídos. O interessante é que, quando a entidade organiza um evento, eleição, manifestação ou tece alguma crítica, é o nome do diretório que aparece no título da notícia evidenciando seu papel na defesa dos interesses dos estudantes. Quando o movimento ganha proporções maiores e passa a ser necessário receber aprovação e apoio de algum grupo, os nomes das entidades e presidentes passam a ser substituídos nos títulos das notícias por nomes genéricos, como "estudantes", "universitários" e "alunos".

É nesse momento que os estudantes são postos como sujeitos de potência, com desejos e vontades a serem reivindicadas. No título "Universitários podem formar uma comissão para acompanhar projeto", percebemos um pouco dessa questão, mas, ao fim, a notícia diz respeito aos quatro diretórios acadêmicos da FUNM que se reuniram para formar uma comissão pela luta da federalização ou estadualização da Fundação. Nos títulos "Universitários não aceitam uma interferência política na FUNM" [49], "Estudantes querem redução nas anuidades" [50] e "Estudantes se manifestam em frente à prefeitura" [51], o mesmo tom é percebido. Na verdade, esses estudantes eram ligados às entidades, mas os títulos atribuídos às notícias podem ser encarados como mais do que simples estratégias para chamar a atenção dos leitores, passando a se constituir como uma importante forma de interpretar determinadas relações sociais, ao mesmo tempo em que se decide sobre o que vem ao caso e como deve ser publicado. Nesse caso, para a entidade importa que se publiquem as ações que estão dentro de seu repertório de lutas – até mesmo as que surgem no improviso podem ser incorporadas –, bem como o nome do presidente e do diretório, que devem aparecer em evidência, fazendo denotar um discurso supostamente uno e coerente do movimento.

Marilena Chauí nos instiga a pensar questões candentes como essas na medida em que compreende que há uma reflexão a ser feita sobre projetos – seja de grupos conservadores, seja de progressistas, como o Centro Popular de Cultura, CPC da UNE, que se portam como porta vozes do nacional popular, forjam unidades e aprovações, apagando diferenças culturais e construindo conceitos pejorativos e

---

[49]**APAMF**. Jornal do Norte, 10 de janeiro de 1984, p. 01.
[50]**APAMF**. Jornal do Norte, 08 de agosto de 1985, p. 03.
[51]**APAMF**. Jornal do Norte, 24 de novembro de 1987, p. 07. Manifestação contra a possível vinda do depósito de lixo atômico.

genéricos que engessam as experiências de sujeitos sociais. Como bem alerta: "Desejos, ideias, modos de ser, prática, ações, aspirações, tudo é imputado ao povo e à nação, sem que nenhum deles apareça viva voz", ou seja, " um deslizamento do discurso que se apresenta como sobre o povo e a nação, torna-se do povo e da nação, porque discurso de suas vanguardas, e termina como discurso que diz o povo e diz a nação. Destinatários ausentes do texto que os representa, povo e nação são ideias, teses, axiomas e dogmas".[52]

Essa tese defendida por Chauí articula-se com outras publicações da autora, evidenciadas nos debates dos anos 1980, que problematizam a questão do nacional popular, como o CPC da UNE, notórios nos discursos e falas de líderes que se portam como competentes e legítimos para falar do movimento. No que tange aos líderes estudantis, percebe-se que o fato de terem sido eleitos pelos estudantes lhes confere a legitimidade de falarem do movimento, pelo movimento e para o movimento, visto que possuem fala autorizada. As formas genéricas com as quais os membros do movimento são tratados, em palavras homogeneizantes como estudantes, alunos, universitários e secundaristas, engessam o campo de possibilidades do repertório de ações desses sujeitos sociais.

Nesse sentido, movimento social é um termo complexo que precisa ser problematizado.[53] Como os estudantes universitários da cidade eram representados geralmente pelas entidades estudantis, precisamos problematizar os limites, alcances e possibilidades dessa representação. Com isso não nos propomos e muito menos coadunamos com a premissa de que um movimento social faz-se a partir de uma entidade institucionalizada, mas que os diversos sujeitos sociais (nesse caso os estudantes) que ela diz representar formulam um emaranhado de valores e posicionamentos contraditórios. Desconfiamos de projetos e ideais universais que se

---

[52]CHAUÍ, Marilena. **Seminários.** O nacional e o popular na cultura brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1980, p.84.

[53]Reflexões instigantes são apresentadas pelas historiadoras Heloisa Cruz, Maria do Rosário Peixoto e Yara Khoury, quando na Introdução da coletânea "Outras histórias: memórias e linguagens", questionando a categoria teórica em que o sujeito era dado *a priori* e contribuir para alargar a noção de movimento social ao apontar "que o espaço do fazer-se dos sujeitos e das classes são os modos culturais do viver implicou não dissociar os modos de trabalhar dos modos de viver, levando a investigação não só aos modos de trabalhar, mas também aos modos de morar, alimentar-se, divertir, organizar-se". CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha; KHOURY, Yara Aun. Introdução. *In*: MACIEL, Laura Antunes (orgs). **Outras histórias:** memórias e linguagens. São Paulo: Olho D`água, 2006, p.13. Ver: FENELON, Déa Ribeiro. Apresentação. *In*: MACIEL, Laura Antunes (orgs). **Outras histórias:** memórias e linguagens. São Paulo: Olho D`água, 2006. FENELON, Déa Ribeiro; CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Introdução. *In*: FENELON, Déa Ribeiro (orgs). **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Olho D`água, 2004.

portam como representativos de valores compartilhados na íntegra por um grupo de pessoas a fim de opacizar conflitos sociais. O conceito de movimento social sem a devida problematização aparta o conflito e a imprevisibilidade da história, e possibilita o surgimento de teorias que qualificam os sujeitos sociais com denominações apolíticas, que congelam o movimento da história.

Instigados por Williams, acreditamos que todo conceito é um problema que à luz das evidências transformadas em fontes pelo historiador precisa ser explicitada em sua historicidade. Ao nos valermos do conceito de movimento estudantil, devemos deixar às claras os sentidos que o termo ganha no texto. O termo empregado na escrita deste texto não denota uma simplificação das vivências desses sujeitos a partir de uma ideia de movimento fechado e evidenciado por meio de um repertório de reivindicações específicas quanto ao âmbito educacional. Muito menos circunscrito a um modelo de participação política consagrada por muitos trabalhos da história política tradicional *lato sensu*, a saber, a passeata ou o confronto direto com o poder instituído. Propomos pensar o termo de forma aberta a partir do pressuposto de que os estudantes são sujeitos sociais que compõem a cidade, mas que carregam consigo diferentes valores e por isso ocupam espaços diversos apreendendo e interpretando de forma diferenciada o terreno comum compartilhado. Alguns estudantes se portam como socialistas, ou foram filiados ao PT (como Gy Reis Brito), PC do B (como Eurípedes Xavier), dentre outros partidos, ocupando esses espaços, além de associações (como Pedro Julio Procópio que foi vice-presidente da Associação do Bairro Vila Brasília), e disputando a cidade nos movimentos estudantis. Ou seja, a condição de ser estudante é o que os une no que convencionalmente chamamos de movimento estudantil. Optamos por utilizar o termo, pois a partir de algumas entrevistas, a ideia de engajamento no “movimento estudantil” perpassa as falas dos entrevistados. Por isso, percebemos que em algum momento não utilizá-lo seria não levar em conta uma expressão que representa mais do que uma linguagem empregada por eles, mas que concebe o seu engajamento e identificação como sujeitos de sua história.

Na fala de Gy Reis, presidente do DA-FAFIL em 1986, quando perguntado sobre a importância do movimento estudantil naquele momento, percebemos um pouco dessa questão. “Na época o movimento estudantil era um movimento altamente necessário e muito bem definido ideologicamente, muito claro. Era um verdadeiro

movimento estudantil".[54] Nessa fala, percebemos um pouco dos sentidos que ele quer atribuir ao passado a partir das vivências no presente. Na fala de todos os entrevistados, vez por outra, há certa comparação com o presente e uma necessidade recorrente de afirmar, "fiz parte do movimento estudantil", "o movimento estudantil era forte e presente", dentre outros.

Na entrevista com Márcia Beatriz, ainda percebemos um pouco mais essa questão. Para ela, o movimento foi essencial para sua formação em sentido amplo: "Eu acho que o movimento estudantil, ele representou na minha vida, essa consciência política mais definida. A própria questão de hoje eu ser integrante de uma entidade de mulheres, de uma entidade feminista. Então, vem daí do movimento estudantil".[55] Ely Isabel, ex-integrante do DA-FAFIL em 1986, em entrevista disse que "p`ra mim, o movimento estudantil, ele se confunde muito com a minha vida, porque, p`ra mim, foi muito importante a participação no movimento estudantil, p`ra eu crescer no meu trabalho hoje".[56] Para elas, suas experiências no movimento foram importantes para uma visão crítica que hoje se manifesta em seu engajamento em outros movimentos, como dos professores e de mulheres. Então, o termo movimento estudantil comporta um emaranhado de valores e trajetórias de vida dessas pessoas que é lembrado no presente. Eles não compartimentam em gavetas fechadas a participação política das suas vidas cotidianas. As suas reivindicações, que foram exibidas em faixas, notícias publicadas em jornal, passeatas e estratégias de luta, eram expressões de desejos de mudança em uma sociedade que julgavam injusta. Márcia Beatriz e Gy Reis, por exemplo, afirmam que liam Marx e as ideias socialistas eram discutidas pensando outro projeto alternativo para uma sociedade desigual. Márcia Beatriz disse que "era mais a ânsia da mudança n`é? Então, queria mudar, queria fazer as coisas".[57]

O anseio de mudança vivido pelos estudantes no período está muito presente na fala dos entrevistados. Isso está presente até mesmo em alguns poemas que podem ser encontrados no arquivo do Centro Acadêmico de História. Na música "O caminho se faz no caminhar", de Ewerton Andrade e Manoelito Xavier, respectivamente dos cursos de Ciências Sociais e Ciências Econômicas, que ganhou o primeiro lugar no

---

[54]BRITO, Gy Reis Gomes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.
[55]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.
[56]ISABEL, Ely. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 10 de novembro de 2006.
[57]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

Festival de Música de Pirapora, no ano de 1982, são percebidas as críticas a determinados grupos sociais e um brado de esperança para dias melhores sem desigualdades sociais:

O CAMINHO SE FAZ NO CAMINHAR

‘Senhores barões da terra
Preparai vossa mortalha
Pois vós detendes a terra
E a terra é de quem trabalha’

Companheiros não há caminho
Que se faça sem caminhar
Nem esta paz tão cobiçada
Encontraremos sem guerrear
Há caminhos que dão no mar
Multidões caminhando à toa
Sem destino para chegar
Sem destino para chegar

Companheiros é preciso coragem
Maus dias sobrevirão
Mas depois da tempestade
Brilhará o sol da razão
E os homens serão livres
Seremos todos iguais
Nas praças, ruas e bares
Nas casas e catedrais. [58]

Primeiro quando escreveram “Senhores barões da terra/ preparai vossa mortalha/ pois vós detendes a terra/ e a terra é de quem trabalha”, depois quando chamam “companheiros é preciso coragem/ maus dias sobrevirão/ mas depois da tempestade brilhará o sol da razão/ e os homens serão livres/ seremos todos iguais/ nas praças, ruas e bares/ nas casas e catedrais”. Essa música é a expressão de relações sociais vividas na cidade e repercutidas na região, por meio da crítica às disputas de terra ocorridas no Norte de Minas Gerais, nos anos 80. Manoelito Xavier fez parte do grupo de música regional intitulado Grupo Agreste que, criado em 1978 por um grupo de estudantes, dentre eles universitários da FUNM, possuía músicas próprias que questionavam a desigualdade social presente no Norte de Minas Gerais. O grupo chegou

[58]Música “O caminho se faz no caminhar”, de autoria de Ewerton Andrade e Manoelito. 1° lugar no Festival de música de Pirapora realizado em 1982. Encontramos algumas poesias de autoria de estudantes, que participaram do concurso de crônicas e poesias da FAFIL. Essas poesias são expressões de alguns sonhos, projetos e valores vividos pelos estudantes. Os autores integravam o grupo Agreste, criado na segunda metade dos anos 1970 por estudantes universitários e secundaristas.

a projetar a música regional de forma a fazer sucesso e se apresentar em canais de televisão, como Bandeirantes e SBT, sendo diluído no ano de 1983.

Assim percebemos o quanto o movimento pode ser percebido de forma mais ampla, visto que, a partir do exposto, podemos vislumbrar que os estudantes estavam preocupados com questões que afligiam a sociedade e não apenas a universidade e a escola. A entrevistada Márcia Beatriz nos leva a refletir sobre isso:

> Andrey: Vocês tinham essa definição do que era movimento estudantil e do que não era?
> Márcia Beatriz: [...] naquela época ele assumia esse perfil apesar d`eu, na época, não identificar. Mas era um movimento, muito mais ideológico n`é? Diferente dos movimentos de reivindicação que a gente tem hoje, ideológico nesse sentido, de entender o estudante enquanto ator social. De que tem uma história a ser construída, de que tem uma passagem pela história, ou local, ou no contexto mais nacional. Mas que a gente, é, não percebia, não tinha essa definição, mas agia assim.[59]

Essas passagens nos inspiram a pensar o movimento estudantil de forma mais ampla. Ao interpretar o passado, ela afirma que "não tínhamos a leitura, a concepção de ser um movimento mais amplo" [60], apesar de eles estarem ocupando outros espaços na sociedade além das faculdades. Hoje ela percebe que o movimento compunha espaços mais amplos e que os seus projetos e anseios ultrapassavam os muros da universidade. Ela, por exemplo, participava de teatro de rua, assim como outros estudantes, que se envolviam com outros grupos da cidade preocupados com a produção e divulgação da arte. Isso é evidenciado nos concursos de poesias, crônicas e música realizados no Centro Cultural da cidade e com apoio da prefeitura, da FUNM e outras instituições privadas. Márcia Beatriz aponta que, dependendo da gestão que estava à frente dos diretórios estudantis, "aí associava junto com o movimento de moradia, participava junto, movimento sem terra, participava junto".[61] Já Gy Reis indica que havia uma articulação entre os estudantes e as pastorais da Igreja, as sociedades civis, clubes de serviço e outros.

Essas falas nos levam a pensar que os estudantes ocuparam diferentes espaços e movimentos na cidade, o que, no dizer de Márcia Beatriz, explica o fato de o

---

[59]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.
[60]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.
[61]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

movimento estudantil ter sido ideológico. A partir dessas falas de estudantes que estiveram ligados de alguma forma a entidades, já podemos indicar as nuanças de um movimento aberto.

1.2 Estudantes e imprensa: debates e críticas [62]

A FUNM, atual UNIMONTES, é um dos lugares que revelam histórias repletas de lutas, sonhos e formulações de projetos indicativos de anseios e desejos de mudança vivenciados por sujeitos sociais na cidade de Montes Claros e, porque não afirmar, na região, no estado e no país. Nos intervalos e, por vezes, durante as aulas, nos corredores das faculdades, nas reuniões dos diretórios acadêmicos, nos encontros casuais nas ruas da cidade, nas calouradas, em plena década de 1980, os temas nas rodas dos estudantes eram o aumento das anuidades, a defesa do ensino superior público e gratuito e o fim da Ditadura. Nesse mesmo bonde, discutia-se democracia e os rumos que o movimento estudantil deveria seguir. Esse conjunto articulado de bandeiras de luta, levantadas pelos estudantes na cidade de Montes Claros, integrava parte de um movimento mais amplo vivenciado em diversas regiões do país, embora alguns estudantes não conseguissem avaliar naquele momento as proporções mais amplas que suas reivindicações atingiam.

Ao contrário dos anos 1960, em que a cena política era protagonizada, em sua grande maioria, pelos universitários advindos das faculdades públicas, a ambiência sociopolítica dos anos 80 mobilizou também os estudantes das faculdades particulares nas lutas contra o aumento das anuidades e por um ensino superior público, gratuito e de qualidade. Desde os anos 1970, os governos militares iniciaram um processo de expansão das faculdades particulares por todo país, a ponto de, nessa mesma década,

---

[62]As reflexões apresentadas nesse item acerca da imprensa são fruto de discussões realizadas na disciplina Seminário de Pesquisa da Linha de Pesquisa "Trabalho e Movimentos Sociais" do mestrado em História Social da UFU, que foram problematizadas pela Profª. Dra. Marta Emísia Jacinto Barbosa e incorporadas na escrita do texto. BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. Famintos do Ceará. *In*: FENELON, Déa Ribeiro *et all*. (orgs.) **Muitas memórias, outras Histórias.** São Paulo: Olho D`água, 2004, p.94-115. Ver: CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**. São Paulo, n.35, jul/dez, 2007, p. 255-272. WILLIAMS, Raymond. A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica. **Projeto História**. São Paulo, n.35, jul/dez 2007, p. 15-26.

elas representarem 80% do ensino superior, em janeiro de 1976.[63] Essa reconfiguração do ensino superior brasileiro imputou uma nova dinâmica ao movimento estudantil, bem como um rearranjo na agenda política estudantil. A UNE, entidade estudantil que contribuiu para projetar o movimento estudantil em nível nacional e internacional, com grande insistência de inúmeros estudantes, estava sendo reconstruída desde meados de 1977, com o propósito de reorganizar as entidades estudantis no país. Mesmo pressionados pela Ditadura, os estudantes procuravam reconstruir toda uma rede de relações sociais e informações que promovia a oxigenação do movimento.

Em Montes Claros, a história não foi diferente. Nos anos 80, os estudantes que estavam vinculados às entidades estudantis representativas da FUNM participaram de diversos congressos da UEE-MG e da UNE. Alguns deles chegaram a constituir gestões das mesmas entidades. O montes-clarense Sidôneo Paes Ferreira Júnior, que, após concluir os estudos secundários em Montes Claros, ingressou na Faculdade de Economia da UFMG em Belo Horizonte, por exemplo, foi diretor da UEE-MG e representante da região norte de Minas Gerais no ano de 1980. A entrevista foi concedida a Miguel Vinícius, então repórter do Jornal do Norte, presidente do DA-FAFIL e um dos fundadores do PT na cidade. A existência do representante da região em várias gestões da UEE-MG indica a disputa e a preocupação dos diversos grupos em organizar o movimento e capitanear adeptos para divulgação de seus projetos. Ele, que era integrante da chapa Mutirão, vencedora da UEE-MG em 1979, ao ser entrevistado pelo Jornal do Norte, em 1980, em página inteira, constata que na época o movimento tinha uma característica:

> diferente, não apenas a estudantil como também a de todas as oposições brasileiras. As movimentações caminham sem ter apoio ou não de suas entidades, mas esse movimento ajuda a fortalecer as suas representações. Entendo ser tudo isso um movimento dialético com o seu processo de organização.[64]

---

[63] Arthur José Poerner salienta que o problema dos excedentes (os aprovados nos vestibulares que não conseguiam vagas) incitou o Ministério da Educação e da Cultura a incentivar de forma desordenada a criação de cursos superiores, em especial de faculdades particulares. Esse aumento esdrúxulo de cursos superiores e faculdades particulares acabou por criar outros problemas, como o excesso de mão de obra em algumas áreas (Direito, Economia e Pedagogia) e má formação dos profissionais. A partir daí, Poerner afirma que "problemas como esse contribuíram para engrossar o caldo de protestos que, afinal, haviam surgido em torno de questões especificamente estudantis: por mais verbas, em São Paulo, e contra o aumento exorbitante das anuidades, no Rio". POERNER. Artur J. **O poder jovem.** História da participação política dos estudantes brasileiros. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979, p.305.

[64]**APAMF**. Jornal do Norte, 04 de janeiro de 1980, p.03.

Essa abertura para publicação de uma entrevista com um líder estudantil, em momento de reestruturação das entidades estudantis no país, é, no mínimo, um fato curioso, que pode ter ocorrido devido ao fato de haver a presença de estudantes na redação do periódico, nesse caso Miguel Vinícius, então presidente do DA-FAFIL que foi quem o entrevistou. Tal passagem também nos indica que os estudantes, dentre outros moradores da cidade, transitavam por diversos espaços na sociedade, independente de entidades representativas. Nesse período, as entidades estudantis estavam se reorganizando, o que explica o porquê dessa característica "diferente". Um novo momento exigia novas formas de intervenção e agendas políticas, bem como de reorganização do movimento e das entidades estudantis que foram censurados pela Ditadura Militar. A reformulação de ideias e propostas, gradativamente, ganhou maior inserção nos debates travados pelos estudantes daquele momento.

Em meio à publicação de uma entrevista com um estudante que traçou as expectativas para o início do ano de 1980, foram publicados textos sobre "a crise econômica que afeta o Brasil" conforme a Câmara de Dirigentes Lojistas, o aumento do preço da carne, o registro de atas da Associação Comercial e Industrial – ACI – de Montes Claros para organização da classe empresarial da região, compunham os temas desse momento. Entre temas relacionados à economia da cidade, uma entrevista com um estudante representante da UEE-MG que discorre sobre o momento e o ano que se inicia, pode ser que tenha relação com o fato de o repórter ser o presidente do DA-FAFAIL e um dos fundadores do PT, que parece ser a mesma predileção do entrevistado. A página abaixo do Jornal do Norte do dia quatro de janeiro de 1980 expressa o supracitado.

FIGURA 7

CIDADE

SESC tem vacinação e abreugrafia para os comerciários

José Gonçalves diz que até o governo não está satisfeito

Coordenador-geral da UEE mostra força estudantil

Açougueiro diz qual foi o aumento

Prioridade para os registros de atas

Momento é difícil. CDL quer omissão para não complicar mais a situação existente

Brevemente é agora!

A clicheria do seu

JORNAL DO NORTE

já está funcionando

☆ Clichês através de célula fotoelétrica
☆ Confecção em apenas dez minutos
☆ Sistema sem similar no Estado
☆ A melhor qualidade no menor tempo

Venha conhecer o que há de melhor e mais moderno em clicheria em todo o estado.

JORNAL DO NORTE

- Uma nova liderança -

Praça dr. Chaves, n. 9

Página do Jornal do Norte, **APAMF**. Jornal do Norte, 04 de janeiro de 1980, p.03.

Nessa época, havia todo um debate que movia os estudantes do período: a reconstrução da UNE e da UEE. No ano de 1979, uma edição da Revista Montes Claros em foco realizou uma série de reportagens sobre a história da UNE e a situação do movimento estudantil em Montes Claros, bem como uma entrevista com Paulo Freire

que, na ocasião, falou sobre o seu método de Educação como prática de liberdade. O conjunto da revista indica um teor crítico ao tratamento oferecido pela Ditadura à Educação e aos estudantes. Como essa revista possuía pequena circulação, sendo que entre seus assinantes estavam principalmente as famílias com maior poder aquisitivo, também é um fato curioso, pois essa publicação que teve na capa uma chamada em destaque para a história do movimento estudantil, acabou por apresentar o tema em quase todas as páginas. Ressaltamos que Felipe Gabrich, estudante e presidente do DA-FADEC em 1979 e início de 1980, também trabalhava na redação desse periódico.

Sidôneo Paes enfatizou que a UNE e a UEE eram quase que desconhecidas pelos estudantes da cidade de Montes Claros no final dos anos 70. Em publicação na Revista Montes Claros em foco, Miguel Vinícius, presidente do DCE-FUNM, ao opinar sobre o fato, declarou que:

> o estudante montesclarense viu com muita perplexidade as eleições sobre a UNE e a UEE, por total desconhecimento das entidades, o que vem provar que nestes 15 anos de Ditadura, o governo conseguiu afastar os estudantes de suas entidades representativas. Durante a campanha eleitoral, quando entrávamos nas salas de aula, tínhamos que destrinchar o que é a UEE, a área de atuação da UEE, para que serve a UEE [65].

A retomada do movimento estudantil, por todo o país, era verificada sob esta insígnia: a da falta de informação e articulação entre entidades e base estudantil. Mesmo assim, em outros momentos, representantes de entidades estudantis, como a UEE-MG, vieram até a cidade para discutir sobre o movimento. O presidente da UEE-MG no ano de 1981, Américo Antunes, esteve em Montes Claros em reunião com os DA's e traçou metas para o reconhecimento estadual da mesma entidade – a saber, a UEE e também a UNE –, a anistia do crédito educativo e eleições diretas para eleição de diretores das faculdades.[66] Desse modo, a retomada do movimento configurava-se aos poucos com a divulgação das lutas estudantis, além da transitoriedade da vida acadêmica que promovia a renovação constante do quadro de alunos. Esse caráter transitório da vida de

---

[65] Revista Montes Claros em foco. Ano XII nº. 37, novembro de 1979. Esta revista era confeccionada em Belo Horizonte e circulava entre grupos que tinham um poder aquisitivo maior na cidade de Montes Claros.

[66]**APAMF**. Jornal do Norte, 13 de março de 1981, p. 01. Jornal do Norte, 14 e 15 de março de 1981, p. 03. Essa temática foi publicada duas vezes no periódico. A segunda vez, que diz respeito aos dias 14 e 15, é referente a apenas uma publicação dos dias sábado e domingo, sendo essa uma característica do Jornal do Norte.

estudante é um fator determinante que proporcionava contornos ímpares ao movimento, pois, quando as gestões das entidades modificavam as formas de luta e reivindicações, ganhavam alterações diversas. Por isso, o fazer-se e o refazer-se do movimento constituía-se como sua tônica constante do momento.

Nas páginas do Jornal do Norte, a presença das reivindicações específicas do movimento encontrava-se expressa em vários lugares e momentos. Essa teia de relações era construída com dificuldades, devido à falta de verbas para patrocinar viagens a encontros estudantis e produzir panfletos e jornais das entidades. Não obstante, os estudantes encontravam formas de articularem suas ações às lutas históricas do movimento. Em um caderno com recortes de jornais intitulado "Denúncias", que está disponível para consulta no arquivo da Divisão de Pesquisa e Documentação Regional – DPDOR – da Unimontes, há um recorte do Jornal do Norte do mês de agosto de 1983 em que uma matéria foi enviada à sua redação por estudantes ligados ao DCE. Essa matéria dizia que:

> O DCE em conjunto com a UEE fará grande mobilização para marcar o 'Dia nacional de luta', fazendo um manifesto de repúdio ao ato de entrega da nação ao abuso do FMI, contra os pacotes recessórios que, segundo o DCE, causam a repressão na economia brasileira já penalizada por dois anos de política errada. Os estudantes nesse dia reivindicaram subsídios para as escolas federais e pró-federalização da FUNM. Conforme o tesoureiro do DCE, Marcelo Alkimim, o DCE promoverá o 'Dia nacional de luta' com a participação ativa da UNE e, neste dia, terá apoio dos sindicatos, bem como das associações de moradores de bairro de Montes Claros.[67]Sic

O texto escrito está carregado de sentidos, principalmente evidenciados através de palavras e expressões como "repúdio", "abuso", "manifesto", "dia nacional de luta" e "ato de entrega da nação". É no mínimo curioso o tom e o jogo de palavras utilizado pelo jornal para discorrer sobre o assunto, pois, afinal, esse texto mais parece ser de um estudante ligado a ideias esquerdistas. Por meio dessa passagem, podemos indagar sobre as relações construídas entre UNE, DCE, sindicatos e associações de moradores. O movimento estudantil constituía uma rede de relações construídas pelos sujeitos sociais residentes em Montes Claros, que indicavam como pessoas se movimentavam em uma sociedade e encontravam formas de enfrentamento de questões cotidianas relacionadas a lutas maiores na construção de territórios e espaços de

[67]**DPDOR**. Recorte do Jornal do Norte, 06 e 07 de agosto de 1983.

expressão política. A amplitude do movimento pode ser compreendida com esse "dia nacional de luta", que evidencia um conjunto de reivindicações explicitadas nas agendas estudantis que, por conseguinte, clamavam por mudanças na realidade econômica brasileira e internacional – as críticas ao FMI. No que diz respeito ao caderno de colagens disponível para consulta na DPDOR, no caderno "Denúncias" estão disponíveis notícias e reportagens de críticas tanto – e principalmente – dos estudantes, quanto de outros grupos referenciados aos estudantes. Há críticas dos estudantes ao diretório, de uma faculdade ao diretório, dentre outras. Ou seja, esses textos, como um conjunto, ganham novos sentidos dispostos na composição das colagens. A vivacidade das práticas e atuação do jornal percebida a partir da circularidade dos temas nas diversas páginas é destituída de seus sentidos e projetos, até mesmo porque muitos dos recortes não possuem a referência dos seus lugares na geografia do periódico.

Os estudantes então tramitavam por vários espaços, inclusive as associações de bairro de Montes Claros. A referência ao apoio das associações de bairro ao Dia nacional de luta revela a rede de relações existentes entre os diversos moradores de bairros. Do caderno de colagens de recortes de jornais e documentos de Gy Reis, já mencionamos a notícia "Associação de moradores apóia o passe escolar". O texto faz referência à campanha dos estudantes secundaristas pelo direito de pagarem meia passagem nos ônibus, citando o presidente da Associação da Vila Oliveira e Mauricéia, Edmar Pereira Santos, que "revelou que o objetivo foi de solicitar ao prefeito Luiz Tadeu Leite e aos vereadores para que o passe escolar se torne uma realidade, pois a maioria dos estudantes não tem condições de pagar lotações todos os dias"[68], e pontua que outras associações estariam juntas nessa luta. A relação do DEMC com outros grupos civis não ocorreu apenas nessa ocasião. No ano de 1979, momento em que os trabalhadores se uniram com o propósito de criar a primeira associação dos trabalhadores vinculados ao setor industrial de Montes Claros, a reunião foi realizada na sede do DEMC.[69] Nesse mesmo ano, em uma carta aberta à população, doze entidades manifestaram apoio aos trabalhadores demitidos pela Peugeot, dentre elas, o DCE, a

[68]**APGRGM**. Caderno de recortes de jornais. Recorte de jornal, 1984. (Jornal não identificado)
[69]Livro de Atas da Associação Profissional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Montes Claros, 1979, p.01. Ver: SILVA, Gerlice M. Trabalhadores e sindicatos em Montes Claros-MG na década de 1980. **Revista Iniciação à história**. Montes Claros, v.3-n.01, p.51-64, 2004.

Associação dos Professores do Norte de Minas, Sindicato dos Comerciários de Montes Claros, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, e Círculo Operário.[70]

Desse modo, podemos notar que os estudantes estavam articulados com as diversas entidades existentes na cidade. Essa articulação não se dava apenas por meio de apoio a lutas, mas a partir de intervenções diretas. Pedro Júlio Procópio que ingressou como estudante do curso de Ciências da FUNM em 1985 e foi presidente do DA-FAFIL em 1987, também foi vice-presidente da Associação de Moradores do Bairro da Vila Brasília nesse mesmo período. Podemos perceber, a partir do mapa abaixo, que esse bairro localizava-se próximo ao centro de Montes Claros, mas, mesmo assim, enfrentava diversos problemas estruturais, como falta de asfalto, esgoto, saneamento básico, dentre outros.

O referido mapa foi produzido em 2006 pelo professor do curso de Geografia da Unimontes, Marcos Esdras Leite. É, pois, evidente que a constituição e organização dos bairros nos anos 80 não têm a mesma configuração presente no mapa, mas, a partir dele, podemos perceber a localização das faculdades e alguns espaços que os estudantes compuseram como chave na atuação para alcançar os seus objetivos. O centro era a referência para todos os atos públicos, passeatas e movimentações dos estudantes, principalmente nos pontos estratégicos, como a Praça da Catedral e a Praça da Matriz, que se localizava a uma quadra da FAFIL.[71] Os estudantes geralmente se organizavam em frente à FAFIL e saíam em passeatas, passando pela Praça da Matriz e realizando a culminância em frente à Catedral de Montes Claros, lugares estes de grande movimento de pessoas na cidade. A FUNM, hoje Unimontes, localiza-se na Vila

---

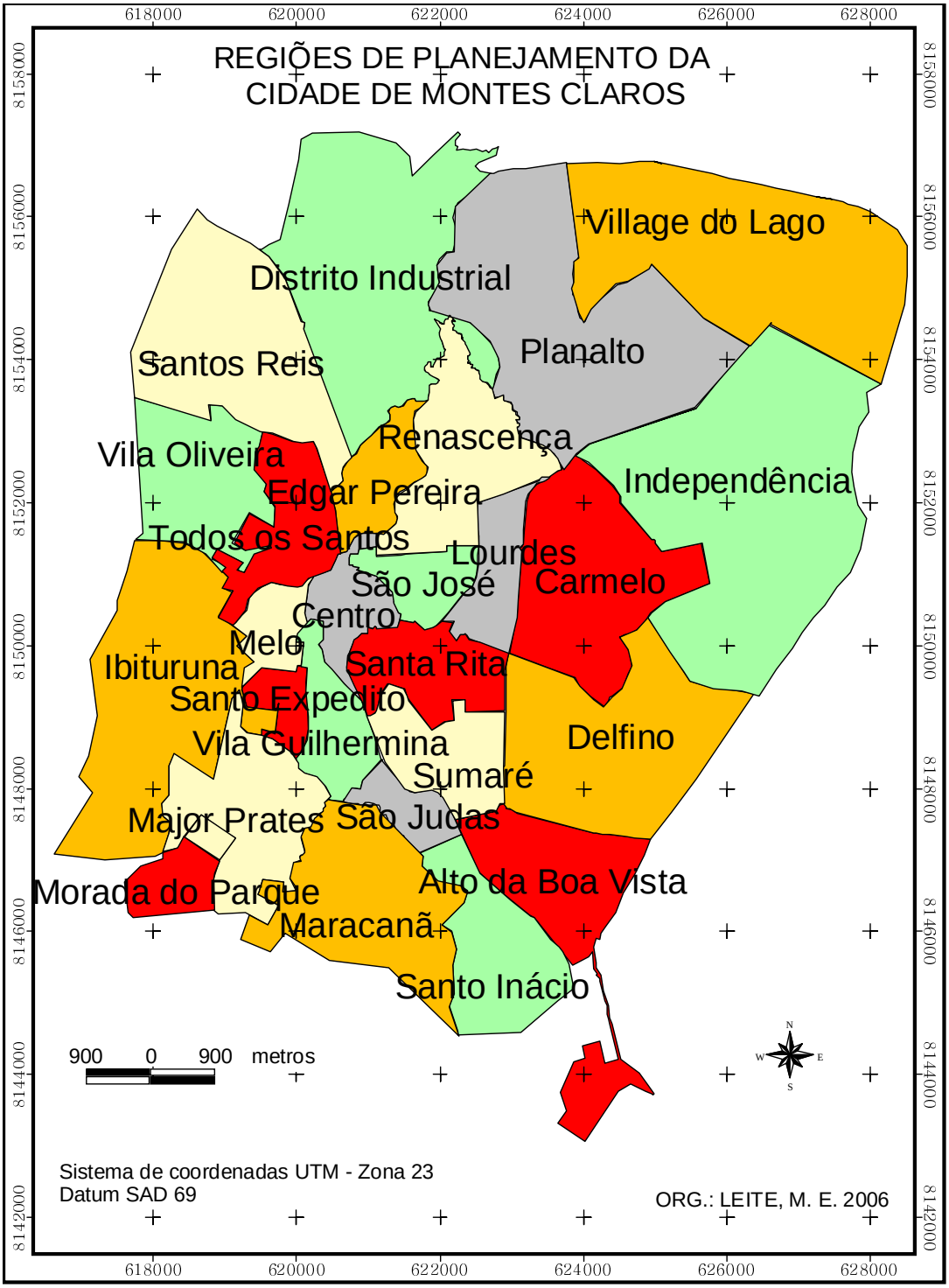
[70]Associação dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Montes Claros. Carta aberta à população de Montes Claros. Documento elaborado por Alvimar Ribeiro dos Santos. Ver: SILVA, Gerlice M. Trabalhadores e sindicatos em Montes Claros-MG na década de 1980. **Revista Iniciação à história**. Montes Claros, v.3-n.01, p.51-64, 2004.

[71]Os geógrafos Marcos Esdras Leite e Anete Marília Pereira, ao analisarem o processo de crescimento e ocupação de Montes Claros na segunda metade do século XX, dividiram a cidade em seis regiões: centro, centro-oeste, norte, sul, leste e oeste. Para eles a região definida como central possuía organização complexa na década de 1970, pois nela coexistiam usos residencial e comercial. Sendo a localidade de maior desenvolvimento da cidade, era composta, além do centro, pelos bairros: São José, São João, Morrinhos, Vila Guilhermina, Sumaré, Santa Rita, Lourdes, Francisco Peres. Eles ressaltam que todos esses bairros possuíam dimensão menor e que nos últimos trinta anos o centro veio a ser uma região privilegiadamente comercial. Já a região norte foi a que mais cresceu, em virtude do Distrito industrial que abrigava inúmeras fábricas que vieram para a cidade. Nesse momento os Bairros Renascença e Santos Reis já eram bastante populosos, sendo que depois da implantação das indústrias surgiram oito bairros: Jardim Eldorado, Santa Eugênia, Vila Antônio Narciso, Vila Atlântida, Esplanada do aeroporto, Vila Ipê, Alice Maia e Vila Regina, além de três favelas, São Vicente, Morro do Frade e Tabajara. LEITE, Marcos Esdras; PEREIRA, Anete Marília. A expansão urbana de Montes Claros a partir do processo de industrialização. *In*: PEREIRA, Anete Marília; ALMEIDA, Maria Ivete Soares de.(orgs) **Leituras geográficas sobre o norte de Minas Gerais**. Montes Claros: Unimontes, 2004.

Mauriceia que fica à esquerda do centro, ao lado da Vila Brasília. Nesse momento, outros bairros surgiam e cresciam, principalmente com a vinda de migrantes para cidade. O Distrito Industrial era o lugar principal que alocava as indústrias que vieram em função da industrialização de Montes Claros. Bairros como Morrinhos e Santos Reis acabaram por se tornar alguns dos lugares em que esses migrantes foram viver, conhecidos como bairros operários, visto que muitos dos seus habitantes trabalhavam nas fábricas instaladas na cidade.[72] O mapa abaixo representando as principais regiões de Montes Claros nos permite visualizar a geografia dos bairros na cidade. Cada uma dessas regiões é composta por bairros, sendo que os bairros de maior destaque tiveram seus nomes atribuídos às regiões.

[72]Quanto ao papel desempenhado pela SUDENE no processo de industrialização do nordeste há um debate acadêmico instigante: a) o enfoque cepalino que foi predominante nos anos 1950 sob a influência intelectual de Celso Furtado, b) a visão marxista hegemônica nos anos 1970 e 1980, com a proeminência de Francisco de Oliveira. Quanto às correntes de pensamento, elas representam um debate travado entre os pesquisadores acerca do papel da SUDENE no nordeste. Na década de 1950, o desenvolvimento desigual entre o Centro-Sul e o Nordeste, com a industrialização crescente do primeiro, acabou por vir a ser um campo propício para a emergência de uma política econômica por parte do Estado que estivesse preocupado com o desenvolvimento do Nordeste, inspirado no pensamento cepalino de Celso Furtado e materializado na criação da SUDENE em 1959. Furtado, em seu pensamento, propõe a SUDENE como projeto nacional de desenvolvimento, que se traduzia pela industrialização, pelo planejamento e protagonismo estatal, com medidas de distribuição de renda e pelo amadurecimento de instituições democráticas. A crescente internacionalização da economia brasileira, alavancada no governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), contribuiu para aumentar o caráter desigual, embora articulada, entre a economia nordestina com o setor industrial. FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil.** 27 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Publifolha, 2000. [1 ed. 1959]. Nesse debate, a visão marxista do processo representada por Francisco de Oliveira teceu severas críticas ao pensamento cepalino. O autor afirma que as consequências do processo de industrialização em curso desde o primeiro Governo Vargas e, em especial, da industrialização incentivada no Nordeste: "[...] é inegável que a economia do Nordeste integrou-se completamente à economia nacional. Perde, pois, qualquer sentido continuar a falar em 'economias regionais' no Brasil". Posteriormente, ele ressalta que a burocratização da SUDENE "em continuar a colocar os problemas do Nordeste como 'regionais' é, agora, historicamente, reacionária; apenas serve para azeitar os eixos dos mecanismos do capital monopopulista [...] aponta, no limite, para a dissolução das 'regiões', enquanto espaços de produção e apropriação do valor especiais e diferenciados [...]". OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(li)gião:** SUDENE, Nordeste, Planejamento e Conflito de Classes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. Ver: PEREIRA, Laurindo Mékie. Reflexões sobre a atualidade e operacionalidade do materialismo histórico nos estudos das identidades regionais. **Historia & Perspectivas**. Uberlândia, n.40, p.117-150, jan. jun. 2009.

FIGURA 8



Mapa das Regiões de Planejamento de Montes Claros, produzido pelo professor Ms. Marcos Esdras Leite, em 2006.

Juntamente com a chegada desses migrantes, houve o surgimento de novos bairros e novas associações de moradores na cidade. Muitos desses migrantes que chegaram a Montes Claros logo conseguiram emprego, posteriormente trouxeram outros familiares para morar na cidade e integraram os diversos espaços dos bairros, reivindicando melhorias para as ruas esburacadas e para o saneamento básico.[73]

Pedro Júlio Procópio, em entrevista realizada em julho de 2009 em uma casa na Vila Brasília, localidade em que foi vice-presidente da associação no final dos anos 1980, falou sobre o anseio de mudança vivenciado por ele e seus pares:

> Andrey: Em que bairro você morava? [...] Você participava de associação de bairro? [...]
> Pedro Procópio: [...] E eram pessoas que se preocupavam, que se incomodavam com as questões todas, n`é, da cidadania. De tudo n`é? Do governo do estado. Então, em tudo a gente procurava de alguma forma estar manifestando. Então, nós, além do movimento estudantil em si, n`é, a gente se incomodava com todas as coisas. Na época nós éramos universitários e politicamente ativos. A gente não concordava com muita coisa e manifestava esse desconforto. Tanto dentro da faculdade, que ainda não era universidade, quanto na cidade.[74]

Montes Claros passava por um crescente processo de urbanização e os seus problemas estruturais eram percebidos, pois a cidade não tinha a preparação para receber os novos moradores vindos principalmente do campo. Dos anos 1980 até o ano de 2006, quando o mapa foi produzido, novos bairros surgiram, tendo se modificado até as delimitações dos antigos bairrros da cidade, mas mesmo assim podemos visualizar a disposição dos bairros na composição mais geral. De acordo com o que acompanhamos nas reportagens dos jornais e na entrevista com Nivaldo Cardoso, mesmo bairros próximos ao centro passavam por problemas estruturais, como Morrinhos que, assim como Vila Brasília, não possuía saneamento básico, asfalto e esgoto.

O Senhor José Nivaldo Cardoso, que participou do movimento estudantil secundarista nos anos 1970, foi um dos fundadores do PT em Montes Claros e foi presidente da Associação do Bairro Morrinhos. Em entrevista em julho de 2009, quando perguntado sobre o bairro, falou um pouco sobre como era naqueles anos. Ele disse que as ruas, todas, não eram asfaltadas, com a luz “muito fraquinha”: “Esse Bairro

---

[73] Ver: VELOSO, Cândida Maria dos Santos. **Outros modos de viver:** pobreza urbana em Montes Claros (1960-1980). 2002. 185 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

[74]PROCÓPIO, Pedro Júlio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de julho de 2009.

Morrinhos, muito pequeninho, sabe? Cresceu de um tempo p`ra cá n`é? E Montes Claros sofreu um inchaço, n`é? Cresceu sem infraestrutura, n`é? [...] Só tinha o centro da Matriz, ali. E, aqui, o Morrinhos, poucas casinha".[75] Ele disse ainda que o Morrinhos se chamava Morro Dona Germana. E ainda afirmou que, em meio a todas essas dificuldades, o PT foi fundado no Morrinhos, que tudo começou com ele, que, também, foi um dos criadores do bloco de rua Feijão Maravilha.

Essas eram formas de integração da cidade, ora pelo viés da disputa pela reivindicação com a associação e, posteriormente, com o partido, ora por meio da diversão com a criação de um bloco de rua que animava o bairro quando chegava o carnaval.

Júlio Procópio relata que, apesar de a Vila Brasília localizar-se numa região relativamente central[76], possuía todos os problemas como os outros bairros afastados do centro. Dentre os problemas, a questão da falta de asfaltamento das ruas, saneamento urbano, "cachorro na rua", "muriçoca", loteamentos, buracos nas ruas, segurança pública, lazer e outros compunham a lista de reclames. Ele disse que a maioria dos estudantes que integravam as entidades estava engajada ora nas comunidades, ora nos sindicatos.

Como esses estudantes sabiam das dificuldades enfrentadas nos seus bairros, pois todos os dias se deparavam com os problemas citados acima, eles procuravam integrar esses espaços e lutar pelo direito de construir uma cidade diferente. Tanto que, "na época a gente trabalhava em função de conseguir uma quadra poliesportiva, uma pracinha mais organizada". Diferentes espaços e de mobilização por conquistas - "para toda a comunidade, todo o bairro, toda a cidade" -, e maneiras articuladas de organização coletiva – "muitas vezes se a comunidade não entra em acordo, n`é, em conjunto, e reivindica, acaba passando batido, n`é?".[77]

---

[75]CARDOSO, Nivaldo José. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 09 de setembro de 2009.

[76]O Bairro Vila Brasília localiza-se na região centro-oeste que, na década de 1970, era uma região de classe média alta, onde residiam fazendeiros, médicos, advogados, engenheiros e chefes políticos. A região abrangia os bairros Todos os Santos, São Luiz, Melo e Santa Maria, todos dotados de boa infraestrutura. Com a ocupação de espaços vazios à margem esquerda do Rio Vieira, surgiram três novos bairros: Vila Brasília, Vila Três Irmãs e Vila Santo Antonio. Conforme Leite e Pereira, o padrão de renda dos moradores dessa região praticamente permaneceu o mesmo, exceto a população desses novos bairros que são considerados bairros de classe média baixa. LEITE, Marcos Esdras; PEREIRA, Anete Marília. A expansão urbana de Montes Claros a partir do processo de industrialização. In: PEREIRA, Anete Marília; ALMEIDA, Maria Ivete Soares de. (orgs) **Leituras geográficas sobre o norte de Minas Gerais.** Montes Claros: Unimontes, 2004.

[77]PROCÓPIO, Pedro Júlio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de julho de 2009.

Os jornais que circularam na cidade no período publicaram diversas notícias sobre essas dificuldades enfrentadas pelos moradores dos bairros de Montes Claros, sendo que nesse momento os seus representantes se dirigiam ao poder instituído para reivindicar melhorias. Nesse ritmo, os estudantes movimentavam a/na cidade reivindicando e lutando por um lugar que julgassem digno de viver. Não se tratava apenas de estudantes, mas filhos de trabalhadores e trabalhadores, moradores da cidade, que construíam diferentes relações nos bairros e vivenciavam os problemas da cidade no cotidiano.

As histórias de Pedro Júlio Procópio e Nivaldo José Cardoso se cruzam com outras na constituição dos movimentos sociais em Montes Claros, haja vista que a partir dos materiais referenciados aqui podemos visualizar como elas compõem, "na multidão de trajetórias as mais díspares", uma presença importante dos estudantes na constituição do espaço urbano. Ao longo dessas trajetórias que vieram dos grupos de jovens da Igreja, passaram pelo movimento secundarista, grupos ligados à produção da arte, partidos, movimento universitário, sendo que hoje muitos deles compõem sindicatos e outros movimentos sociais na defesa do direito do professor, da mulher e outros, esses sujeitos transitam pela cidade, constituem práticas, elaboram reivindicações, defendem interesses e expressam suas vontades, constituindo-se nessas lutas.[78]

A terceira página do Jornal do Norte, que geralmente era o lugar dedicado aos assuntos da "Cidade", retrata alguns dos problemas vividos pelos moradores de Montes Claros nos anos 1980. Publicado no dia nove de novembro de 1989, na sexta-feira,[79] esse periódico, especialmente nessa página, indica outra face de uma cidade que, supostamente, teria sido agraciada com as benesses da industrialização e da urbanização, proporcionada principalmente desde os anos 1960, com a integração do Norte de Minas à Área Mineira da SUDENE. A fotografia da referida página do jornal serve de subsídio para analisarmos a relação entre o jornal e a cidade, bem como uma das formas por que os sujeitos sociais que vivem no município são representados nas páginas da imprensa.

---

[78]SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena.** São Paulo: Paz e Terra, 1988.
[79]**APAMF**. Jornal do Norte, 10 de novembro de 1989, p. 03.

FIGURA 9

CIDADE

Muriçocas só serão extintas com saneamento dos córregos

MORADORES RECLAMAM CONTRA QUEBRA-MOLAS

Quebra-molas sem sinalização

Somente com saneamento dos rios e córregos se erradicará as muriçocas

O secretário Municipal de Planejamento, Petronilho Narciso, declarou ser preciso que a população se conscientize que não será com inseticidas que a Prefeitura de Montes Claros vai resolver o problema da proliferação de muriçocas no município. Entende ser necessário o desenvolvimento de trabalho de retifica ção, canalização e instalação de interceptadores sanitários na bacia hidrográfica do município, cujo principal afluente é o rio Vieira.

Explicou que somente a execução desses serviços resolverá de forma definitiva o problema da muriçoca e demais transtornos sanitários decorrentes de esgoto a céu aberto. Acrescentou que as muriçocas são consequência de décadas de descaso das administrações para com o problema de saneamento básico. Lembrou, inclusive, que o ex-prefeito Antônio Lafetá Rebelo, quando construiu a avenida Deputado Esteves Rodrigues (Sanitária), tinha as mãos o material necessário para a instalação dos interceptadores, mas, não se sabe por qual motivo, não efetivou o serviço.

Afirmou que este é um dos principais problemas que o administração do prefeito Mario Ribeiro pretende enfrentar, junto com a Copasa, que, inclusive, tem um Plano Diretor de Saneamento básico para o município.

Disse existir um propósito "de fôlego" em implantar interceptadores sanitários em pontos considerados críticos, a princípio, nas localidades consideradas de maior densidade demográfica, como no trecho entre o bairro Ibituruna e a avenida Sanitária, no trecho onde vai se situar o "Rio Parque Guimarães Rosa", ou seja, a partir da ponte que leva ao Paiquê do Sapucaia até a ponte do bairro Ibituruna, e no córrego "Melancia", a partir do bairro Santa Antônio até o Interlagos.

CUT PROMOVE JORNADA NACIONAL CONTRA O PAGAMENTO DA DÍVIDA

A Central Única dos Trabalhadores (CUT) em Montes Claros estará promovendo domingo, dia 12, uma jornada continental contra o pagamento da dívida externa. Alvimar Ribeiro Santos, presidente da entidade a nível regional, salienta ser intenção da central promover concentrações e passeatas em diversos pontos da cidade no domingo. O convite para a jornada está sendo distribuído no centro da cidade em forma de uma nota de 100 dólares.

"Chega de jogar nosso dinheiro fora", esta é a chamada que faz a CUT no convite, onde alerta sobre a situação atual em que se encontra o País, que paga por ano 20 bilhões de dólares somente com os juros da dívida externa. Frisa a central que em 1980 a dívida era de 65,2 bilhões de dólares e hoje está em 112,3 bilhões. "Pagamos mais do que o dobro que devíamos e ainda estamos devendo o dobro".

A CUT critica o governo que para manter o acordo com os banqueiros internacionais arrocha salários, destina a maior parte da produção para gerar dólares, corta serviços públicos essenciais em saúde, educação, saneamento, transporte, abastecimento e moradia. "O pagamento da dívida externa ainda aumenta a dívida pública e é a maior causa de inflação e do risco de hiperinflação", finaliza a Central.

CUSTO DE VIDA EM MONTES CLAROS SUBIU 3,46% EM SETEMBRO

Levantamento feito pela Faculdade de Administração e Finanças (Fadec) revela que o Índice de Preços ao Consumidor de Montes Claros apresentou em outubro uma variação positiva de 34,46 por cento, percentual inferior ao verificado no mês de setembro, que foi de mais 41,74 por cento. A variação acumulada do IPC-Moc, nestes 10 meses de 1989 foi de 920,83 por cento. No mês passado, as variações a nível de grupo foram: serviço público e de utilidade pública 47,82 por cento; outros serviços 46,80 por cento; produtos não alimentares 38,74 por cento; e alimentares 26,95 por cento.

AUMENTO MÉDIO

De acordo com o IPC-Moc, o aumento médio do grupo alimentação, pelo segundo mês consecutivo, funcionou como elemento de descompressão da inflação. O sub-grupo "Alimentação fora da residência" apresentou uma alta média de 32,74 por cento, e no sub-grupo "alimentação no domicílio foi observada uma alta de 26,79 por cento. A maior alta do mês foi para o grupo serviço público e de utilidade pública e o grupo outros serviços teve uma elevação de 46,80 por cento devido às altas ocorridas nos serviços médicos, domiciliares e veicular próprio.

CUSTO DA CESTA

Levantamento feito pela faculdade também revela que o custo da cesta alimentar essencial mínima do trabalhador assalariado da cidade, foi de NCz$ 210,98, ocorrendo, em relação ao mês anterior uma variação de 31,49 por cento.

CARTORIO DE PROTESTO JORGE ANTONIO DOS SANTOS

Prefeitura de Montes Claros

DECRETO Nº 1.060-A, de 1º de novembro de 1989

Reajusta Vencimentos do Pessoal Contratado em regime CLT, inclusive o Pessoal do Magistério, área de Educação.

O Prefeito Municipal de Montes Claros/MG, no uso de suas atribuições legais,

D E C R E T A:

Art. 1º — Ficam reajustados, com efeitos financeiros, os vencimentos do Pessoal Contratado, inclusive o Pessoal da área de Ensino, desta Prefeitura, a partir de 1º de outubro de 1.989, nos Anexos I — B e II — B, que fazem parte integrante deste Decreto, como segue:

Salário a 1º de outubro de 1.989:

I — Contratado em regime CLT — Anexo I-B;

II — Pessoal da Área de Educação — Anexo II-B.

Art. 2º — Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º — Revogam-se as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Montes Claros/MG, 1º de novembro de 1.989.

DR. MARIO RIBEIRO DA SILVEIRA
Prefeito Municipal

Página 5

Montes Claros, sexta-feira, 10 de novembro de 1989

JN

CANTO POLÍTICO

JORGE TADEU

Depois de ter iniciado seu ataque sistemático ao Paço, o vereador Jorge Tadeu Guimarães já esteve pelo menos duas vezes com o Prefeito Marão em entrevistas reservadas. Não precisou ficar corado, pois o prefeito sequer falou no assunto. Marão continua tratando seus inimigos com luva de pelica.

JOSÉ DA CONCEIÇÃO (I)

Tudo acontece nesse País: agora, José da Conceição confirma, em Imprensa, que de fato pratica nepotismo em seu gabinete de deputado. Empregou sua esposa e seus filhos, recebendo os melhores salários da Câmara Federal, e paga jornalista em Montes Claros para adular seu «trabalho». Curiosidade: o «Jornal de Seis Páginas» elogiou o deputado.

JOSÉ DA CONCEIÇÃO (II)

Frase que não sai da moda: ou todos se locupletam ou se instala a moralidade pública. José da Conceição preferiu a primeira opção. Nem precisa mais de um segundo mandato. Todos se arranjaram.

JOÃO GALO

O empresário João Galo, frequentador assíduo das reuniões do PL, mas membro filiado do PFL, continua declarando voto a Afif Domingos. E anti-Collor de primeira linha e garante que, contra a onda collorista, será capaz de votar até mesmo em Silvio Santos se ele chegasse ao segundo turno.

ARTUR LEITE

Justiça seja feita: o vereador Artur Leite tem se notabilizado pela seriedade no tratamento aos eleitores. É um dos poucos que mantém atendimento ao público, diariamente, em seu gabinete na Câmara. E, dentro do PMDB, tem sido fiel ao Executivo, apesar de que, uma vez ou outra, tem se aborrecido do que classificou de «correndo em raia próprias».

IDELMO HIGINO

Informa-se, à boca miúda, que o presidente do LMD, Idelmo Higino, estaria pretendendo rever as promoções especializadas que a entidade tenciona realizar em 1990. Motivo: Luciano Meira, encarregado desta área na LMD, não estaria rezando na mesma bíblia do presidente.

AMARALISTAS

Ainda nas primeiras mudanças que articula para o seu secretariado, previstas para 1990, o Prefeito Marão pretende reconhecer de público o apoio que recebeu, nas eleições passadas, do grupo liderado por Roberto Amaral. Os amaralistas deverão sentar-se à mesa dos secretários, através de um de seus representantes. Nome mais provável: Sérgio Amaral.

EDUARDO LIMA

O tucano Eduardo Lima, que está em BH cumprindo seu mandato de vereador, continua aterrisando frequentemente em Montes Claros. Tem sido visto reunindo-se constantemente com lideranças de bairros da cidade. Quer, a todo custo, uma parte do quinhão eleitoral daqui para chegar à Assembléia Legislativa, ano que vem.

ROBERTO AMARAL

Outro que tem se reunido bastante, em toda a região, é o diretor regional da Codevasf, Roberto Amaral. Em praticamente todas as reuniões a serviço da Codevasf, Amaral tem sondado nachos para oficializar a sua candidatura rumo à Assembléia. Há fortes chances de vitória.

TADEU X MARIO

Membro importante do Diretório do PMDB foi incisivo e direto anteontem: Jorge Tadeu Guimarães vai criticar e acusar a Prefeitura até o momento em que o Prefeito Marão quiser. Deixou no ar a informação de que o Executivo tem armas suficientes para contra-atacar nesta questão.

MARCO PIMENTEL

Anotem para evitar esquecimentos imperdoáveis: o ex-vereador Marco Pimentel, enterrado nas urnas de 88, vai fazer de tudo para aparecer no noticiário de 1990. Ainda não desistiu da vida política. Taocente ao ponto de acreditar que defunto pode andar.

HUMBERTO SOUTO

Confirmado: Humberto Souto pretende mesmo filiar-se ao PSDB após as eleições presidenciais. O ex-vereador Sérgio Rocha, que já ocupa lugar de destaque entre os líderes locais dos tucanos, já começa a se armar para evitar a filiação do deputado-pefelista. Briga de foice.

MILTON CRUZ

A assessoria do deputado Milton Cruz, formada em sua grande maioria por parentes com carteira registrada em seu gabinete, está propondo que o parlamentar tenha mais vezes em Montes Claros. Os assessores querem mostrar que o patrão ainda está vivo. Vivo mas inerte.

ARNALDO MARAVILHA

O «Rei Momo» Arnaldo Maravilha, figura exótica e alegre das proximidades do Café Galo, trabalha calado para candidatar-se a vereador em 1992. Quer representar o bairro JK na Câmara. Em 8, dois representantes do JK tiveram votação contrangedora: José Carlos (do Truque) e José Isaias Ruas (do Mercado).

MARIO RIBEIRO

Deu em BH, no Jornal Edição do Brasil: «O prefeito de Montes Claros, Mário Ribeiro já está comprometido com o deputado José Geraldo Ribeiro para a sucessão estadual». Mais um chute para fora da imprensa belo-horizontina. Marão seguirá Luiz Tadeu na sucessão de Minas: vai apostar no comitê de Ronan Tito.

SALÁRIOS

Em dezembro, quando Luiz Tadeu saiu da Prefeitura, um secretário municipal ganhava CZ$ 200 mil, enquanto o salário de vereador era pouco mais de CZ$ 215 mil. Hoje, um secretário municipal ganha em torno de NCz$ 3 mil; enquanto um vereador ganha mais de NCz$ 6 mil, o dobro. Inverteram os valores. Quem trabalha mais, ganha menos.

Fotografia da quinta página do Jornal do Norte, dedicada aos assuntos da cidade, publicado no dia 10 de novembro de 1989 e encontrado para pesquisa no Arquivo Particular de Américo Martins Filho.

A primeira reportagem, intitulada “Muriçocas só serão extintas com saneamento nos córregos”, que recebeu grande destaque nessa página diz respeito a um dos problemas que incomodavam os moradores, principalmente ao entardecer, momento esse que as “muriçocas” adentravam suas casas. Abaixo do título da reportagem está uma fotografia do Córrego das Melancias que se localiza entre os atuais bairros Monte Carmelo I e II.

Logo abaixo estão as notícias sobre o movimento da Central Única dos Trabalhadores – CUT – em Montes Claros, que promoveu o dia contra o pagamento da

dívida externa e do aumento do custo de vida, que havia sofrido aumento de 3,46% em setembro. No canto direito da página está o "Canto político", que menciona os assuntos da política local, como eleições, coligações partidárias, candidaturas e gestões políticas. Na notícia "Arnaldo Maravilha" foi escrito que: "O rei momo Arnaldo Maravilha, figura exótica e alegre das proximidades do café galo, trabalha calado para candidatar-se a vereador em 1992. Quer representar o bairro JK na Câmara".

A primeira reportagem, intitulada "Muriçocas só serão extintas com saneamento nos córregos", é visível em letras grandes, e acompanha-se de outra, logo abaixo em que está escrito que "moradores reclamam contra quebra molas":

> Moradores da Rua Professor Antônio Fonseca, que liga a Vila Brasília ao bairro Santos Reis [...] No final do ano passado sem a observância dos requisitos mínimos de urbanização [...] Voltam contra aos perigos que a via pública está impondo atualmente aos populares que dela fazem uso. Além de não possuir calçadas laterais para o trânsito de pedestres, a Rua Professor Monteiro Fonseca recebeu agora três quebra molas [...] Não tendo a prefeitura o necessário espaço de instalar nos locais a mínima sinalização e que tem colocado em risco os motoristas que a trafegam. [80]

Foi explanada a situação da falta de saneamento básico e o esgoto a céu aberto que contribuía para proliferar o número de "muriçocas" na cidade: "O secretário municipal de Planejamento, Petronilho Narciso, declarou ser preciso que a população se conscientize que não será com inseticidas que a Prefeitura de Montes Claros vai resolver o problema da proliferação de muriçocas no município." O descaso quanto ao saneamento básico na cidade foi um fator evidente nos bairros, tanto que o problema das "muriçocas" na Vila Brasília foi lembrado por Pedro Júlio Procópio na entrevista realizada em 2009 e enfrentado por ele quando vivia nesse bairro – ressaltando-se o fato de ele ter sido vice-presidente da associação de moradores. Na reportagem acima citada, observamos afirmação do Secretário de Planejamento sobre o objetivo de "fôlego" de implantar interceptores sanitários em pontos estratégicos de maior densidade demográfica na cidade: a ligação do Bairro Ibituruna à Avenida Sanitária, "no trecho onde vai se situar o 'Rio parque Guimarães Rosa', ou seja, a partir da ponte que leva ao parque do Sapucaia até a ponte do Bairro Ibituruna, e no córrego 'melancia', a partir do Bairro Santo Antônio até o Interlagos".[81] Esse constituía um dos caminhos da geografia

---

[80]**APAMF**. Jornal do Norte, 10 de novembro de 1989, p. 03.
[81]**APAMF**. Jornal do Norte, 10 de novembro de 1989, p. 03.

da cidade com problemas estruturais, mencionada pelo representante de Planejamento Urbano da Prefeitura, que também pode ser visualizada no mapa dos bairros que está algumas páginas acima.

A entrevista com Pedro Júlio Procópio em conjunto com essa página do Jornal do Norte indica faces da cidade de Montes Claros. Cada fonte possui sua particularidade, constituindo-se de linguagens que podem ser compreendidas a partir do lugar social de suas produções. A imprensa cotejada com a entrevista serve de subsídio para compreender as formas que a cidade foi e/ou é vista, representada e sentida pelos diversos sujeitos produtores de memórias. Na entrevista, Pedro Júlio Procópio interpreta o que viveu e se coloca como o vice-presidente da associação do Bairro Vila Brasília que enfrentou suas dificuldades e seus problemas na disputa pela cidade, por condições melhores de vida, ao mesmo tempo em que era universitário e envolvido com a militância estudantil na FUNM. Já a reportagem do jornal não evidencia a existência de associações de moradores dos bairros que lutam por condições melhores de vida, como no caso das "muriçocas" na Vila Brasília, citadas tanto na entrevista com Pedro Procópio quanto pelo periódico. Desse modo, percebemos a existências de bairros dentro do bairro, tal qual cidades dentro da cidade.

Os sujeitos sociais são tratados de forma despersonalizada: no início da primeira reportagem, foi escrito que "*moradores* da Rua Professor Antônio da Fonseca que liga a Vila Brasília ao Santos Reis"; no parágrafo seguinte, "segundo os *moradores*, os quebra-molas vieram deixar ainda mais perigosa a referida via pública para os pedestres"; e, depois, "seus motoristas muitas das vezes perdem o controle da direção e se [...] abruptamente com os *transeuntes*" (grifos nossos). Palavras como "moradores" e "transeuntes" são utilizadas para intitular os sujeitos que viviam nos bairros. Nomes genéricos que despersonalizam sonhos e despotencializam a luta pela cidade, sendo que as opiniões dos reais afetados por essas tribulações da cidade não são referenciadas de forma nominal.

A luta pela cidade não circunscrevia o movimento estudantil ao bairrismo regional, pois a luta pela cidadania e a democracia era ampla, exigindo a conquista de outros espaços, bem como de uma luta que estivesse engajada com outros processos e manifestações existentes em outras regiões do país. Assim como se constituíam laços entre os estudantes e outros moradores na cidade de Montes Claros, a partir da articulação entre diversos espaços de organização política, constituíam-se também o

esforço de contato entre os estudantes do Brasil e, em menores proporções, com outros países do mundo.

Esse trânsito era constante e constituía sociabilidades diversas. Como já foi explicitado, o estudantado da FUNM que se engajava com a política militante das entidades estudantis acabava por ingressar em outros diretórios representativos do Estado e do país. Eles constituíam gestões da UNE, UEE e eram vinculados a correntes ideológicas que estavam espalhadas por todo país. Em Minas Gerais, as correntes Centelha e Viração[82], ligadas respectivamente ao PT e ao PC do B, partidos com grande influência no movimento estudantil, encontravam-se cada vez mais presentes e exercendo influência em todo o Estado. Desse modo, muitos universitários de Montes Claros se encontravam articulados com outros estudantes de outros lugares. Os jornais "Quero, Quero", do Diretório Acadêmico Leonel Franco – DALF – do curso de Filosofia da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o primeiro número do "Desvairismo" do centro Acadêmico de História da UnB, recebidos em agosto de 1989 pela gestão "Acorda" do DA-FAFIL, dentre outros[83], evidenciam o correio de comunicação entre os movimentos estudantis de diversas regiões. Ao mesmo tempo, é, pois, interessante assinalar que os dois jornais informam notícias específicas aos cursos de que advieram, sendo essa uma marca das reformulações do movimento presente nos anos 80: os encontros específicos no âmbito do movimento de cada curso, como Encontro Nacional dos Estudantes de História – ENEH – e Encontro Nacional de Estudantes de Filosofia – ENEFil – tornaram-se presença constante na agenda estudantil. Essa tendência de estruturação do movimento por interesses de cada curso (visível com maior clareza nos anos 90, período em que também ocorreu o crescimento do número dos CA's e, consequentemente, a dissolução dos DA's), a partir desses periódicos, é um indicativo cunhado nos anos 80.

Esses textos encontrados no Arquivo do Centro Acadêmico de História indicam a articulação dos estudantes de Montes Claros com um movimento de expansão do movimento estudantil no país que converge para a organização de eventos e congressos promovidos pelas UEE's, UBES e UNE. A presença de representantes da UEE que vez por outra visitavam a cidade, bem como a existência de cargos destinados

---

[82] Em cada estado e região tinham nomes diferentes. A corrente Viração estava presente em Minas Gerais, Bahia e outras regiões.

[83] Foram encontrados no arquivo do DA-FAFIL o Regimento interno do XXVIII Congresso da UNE pela gestão de Pedro Júlio Procópio em 1987 e uma carta de Clara Araújo, presidente da UNE em 1983, esclarecendo fatos relacionados ao 35º congresso da mesma entidade.

a representantes do Norte de Minas Gerais na entidade, expressa os meandros desse processo de expansão do movimento. A circularidade desses materiais, dentre eles uma carta de Clara Araújo, presidente da UNE em 1983, esclarecendo fatos relacionados ao 35º congresso da mesma entidade, indica a circularidade de correspondências que convergem para a organização os diversos investimentos do movimento estudantil no país.

Com o fim da Ditadura em 1985, torna-se necessário, para as entidades estudantis, procurar outros espaços e formas de expressão além da luta contra a Ditadura. O movimento passava por reformulações, pois o "inimigo comum" deixou de existir como Estado, embora continuasse expresso em diversas instituições da sociedade.

Desde o final dos anos 70, eram formulados projetos de tentativas de "retomada"[84] do movimento estudantil, sendo que o parâmetro era o exemplo das lutas estudantis dos anos 60. As palavras que se tornaram presentes nas falas e nos panfletos produzidos pelos estudantes brasileiros desse período eram "reconstrução", "reorganização", "transformação" e as conjunturas políticas para a escolha da maneira de como agir nas suas realidades. O prefixo *re* passou a estar presente com maior constância nas agendas estudantis. As reivindicações, palavras de ordem e agendas políticas giravam em torno do retorno de um maior compromisso com a política num sentido vivido nos anos 60. Esse clima pode ser evidenciado nos nomes atribuídos às chapas que concorriam às eleições dos diretórios estudantis nos anos 80. Essa expressão "retomada" endossa uma ideia disseminada no senso comum de que o movimento esteve hibernado por determinado tempo, nomeando e inscrevendo processos históricos à chancela de discursos despolitizantes. Não coadunamos com essa premissa, embora utilizemos o termo indicando um conjunto de elementos que, inadvertidamente, propunham e, por vezes, improvisavam alternativas de luta política na busca de desatar

---

[84]Almeida e Weis procuraram indicar as reformulações do movimento estudantil a partir da chamada retomada: "A retomada se fazia sob novas condições ambientais, por assim dizer. A população universitária continuava a crescer graças à expansão do número de vagas. Parte substancial dessa expansão era absorvida pelas faculdades privadas em que a atmosfera era radicalmente distinta da química política e cultural das universidades públicas, que haviam sido o epicentro da agitação estudantil em 1968. Mesmo essas iam se ampliando e ocupando espaços afastados entre si; nessa medida, se tornavam pouco favoráveis ao florescimento do tipo de sociabilidade que as transformações em centros de contestação". ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. **Carro–zero e pau–de–arara**: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. *In*: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Org). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000, p.372.

as amarras e nós que engessavam o movimento estudantil. Esse era um momento de definições e redefinições da luta empreendida pelos estudantes. A tabela abaixo nos inspira a pensarmos como os nomes das chapas expressam valores e propostas sociopolíticos de quem as compõem.

TABELA 3

Eleições DA-FAFIL Yvonne Silveira			
Ano	Chapas concorrentes	Vencedora	Apuração
1980	Realização; Nova Geração e Revolução (Miguel Vinícius)	Revolução	XXXXXXXXXXXX
1981	Corujão (José Eustáquio Maia de Almeida); Ponto de Partida (José Ferreira da Silva).	Corujão	Corujão 322 votos; Ponto de Partida 256 e 24 votos brancos e nulos.
1982	XXXXXXXXXX	XXXXXXXXX	XXXXXXXXXXXX
1983	Vento Novo (Arlen de Paula Santiago); Ressurreição (José Dílson Alves).	Vento novo	Vento Novo 479 votos; Ressurreição 254 e 15 brancos e 05 nulos.
1984	Colméia (Antônio Atayde Durães, José Isaías Ruas, vice); Voz Ativa (Marise Fagundes Silveira Freire).	Colméia	Colméia 374 votos; Voz Ativa 335 e 11 nulos e 16 brancos.
1985	Atuação (José Isaías Ruas); Nós Todos (Ellen de Cássia Souza Parrela).	Atuação	Atuação 370 votos; Nós Todos 324 e 08 nulos e 12 brancos.
1986	Porta Aberta (Gy Reis Gomes Brito); Avante (Aldecy Xavier).	Porta aberta	Porta Aberta 266 votos; Avante 262 e 45 nulos e 42 brancos.
1987	Rebento (Pedro Júlio Procópio); Explodiu Lilás (João Isaías).	Rebento	Rebento 439 votos; Explodiu Lilás 292 e 13 brancos e 14 nulos.
1988	Vanguarda (Eurípedes Xavier).	Vanguarda	XXXXXXXXXX
1989	Acorda (Rubem Ribeiro de Oliveira)	Acorda	XXXXXXXXXXX

Fonte: Atas número 02 e 03 das eleições do DA-FAFIL disponíveis no CAHis-Centro Acadêmico de História e Jornal do Norte.

As eleições do DA-FAFIL para substituir o presidente Ildeu Lopes da gestão de 1979 foi composta por três chapas: *Realização*, *Nova Geração* e *Revolução*. Os nomes das referidas chapas representam projetos, propostas e a propaganda das concorrentes. Eles indicam posições sociopolíticas dos que a compõem. Sendo assim, a chapa *Nova Geração* é sugestiva ao propor uma renovação, a *Realização* propõe realizar algo que até então não foi realizado, e a *Revolução* já revela uma chapa com

posições mais radicais. A chapa *Vento Novo* e *Renovação* sugerem novas ideias, já a *Ressurreição* a volta de algo ou de um grupo. A ideia de mudança está presente nos nomes atribuídos a todas as chapas, pois, afinal, essa era a grande tônica do momento. As lutas contra a repressão, a censura e pelo fim da Ditadura repercutiram em todas as esferas da sociedade brasileira, bem como deixaram marcas desses embates, evidenciados nos lugares por onde esses sujeitos transitaram e nos vestígios produzidos por eles.

Os nomes das chapas expressam debates existentes naquele momento. Quanto à chapa *Rebento* que venceu as eleições para o pleito do ano de 1987 do DA-FAFIL, percebemos o quanto o título indica o posicionamento dos seus partícipes.

> Andrey: Por que o nome Rebento?
> Pedro Júlio Procópio: DA Rebento. Exatamente porque o nome foi diretamente em função de que rebento é um broto de árvore. Entendeu? E aí vai crescendo. Entendeu? Ele surgiu nesse sentido. E ao mesmo tempo rebento também vem de rebentar, de quebrar corrente, cadeia. Entendeu? Quebrar muros. Essa coisa de liberdade. Trabalhou esses dois sentidos. De que eu me lembro assim na época a gente discutindo. Tanto que eu me lembro que na época o desenho era um punho e daqui assim, um broto verde. Umas folhinhas e tal. Um broto de planta. Então as duas coisas. A planta e tal e o punho de luta mesmo.[85]

O nome *Voz Ativa*[86], representado por Marise Fagundes Silveira, que pleiteou a direção do DA-FAFIL em 1984, já havia sido o título de uma chapa formada pelas tendências *Caminhando* e *Refazendo* que ganharam uma das eleições da UEE-SP e que era ligada ao PCdoB. No momento da eleição do DA-FAFIL em 1983 houve acusações publicadas no Jornal do Norte de que o diretor da Ruralminas e ex-deputado federal Moacir Lopes, do PMDB, financiara a campanha política da chapa Voz Ativa.[87] Esses sinais podem ser vestígios das ligações desses grupos com partidos. Muitos dos

---

[85]PROCÓPIO, Pedro Júlio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de julho de 2009.

[86]A chapa Voz Ativa, que era ligada ao PC do B, havia recebido apoio de "Rui César em uma das eleições da UNE no início dos anos 80, sendo a mesma articulada pelas tendências Refazendo (Movimento de Emancipação do Proletariado-MEP), Caminhando (Dissidência do PC do B) e Organizando (Ação Popular Marxista Leninista do Brasil-APML do B); seu secretário geral, Aldo Rebelo, o vice-presidente, Marcelo Barbieri, e três outros membros da diretoria formaram, com uma dissidência da Unidade, a chapa Viração, apoiada pelas tendências Convenção (PC do B), Mãos à Obra (MR-8) e Correnteza (PCR), esta com penetração entre os estudantes do Norte e do Nordeste". POERNER, Artur José. *O poder jovem*: História da participação política dos estudantes brasileiros. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 315.

[87]**APAMF**. Jornal do Norte, 06 de outubro de 1983, p.03.

militantes do PCdoB no momento de sua clandestinidade estavam filiados ao PMDB, que era um partido que agrupava grande parte das oposições no período. Já a chapa intitulada *Ponto de Partida*, de José Ferreira da Silva, era o nome de uma tendência no Rio de Janeiro, vinculada ao *Novo Rumo-Socialista*. Essas não parecem coincidências, mas vestígios de que a rede de ligações partidárias evidenciadas nos anos 70 e 80 procuravam formas variadas para se expressar.

Desse modo, a tabela descrita com o nome das chapas sugere várias ideias e ideologias do período em questão, seja como uma renovação, ressurreição, união, novidade e outros. A chapa *Solidariedade*, do estudante da FADIR Roberto Wagner Lafetá, que disputou as eleições do DCE em 1982, contra a chapa *Novo Rumo*, encabeçada pelo estudante da FADEC Marcelo Alkimin Pádua, representa muito bem essa ideia. O Jornal do Norte, no dia 13 de maio de 1982, publicou reportagem com título "Novo Rumo e Solidariedade vão disputar as eleições para DCE". Ao final, foi publicada uma explicação do porquê do nome *Solidariedade*:

> A chapa solidariedade em homenagem ao sindicato polonês, que lutou de todas as maneiras pela libertação do povo polonês, do regime ditatorial e burocrata implantado pelo regime comunista russo, e também tem o sentido de tentar despertar o espírito de solidariedade, união e convivência universitárias sem revanchismo e divisionismo.[88]

Essas correntes ideológicas conferiam ao movimento e às relações sociais construídas pelos estudantes um diferente ritmo. Nessa citação, a referência ao leste europeu revela o interesse dos estudantes por essa região, bem como uma avaliação dos regimes políticos existentes. Paralelo aos debates em torno das correntes ideológicas, várias acusações contra entidades, gestões, chapas e presidentes dos diretórios estudantis são mencionados com maior frequência em jornais e nas falas dos estudantes, movimentavam o cotidiano das faculdades. Entre o cardápio de acusações estava a partidarização do movimento, ou seja, do afastamento das entidades do seu objetivo que

---

[88]**APAMF**. Jornal do Norte, 13 maio de 1982, p. 03. Maria Hermínia Tavares de Almeida e Luiz Weis, ao escreverem sobre o retorno da política estudantil em seus órgãos representativos, afirmaram que: "aos poucos, a política estudantil voltaria a despertar, os centros acadêmicos e diretórios seriam disputados por chapas ligadas às novas siglas, com nomes apropriados ao tempo e ao lugar, como Refazendo, Caminhando, Liberdade e Luta, que brotaram da rearticulação dos antigos grupos políticos – AP – PC do B, PCB, Trotzkistas". ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro–zero e pau–de–arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. *In*: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Org). **História da vida privada no Brasil:** contrastes da intimidade contemporânea. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000, p. 372.

seria representar os interesses dos estudantes, dentre outros.[89] Essas acusações revelam intricadas injunções urdidas no interior do movimento estudantil, que emergiam das sendas das sociabilidades construídas nas relações diárias tecidas nos bastidores dos territórios públicos – a passeata e a greve nas ruas e outros – para o proscênio da vida na cidade.

O mais curioso é como e o que foi publicado no Jornal do Norte. Na página dedicada a assuntos que dizem respeito à cidade de Montes Claros, geralmente encontrada na página três, foi explanada de forma destacada a eleição do DCE em 1982. Após citar as chapas concorrentes, as propostas da chapa *Solidariedade* ganharam notoriedade. Ruy Muniz, um dos fundadores do PT na cidade e então vice-presidente da região Norte de Minas Gerais pela UEE-MG, elencou as metas da *Solidariedade*:

> Redemocratização do DCE, no que está sendo apoiada de órgãos deliberativos, tais como conselho dos estudantes e tem um vice-presidente por cada escola e vários departamentos nas áreas de esporte, arte, cultura, saúde, administração, imprensa e outros. [...] realização IV FUCAP, olimpíadas, tentar conseguir uma linha de ônibus para a FAMED-FADIR, convênios com clube recreativo, farmácia, livrarias e supermercados, lutar pela criação do campus universitário do Norte de Minas, criação do jornal do DCE, e principalmente prestação de contas mensalmente e luta por nenhum aumento no segundo semestre.[90]

Ruy Adriano Muniz foi um dos fundadores do PT em Montes Claros e era ligado à corrente Centelha, que possuía grande expressividade no estado de Minas Gerais, vinculada ao mesmo partido. O Jornal do Norte era vinculado ao então eleito prefeito de Montes Claros em 1982 pelo PMDB, Luiz Tadeu Leite, cujo discurso eleitoral para esse pleito "enfatizavam a necessidade de organizações de bairro, assim como reuniões com os setores populares ligados ao movimento estudantil e grupos

---

[89]Nos primeiros anos da década de 1980, o Jornal do Norte e os demais jornais de Montes Claros publicaram diversas notícias com teor crítico de Charles Edvar Parrela Veloso, impetradas a Edson Antunes Martins, estudante universitário que, segundo ele, infiltrou-se no movimento estudantil secundarista e foi um dos fundadores da Associação de Grêmios de Montes Claros – AGREMOC –, que controlava o Diretório dos Estudantes de Montes Claros - DEMC. A partir daí, Charles Veloso criou a Associação dos Estudantes de Montes Claros – AEMC –, que fez oposição à AGREMOC. Em meio a réplicas e tréplicas entre as duas associações, o jornal tornou-se um campo de disputas, críticas, denúncias, revelando o quanto o DEMC era disputado pelos estudantes. Uma pesquisa com afinco sobre essas relações e disputas em torno do DEMC poderia indicar os reais interesses evidenciados de forma genérica nesta parte deste trabalho.

[90]**APAMF**. Jornal do Norte, 13 maio de 1982, p. 03.

religiosos".[91] O PMDB, no início dos anos 1980, representava uma frente de oposição aos grupos e partidos tradicionais como a União Democrática Ruralista – UDR –, ao Partido Democrático Social – PDS –, dentre outros. Gy Reis Gomes Brito viveu esse momento, sendo filiado ao PMDB em 1985 e depois ao PT a partir de 1987, embora desde antes ele já tivesse ligações com o PCdoB. Quando perguntado se possuía ligação com algum partido ele disse: "[...] O grande PMDB que agrupou muitas facções de esquerda dentro do PMDB. Até surgir, à década de 80, mesmo com o surgimento do Partido dos Trabalhadores, onde a maioria dos estudantes se agregaram e filiaram ao Partido dos Trabalhadores."[92]

Além disso, há também Miguel Vinícius, presidente do DA-FAFIL em 1980, que também participou da fundação do PT com Ruy Muniz e era jornalista do Jornal do Norte no início dos anos 1980. Desse modo, podemos perceber que os estudantes se movimentavam por diversos espaços, construindo redes de sociabilidades, por meio de interesses para promover a divulgação de suas ideias. Essas situações apontadas não parecem coincidências, mas consistem em formas de articulação interna entre os diversos sujeitos que transitavam pelas redações do jornal que, nesse caso, contribuía para conferir maior notoriedade a uma chapa em detrimento de outra.

Nas eleições para o DCE em 1982, Marcelo Alkimin Pádua foi o vencedor, com a chapa *Novo Rumo*, contra Roberto Wagner Lafetá, com a chapa *Solidariedade*. Há registro de que, em 1985, Marcelo Alkimin Pádua fosse filiado ao PMDB, mas não sabemos quanto ao ano de 1982. Contudo, a maior atenção atribuída à chapa *Solidariedade* não indica coincidências, mas fios de redes de relações formuladas no periódico. Ou seja, Miguel Vinícius pertencia ao grupo petista, assinava textos no jornal e foi um dos fundadores do partido com Ruy Muniz, que apoiou a chapa *Solidariedade*. Além do mais a escolha do nome da chapa indica um grupo de estudantes anti-soviéticos, provavelmente trotskistas, que eram contra a Ditadura do regime comunista.

Noutro sentido, Ruy Muniz que no ano de 1982 era estudante da FAMED, foi o representante do Norte de Minas Gerais na chapa *Travessia* que concorria às eleições da UEE-MG e era encabeçada por Sérgio (presidente da UCMG-BH) e Consuelo (vice-presidente DCE-UFJF) que fez oposição à chapa *Renovação*. A chapa

---

[91]FERREIRA, Marcelo Walmor. **Cidade de porte médio e populismo:** Montes Claros, um estudo de caso. Dissertação – Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2002, p.47.

[92]BRITO, Gy Reis Gomes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

Travessia venceu a eleição da UEE-MG, sendo que no dia 14 de maio de 1982 o Jornal do Norte publicou a notícia "Ciências agrárias o sonho que a UEE quer concretizar" na terceira página sobre o processo eleitoral. Foi publicado que dentre as lutas que seriam defendidas pelo representante da região junto à entidade estariam: criação do colégio de aplicação da FAFIL, a implantação do estágio remunerado em todas as faculdades, a criação do curso de ciências agrárias "para descongestionar os outros cursos", e outros.[93] A criação do curso de Ciências Agrárias aparece como a luta principal da UEE-MG; por ser tema do título da notícia, acaba por chamar mais atenção dos leitores, dentre eles os que almejavam seguir essa carreira agora mais valorizada na região em virtude do grande número de fazendas e terras férteis e pelo fato de o Norte de Minas Gerais abrigar o maior projeto de irrigação da América Latina, a saber, o Projeto Jaíba. A página do Jornal abaixo indica a construção de interesse para a publicação do texto. Com destaque no alto da página, foi publicada matéria com fotografia sobre a XIV Exposição Agropecuária Regional de Montes Claros e com a solicitação, por parte da Sociedade rural em parceria com deputados da região, da visita do governador Francelino Pereira para a solenidade de abertura. Logo abaixo, a reivindicação da UEE para a criação do curso de Ciências Agrárias conflui para o momento de divulgação da Exposição Agropecuária, contribuindo para reafirmar a necessidade do curso para a região.

[93]**APAMF**. Jornal do Norte, 14 de maio de 1982, p.03.

FIGURA 10

Exposição Agropecuária é preparada

Ciências agrárias, o sonho que a UEE quer concretizar

Trabalhadores Cristãos estão comemorando seu aniversário

Ano Internacional do Idoso merece a atenção do SESC

Fotografia de página do jornal do Norte, **APAMF**. Jornal do Norte, 14 de maio de 1982, p.03.

A existência de um cargo do representante do Norte de Minas Gerais nas gestões da UEE-MG expressa a organização e articulação da entidade no estado. Montes Claros, por ser a única cidade do norte de Minas Gerais que possuía o ensino superior, acabou por vir a ser um lugar estratégico para capitanear militantes de diversos grupos para representar a entidade na região. Tal fato fica mais evidente com a visita do presidente da UEE-MG, Sérgio Bueno da Fonseca, que veio divulgar o 34º. Congresso da UNE, realizado em Piracicaba, São Paulo. No dia 29 de setembro de 1982, a notícia intitulada “Integrante da UEE veio divulgar encontro: UNE”, foi publicada na terceira página do Jornal do Norte, ressaltando a importância da participação estudantil:

> Pois a própria UEE-MG conta hoje com diretoria que, durante a sua gestão, se primou pela prática antidemocrática do movimento,

> burocratizando a estância de deliberações, consequentemente afastando os reais interesses da comunidade estudantil. O objetivo fundamental que a UEE-MG vem discutindo no interior é reativar a luta pelo ensino público gratuito, pois logo após as eleições de 15 de novembro próximo, conforme falou a própria ministra Ester Figueiredo, da Educação, haverá uma ofensiva do Ministério da Educação e Cultura no sentido de institucionalizar o ensino pago nas universidades federais.[94]

Essas visitas de representantes da UEE-MG no Norte de Minas Gerais aconteceram com certa frequência e foram publicadas no Jornal do Norte. Pode ser que, nesse momento, Sérgio Bueno fosse ligado à corrente Centelha, em virtude de pertencer ao grupo de Ruy Muniz que compunha essa tendência petista na cidade. Ele acusa a gestão anterior de possuir prática antidemocrática, bem como ressalta a política do Ministério da Educação e Cultura no sentido de acabar com o ensino público.[95] Esses textos publicados no Jornal do Norte, que, inclusive, trazem ideias desses militantes estudantis, servem de subsídio para compreendermos os projetos do jornal. O estudante Ruy Muniz provavelmente deve ter sido o elo que facilitou a publicação dessa vinda do presidente da UEE-MG à cidade. A presença dos estudantes nos jornais indica movimentações estudantis que extrapolam a entidade, embora em alguns momentos essas relações sejam baseadas em compromissos e correlação de forças.

Marta Emísia Jacinto Barbosa nos instiga a pensarmos a relação entre imprensa, memória e poder, quando pontua que precisamos pensar a imprensa não como um mero veículo de transmissão de informações estéril, mas como agente social que, necessariamente, a todo o momento produz ações, sentidos e intervenções nas relações que publica em suas páginas.[96] É preciso recompor esses circuitos de sociabilidades que, inicialmente, parecem sem importância, mas que ao final revelam a riqueza do trânsito do viver na cidade que se constitui historicamente em uma correlação de forças que indicam o embate de valores opostos e do entrecruzamento de interesses. Na medida em que alguns estudantes que estudavam na FUNM compunham o quadro de jornalistas dos jornais da cidade, como Gilson Neves, que em 1989 era estudante de Letras da FAFIL, Felipe Gabrich, que em 1979 era presidente do DA-FADEC, Aristeu de Melo Franco, que em 1982 era presidente do DA-FAMED e Miguel Vinícius

---

[94]**APAMF**. Jornal do Norte, 29 de setembro de 1982, p.03.

[95] O capítulo 2 trata de forma mais detalhada do que ocorria com o ensino superior nesse momento.

[96]BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. Sobre história: imprensa e memória. *In*: MACIEL, Laura (orgs). **Outras Histórias:** Memórias e Linguagens. São Paulo: Olho D`água, 2006, p.262-272. Ver: CRUZ, Heloísa de Faria e. **São Paulo em papel e tinta.** Periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: EDUC FAPESP, 2000.

presidente do DA-FAFIL em 1980 e do DCE em 1979, percebemos que essas teias de relações oportunizaram certa intervenção dos estudantes nos periódicos locais. Júlio Cezar de Melo Franco, provavelmente parente de Aristeu de Melo Franco, foi um dos jornalistas fundadores do Jornal Diário de Montes Claros, o que pode ser um indício dessa presença do estudante nas redações do periódico. E, na medida em que a maioria desses estudantes possuía ligações partidárias, essas relações proporcionavam a delimitação – e por que não dizer, a ampliação – de territórios de atuação das correntes ideológicas, mesmo que de forma velada.

Nesse momento, na cidade, eram escassos profissionais da área de comunicação, sendo que a profissão de repórter era realizada por universitários e escritores locais. Nos anos 1980, Montes Claros possuía três jornais, o Jornal do Norte, o Jornal Diário de Montes Claros e o Jornal de Montes Claros[97], além da Revista Montes Claros em foco, de circulação semanal, que animavam a vida na cidade. A grande quantidade de textos publicados no Jornal do Norte que menciona lutas, debates, críticas, organização, eleições, entrevistas e disputas entre os estudantes, acrescida da presença deles nas redações dos periódicos se faz sentir de variadas formas.[98] A presença dos estudantes em periódicos, dentre outros espaços na cidade, constitui um investimento mais amplo de diversos grupos, sejam de esquerda ou não, de ocupar diversos lugares que são encarados como frentes de atuação em variadas instâncias na sociedade. Montes Claros era a maior cidade do Norte de Minas Gerais que passava por um processo crescente de urbanização e industrialização e, pelo fato de possuir as maiores escolas e únicas faculdades, acabou por ser um núcleo de investimento e atuação de grupos políticos na região, notadamente os de esquerda. Os estudantes produziram alguns periódicos para divulgar e, também, servir como atuação na cidade. Em 1984, Gy Reis, quando estava à frente do DEMC, produziu o Jornal do DEMC, conforme recorte de jornais encontrado em um caderno confeccionado por ele; o Jornal Corujão foi criado pelo DA-FAFIL em 1982; o Jornal Neurônio foi criado na gestão de

---

[97]O Jornal de Montes Claros foi fundado pelo Cap. Enéas Mineiro de Souza, tendo a primeira edição sido lançada no primeiro dia de setembro de 1951. Em 1954 Osvaldo Antunes comprou o jornal, convidando para ocupar o cargo de secretário Waldir Sena Batista. "A partir daí que a imprensa passou a se ocupar dos problemas locais e regionais, levantando as mazelas da cidade e reivindicando soluções." O Diário de Montes Claros foi fundado no dia 20 de maio de 1962, três vezes por semana, não obstante ser "diário". Fazia parte da empresa S.A. Gráfica Editora de Jornais – SAGRES –, presidida pelo Sr. Euler Lafetá contando com 70 acionistas. Fundado pelos jornalistas Décio Gonçalves de Queiroz e Júlio Cezar de Melo franco. Disponível em: www.achetudo eregiao.com.br/mg/montes_claros/historia.htm. (acessado 06 de janeiro de 2010).

[98]Ver: CRUZ, Heloísa de Faria e. O burgo dos estudantes. *In*: **São Paulo em papel e tinta.** Periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: EDUC FAPESP, 2000.

Marcos Fábio Martins de Oliveira, então presidente do DCE em 1987. Esses jornais tiveram vida curta, e geralmente eram estruturados em folha de tamanho ofício, com textos produzidos pelos estudantes de forma muitas vezes manual, com desenhos, fotografias e máquina de datilografia.

Essa relação com a imprensa ocorria de formas variadas. Tanto que, em algumas vezes, as páginas dos jornais pareciam um campo de batalhas, entre réplicas e tréplicas de acusações e denúncias. No editorial "Liderança chulista", publicado no primeiro dia do mês de maio do ano de 1988, no Jornal do Norte, podemos vislumbrar uma das formas em que essas acusações ganhavam expressão. Dessa vez, foi o presidente do DCE, no ano de 1988, Sérgio Mourão, o alvo de denúncias:

> Junto de ser digno de repúdio, motivo para que o alunado se pergunte se realmente está sendo representado, ao largo de questões políticas e paixões ideológicas... Porque o senhor Sérgio Mourão, que nas horas de serviço é tesoureiro do Diretório Municipal do PDT e pretenso candidato a vereador não mobilizou a comunidade universitária em torno de uma idéia que partisse dos próprios alunos?[99]

Nesse editorial, que não foi assinado, ainda foi publicada uma crítica ao fato de Sérgio Mourão aceitar a proposta de uma lista sêxtupla para escolha do diretor da FUNM em que os dois nomes mais votados seriam indicados pelo governador do estado: "Se os alunos votam uma lista sêxtupla para indicação de dois nomes, estão concedendo direito de escolha, que pode recair em qualquer dos nomes". Na primeira página dessa edição do periódico – página anterior ao editorial –, uma reportagem cobriu a posse do diretor da FUNM, José Geraldo de Freitas Drummond. A manchete, que ressaltou o "clima quebrado" da reunião pelo DCE, enfatizou que Sérgio Mourão teceu severas críticas ao vice-diretor, o professor Geraldo de Zuba,

> pela falta de dignidade ao desrespeitar o acordo firmado entre os candidatos, que abririam mão da indicação em favor dos dois primeiros colocados na votação geral [...] O Violento discurso do presidente do DCE provocou descontentamento, com muitas pessoas abandonando o recinto em protesto.[100]

Nessa reportagem de primeira página, ainda foi citado o fato de o então presidente do DCE, naquele momento, ser tesoureiro do PDT e pretenso candidato a

---

[99]**APAMF**. Jornal do Norte, 01 de maio de 1988, p. 02.
[100]**APAMF**. Jornal do Norte, 01 de maio de 1988, p. 01.

vereador. O conjunto do periódico indica a construção de um discurso que se quer crítico e propõe encerrar o acontecimento de forma que não restem sombras de dúvida quanto a sua imparcialidade. O fato do posicionamento de Sérgio Mourão ser aceito como certo ou errado não é possível de se esclarecer, mas o acontecido nos indica a tensão das relações sociais vividas entre os estudantes e outros grupos na cidade. Sendo que a pretensa candidatura a vereador e sua ligação com o PDT são fatos recorrentes nas vezes em que seu nome é mencionado no jornal, criando e reforçando uma ideia de desconfiança a partir de ligações partidárias.

Esse ritmo criado pelo jornal indica um jogo de correlação de forças evidenciado nesse episódio. Nesse sentido, nos inspiramos na premissa de que a imprensa, como bem adverte Laura Antunes Maciel, procura nomear e encerar processos de acordo aos interesses a que defende e os grupos a que representa. O historiador precisa tomar cuidado com os procedimentos utilizados para lidar com as fontes, não as tornando um espelho ou expressão da realidade. A análise da fonte é que em último caso deve oferecer subsídios para a formulação de conclusões. Desse modo, a imprensa deve ser encarada "como uma prática social constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais".[101]

Em torno de três semanas depois, por ocasião do 29º. Congresso da UEE-MG, foi editada na primeira página do Jornal do Norte, de 26 de maio de 1988, nova acusação contra Sérgio Mourão. O vice-presidente do DCE e presidente do DA-FAFIL, Eurípedes Xavier, acusou-o de fraudar ata para se credenciar no 29º. Congresso da UEE-MG. "De acordo com as denúncias, o presidente do DCE 'fabricou' uma ata de eleição dos delegados da FADIR que não foi enviada à organização do congresso. A falsa ata não era sequer carimbada pelo DA da FADIR e nem tinha assinatura de seu presidente".[102] Na terceira página do periódico, um balanço do congresso ganhou expressividade no conjunto do jornal. Nessa notícia, foi enfatizado que o evento que, inicialmente, propusera construir de maneira ampla e unitária a UEE-MG, "acabou sendo palco de desunião e desorganização e serviu mais às tentativas de aparelhamento e partidarização da entidade patrocinadas por grupos estreitamente ligados ao PT e MR-

[101]MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: Algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa. 1880/1920. *In*: FENELON, Déa Ribeiro (orgs). **Muitas Memórias, outras histórias.** São Paulo: Olho Dágua, 2004, p.12.
[102]**APAMF**. Jornal do Norte, 26 de maio de 1988, p. 01.

8, a mão mais radical do partido comunista".[103] Além de noticiar que o DCE mais atuante do estado, da UFMG, não compareceu ao congresso.

As injunções vividas no interior do movimento estudantil mineiro ganhavam destaque nas páginas do jornal, bem como o envolvimento das entidades estudantis de Montes Claros que estavam antenadas com os debates candentes da época. No entanto, esse clima de denúncias não acabou por aí. O periódico vinha dando cobertura à participação de lideranças estudantis de Montes Claros no congresso da UEE-MG e publicou, ainda no mesmo mês, uma carta de Sérgio Henrique Mourão (presidente do DCE-FUNM em 1988), com uma réplica a Eurípedes Xavier (vice-presidente do DCE-FUNM em 1988):

> Numa atitude extremamente infantil e politiqueira, partidária e sobretudo covarde, pois o presidente do DCE encontrava ausente e estava em Belo Horizonte, o vice-presidente do DCE e presidente do DA-FAFIL Eurípedes Xavier Souto (Lipa) também presidente do PC do B em Montes claros, aproveitou esta ausência para descarregar a sua ira e sua raiva por ter sido derrotado nas eleições da UEE-MG através do movimento de *políticos estudantis* denominado *viração* (que é a facção de estudantes do PC do B).[104] Grifo nosso

Sérgio Mourão esclareceu que sua eleição como representante na UEE-MG foi legal, sendo ele eleito em sala de aula e sua inscrição aceita no evento apesar da falta da ata própria e das listas de assinaturas. No entanto, o mais interessante nessa passagem é a assertiva de que o então presidente do DA-FAFIL e vice-presidente do DCE irritou-se com o fato da chapa *Viração* perder a eleição da UEE. A *Viração* era uma corrente política existente em Minas Gerais, dentre outros estados, ligada ao PC do B, e que possuía adeptos por todo estado. É possível perceber que os dois integrantes da chapa diretiva do DCE eram de grupos diferentes que, possivelmente, se uniram para concorrer às eleições do diretório. Como Eurípedes Xavier era filiado ao PC do B (hoje é um dos principais representantes do partido em Montes Claros e no Norte de Minas), podemos perceber que essa situação é significativa e representativa para pensarmos a existência de diferentes grupos no movimento. A expressão "políticos estudantis" também indica a crítica a essa relação dos estudantes com os partidos, que está presente na página do jornal.

---

[103]**APAMF**. Jornal do Norte, 26 de maio de 1988, p. 03.
[104]**APAMF**. Jornal do Norte, 31 de maio de 1988, p. 03.

Essa questão se trata de disputas internas no interior do movimento estudantil que se torna pública a partir da publicação. Essa foi a única publicação encontrada no Jornal do Norte que permite inferir a existência dessas correntes no movimento estudantil. Essas disputas ocorriam para decidir quem, ou qual grupo, afinal, daria os nortes diretivos das entidades. É claro que os partidos estavam envolvidos nesse jogo de interesses, mesmo que de forma velada, pois esses dirigentes, em grande parte, possuíam um partido ao qual eram filiados e o fato de um partido específico ter um de seus filiados como representante de um grupo significava a força da penetração das suas ideias na sociedade.

O ano de 1988 era um momento importante para os diversos grupos e partidos, pois os debates da Assembléia Nacional Constituinte os insuflavam e eles almejavam participar de maneira ativa desse processo. Ocupar diversos espaços veio a ser uma forma de lutar pela cidadania. No dia 28 de agosto de 1988, o Jornal do Norte publicou notícia sobre a eleição do DEMC naquele ano. As chapas concorrentes foram a *Viração* (ligada ao PCdoB), *LUTAE* e *Reconstrução*. Esse foi um momento de disputa entre o grupo pertencente à *LUTAE* que contrapunha ao grupo Fernando Rocha, Sued Parrela Botelho e Plínio Apoláfio, que foram ligados ao PMDB, depois possivelmente ao PT a partir de meados de 1987. No dia 24 de abril de 1988, no Jornal do Norte, o vice-presidente do DEMC, Cleodson Roberval Soares Silva

> esteve na tarde de ontem na redação do Jornal do norte para denunciar a existência de grupos políticos tentando desestabilizar a direção da entidade. Ele comenta que o fato começou a surgir tão logo os constituintes aprovaram o voto aos 16 anos de idade [...] Entretanto, afirma que a entidade já sofre com a presença de diversos partidos políticos.[105]

As disputas internas no movimento e os contornos do processo histórico, em alguns momentos, aparecem com maior clareza. Inspirados no método do paradigma indiciário de Ginzburg, acreditamos que: "se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la"[106]. Além do mais, "mesmo uma documentação exígua, dispersa e reticente pode, portanto, ser aproveitada"[107], indicando sociabilidades acontecidas nos bastidores e, que, muitas vezes, tornam-se

---

[105]**APAMF**. Jornal do Norte, 24 de abril de 1988, p.04.
[106]GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais:** morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.177.
[107]GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.16.

como não interessantes de serem trazidas à tona por alguns sujeitos sociais, pois muitos deles passam a ocupar espaços na política e em instituições de renome da cidade. Nesse momento, Montes Claros, por ser a cidade de maior destaque no cenário político da região, acabou por ser um lugar estratégico para os diversos partidos divulgarem suas ideias e os estudantes um meio pensado tanto para angariar votos, quanto para renovação de quadros.

Tais atitudes e ações constituíam-se em uma das formas a partir das quais os partidos se embrenhavam nos meandros do movimento estudantil; dotavam-no de uma dinâmica interna em que apenas os partícipes poderiam revelar as faces adquiridas por esse caleidoscópio. Os partidos foram presença constante nesses momentos, principalmente o PT[108] e o PC do B, que compunham relações sociais urdidas no social, pela busca de espaços e adeptos de projetos políticos para a sociedade. Essas aproximações foram evidenciadas paralelamente com deslocamentos, pois a desconfiança existente com os partidos promoveu a ebulição de críticas que formulavam um campo de possibilidades reveladoras do amálgama das sociabilidades experimentadas pelos estudantes. Essa relação dos partidos com os estudantes é antiga, sendo que naquele momento os partidos acabaram por vir a ser uma via importante para a luta pela democracia e pela cidadania.

1.3 (Des)venturas estudantis: partidos, Igreja e estudantes

A crítica de fundo presente nos anos 1980, insuflada em vários lugares, era a partidarização do movimento estudantil. O debate já foi evidenciado na imprensa montes-clarense, quando o Jornal do Norte realizou uma entrevista de página inteira com Wilson Pereira Júnior e Pedro Gomes Matos, presidentes dos Diretórios Acadêmicos da FADIR e da FAMED, respectivamente, publicada no mês de outubro de

[108]Leandro de Aquino Mendes, em monografia, afirmou que houve a presença marcante de estudantes no diretório petista da cidade nesse período. Ele enfatiza que o movimento estudantil da cidade com o DEMC, DCE, UEE (União Estadual dos Estudantes), foi um aliado importante para a composição do PT em Montes Claros, porque o estudantado se constituiu de 48,7% do diretório petista. Com isso, notamos o envolvimento dos estudantes com a política e a fundação dos partidos na cidade de Montes Claros, os quais, inicialmente, se constituíram do grupo estudantil, embora, em meados de 1984/85, novos membros tenham engrossado as fileiras do Partido dos Trabalhadores. MENDES, Leandro de Aquino. **O Partido dos Trabalhadores em Montes Claros:** fundação e consolidação na década de 1980.Monografia defendida no Depto. de História. Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2004.

1980. Na ocasião, foram instigados a falar sobre o fato de os presidentes dos diretórios estudantis utilizarem o cargo como trampolim político para se lançarem na carreira política. Wilson Pereira logo afirmou que não entendia porque criticar um presidente do DCE ou DA, sob essa indagação. Posteriormente, ele concluiu que:

> Todos os que iniciam a carreira política o fazem através da universidade. Se a gente investe tempo e dedicação é naturalmente porque esperamos colher frutos dali. Ninguém vai nunca assumir um cargo que só vai trazer desgaste.[109]

Pedro Matos também responde nessa direção, ao salientar que quem possui alguma pretensão política "vê no movimento estudantil a oportunidade para este aprimoramento. Não vejo fundamento nesse tipo de insinuação que você fez".[110] O espaço atribuído pelo jornal para uma entrevista com dois líderes estudantis é um fato curioso, principalmente porque esses DA's provinham das faculdades em que os estudantes possuíam maior condição financeira, Direito e Medicina, embora o nome deles não tivessem sido mencionados no periódico até o momento e a referência aos diretórios tivesse sido pequena.

Tal questão evidenciada na passagem do jornal, com certa frequência, obteve repercussão entre os estudantes e os representantes dos diretórios estudantis. A ideia ventilada era que a aspiração desses líderes de representação estudantil por ocupação de cargos políticos poderia afastá-los da sua principal função, que seria lutar por melhorias para o meio estudantil. Por isso, a resposta de Pedro Matos, em certo sentido, pode parecer ríspida. Os representantes dos diretórios são frequentemente acusados de se esquecerem dos interesses dos estudantes e de se envolverem em questões particulares para se auto-promoverem junto ao meio e, posteriormente, lançarem-se na carreira política.

Ao comentar a gestão do ex-presidente do DCE, Athos Alkmim, no ano de 1979, Wilson Pereira defendeu que ele havia enfrentado situações experimentadas por todos os líderes estudantis. Segundo ele, o ex-presidente havia pecado por imaturidade, por ter se lançado cedo na carreira política, vendo-se abandonado pela diretoria, excetuando o tesoureiro da época. Para ele, esse abandono pode ter ocorrido por incompatibilidade política ou negligência do próprio Athos. Essas eram algumas das

---

[109]**APAMF**. Jornal do Norte, 25-26 de outubro de 1980, p. 09. A publicação dos dias 25 e 26 se referem a uma única publicação dos dias de sábado e domingo.
[110]**APAMF**. Jornal do Norte, 25-26 de outubro de 1980, p. 09.

dificuldades apontadas por Pedro Matos e Wilson Pereira para reorganizar o movimento. A dificuldade de articulação com a base tornou-se recorrente nos discursos dos líderes estudantis dos anos 80.[111]

No decorrer da entrevista publicada em outubro de 1980 pelo Jornal do Norte, foi levantada a questão do ressurgimento da UNE, que na época havia tido sua convenção; ocasião que havia sido rotulada como festiva e palco de muito samba, cerveja e cachaça.[112] No entanto, os dois não comentaram o fato. Essa nominação atribuída ao movimento estudantil, proeminente principalmente nos anos 80, revela formas simplistas de abordagens e de classificação das condutas dos estudantes, inextricavelmente embutidas em percepções presentes na cidade. Desse modo, interessa-nos deter nessas tipologias que são evidenciadas *a priori* a análises das relações sociais experimentadas no terreno comum compartilhado pelos sujeitos sociais que, mormente, nomeiam e determinam processos históricos descaracterizando maneiras de expressão política.[113] Nesse caso, os estudantes realizaram práticas diversas que apresentam diferentes registros, que expressam disputas pelas entidades, pela cidade e pela cidadania, além de colocarem em cheque muitas percepções genéricas elaboradas sobre os estudantes. A história é, pois, relacional, promove e indica processos e movimentações em um campo de possibilidades, na qual redes de sociabilidades confluem para conformar uma miríade de deslocamentos e continuidades.[114]

Logo a seguir Wilson Pereira criticou o fato de que a entidade estava em direção ao campo da política partidária, quando o seu lugar, na verdade, era a política estudantil. Conforme Wilson, na ocasião da convenção do PMDB, em Brasília, alguns dos diretores da entidade empunharam faixa afirmando que "A UNE está com o

---

[111]João Roberto Martins Filho, ao analisar os movimentos estudantis nos anos 60, concluiu que "as práticas e as orientações do conjunto da categoria da 'massa' estudantil, para conservar os termos do movimento nem sempre expressam diretamente e sem intermediações nas bandeiras levantadas por sua direção política". MARTINS FILHO, João Roberto *apud* RIDENTE, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira.** São Paulo: UNESP, 1994, p.129. Marcelo Ridente completa afirmando que possivelmente "não deve ser exagerada nos anos 60, a distância entre as lideranças e as bases estudantis no Brasil". RIDENTE, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira.** São Paulo: UNESP, 1994, p. 124.

[112]Em outra ocasião, no editorial de João Avelino no Jornal do Norte, há uma crítica ao fato de o movimento estudantil secundarista ser festivo e inconsequente. **APAMF**. Jornal do Norte, 13 de janeiro de 1984, p.03. Conforme Zuenir Ventura, a "esquerda festiva" foi uma expressão inventada em 1963, pelo colunista Carlos Leonam. Naquela época, Santhiago Dantas, um falecido ministro, tinha acabado de decidir que havia duas esquerdas: a negativa e a positiva. Em uma festa organizada por Jaguar Leonam, denominou-se outra esquerda, a festiva. Assim estaria inaugurada uma expressão que ganhou repercussão no "léxico e no espectro ideológico da política nacional [...] 'A esquerda recorreu então à festa como uma forma de se manter, de ir adiante, de não morrer de resistir'". VENTURA, Zuenir. **1968:** o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p.47.

[113]Ver: SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena.** São Paulo: Paz e Terra, 1988.

[114]Essas tipologias serão trabalhadas concretamente no capítulo terceiro.

PMDB", o que para ele seria uma inverdade: "Existe até gente do PDS dentro da UNE. Cada universitário deve ter a sua ideologia política, mas nunca envolver nisso a UNE como instituição".[115]

Esse foi um dos debates que marcaram o ME nos anos 80. Albenísio Fonseca, ao escrever um livro comemorativo dos 30 anos do DCE da UCSal, procurou traçar um panorama desse período: "Com o fim do bipartidarismo, em 1982, segmentos estudantis fazem associações as mais variadas com os partidos que vieram aparecer".[116] Essa relação do ME com os partidos políticos foi, e ainda é, razão de vários embates, pois nem todos concordam com essa aproximação, alegando que as posições partidárias entre as entidades poderiam desviá-las da sua verdadeira função, que seria lutar pelos direitos do estudantado.

Em outubro de 1987, em notícia publicada no Jornal do Norte, o então estudante de Economia e presidente do DCE, Marcos Fábio Martins de Oliveira, afirmou que havia aprovado a nova diretoria da UNE eleita em Campinas, São Paulo, uma vez que a nova diretoria estava menos ligada a partidarismo que a anterior: "A hegemonia do PC do B na UNE foi quebrada depois de uma forte coalizão entre facções do PT, PCB e do MR-8, conseguindo a maioria dos votos [...]".[117]As críticas ao partido PC do B não acabaram por aí: Walmir Santos acusou o partido de utilizar a UNE como *aparelho*.[118]

Em Montes Claros, essas relações muitas vezes manifestavam-se por meio de críticas editadas no Jornal do Norte. Em uma das edições do periódico, foi editado que um

> estudante da FAFIL esteve no Jornal do Norte e reclamou de um professor daquela unidade, candidato a vereador que vem levando os seus alunos no horário de aula à sua casa com fins eleitorais. Em sua residência os alunos são aguardados por Hamilton Lopes e Antônio Soares Dias, todos do PDS. Eles dizem que é preciso mudar as lideranças políticas de Montes Claros como Antônio Lafetá Rebelo, Moacir Lopes e Pedro Santos.[119]

---

[115]**APAMF**. Jornal do Norte, 25 e 26 de Outubro de 1980, p. 9.
[116]FONSECA, Albenísio. **O lugar na história:** 30 anos de DCE-UCSal. Salvador: Gestão Acorda, 1997, p. 56.
[117]**APAMF**. Jornal do Norte, 16 de outubro de 1987, p.04.
[118]O termo *aparelho* era utilizado pelos órgãos de repressão do período militar para designar o local de encontro e/ou residência de opositores ao Estado instituído. Os "aparelhos da esquerda" eram, portanto, identificados e difundidos, no discurso oficial, como locais da subversão, do escondido, do errado, do criminoso, da conspiração, enfim, lugares frequentados por pessoas não afinadas com os pretensos interesses da nação, na concepção do que estava à frente da Ditadura.
[119]**APAMF**. Jornal do Norte, 23 de setembro de 1982, p. 03.

As brechas existentes nos periódicos proporcionavam a emergência de novas formas de luta que subvertiam e questionavam a ordem reivindicada por determinados grupos. A denúncia do estudante levada ao Jornal do Norte, realizada contra o professor candidato a vereador que quis incutir nos estudantes a ideia de apoiarem os candidatos do PDS, indica a procura de um grupo tido como conservador pelos estudantes para se elegerem no pleito das eleições municipais de 1982. Como o Jornal do Norte fazia oposição à administração local e apoiava o candidato pelo PMDB, Luiz Tadeu Leite, a intenção dessa publicação ganhou maiores contornos, pois no texto ficou clara a desconfiança recaída sobre Hamilton Lopes e Antônio Soares, como também apontou a necessidade de se mudarem as lideranças políticas da cidade. Se Hamilton Lopes foi colocado como alvo de desconfiança pelo texto e pela suposta denúncia do estudante, que não foi identificado, bem como foi apresentada a necessidade de se mudarem as lideranças políticas da região, logo Luiz Tadeu Leite seria uma alternativa. Ao levarmos em consideração a dinâmica dessas relações imbricadas na cidade, podemos localizar e compreender os lugares de produção de memórias e discursos que se querem hegemônicos, bem como os sentidos políticos dessas linguagens produzidas pelos sujeitos sociais, apreendendo as diferenças como qualidades alternativas. Nas últimas eleições do ano de 2008, Tadeu Leite venceu as eleições para prefeito de Montes Claros novamente, tendo sua vitória embasada no discurso de líder popular, preocupado com as demandas e necessidades populares, que o elegeu em 1982.

É importante tomar nota que no dia 07 de outubro do ano de 1982, houve outra denúncia por parte de estudantes da Escola Estadual Professora Dulce Sarmento sobre o fato de algumas professoras utilizarem as salas de aula para fazerem campanha para Hamilton Lopes.[120] Desse modo, nesse jogo de interesses para os pleitos municipais, os estudantes entravam como peças chaves, seja como meio para angariar votos, seja para integrar essa disputa política.

Como o meio estudantil é um lugar de que muitos candidatos procuram se aproximar para obter votos, essa é uma das formas em que as críticas operavam. Nessa busca dos políticos da cidade por maneiras para angariar votos para se elegerem nos pleitos eleitorais, os estudantes universitários, bem como os secundaristas, acabaram por se tornar uma alternativa interessante. Não foi por acaso que Leila Márcia, diretora da UBES, e Willian César, presidente da União Norte Mineira dos Estudantes

[120]**APAMF**. Jornal do Norte, 07 de outubro de 1982, p.03.

Secundaristas – UNMES –, em 1989, propuseram campanha para incentivar os estudantes que não tinham título de eleitor para tirá-lo. O grêmio da Escola Normal, com apoio da UNMES, enviou ofício ao juiz eleitoral pedindo para que fosse armado um esquema para tiragem de título na própria escola. Essa medida, proposta pelas entidades, mostra o quanto as lideranças possuíam consciência da importância do voto estudantil.[121] Um ano antes, em 1988, no Jornal do Norte, foi publicado que o estudante do Centro de Estudos Supletivos – CESU –, Cleodson Roberval Soares Silva, que na ocasião estava interinamente na direção do DEMC, havia se dirigido ao referido periódico para denunciar a existência de grupos políticos que aspiravam causar a desestabilidade da entidade. O estudante enfatizava que o fato vinha ocorrendo depois da aprovação do voto de 16 anos de idade pela Assembléia Nacional Constituinte, afirmando o quanto a "entidade já sofre com a pressão de diversos partidos".[122]

Em outro momento, alguns estudantes já haviam denunciado o diretor da Ruralminas e ex-deputado federal Moacir Lopes, do PMDB, de financiar a campanha política da chapa *Voz Ativa*, que pleiteava a direção do DA-FAFIL para o ano de 1984. João Rodrigues de Souza, estudante de ciências sociais, afirmou que esse ato de infiltração iria ser repudiado pelos universitários. Em seguida, enfatizou que, em troca do financiamento da campanha, os componentes da referida chapa apoiariam a indicação dos diretores da FAFIL e da FUNM, feita pelo ex-deputado.[123]

Esse interesse pelo voto dos estudantes pode ser explicado também pela nova conjuntura delineada desde o início da segunda metade do século XX em Montes Claros. As significativas mudanças econômicas, urbanas e sociais, evidenciadas com o advento da SUDENE, a urbanização e a industrialização da cidade nos anos 80[124],

---

[121]**APAMF**. Jornal do Norte, 22 e 23 de julho de 1989, p. 04.

[122]**APAMF**. Jornal do Norte, 24 de abril de 1988, p. 04.

[123]**APAMF**. Jornal do Norte, 06 de outubro de 1983, p.03. Essa suposta interferência de políticos entre os estudantes já havia sido citada no ano de 1982, momento esse das eleições municipais em Montes Claros, no Jornal do Norte. Outra crítica feita foi com relação à campanha eleitoral por professores para o candidato do Partido Democrata Social – PDS – e diretor do estabelecimento, Hamilton Lopes. Tal fato mostra uma crítica específica do movimento estudantil secundarista, quanto à dinâmica das escolas. Também é percebida a crítica aos professores que utilizaram as salas de aula para fazer campanha para Hamilton Lopes. Conforme os alunos, "os professores dizem que não estão fazendo política, mas conscientizando os alunos para a importância de se votar no candidato Hamilton Lopes". **APAMF**. Jornal do Norte, 07 de outubro de 1982, p.03.

[124]Como essas modificações repercutiram nos modos de vidas dos moradores da cidade, bem como eles as interpretaram e agiram nessa sociedade é uma questão que precisa ser analisada com afinco. Para saber um pouco mais sobre a pobreza urbana em Montes Claros, ver a dissertação **Outros modos de viver**: pobreza urbana em Montes Claros. 1960 a 1980, de Maria Cândida Veloso, defendida no mestrado em História pela UFMG em 2002. A explicação do crescimento da região é baseada principalmente com a atuação da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste). Tal órgão foi criado em 1959,

relacionavam-se às novas pressões sociais, políticas e culturais, forçando os políticos locais a procurarem outras formas de angariar votos, pois a base eleitoral havia se modificado, quando passou a predominar um eleitorado urbano. Com o aumento do número de estudantes[125] – notavelmente secundaristas – no meio urbano, assim como a sua inserção nos assuntos políticos da cidade, devido possivelmente ao fim da Ditadura, surgiu a estratégia de busca de votos e apoio do movimento estudantil por parte de políticos novos no cenário da política local. Provavelmente, essa foi uma tentativa de encontrar nos novos movimentos sociais que surgiam a possibilidade de angariar votos em uma cidade que adquiria traços menos provincianos e paternalistas.[126] Esses acontecimentos podem nos indicar muitas direções para analisar o movimento estudantil, mas por si só não conseguem revelar as diversas formas de sociabilidades vividas no social.

Para além dessa relação com os partidos, a Igreja constituía um espaço em que vários partícipes do movimento estudantil secundarista e universitário transitaram, em uma miríade de relações sociais imbricadas que envolviam os três em interseções. A Igreja e os partidos, principalmente de esquerda, construíram uma rede de sociabilidades que tornaram cada vez mais fluidas as relações entre a religião e a política.

A entrevistada Márcia Beatriz Xavier sublinhou que muitos estudantes que militaram nos anos 1980 despontaram de órgãos ligados à Igreja Católica. Ela relatou sobre sua militância na Pastoral da Juventude Estudantil – PJE –, que agregava

---

pela lei 3.902, e, por ocasião da integração da região da AMS (Área Mineira da Sudene), ou AMPS (Área Mineira do Polígono das Secas), o Norte de Minas passou a integrar oficialmente a SUDENE em 1963. Inicialmente, na década de 1960, a atuação da SUDENE na industrialização da região foi acanhada, devido à ausência de infraestrutura. Essa pequena presença industrial logo foi modificada, e a cidade de Montes Claros se tornou *locus* preferido de empreendimentos vários. Assim, foi percebida a transição demográfica de Montes Claros, que se tornou um município predominantemente urbano. "A taxa de urbanização passou de 40.66% (1960) para 73.10% (1970), chegando a 87.60% no ano de 1980". OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de (*et al*). **Formação Social e Econômica do Norte de Minas.** Montes Claros: UNIMONTES, 2000, p. 60.

[125]Na década de 1980, com o aumento do número de jovens com idade de ingressar nos estudos secundários houve a necessidade de mais escolas. Na Revista *Montes Claros em foco*, do ano de 1979, abaixo de uma foto da Escola Professor Plínio Ribeiro, conhecida como Escola Normal, está escrito "Escola Normal: pequena para a demanda do 2º grau". Revista Montes Claros em foco, agosto de 1979, p55.

[126] José Paulo Ferreira Gomes, em monografia do curso de ciências sociais, intitulada **Eleições de 1982, uma virada histórica em Montes Claros**, indica uma mudança na política da cidade com a eleição de Luiz Tadeu Leite, que, apoiado nos novos movimentos sociais – a saber, os movimentos de bairro, estudantil e outros –, venceu as eleições municipais de 1982, interrompendo o histórico de famílias tradicionais montes-clarenses que detinham o monopólio da direção governativa da cidade. Marcelo Walmor Ferreira, em dissertação intitulada **Cidade de porte-médio e populismo:** Montes Claros um estudo de caso, também relata a vitória de Tadeu Leite como prefeito da cidade com o apoio dos novos movimentos sociais que surgiam nos anos 80.

estudantes secundaristas, e que, posteriormente, ingressou na Pastoral da Juventude Universitária – PJU –, que englobava os acadêmicos da FUNM. Ao contrário de Ely Isabel, Márcia Beatriz Xavier iniciou o envolvimento com a política na Igreja, nos grupos de jovens. Muitos desses estudantes que participavam dos grupos de jovens da Igreja Católica acabaram por conhecer o Partido dos Trabalhadores, pois esse partido simbolizava uma alternativa e novidade para um grupo de estudantes que se preocupavam com a desigualdade social. Em um momento da entrevista quando Márcia Beatriz havia sido inquirida a falar sobre a relação estudantes e Ditadura Militar, acabou por falar sobre o fato de muitos partidos "orientar a militância estudantil", ressaltando o fato de ter iniciado sua participação na Igreja, nos grupos de jovens:

> Que era que tinha muita gente do PT n`é? Porque muita gente que saia da Igreja ia p`ro Partido dos Trabalhadores, mas militava na PJU. E a orientação da Igreja era essa, era ocupar espaços pra... A teologia da libertação tava muito em voga, n`é, nesse período. E foi através da PJU que eu acabei conhecendo o pessoal mais ligado a partido e acabei filiando depois ao Partido Comunista do Brasil. Mas era tanto, tinha a preocupação dos partidos já constituídos, como tinha preocupação da igreja.[127]

Podemos perceber que a entrevistada constrói um sentido próprio da entrevista, que a questão levantada anteriormente não impede que ela extrapole o campo de possibilidades da pergunta, o que evicencia que as experiências vivenciadas por esses sujeitos são bastante complexas e apontam para diversas trajetórias e movimentações na cidade.

A orientação da parte progressista da Igreja, representada pelas pastorais, nesse caso a PJE e PJU, era para os fiéis ocuparem todos os espaços na sociedade. Na fala de Márcia Beatriz Xavier, podemos perceber como uma teia de relações era construída entre os partidos e setores progressistas da Igreja, que, inspirados na Teologia da Libertação[128], acabaram por se tornar um espaço de produção de linguagens

---

[127]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros 15 de outubro de 2006.

[128] Lucília de Almeida Neves Delgado e Mauro Passos afirmaram que a Teologia da Libertação foi um conjunto de ideias e práticas, inspiradas no Concílio Vaticano II e na Conferência de Medellín, realizada em 1968, em que uma parte progressista da Igreja Católica elaborou proposta de agir na sociedade de forma a levar em conta a desigualdade social, a justiça social e a promoção humana. Nesse sentido, essa forma de pensar a Igreja propiciou a organização de uma pastoral popular, com vistas aos leigos assumirem funções de liderança. As Comunidades Eclesiásticas de Base – CEBS – aos poucos congregaram grupos, pessoas, movimentos e os círculos bíblicos incorporaram temas relacionados à vida cotidiana. DELGADO, Lucília de Almeida Neves; PASSOS, Mauro. Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O tempo da**

que instituíam e constituíam formas de enfrentamento de questões cotidianas vividas na cidade. Ela, que participou do movimento secundarista, de grupos de teatro e se filiou ao PCdoB, afirma que naquele momento havia disputas intensas entre partidos e correntes políticas. Em uma segunda entrevista, afirmou que: "Tinha o pessoal do MR-8, n`é, PMDB, ali surgindo, é o movimento estudantil, tinha o pessoal mais ligado aos socialistas. Então essa disputa era muito acirrada entre eles, e a gente surgia pela questão da Igreja, surgia como independentes, n`é".[129] Somente mais tarde, já na faculdade, foi que ela e um grupo de amigos definiram-se pelo PC do B e essa definição, segundo a entrevistada, gerou surpresa entre muitos estudantes pelo fato de ter iniciado a participação política na Igreja: "porque era uma condição *sine qua non*: é de igreja, é do PT".[130] Uma vez que as pastorais da juventude discutiam a questão da desigualdade e a condição do trabalhador na sociedade, criou-se uma afeição entre os setores progressistas da Igreja e o PT, o que explica o fato de muitos jovens que integravam a PJE e PJU ingressarem posteriormente no PT.

Nesse momento, as pastorais da juventude[131] eram inspiradas na "Teologia da Libertação": "Como é que você fazia pra se libertar? Politizando. Então, como politizar essas pessoas? Como dar consciência a essas pessoas? Daí, incentivavam o jovem a entrar em um grupo de jovem. É isso que a gente ouvia, sim: entrar em um grupo de jovem".[132] Desse modo, por meio dos grupos de jovens, essas ideias eram difundidas. Eram reuniões com discussões bíblicas, momentos de lazer e ações sociais que mesclavam teor religioso, político e social. A ideia proposta era que a Igreja precisava intervir na sociedade em que estava inserida a partir de encontros e grupos para incentivar os fiéis a questionar a desigualdade presente na sociedade.

Ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano; v.4).

[129]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros 01 de agosto de 2008.

[130]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros 01 de agosto de 2008.

[131]Maria Evelina destaca a Juventude Estudantil Católica – JEC –, a Juventude Universitária Católica – JUC –, dentre outros grupos, como tendo se oposto à Ditadura Militar na década de 1960. Noticia a existência, nos anos 1980, de várias pastorais em Montes Claros: Pastoral Operária – PO –, a Comissão Pastoral da Terra – CPT –, que começou a atuar no Norte de Minas desde 1982, e as Comunidades Eclesiásticas de Base – CEBs. Enquanto as CPTs orientavam os trabalhadores rurais, as demais pastorais tinham como mote agir com os diversos grupos urbanos. OLIVEIRA, Evelina Antunes Fernandes de. **Nova cidade, velha política:** poder local e desenvolvimento na Área da SUDENE. Maceió: EDUFAL, 2000.

[132]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros 15 de outubro de 2006.

No âmbito de cada bairro, geralmente, havia um grupo de jovens. Como a Teologia da Libertação naquele momento defendia a leitura da bíblia em sintonia com a vida cotidiana, incentivando a troca de experiências dos partícipes como forma de socializar problemas até mesmo vivenciados nos bairros e na cidade, as conquistas diárias e indagações de cada um acabavam por vir a ser um momento importante de reflexão a respeito da realidade social em que estavam inseridos. As reuniões dos grupos de jovens eram dominicais, antes ou após a missa, sendo que, além da leitura da bíblia, eram discutidos temas relacionados à família, ao trabalho, ao bairro e à cidade, equacionando fé e política.[133]

Uma cidade como Montes Claros que estava recebendo inúmeras indústrias e migrantes das cidades vizinhas e do campo acabou por constituir fatores preponderantes para a urbanização de uma cidade que não estava preparada para receber esses novos moradores, o que explica o surgimento de favelas no período. Muitos desses novos moradores foram viver em bairros mais afastados e, principalmente, com a ajuda de parentes que vieram antes, conseguiram emprego e se constituíram na cidade. Eles se fixaram em bairros como o Santos Reis, que se localiza próximo ao Distrito Industrial, local onde foi instalada a maioria das fábricas. Logo, ingressaram na Igreja, organizando festas para arrecadar verbas e propiciar melhorias para a igreja, organizaram campeonatos de futebol entre bairros, se organizaram em associações para pedir melhorias para o bairro e foram formando grupos de jovens a fim de ocupar o tempo dos jovens estudantes. Nesse panorama, a Teologia da Libertação em Montes Claros ganhou força e foi ao encontro de expectativas dos jovens migrantes e filhos dos migrantes que vieram tentar a vida na cidade. Os grupos de jovens que estavam atentos a questões como desigualdade social e promoção humana, inspirados na Teologia da Libertação, estavam sendo organizados em todo o país e sua organização constituía tembém expressão da luta pela cidadania e pela democracia. A atuação via grupos de jovens, na cidade, constituía uma frente entre muitas, na luta pela cidadania e pela promoção humana que era movimentada e articulada naquele momento em todo o país.

O Jornal do Norte, no dia 14 de maio de 1982, publicou matéria intitulada “Trabalhadores cristãos estão comemorando seu aniversário”. O texto publicado diz

---

[133]Nos anos 1980 os grupos de jovens do Bairro Santos Reis eram os mais ativos, sendo que esse lugar era de forte presença das CEBs. Para saber sobre Bairro Santos Reis ver: VELOSO, Cândida Maria dos Santos. **Outros modos de viver:** pobreza urbana em Montes Claros (1960-1980). 2002. 185 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

respeito à comemoração dos 32 anos do Círculo dos Trabalhadores Cristãos – CTC – de Montes Claros, realizada no Bairro Roxo Verde. O grupo de jovens do CTC realizou peças de teatro e atividades esportivas como peteca, futebol de salão, vôlei, basquete "hasteamento da bandeira do círculo" e missa com os associados e convidados. Foi publicado que haveria festa junina com apresentação de quadrilha e uma romaria a Aparecida do Norte.[134] Esse foi o único momento encontrado no Jornal do Norte com a menção a um grupo de jovens, mas, mesmo assim, indica uma teia de relações que estão engendradas na cidade.

A cientista política Evelina Antunes de Oliveira, em estudo sobre a cidade de Montes Claros, afirmou que a formação de um grupo de oposição de orientação católica, cuja atuação estende-se até o AI-5, é do início dos anos 1960. Ao fim dos anos 1970, formou-se um outro grupo (que manteve algumas pessoas do grupo anterior) incentivado por setores com características radicais da Igreja Católica e, posteriormente, "assumido por órgãos públicos, partido político e entidades católicas". As primeiras investidas foram orientadas pela Ação Popular – AP –, pela JEC e pela JUC, que possuíam no seu plano de ações uma combinação de assistencialismo e conscientização política. Eram feitas incursões em bairros como Santos Reis, onde eram realizadas coletas de alimentos, batizados, regularização de casamentos, orientações para emprego e a alfabetização pelo método Paulo Freire – método considerado revolucionário na época, por postular a Educação como prática de liberdade, contestando preceitos ditatoriais.[135]

É possível inferir que o ME apresentou influência de vários meios, desde os partidos políticos até a Igreja Católica, que já incidia desde os anos 60, ao agir diretamente em outras esferas do social, procurando intervir não apenas no campo religioso. Essa assertiva não pretende concluir que isso sempre se deu dessa forma, mas que houve ocasiões em que Teologia da Libertação, setor progressista no interior da Igreja Católica, procurou outras formas de se fazer presente na vida das pessoas. A preocupação da Teologia da Libertação naquele momento era trazer a política para o campo de suas ações, sendo que a mesma assumiria um espaço em que a luta contra a desigualdade social seria o foco principal. Nesse momento, não foi apenas o entusiasmo que incentivou os estudantes a procurar ingressar nesses canais de expressão e de luta

---

[134]**APAMF**. Jornal do Norte, 14 de maio de 1982, p.03.
[135]OLIVEIRA, Evelina Antunes Fernandes de. **Nova cidade, velha política:** poder local e desenvolvimento na Área da SUDENE. Maceió: EDUFAL, 2000, p.156.

social e política, mas os objetivos e projetos criados por setores progressistas da Igreja, pela organização de muitas associações de bairro e pelo PT promoviam e iam ao encontro de anseios e desejos acalentados pelo estudantado. Em um momento da entrevista, quando Márcia Beatriz falava sobre o fato de muitos partidos "orientar a militância estudantil", ela acabou por afirmar que ela havia iniciado a participação na Igreja, nos grupos de jovens, destacando diferenciações em relação a esses grupos:

> E existia já uma posição entre as pastorais e a renovação carismática n`é? Renovação carismática que tava surgindo também na época, que era mais de louvor e tal, e nós achamos que ser cristão era ser radical e a radicalidade era ali na militância. Então, aí, surgiu.[136]

No seio da Igreja Católica, havia uma divisão nesse período. Como relatou Márcia Beatriz, enquanto a "Teologia da Libertação" pregava libertar por meio da política associada à oração, a "Renovação Carismática" almejava incutir no jovem a ideia de louvor a Deus. O pecado maior para os seguidores da "Teologia da Libertação" seria a desigualdade social, por isso esse foi o tema recorrente nas reuniões de grupos de jovens. A questão das disputas de terras no Norte de Minas Gerais compunha uma das faces desse conjunto de lutas, uma vez que nos anos 80 tais embates provocaram mortes e derramamento de sangue principalmente em Cachoeirinha, hoje cidade de Verdelândia. As pastorais da terra compunham um espaço para discussão desse tema e, por conseguinte, fomentavam e instigavam esse debate. Acontecimentos vivenciados no social promoviam debates e ensejavam ações que se operavam de distintas maneiras na sociedade.[137]

Apesar desse estreitamento dos laços entre a Igreja e os estudantes, foram os partidos políticos o alvo das críticas dentro do movimento. Marcos Fábio Oliveira enfatizou que os partidos, após serem impedidos de participar do jogo político devido à Ditadura desde o governo Vargas (Estado Novo) até os militares (que colocaram os partidos na clandestinidade), eles foram obrigados, para ter vida própria e divulgar as suas ideias, a participar do ME, sindicatos e outros espaços:

---

[136]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de outubro de 2006.

[137] Delgado e Passos afirmaram que a relação entre os partícipes da Teologia da Libertação era de solidariedade. "Uma rede de relações desenhava esse projeto, tais como associações, sindicatos e os diversos movimentos populares". DELGADO, Lucília de Almeida Neves; PASSOS, Mauro. Catolicismo: direitos sociais direitos humanos. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O tempo da Ditadura:** regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano; v.4), p.39-45.

> Andrey: Como era a relação do movimento estudantil com os partidos? Havia partidarização?
> Marcos Fábio: [...] Mas não se pode dizer que existia uma partidarização, ou seja, o movimento estudantil servindo o partido. Era muito mais o contrário. O partido servindo o movimento estudantil. Porque, na realidade, o que acontecia: os partidos políticos obviamente tinham interesse na juventude, na renovação de quadros.[138]

De acordo com o entrevistado, que na atualidade interpreta o momento vivido, os partidos muitas vezes serviam aos interesses das entidades estudantis, quando estas procuravam marcar um encontro com algum político, para solicitar apoio para uma determinada causa. Assim, muitas vezes, os partidos funcionavam como uma conexão ou até mesmo aproximação entre os estudantes e prefeitos, deputados, governadores e outros políticos. Marcos Fábio Oliveira se posiciona como independente, mas mesmo assim não deixa de enfatizar a presença dos partidos, uma vez que, para ele, havia uma articulação entre os dois, partidos e ME, que promovia relações de mão dupla em que havia interesses de ambas as partes em jogo. É, pois, notório que há uma relação de mão dupla construída a partir do jogo de interesses dos estudantes e dos partidos, mas é preciso levar em consideração que muitos estudantes estavam envolvidos diretamente com os partidos, e, por isso, alvez seja um pouco perigoso separar, em alguns momentos, ME e partidos, pois essas fronteiras são tênues. Ele interpreta o que viveu à frente de um diretório estudantil, mas suas assertivas, por vezes, parecem uma tentativa de justificar a presença dos partidos no movimento estudantil.

Eurípedes Xavier, em entrevista, disse que nessa relação entre partido e ME, os dois extremos precisam ser evitados. Segundo ele, o primeiro extremo que carece ser evitado é o da partidarização do movimento social, ou seja, a transformação do movimento numa espécie de correio de transmissão do pensamento dos partidos. Ele destacou que, no período em que esteve à frente do DA-FAFIL, em 1986, sempre houve um esforço para evitar que isso ocorresse, pois partidarizar significaria transpor a opinião da maioria:

> Mas, por outro lado, um outro extremo também eu penso deve ser evitado porque ele é despolitizante. O outro extremo que entende que o movimento não deve ter qualquer tipo de contaminação partidária,

[138]OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 10 de novembro de 2006.

> digamos assim, usando uma expressão, essa expressão e por não achar outra melhor. [139]

Eurípedes Xavier frisou que os partidos são elementos constitutivos da sociedade e legítimos, sejam eles de esquerda, direita ou centro. E se membros de algum partido concorrerem ao pleito de alguma entidade, eles não podem ser impedidos de tomar posse se tiverem sido eleitos pela maioria da comunidade estudantil. Ou seja, "você não deve despartidarizar, você não deve despolitizar, não deve desideologizar o movimento, porque isso torna ele uma coisa meio amorfa, meio sem sentido, sem raiz e sem perspectiva de futuro".[140]

No momento da entrevista, a pergunta feita possuía um pressuposto, a saber, a partidarização, pois, inclusive hoje, existe uma discussão presente no movimento que envolve debates sobre a suposta interferência dos partidos nas decisões das entidades estudantis. Desse modo, a entrevista está marcada por esse debate, e o presente trabalho, embora refira aos anos 1980, revela-se atual pelas questões que pontua e como os entrevistados se lançam ao passado a partir de experiências vivenciadas no presente.

Andreza Barbosa, em artigo intitulado "A (Des) articulação do Movimento Estudantil: (Décadas de 80 e 90)", discorreu sobre "as causas responsáveis pela desarticulação do movimento estudantil" nos anos 1980 e 1990. A autora coloca os anos 1980 como um momento de despolitização, redução das atividades associativas e aumento do individualismo estudantil, dentre outros sujeitos, e afirma que, após o ano de 1984 e o término da Ditadura Militar, se abateu sobre o meio estudantil e os brasileiros de modo geral, um clima de conformismo, passividade e apatia. Barbosa aponta a "partidarização descontrolada" do movimento como o principal fator da desarticulação do movimento estudantil.[141]

As relações sociais analisadas neste trabalho destoam do artigo citado e indicam que essas assertivas podem ser respostas fáceis a problemas históricos muito mais complexos que os resultados auferidos. Primeiro, pensar a relação movimento estudantil e partidos sem levar em conta a vitalidade dessas sociabilidades naquele momento pode barrar a visualização do potencial e da correlação de forças existentes.

---

[139]XAVIER, Eurípedes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de novembro de 2006.
[140]XAVIER, Eurípedes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de novembro de 2006.
[141]BARBOSA, Andreza. A (Des) articulação do Movimento Estudantil: (Décadas de 80 e 90). **Revista Educação**: Teoria e Prática. Franca, vol.10, n.18, jan.-jun. -2002 e n.19, jul.-dez.-2002, p.05-14.

Segundo, essa relação sempre ocorreu no movimento estudantil. Terceiro, essa imagem de desarticulação do movimento é mais fruto de resquícios de memórias de formas de participação evidenciadas nos anos 1960, do que sociabilidades vivenciadas nos anos 1980. Quarto e último, as fontes pesquisadas não permitem uma conclusão tão geral como essa que possa abarcar e determinar um movimento que existe no país inteiro. Ainda existem poucos trabalhos que elegeram esse período para analisar o movimento estudantil.

Não nos resta aqui discutir qual a medida ideal para a relação entre partido e movimento estudantil, pois perderíamos de vista a vitalidade do momento vivido. O mosaico de interesses e opiniões é evidenciado no número de siglas e partidos que acompanhavam os estudantes, o que provocava um jogo de forças, mas revela um constante fazer-se dessas formas de sociabilidades e de luta política. O jornalista do Jornal do Norte, Marco Maciel, em editorial, expressou-se a respeito dessas divergências:

> A divergência que é sempre conflituosa, não pode implicar nem a supressão das ideias, nem a destruição dos adversários em conflito. Só a livre expressão e o livre debate das idéias vitalizam o processo político. E isso, que foi sempre a prática do movimento estudantil brasileiro, deve ser preservado. [142]

Assim, os partidos de esquerda foram os que mais dominaram o espaço e simpatia estudantil. Todas essas sociabilidades estiveram presentes em toda a década de 1980, provocando posicionamentos vários que revelam a miríade de possibilidades de opiniões evidenciadas no movimento estudantil. Albenísio Fonseca, ao sublinhar o ME na UCSal nos anos 80, em um livro comemorativo dos trinta anos do DCE, escreveu que "a pluralidade de idéias não deixou que o manto da ignorância e da estupidez encontrasse eco em nossas vozes sedentas de liberdade e de verdade de agir em favor de um mundo mais humano e feliz"[143]. Pedro Matos, presidente do DA-FAMED no ano de 1980, em entrevista ao Jornal do Norte, disse que o fato de o governo não reconhecer a UNE prejudicava a entidade: "Na medida em que os universitários brasileiros estiverem conscientes da importância estarão então confirmando 'A UNE somos nós'". [144] Já

---

[142]***APAMF***. Jornal do Norte, 07 e 08 de setembro de 1985, p.03. Editorial "*Movimento Estudantil e Reforma Universitária*".

[143]FONSECA, Albenísio. **O lugar na história:** 30 anos de DCE-UCSal. Salvador: Gestão Acorda, 1997, p. 57.

[144]**APAMF**. Jornal do Norte, 25 e 26 de Outubro de 1980, p. 9.

Valmir Santos, presidente da UNE em 1988, afirmou que, nesse período de organização do ME, as entidades estudantis e os partidos políticos precisavam compreender a juventude; os partidos de esquerda e as entidades estudantis estavam caducos no que tangia a entender a juventude: "São movimentos velhos, que reproduzem posturas e discursos ultrapassados".[145]

Essas citações são expressões das dificuldades encontradas pelo movimento estudantil para se reestruturar e enfrentar as questões cotidianas que afligiam os estudantes. A "retomada" do movimento era realizada sob a insígnia de divergências entre os grupos e correntes ideológicas existentes nas entranhas do ME, bem como da constatação da distância entre algumas propostas e ações das entidades estudantis e a base. As passagens citadas anteriormente são recorrentes em vários momentos na história do movimento estudantil em muitos lugares. "A UNE somos nós, nossa força e nossa voz" aparece como um grito de guerra que procura produzir identificações entre estudantes. Essas são expressões recorrentes ao longo da história do movimento estudantil. A mais forte delas é "o povo unido jamais será vencido", que é incorporado pelos estudantes nos diversos momentos de luta.

[145]**APJMD**. (Arquivo Pessoal de Jânio Marques Dias). II Semana de debates contemporâneos. "*Maio de 68*: as barricadas do desejo", maio de 1988.

CAPÍTULO 2
A FACULDADE EXPRESSA A CIDADE

Neste capítulo, tratamos das movimentações e reclames estudantis que dizem respeito ao ensino superior público gratuito e de qualidade, embora em alguns momentos não deixemos de fazer referência às trajetórias dos estudantes secundaristas na cidade com o objetivo de problematizar como esses sujeitos se constituíram historicamente. Tratamos das formas do fazer-se dos estudantes, suas organizações, formas de reivindicação, mobilização e o embate de projetos para a educação em Montes Claros e para o país.

2.1 Organização e mobilização

A FUNM foi criada por grupos advindos de famílias tradicionais de Montes Claros, principalmente pelos filhos de grandes proprietários de terras, médicos e advogados da cidade que concluíram seu curso superior em Belo Horizonte. O estatuto de faculdade privada conferia à fundação uma dinâmica interna em que havia o predomínio dos filhos dos detentores do poder econômico e político da região nos bancos da instituição, principalmente nos cursos elitizados como Direito, Medicina e Administração. Os cursos das humanidades geralmente abarcavam estudantes que lidavam com dificuldades financeiras e trabalhavam para quitar os estudos. Essa conjuntura propiciou que o aflorar de relações sociais construídas nessa instituição fosse marcado sob esse estigma. Barrar o aumento das anuidades acabou por vir a ser o objetivo comum a esses estudantes.[1]

O perfil dos estudantes da FUNM era heterogêneo. Em pesquisa realizada com os vestibulandos da Fundação no ano de 1980, 53,62% era do sexo feminino, sendo que 36,88 deles eram montes-clarenses, 35,82% se originavam de outras cidades norte-

[1]Clara Araújo, ao comentar sobre o Congresso de Piracicaba (XXXIV Congresso da UNE realizado em outubro de 1982), em que ela se elegeu a primeira presidenta da entidade, afirmou: “nesse período, a agenda propriamente universitária era muito marcada pela luta contra o aumento das mensalidades das escolas particulares”. Entrevista com Maria Clara de Araújo disponível no site: www.mme.org.br. (acessado 16 de agosto de 2006). Enquanto nos anos 60 as reivindicações e as mobilizações eram realizadas pelas universidades públicas, nos anos 80, as faculdades particulares ganharam maior espaço no panorama do movimento estudantil.

mineiras e 20,60% de outras cidades de Minas Gerais e 6,60% de outros Estados do Brasil. Dentre esses estudantes provenientes de outras cidades norte-mineiras, destacam-se Pirapora, Janaúba, Capitão Enéas e Francisco Sá. Quanto ao quadro econômico educacional da cidade, a tabela abaixo nos permite inferir análises sobre a Educação em Montes Claros.

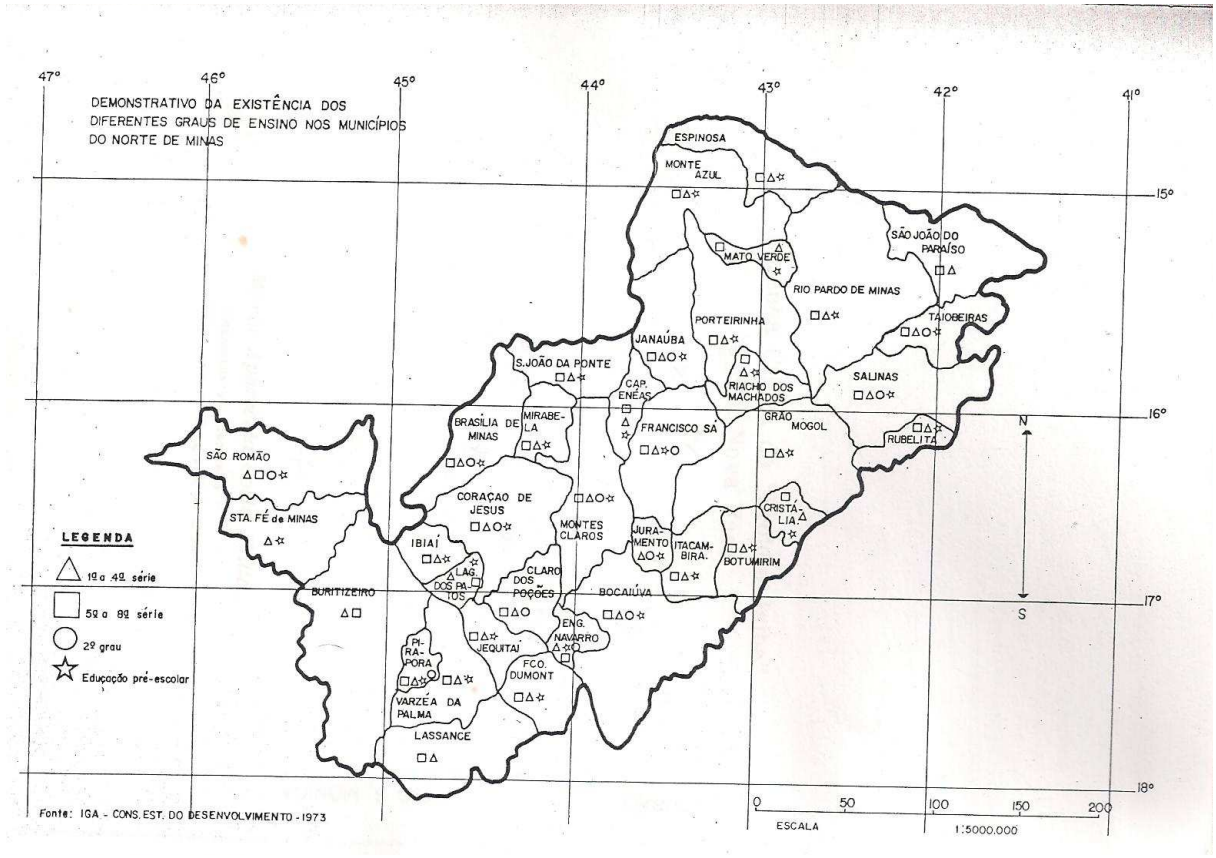
TABELA 4

Indicadores de educação setores de baixa renda Montes Claros – 1980	
Indicadores	Percentual
Analfabetos (pop. De 7 anos e mais)	8,6
População estudando (7 anos e mais)	33,3
População que já saiu da escola (7 anos e mais)	41,6
Primário incompleto	37,7
Primário completo	38,1
Ginasial incompleto	15,9
Ginásio completo	5,0
2 Grau	3,0
3 Grau	0,3

FONTE: BRAGA, Maria Ângela Figueiredo. Industrialização da Área Mineira da SUDENE: um estudo de caso. João Pessoa: UFP, 1985, p.71. Pesquisa SEPLAN, 1980.

O quadro acima nos permite afirmar que quanto maior o nível escolar, menor o acesso da população de baixa renda. No caso do ensino superior, a situação é mais delicada, visto que as faculdades da região eram particulares e o acesso ao ginasial já era pequeno. Quando temos a oportunidade de visualizar a oferta do ensino básico no Norte de Minas Gerais, conseguimos entender o porquê dessas estatísticas. O mapa abaixo, apesar de ter sido elaborado em 1973, nos oferece subsídio para entender o panorama educacional na região.

FIGURA 11



Mapa demonstrativo da existência dos diferentes graus de ensino nos municípios do Norte de Minas. ALENCAR, Eli de Oliveira. O papel da Escola na Sociedade e a Realidade da Escola no Brasil e na região. Revista Vínculo. Montes Claros, fevereiro de 1987, n.03, p. 41-64.

Grande parte dos municípios do Norte de Minas ainda não possuíam o ensino médio, antigo segundo grau. Espinosa, Monte Azul, Mirabela, Buritizeiro, Rio Pardo de Minas, Rubelita, Itacarambi, dentre outras cidades não possuíam o segundo grau. O Norte de Minas, em meados de 1987, possuía 36 municípios com um total de 277 escolas da rede estadual, com 87.718 alunos matriculados da primeira a quarta séries do primeiro grau, 46.523 alunos matriculados de quinta a oitava séries e 12.775 alunos no segundo grau. A rede municipal contava com 1.194 escolas que atendiam a 59.537 alunos da primeira a quarta séries, 290 de quinta a oitava séries e 1.585 no segundo grau. Esses dados, acrescidos da tabela e do mapa acima, nos indicam que o acesso à educação era dificultado pela falta de escolas, dentre outros motivos. A falta de escolas, bem como sua oferta geralmente ocorrida em algumas cidades que se tornaram referência em cada região do Norte de Minas, acabou por dificultar às camadas mais pobres o acesso à educação.

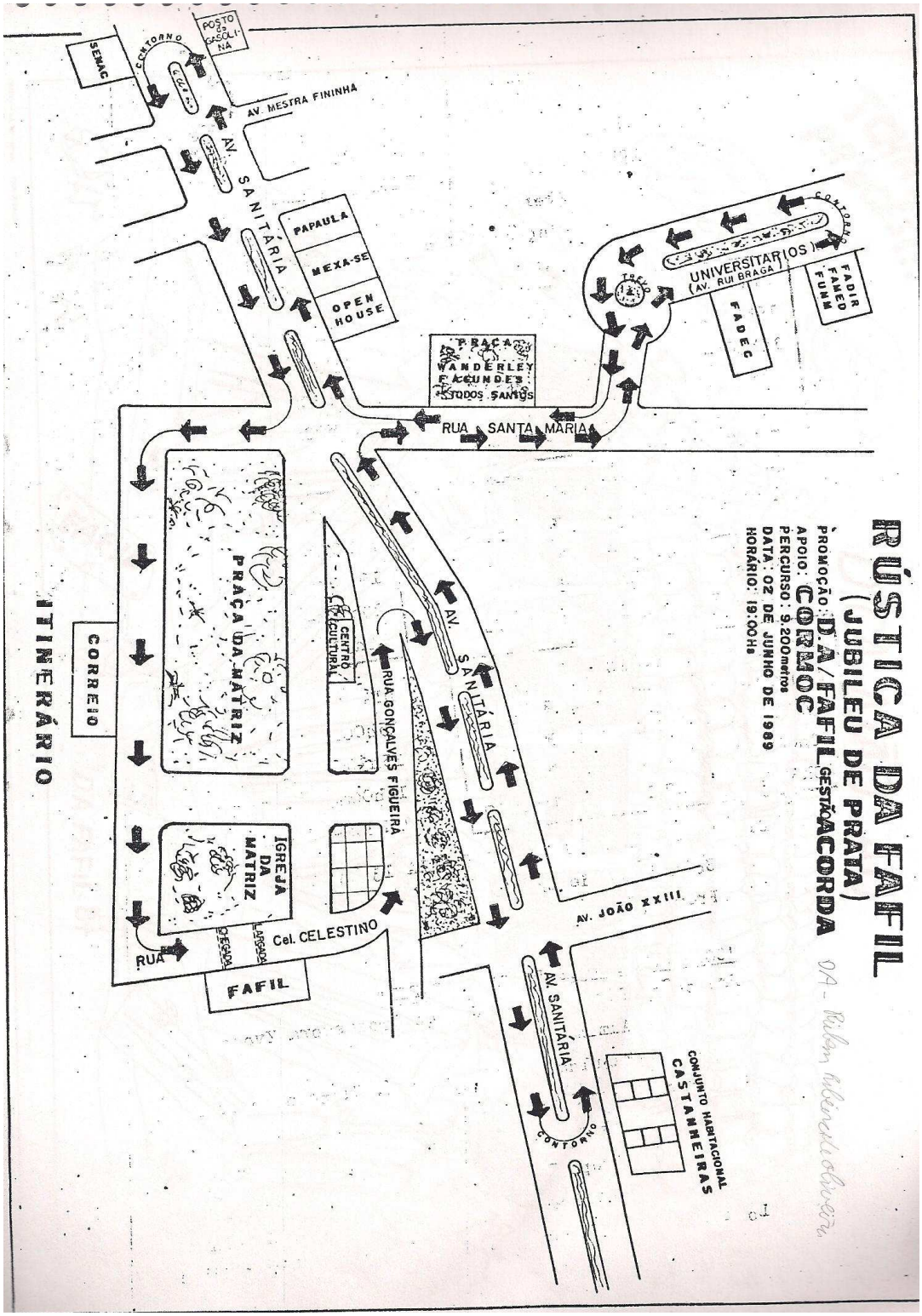
Embora o acesso à escola e ao ensino básico pelas camadas populares seja pequeno, isso não dificultou que estudantes que trabalhavam e viessem de famílias

advindas de bairros considerados pobres da cidade tivessem acesso ao ensino superior. Essa foi uma característica marcante na FUNM, em especial na FAFIL, faculdade esta que por possuir cursos com mensalidades ao alcance de trabalhadores acabou por vir a ser uma oportunidade para se ingressar no ensino superior.

A faculdade é um dos lugares de expressão de práticas sociais distintas. Desse modo, ela não deixa de ser um espaço de conflitos de valores, seja entre estudantes e a direção, seja entre os próprios estudantes. Esses estudantes carregam valores distintos, que são expressos de diversas maneiras. Na FAFIL, por exemplo, era percebido um grande número de estudantes que conciliavam o trabalho e o estudo, para conseguirem quitar as mensalidades ao final de cada mês. Um considerável número desses estudantes recebia ajuda do Crédito Educativo, que auxiliava no pagamento das mensalidades e outros se dedicavam exclusivamente ao estudo. No entanto, os universitários que estudavam na FAMED, FADIR e FADEC eram filhos de famílias abastadas da região, que não precisavam trabalhar para estudar. Essas faculdades abrigavam cursos como Medicina, Direito e Administração que, naquele período, eram consideradas profissões exclusivas de estudantes advindos de famílias guarnecidas economicamente, que possuíam condições de ter acesso a esses cursos, devido ao seu alto custo.

Outro fator interessante é o fato de que a FAFIL, em meados dos anos 1980, localizava-se em um prédio histórico, no centro da cidade, com poucas condições estruturais para abrigar a faculdade, enquanto os demais prédios das outras faculdades localizavam-se no mesmo espaço da Reitoria da FUNM na Vila Mauricéia. A transferência da FAFIL para outro prédio foi reivindicada pelos universitários do educandário. O itinerário da corrida rústica, realizada em 1989, serve de subsídio para pensarmos essa relação, bem como a elaboração de um mapa por um estudante. Nesse mapa podemos perceber os pontos identificados na geografia da cidade, com saída na FAFIL indo até a Vila Mauricéia, onde se localizavam as demais faculdades. A princípio, esse mapa não pareceu importante para entrar no corpo do trabalho, mas, na medida em que as fontes levaram ao alargamento da noção de cidade, percebemos que a produção de um estudante poderia contribuir para a compreensão da cidade que passava por diversas mudanças naquele período com a urbanização e industrialização crescente.

FIGURA 12



Mapa da corrida rústica da FAFIL, produzido em 1989 pela gestão “Acorda” do DA sob a presidência do estudante Rubem Ribeiro de Oliveira, em comemoração ao jubileu de prata da faculdade. O mapa está disponível no CAHis.

No ano de 1989, a FAFIL localizava-se no centro da cidade, enquanto a FUNM e as demais faculdades estavam no campus da Vila Mauricéia.[2] O itinerário da corrida rústica partia da FAFIL na Rua Coronel Celestino, passava pela Rua Gonçalves Figueira que fica atrás da Rua do Centro Cultural, saindo na Avenida Sanitária, contornando próximo ao conjunto Habitacional das Castanheiras que estava sendo construído na época, seguindo na mão contrária da Avenida Sanitária, virando na Rua Santa Maria já no Bairro Todos os Santos, conhecido por seus moradores serem endinheirados, para chegar ao início da Avenida Ruy Braga, *Campus* da FUNM que se localiza na Vila Mauricéia. No retorno para a chegada, os competidores voltavam pela Rua Santa Maria no Bairro Todos os Santos, saíam na Avenida Sanitária, passando em frente aos barzinhos e restaurantes que movimentavam as noites da cidade, Open House, Mexa-se e Papaula, passando pela Avenida Mestra Fininha, retornando no SENAC e seguindo a Avenida Sanitária em direção aos Correios, que se localiza em frente à Praça da Matriz para, enfim, chegar à FAFIL na Rua Coronel Celestino.

A solicitação da transferência da FAFIL para o terreno da FUNM, acrescida do argumento em torno da distância das outras faculdades, é uma expressão dessa relação desigual, que marcou as relações sociais entre os estudantes da FUNM. Tal fato revela o quanto é complexo estreitar os laços vividos por esses estudantes a partir de conceitos analíticos e trazer à tona explicações do tipo "os universitários da FAFIL eram todos os filhinhos de papai". Eles são diferentes! Mais cômodo ainda é cair na armadilha de afirmar que os estudantes da FAMED, FADIR e FADEC eram apolíticos e se preocupavam apenas com o seu próprio umbigo. A presença de presidentes do DCE eleitos pela comunidade acadêmica que pertenciam a essas faculdades serve de subsídio para repensar essa proposição.[3]

---

[2]Na localização apontada por Leite e Pereira, o Bairro Vila Mauricéia que se localiza na região oeste, nos primeiros anos da década de 1970 pertencia à área que vai da margem esquerda do Rio Vieira até o Bairro Todos os Santos, que não era povoada naquele momento. LEITE, Marcos Esdras; PEREIRA, Anete Marilia. A expansão urbana de Montes Claros a partir do processo de industrialização. *In*: PEREIRA, Anete Marilia; ALMEIDA, Maria Ivete Soares de. (orgs) **Leituras geográficas sobre o norte de Minas Gerais.** Montes Claros: Unimontes, 2004.

[3]Por meio do Jornal do Norte rastreamos alguns dos nomes dos presidentes do DCE e as respectivas faculdades de que advieram. A ausência de nomes em alguns anos não indica, necessariamente, marasmo nas entidades. Em 1979, Athos Alkimim que cursava o curso de Direito, era presidente do DCE; em 1980, Paulo Reis de Oliveira, que em 1985 era filiado ao PP, ficou por dois anos; em 1982, Marcelo Alkimim Pádua, que se filiou ao PMDB em 1985 adveio da FADEC e era representante da chapa "Novo Rumo", já o concorrente que perdeu a eleição, Roberto Wagner Lafetá, da chapa "Solidariedade", era estudante da FADIR tendo obtido apoio de Ruy Muniz que pertencia à "Centelha" na UEE-MG; em 1983, Benedito de Oliveira, da chapa "Construir"; em 1984, Marluce Cardoso Motta pertencia ao curso de História da FAFIL; em 1985, René Antunes Lopes então diretor da UEE-MG, representante do "Momento universitário" que venceu "Chapa do Chico", sendo que ele ficaria por apenas quatro meses; em 1986, há

TABELA 5

Presidentes do DCE			
Ano	Chapas concorrentes	Vencedora	Apuração
1980	Paulo Reis de Oliveira	Paulo Reis	XXXXXXXXXXXXXXXX
1981	XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX	XXXXXXXXX	XXXXXXXXXXXXXXXX
1982	Novo Rumo (Marcelo Alkimin Pádua); Solidariedade (Roberto Wagner Lafetá).	Novo Rumo	Novo Rumo 801; Solidariedade 316; 14 brancos; 17 nulos; 117 votos.
1983	Construir (Benedito de Oliveira);	Construir	XXXXXXXXXXXXXXXX
1984	Marluce Cardoso Motta	Marluce Cardoso Motta	XXXXXXXXXXXXXXXX
1985	Momento Universitário (René Antunes Lopes); Chapa do Chico.	Momento Universitário	XXXXXXXXXXXXXXXX
1986	XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX	XXXXXXXXX	XXXXXXXXXXXXXXXX
1987	Marcos Fabio Martins de Oliveira	Marcos Fabio M. de Oliveira	XXXXXXXXXXXXXXXX
1988	Ação Conjunta (Sérgio Henrique Mourão, Lipa Xavier era vice-presidente); Agora é a hora; Diretas.	Ação Conjunta	Ação Conjunta, 668; Agora é a hora, 278; Diretas, 380.
1989	Rosana Márcia Coelho	Rosana Márcia Coelho	XXXXXXXXXXX

Fonte: Pesquisa realizada no Jornal do Norte do Arquivo Particular de Américo Martins Filho.

Nas páginas dos periódicos locais havia o predomínio de notícias e reportagens que mencionavam o DCE e o DA-FAFIL, embora, entre um momento e outro, tenham ocorrido aparições de outros DA's. Por meio dos periódicos locais, rastreamos ações de alguns representantes dos DA's que indicam que havia eleições dos diretórios das faculdades. A tabela abaixo expressa a existência e renovação desses órgãos estudantis.

críticas quanto ao marasmo no DCE editadas no Jornal do Norte; em 1987, Marcos Fábio Martins de Oliveira fazia o curso de Ciências Econômicas na FADEC; em 1988, Sérgio Henrique Mourão, tesoureiro do PDT venceu eleição com a chapa "Ação conjunta" 668, que concorreu com as chapas "Agora é hora" 278, "Diretas" 380; em 1989, a presidenta Rosana Márcia Coelho, era ligada à FAFIL.

TABELA 6

Tabela de presidentes e representantes dos DAs da FUNM			
Ano	DA-FAMED Mário Ribeiro	DA-FADEC Ávila de Oliva Brasil	DA-FADIR Cyro dos Anjos
1980	Pedro Gomes de Matos	Emílio César Malveira	Wilson Pereira Júnior
1981	XXXXXXXXXXXXX	XXXXXXXXXXXXX	Marconi Edson
1982	Aristeu de Melo Franco	Israel Gonçalves Almeida	Fernando Eleutério e o vice Antônio Atayde
1983	Emílio César Malveira	XXXXXXXXXXXXX	XXXXXXXXXXXXXXX
1984	Obdulho Naves de Oliveira	Cândido Carlos Ernesto Mendes da chapa única "Ação conjunta"	XXXXXXXXXXXXXXX
1985	Wagner Veneroso da Fonseca	Frederico Barbosa	XXXXXXXXXXXXXXX
1986	XXXXXXXXXXXXX	Marcos Fábio Martins de Oliveira	Maria do Socorro de Carvalho Silveira
1987	XXXXXXXXXXXXX	Rita de Cássia e o vice Simeão Rodrigues Jr	XXXXXXXXXXXXXXX
1988	XXXXXXXXXXXXX	XXXXXXXXXXXXX	XXXXXXXXXXXXXXX
1989	XXXXXXXXXXXXX	Cleides Beatriz Nogueira	Dalton Caldeira Rocha

Tabela de presidentes dos DA's da FAMED, FADIR e FADEC que foram rastreados a partir das menções presentes no Jornal do Norte que faz parte do APAMF.

Podemos perceber a desigualdade presente nessas condições citadas anteriormente, que evidencia o quanto esses sujeitos são complexos. Para compreendermos as sociabilidades engendradas no interior do movimento estudantil, precisamos traçar as diversas formas de organização dos estudantes no interior do movimento. A tabela acima, produzida a partir de notícias publicadas no Jornal do Norte, indica a existência da renovação desses diretórios estudantis, apesar de não termos conseguido rastrear os representantes em alguns anos.

Ao longo desse período, o meio estudantil era dividido em dois grupos, os universitários e os secundaristas. Os universitários estudavam nas faculdades privadas da FUNM – inicialmente chamada Fundação Universidade Norte Mineira que foi criada em 1962 e, depois, intitulada Fundação Norte Mineira de Ensino Superior – e os secundaristas nas escolas públicas estaduais e municipais, além das particulares e confessional, como o colégio Marista. Cada uma das faculdades possuía um DA que, no caso do movimento estudantil universitário, representava os estudantes no âmbito de cada uma delas. O DCE era o órgão estudantil máximo que representava os universitários no âmbito da Fundação. Os secundaristas eram representados pelos grêmios estudantis que funcionavam em cada escola, sendo que o DEMC era e/ou é o órgão de maior representatividade entre eles.

A Faculdade de Filosofia foi criada em 1963 por cinco estudantes recém formadas pela UFMG, Isabel Rebello de Paula, Maria Isabel Figueiredo Sobreira, Maria da Consolação Magalhães, Maria Florinda Pires Ramos e Maria Dalva Dias de Paulo, sendo incorporada à FUNM em 1965. Inicialmente, a faculdade começou a funcionar no colégio Imaculdada Conceição em salas cedidas pelas freiras, sendo que, em dezembro de 1966, foi transferida para o casarão da Rua Cel. Celestino n°75 no centro da cidade e, posteriormente, para o *campus* na Vila Mauricéia, em 1992, onde se localizava a FADEC, FADIR e FAMED. Em livro comemorativo dos quarenta anos da Unimontes, as historiadoras Cláudia Maia e Filomena Luciene Cordeiro discorrem sobre a criação do DA da Faculdade de Filosofia. No livro foi escrito que, em maio de 1964, a diretora Isabel Rebello de Paula convocou os alunos em reunião para a criação, organização e atribuições de um DA. Os professores e alunos engajaram-se na criação de um estatuto e na organização da primeira eleição. Duas chapas concorreram, a primeira sob liderança de José Eustáquio Machado Coelho e a outra por Roberto Mauro Amaral. Como o período era marcado pelo controle evidenciado com a Ditadura Militar implantada em 1964, os nomes dos concorrentes foram encaminhados ao Delegado Especial de Polícia de Montes Claros para apreciação. Os nomes foram aprovados e José Eustáquio venceu as eleições.

Em 1965, foi criada a Faculdade de Direito, instalada no Instituto Norte Mineiro, sendo transferida em 1966 para o casarão da Rua Celestino n°75 no centro da cidade e, depois, para o prédio da Faculdade de Medicina na Vila Mauricéia, em 1983, onde funcionava a administração da FUNM. No que diz respeito ao Diretório Acadêmico Cyro dos Anjos, não se sabe quando foi criado, mas ele se envolveu em

várias lutas, dentre elas pela reativação do Serviço de Assistência Jurídica – SAJ – que, desativado em fevereiro de 1980 por falta de verbas, voltou a funcionar no dia 15 de setembro de 1980.

As entidades estudantis constituíam um dos espaços de organização dos estudantes nas suas lutas pelo ensino público gratuito e de qualidade. Nessa empreitada, os eventos culturais e esportivos foram vistos como formas de oxigenar um movimento que precisava renovar constantemente seu quadro de militantes. Ao longo da década de 1980, o movimento estudantil universitário em Montes Claros promoveu diversos eventos artísticos e esportivos, organizados principalmente pelo DCE, objetivando integrar os estudantes às práticas esportivas e às formas de expressão culturais norte-mineira e acadêmica.[4] No horizonte da história, podemos notar que a poesia, o teatro e a música foram empregados como meio de resistência, principalmente contra os atos repressivos impetrados pela Ditadura Militar nos anos 1960. Na década de 1980 em Montes Claros, os diversos eventos culturais e esportivos organizados pelo DCE e o DA-FAFIL não deixaram de expressar, mesmo que de forma indireta, certo teor questionador ao regime instituído.

Os eventos culturais organizados pelo DCE e o DA-FAFIL contavam muitas vezes com o apoio da reitoria da FUNM, além de subvenções da prefeitura e patrocínio de empresas particulares. Os eventos foram organizados principalmente pelo DA-FAFIL, que realizou o I Salão de Arte da FAFIL em 1981 e o Concurso de Contos, Crônicas e Poemas – COMPOR – pela primeira vez em 1983. O DCE organizou o Festival de Arte Universitária – ARTEUNI – e o Festival Universitário de Canção Popular – FUCAP –, que, assim como os eventos promovidos pela FAFIL, eram abertos a todos os acadêmicos da FUNM. Esses eventos eram realizados com muita dificuldade, pois os estudantes não possuíam verba para custear sozinhos as atrações e a divulgação das festas. O cartaz abaixo, do I Salão de Arte da FAFIL, expressa essa dificuldade,

---

[4]Javier Alfaya, presidente da UNE em 1981, em entrevista ao Projeto Memória do Movimento Estudantil Brasileiro disse que a entidade estimulava iniciativas culturais e esportivas que eram muito mais dos DAs e dos DCEs. “Era muito mais a UNE ajudando iniciativas de baixo do que propriamente uma política da UNE”. Conforme ele, com a reconstrução da UNE iniciada em 1979, diminuiu-se a entrada em cena do interesse pela intervenção cultural do movimento estudantil para fazer política. Nesse período, predominavam greves, luta por melhoria do ensino, qualidade da universidade e outros. Embora não ficasse nas mãos das principais lideranças da esquerda do movimento estudantil a organização de ligas esportivas e atividades culturais, elas nunca deixaram de existir, variando de universidade para universidade. Entrevista com Javier Alfaya disponível no site: www.mme.org.br. (acessado em 16 de agosto de 2006).

bem como indica uma forma de os estudantes enfrentarem esses problemas, a partir da produção manual dos cartazes:

FIGURA 13

Cartaz de divulgação do I Salão de Arte da FAFIL no ano de 1981 que foi produzido de forma manual e foi uma realização do DA. O cartaz está disponível no CAHis.

Com desenho feito por meio de lápis de cor, os estudantes improvisavam cartazes para divulgar seus eventos. Esses eventos exigiam dedicação à entidade promotora do evento, por isso cada estudante que possuísse alguma habilidade logo era convocado seja para a arte, esporte ou lazer, entre outros. Mesmo com as dificuldades financeiras enfrentadas pelo movimento estudantil, os estudantes organizavam-se e mobilizavam a cidade a partir dos vários eventos promovidos.

Para conseguirem arrecadar fundos para levar o movimento adiante os estudantes se organizavam de diversas formas. No Relatório da gestão *Vento Novo*, que pode ser encontrado no CAHis, em que se descreve sobre os quatro meses da presidência de Arlen Santiago no DA-FAFIL, são elencadas as dificuldades e projetos enfrentadas e elaborados pelos estudantes, respectivamente. As metas da gestão que

cobriria o mandato tampão diriam respeito à organização "do que teria sobrado do diretório". Esse mandato cobriu parte do ano de 1983. Em 1981 a gestão da chapa *Corujão* estava sob a presidência de José Eustáquio Maia que estava à frente do diretório em 1982, e não houve menção ao DA no Jornal do Norte. Não sabemos ao certo o que ocorreu no diretório nesse momento. O Jornal estudantil o Corujão publicado em 1982 é uma das fontes que nos permite visualizar a atuação do diretório e foi utilizado no próxmo capítulo. No relatório foi dito que todos os aparelhos do diretório estavam em funcionamento, as duas dependências haviam sido pintadas, os forros consertados, livros e atas organizados, tesouraria com prestações de contas diárias, materiais esportivos e outros adquiridos. O relatório foi escrito em máquina de datilografar com espaços elaborados manualmente e desenhos, com jogadores chamando para os IX Jogos Universitários de Montes Claros "É hora de Jogar". Foi escrito sobre o IV FUCAP – Festival Universitário de Canção Popular –, com destaque para a vencedora "Canção do despertar"; seguindo-se menção às músicas em segundo e terceiro lugar, "Ardente Delírio" e "Bagaceira", e à música "Mariana", considerada a mais popular; e apresentando, ainda, o descontentamento do público pela desclassificação de "A moça e a rosa" e "Cascavel". Esse relatório parece ser um jornal do DA, pois, ao longo dos textos, procurou divulgar o que estava ocorrendo na faculdade, como a publicação de um livro de crônicas de um estudante; a divulgação de evento de legalização da UEE-MG; a chamada do II Salão de Arte; uma notícia de pesquisa que seria realizada por alunos do curso de Ciências Sociais sobre "o nível socioeconômico das crianças de zero a 14 anos que moram no Bairro Santo Antônio, atendendo pedido do Lions Tropeiro"; outra sobre a ida de Soninha e Gugu à cidade de Januária com o Projeto Rondon; e outros.[5]

No final das páginas, os estudantes aproveitaram para divulgar produtos que vendiam para arrecadar fundos, como: camisetas do FUCAP; pastas com o nome do curso, "Não leve os livros nas mãos!!", "Adquira sua pasta ainda hoje"; e para divulgar a cantina do DA. Nesse mesmo sentido, divulgaram as eleições do DA, convocando os estudantes para organizarem suas chapas, e, em uma chamada para os estudantes visitarem a biblioteca, foi escrito em letras menores "só falta espaço pra [...]". O conjunto do relatório expressa satisfação por reorganizar o DA, bem como críticas e reivindicações quanto ao espaço da biblioteca que não deixa de se fazer presente nesse

[5]**ACAHIS**. Relatório da gestão "Vento Novo" do DA-FAFIL, 1983.

material. Como o mandato tampão teve o objetivo de reorganizar a entidade, essas variadas formas de arrecadar fundos tiveram o objetivo de facilitar essa empreitada.

Com improviso para superar as dificuldades, os estudantes conseguiram organizar vários eventos, como o FUCAP. Lembrando que nesses eventos artísticos os estudantes expressavam, a partir das canções, seus projetos, suas críticas e seus anseios. Na primeira página do Jornal do Norte do dia 23 de julho de 1981, foi publicada reportagem sobre o III FUCAP. No III FUCAP, realizado em julho de 1981, foram computados trezentos candidatos inscritos, dos quais foram selecionados trinta. Nesse festival, todas as canções foram submetidas à censura, o que indica que havia certo controle da Ditadura quanto às ações estudantis locais nesse período. Duas músicas foram censuradas pelo departamento de Segurança Federal de Belo Horizonte: "Forró de Franculino", de autoria de Braúna e Choro, e "Analfabeto consciente", de Manoelito Xavier, ambas do grupo Agreste.[6] Na reportagem de julho de 1981, foi publicado que já havia a expectativa entre os partícipes de que pelo menos uma dessas músicas fosse eliminada pela censura, o que deixa transparecer que o conteúdo dessas canções possuía algo contestatório ao poder instituído. Os autores defenderam que "as letras não traduzem nenhuma afronta à segurança nacional, mas repudia as agressões sofridas pelo povo no atual estágio da política brasileira".[7]

Os autores das músicas eliminadas ainda afirmaram que iriam recorrer ao departamento de censura para a aceitação das canções. No Jornal do Norte foi publicado que o III FUCAP terminou marcado pela desorganização, atraso e discordância dos ouvintes quanto às músicas vencedoras do festival. Os eventos organizados pelos estudantes não deixaram de ser lugar de divergências e tensões nas relações forjadas no interior do meio estudantil. Mesmo sofrendo censura, o evento ocorreu, o que indica um momento marcado pela correlação de forças e interesses.

O grupo Agreste, composto pelos autores das duas músicas censuradas em 1981, foi criado em 1978 por um grupo de estudantes secundaristas e universitários de Montes Claros, desfazendo-se em 1983. Dentre os componentes do grupo, estavam Manoelito Xavier, Pedro Boi, Braúna, Tom e Choro. No período de existência, o grupo obteve boa repercussão no mercado fonográfico brasileiro, o que é um motivo de orgulho para os componentes. Manoelito Xavier, depois de indagado sobre como

---

[6] **APAMF**. Jornal do Norte, 21 de julho de 1981, p.01.
[7] **APAMF**. Jornal do Norte, 23 de julho de 1981, p.01.

começou o Grupo Agreste, relembrou desse momento e falou um pouco sobre o início do grupo e o sucesso alcançado:

> Andrey: Quando surgiu o grupo Raízes?
> Manoelito Xavier: [...] Os ensaios eram lá no porão da FAFIL. Às vezes a gente, depois da aula, ia ensaiar ate três, quatro horas da manhã. Ele foi criado em 78 até na minha casa. Aí, depois, logo a gente foi p`ra faculdade e a gente ensaiava lá. Nós tivemos no Som Brasil, na Globo, três vezes, nós tivemos no programa da Hebe Camargo. Aqui, nós fizemos shows no Norte de Minas todo. Montes Claros, a gente lotava o teatro. Era um grupo que foi muito bem aceito. Até hoje ele é referência. [8]

Como o grupo ensaiava na FAFIL e era composto por estudantes, todo o clima de criação do grupo e suas composições eram marcados pelos debates e sonhos acalentados entre o meio estudantil e a juventude do período. Por isso, as músicas produzidas por eles expressavam "anseios dos estudantes e de uma juventude ávida pelo conhecer e se expressar".[9] Os temas de grandes debates na cidade, região e país na época acabaram sendo mote das músicas compostas por eles. A canção Jaíba, citada por Manoelito Xavier, descreve as disputas de terra na região da atual cidade de Jaíba, localizada no Norte de Minas Gerais: "O dono da terra, às vezes nem sempre dono, às vezes ele era grileiro. Ele matava. Ele praticava todo tipo de coisa. Ele chegava e oprimia o trabalhador, o pequeno dono de terra".

No que diz respeito à música "Analfabeto consciente", em um momento da entrevista quando perguntado se ainda possuía a letra, Manoelito Xavier recitou-a.

> Era uma música mais assim de brincadeira. *Homem com raiva não come. Muiê ciumenta não drome. Sai Cachorro da mulher que vem lobisomem.* Escreveu com José de Lira Sobrinho, formado em história pela USP, ele era lá de Pernambuco. *Olha a mula sem cabeça me acode Santo Antônio. Se correr o bicho pega se ficar o bicho come. Me come, te come, nos come, vos come. Eu nunca cumi da carne chamada filé minhon, filé minhão. Porque eu vou lá no açougue, meu o dinheiro não dá não.* Uma história mais ou menos assim. Falava do preço da gasolina. Falava de um cado de coisa.[10]

---

[8]XAVIER, Manoelito. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de janeiro de 2009.
[9]Ver: SILVA, Márcia Pereira da. **Em busca do sonho**: história, juventude e repressão: Franca - 1960-1970. Montes Claros: Unimontes, 2001, p.64.
[10]XAVIER, Manoelito. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de janeiro de 2009. Grifo da parte da letra da música.

Esse trecho da entrevista indica que a canção era expressão de dificuldades enfrentadas por moradores da cidade e do país, sendo também uma forma de crítica a uma sociedade desigual: "porque eu vou lá no açougue, meu o dinheiro não dá não". Lembrando que nesse período o Brasil passava por uma inflação e "crise econômica". Os anos 1980 são lembrados como a "década perdida" em termos econômicos. O trecho dessa música expressa o que foi vivenciado pelos brasileiros nesse período, ou seja, altas taxas inflacionárias, alto custo de vida e arrocho salarial, dentre outros. Os jornais locais publicaram diversas matérias e reportagens sobre o aumento do preço da gasolina, da água e da carne nos açougues. Nesse panorama de cancelamento de salários, aumento do custo de vida e inflação galopante, foram constituídos movimentos de bairro pela moradia.[11] Essas dificuldades foram sentidas no cotidiano dos moradores da cidade, inclusive dos compositores que enfrentaram essas tribulações pelo viés da produção artística.

O FUCAP, assim como outros eventos culturais ao longo da década de 1980, foi realizado pelos estudantes. Outros eventos, como calouradas, carnaval, palestras e corridas rústicas também estiveram na pauta dos acadêmicos, e, para divulgá-los, eles utilizaram jornais locais e próprios, produzidos pelas entidades, como "o Corujão" e "o Neurônio"[12], dentre outros.

Com relação às atividades esportivas, o DCE organizou várias vezes os Jogos Universitários de Montes Claros – JUMOC –, que mobilizavam os acadêmicos da FUNM. Nesse evento, havia a participação de todos os DA's, unidos em torno de diversas atividades esportivas, como futebol, voleibol, peteca, xadrez etc. O incentivo à prática esportiva foi fortalecido com a criação da Associação Universitária de Lazer e Atletismo – AULA –, lançada pelo DCE. A AULA funcionava como uma liga esportiva, que se filiaria à Federação Universitária Mineira de Esportes – FUME – para integrar o universitário local com esportistas do Estado.[13] Várias vezes, acadêmicos da FUNM representaram a fundação nos jogos mineiros. A participação dos universitários

---

[11]Para saber mais sobre o assunto ver: MENDONÇA, Sônia Regina de; FONTES, Maria Virgínia. **História do Brasil recente**. 1964-1992. São Paulo: Ática, 1996. Série Princípios. As autoras analisam as "crises econômicas, política e social que envolvem o país do golpe de 1964 até o *impeachment* de Collor em 1992". Elas ressaltam a crise do petróleo em 1974 e o fim do "milagre econômico" que acabou por minar as bases referenciais que salvaguardavam o regime, a saber, o crescimento econômico. Além do mais, elas citam os planos econômicos criados com vistas a acabar com a inflação galopante: o plano Cruzado (1986), Bresser (1987) e Verão (1989).

[12]Os periódicos estudantis não foram encontrados, exceto a edição especial do Corujão em comemoração aos 18 anos da FAFIL e recortes do Jornal do DEMC de 1984, sendo que soubemos deles a partir das entrevistas realizadas com os ex-estudantes.

[13]**APAMF**. Jornal do Norte, 19 de agosto de 1982, p.03.

de Montes Claros nos jogos mineiros foi tão notória que a presidenta do DCE no ano de 1984, Marluce Motta, conseguiu que a cidade fosse sede do V Jogos Universitários Mineiros – JUMES.

No que tange à XIII Olimpíada Universitária, o Jornal do Norte, no dia 28 de agosto de 1986, publicou que foi coordenada pelos DA's, apesar de, por tradição, ser realizada pelo DCE. A olimpíada de 1986 ocorreu em meio a críticas à diretoria do DCE, por não ter promovido o evento no ano anterior, uma vez que isso era tradição no meio acadêmico.[14]

Eventos esportivos e culturais foram várias vezes realizados pelas entidades estudantis. As diversas notícias publicadas no Jornal do Norte, na página dedicada aos esportes, indicam que a divulgação dos eventos organizados pelas entidades nem sempre foi realizada de forma harmônica na década de 1980, nesse caso devido à contrariedade dos grupos integrantes ao DCE e aos DA's.

Juntamente com esses dois tipos de eventos, foram realizadas festas e calouradas com objetivos específicos. Marcos Fábio Martins, presidente do DCE durante o ano de 1987 e hoje professor universitário da Unimontes, em entrevista, realizada em 2006, quando perguntado sobre os seus objetivos, disse que tais eventos eram constantes: "Sempre festas que procuravam unir a questão do lazer, do lúdico, mas com a mobilização".[15] O ex-presidente do DCE ainda destacou uma festa realizada em prol da campanha pelas *Diretas Já*,[16] que cumpriu com a ideia de festejar e ao mesmo tempo politizar. O objetivo das festas e eventos era de integrar o meio estudantil, e essa integração, conforme ele, sempre foi muito útil porque "sempre que necessitar da força da base, ela respondia de forma positiva":

> Andrey: Havia eventos culturais? [...] Qual o objetivo desses eventos?
> Marcos Fábio: [...] E essas lutas política da participação, é de a luta pela universidade pública, a luta pela mensalidade, também, se juntar com a questão da festa e a questão do esporte, porque na medida em que o aluno se integra é que ele começa a frequentar a entidade. Ele frequenta a entidade em todas as suas facetas, seja no lúdico, seja no lazer, seja na festa, seja na integração.[17]

---

[14]**APAMF**. Jornal do Norte, 28 de agosto de 1986, p.07.
[15]OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit mag.). Montes Claros, 10 de novembro de 2006.
[16]No próximo capítulo nos deteremos de forma mais detalhada nas lutas pelas Diretas Já.
[17]OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 10 de novembro de 2006.

Eurípides Xavier, ex-presidente da gestão *Porta Aberta* do DA-FAFIL em 1986, afirmou que esses eventos, além de sustentarem financeiramente as entidades, ajudavam a ampliar a base social do movimento estudantil. Ele destacou que esses eventos ajudaram a unificar os estudantes e a "trazer para o movimento quem não tinha interesse apenas na questão política". Dessa forma, perguntamos se eles promoviam eventos culturais, bem como quais os objetivos de suas realizações. Ao que ele respondeu que tais festas

> atraíam não apenas aqueles que queriam lutar contra a Ditadura ou lutar na luta política, mas aqueles que queriam lutar também através das letras, que vinham lutar através da arte, que queriam lutar através da música e se expressar através desses canais de comunicação.[18]

Por fim, podemos notar que esses eventos eram utilizados como estratégias para integração estudantil e forma de luta cotidiana, artística e esportiva, procurando, de maneira lúdica, não deixar que o movimento estudantil fosse levado ao esquecimento. No bojo do movimento, outra conjuntura requeria a construção de novas formas de sociabilidades concatenadas com outras agendas políticas e maneiras de agir na cidade de forma efetiva. O fazer-se do movimento ocorria com o fazer-se da cidade em articulação com a conjuntura vivenciada no país. Esses eventos esportivos e artísticos foram incentivados a fim de reorganizar o movimento e proporcionar novas formas de participação estudantil além dos canais tradicionais de movimentação, como a passeata e o ato público.

Além desses eventos e das próprias entidades, os estudantes compunham outros espaços de ação. Leandro de Aquino Mendes, em monografia de conclusão de curso, afirmou que houve a presença marcante de estudantes no diretório petista da cidade nesse período. Ele enfatiza que o movimento estudantil da cidade, com o DEMC, DCE, UEE (União Estadual dos Estudantes), foi um aliado importante para a composição do PT em Montes Claros, porque o estudantado constituiu 48,7% do diretório petista.

Com isso, observamos mais uma vez o envolvimento dos estudantes com a política e a fundação dos partidos na cidade de Montes Claros, os quais, inicialmente, se

---

[18]XAVIER, Eurípedes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de novembro de 2006.

constituíram do grupo estudantil, embora, em meados de 1984/85, novos membros tenham engrossado as fileiras do Partido dos Trabalhadores.[19]

Nivaldo José Cardoso, conhecido por Nivaldo Feijão por ser carnavalesco da escola de samba Feijão Maravilha, do Bairro Morrinhos, um dos fundadores do PT em Montes Claros, em entrevista realizada em setembro de 2009, falou sobre a relação dos estudantes com o partido. Ele que veio de Grão Mogol com seus pais por volta do final dos anos 1950 e início de 1960, foi presidente do grêmio estudantil do colégio Edgar Renold e terminou o curso técnico em Contabilidade em 1979. Morou inicialmente na Praça da Matriz (centro de Montes Claros, nas proximidades da FAFIL), perdeu seu pai logo cedo, e, tendo de sobreviver com uma família de muitos irmãos, foi morar no Bairro Morrinhos. Ele se intitula comunista desde os 14 anos, sendo um dos poucos moradores da cidade que até hoje se declara como tal.

O encontro com Nivaldo Feijão ocorreu por coincidência. Na procura pelo presidente da Associação do Bairro Morrinhos, procurávamos informações em um salão de cabeleireiro. Em uma das paredes do salão, está uma fotografia datada, aproximadamente, do ano de 1979, com o fundador do PT no ABC paulista e, hoje, Presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, e um grupo de pessoas. Perguntamos quem eram as pessoas da fotografia e fomos informados de que essa fotografia havia sido presente de Nivaldo Feijão. Como Nivaldo residia a alguns quarteirões do salão de cabeleireiro, fomos até sua casa e começamos uma conversa. Abaixo está a fotografia, com Ruy Muniz, Nivaldo Feijão (de barba), Lula e outras estudantes, com camisetas do PT, à época da fundação do partido em Montes Claros. Como esse constituía um momento importante de sua vida, dar visibilidade a um vestígio dessa sua trajetória na história da cidade era muito importante, para ser simplesmente esquecido.

---

[19]MENDES. Leandro de Aquino. **O Partido dos Trabalhadores em Montes Claros:** fundação e consolidação na década de 1980. Monografia. Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2004.

FIGURA 14

Fotografia do momento da visita de Lula a Montes Claros em razão da fundação do Partido dos Trabalhadores na cidade. A foto foi encontrada exposta na parte inferior de um espelho em um salão de cabeleireiro no bairro Morrinhos. Na parte superior da fotografia, está Lula, abraçado com duas mulheres não identificadas, ao lado está Ruy Muniz que abraça sua atual esposa Raquel Muniz. Na parte inferior, está Nivaldo José Cardoso. Provavelmente a foto data do ano de 1979.

Nivaldo Feijão fala que, no período, o PT foi fundado por dois grupos: os intelectuais e os trabalhadores. Sendo que os intelectuais eram os estudantes que estavam na Faculdade. Ele ainda cita que havia duas correntes nesse momento, a Centelha e a Libelu (Liberdade e Luta), que eram compostas por estudantes e trabalhadores, respectivamente.

> Andrey: Havia correntes ideológicas no movimento? [...] Havia correntes como a Centelha?
> José Nivaldo: [...] Havia a Centelha. Começou o PT assim, com a Centelha. Lembra aqui o nome... Fazia parte... É que eu tive derrame, sabe. Tô meio esquecido. Eu era da Libelu, Liberdade e Luta. Eu fazia parte dessa. Nós, trabalhadores, era da Libelu. Esse pessoal intelectual era da Centelha. [20]

[20]CARDOSO, Nivaldo José. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 09 setembro de 2009.

Como foi dito na entrevista, Nivaldo sofreu derrame recentemente, por isso, em vários momentos, ele se reporta ao problema de saúde para justificar seu esquecimento. Ele disse que as pessoas "que lutam nessa luta" passam por muita ansiedade, o que pode ter contribuído para o acontecido.

Além do mais, ao construir sua fala tomando como ponto de partida a pergunta referenciada na passagem anterior, ele disse que os trabalhadores naquele momento eram "usados como massa de manobra pelos intelectuais" que, nesse caso, ocupavam cargos de maior importância. No momento seguinte, ele procura se posicionar como sujeito ativo nesse processo e afirma que "apesar do trabalhador não ser um intelectual, tinha muita sabedoria."[21] Apesar de não ser um estudante universitário, ele integrava grupos de estudantes e discutia com eles temas relacionados à cidade, o que constitui movimentações que formulam formas de luta pela defesa da cidadania e pela democracia.

A partir da fotografia, podemos visualizar o estilo desses estudantes. Nivaldo, assim como Lula, está de barba grande, o que era uma característica comum entre os militantes de esquerda: "Você não podia deixar seu cabelo crescer. Eu era rebelde, n`é? Então, tinha o cabelo grande." Quando perguntamos o que eles liam e ouviam, ele disse que sempre ouviam falar do socialismo de forma positiva, embora não tivessem acesso à realidade vivida pelos moradores desses países que adotaram esse regime: "Falava bem da Albânia, que era um país bom, bonito, bacana. Nós acreditava naquilo. (risos). Era um sonho. No entanto, não era lá essas coisas, n`é? Mas nós acreditava que era um país bom".[22] Ele interpreta o que viveu e hoje se coloca numa posição de afirmar que acreditavam numa realidade que não existia. No entanto, tal fato não representa que para ele essas experiências não tenham valido à pena, visto que o relembrar o passado acontece de forma que o orgulho de ter vivido o momento seja importante para sua constituição como sujeito nesse processo. Assim como ele, outros estudantes acreditavam numa proposta de socialismo que fosse diferente da ocorrida na URSS, como o que pode ser depreendido com a criação da chapa *Solidariedade,* representada por Roberto Vagner Lafetá, que disputou as eleições para o DCE no ano de 1982. E sonhos como esse, de transformar o Brasil em uma Albânia, constituiram o movimento na defesa da democracia e pela cidadania no país. Sua entrevista nos leva a

---

[21]CARDOSO, Nivaldo José. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 09 setembro de 2009.
[22]CARDOSO, Nivaldo José. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 09 setembro de 2009.

problematizar a vitalidade dessas experiências no tempo presente. Afinal, hoje não são as Albânias daquele momento que movem estudantes da atualidade a lutar pela defesa da democracia. Essa questão, para além de ser provocativa, toca de forma direta na vivacidade desse tempo no presente, evidenciada em várias das entrevistas realizadas que pontuam os anos 1980 como um período de profusão de expectativas. Afinal, quais são as expectativas dos jovens na atualidade? Essa questão não constitui um objetivo do trabalho, embora não possamos deixar de pensar sobre ela.

Esse imaginário em torno do socialismo que movimentava essa juventude ávida pelo novo produzia outros canais de expressão e luta. A criação do PT em Montes Claros foi o momento em que alguns desses estudantes encontraram para lutar pelos seus objetivos. Na fotografia, os estudantes estão vestindo uma camiseta do PT, em que um punho e um martelo indicam o símbolo de um partido que defende os direitos dos trabalhadores. Hoje, ele relembra do período como um momento em que enfrentava qualquer tipo de obstáculo na defesa de um ideal de mundo melhor que, supostamente, estava a quilômetros de distância do seu país, do outro lado do Atlântico.

Ao longo da entrevista, a questão da censura da Ditadura Militar está presente em sua narrativa, principalmente quando foi instigado a falar se houve alguma forma de censura e repressão no período. Ele, em vários momentos, afirma que era "rebelde, socialista e comunista": "Era muito difícil, sabe. Por causa da Ditadura na época, n`é? Aquela perseguição. A gente não tinha paz. A gente andava correndo deles".[23] Posteriormente, ele cita um comício na Praça da Catedral em que trouxeram Lula, e afirma que havia mais policiais do que pessoas no evento. Os episódios citados por ele referenciam a experiências nos anos 1970 e 1980. Ele referencia a um "amigão nosso que foi preso", o Raimundão, gráfico que, junto com ele, criou um jornal próprio, intitulado Tribuna Operária. O Tribuna Operária era distribuído de forma clandestina, sendo que "era um jornalzinho pequeno com uma folha dessa Chamex, dobrada assim, sabe. Nós, com esse jornal só, combatia a Ditadura na época [...] Soltava à meia noite, uma hora da manhã". Nivaldo disse que "a imprensa era muito ruim p`ra nós na época", uma vez que seus posicionamentos confontavam o projeto editorial dos jornais Diário de Montes Claros e Jornal de Montes Claros que circularam nos anos 1970. Além do Jornal Tribuna Operária, foi criado o Boca do Povo, ambos confeccionados manualmente. "O nosso amigo (Raimundão) tinha gráfica. Nós íamos lá e ficávamos

[23]CARDOSO, Nivaldo José. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 09 setembro de 2009.

escondido. [...] E Montes Claros era pequeno, qualquer mil, dois mil panfletos dava p`ra espalhar bem na cidade".[24] Essas experiências não possuem registros escritos, ou pelo menos estes não foram encontrados, mesmo os jornais não estão em suas mãos, porque "era muito perigoso". Esses silêncios e espaços vazios, provocados pela falta de registros sobre essas experiências, acabam por corroborar com o apagamento dessas memórias, pois, como bem afirmou Marilena Chauí, "lembrar significa esquecer".[25]

Nivaldo faz referência aos anos 60 e 70 como períodos de grande censura e pontua-se como um perseguido pela Ditadura. Não encontramos muitos registros de atuação da censura, embora em algumas fontes percebamos algumas marcas do período, até mesmo porque muitas das práticas cerceadoras eram realizadas de forma a não deixar presenças. Para produzir seu próprio registro, inserir no processo, Nivaldo cita o caso da morte de Vladimir Herzog, como se fosse uma pessoa próxima que tivesse sido morta. A afeição a sujeitos, episódios, ideais e símbolos marca sua memória porque marcou a experiência de luta. No tocante às correntes ideológicas, apesar de ele citá-las em vários momentos, percebemos que elas não possuíram a mesma expressão e força que nos grandes centros urbanos, o que pode ser entendido também pelo fato de os entrevistados Gy Reis Gomes Brito, Marcos Fábio de Oliveira, Pedro Júlio Procópio e Márcia Beatriz Xavier não se lembrarem delas. Nivaldo se referencia como integrante da Libelu, conhecida como uma corrente trotskista e caracerizada como roqueira, anárquica e por não cultuar a música popular brasileira.[26] No entanto ele afirma que ouvia tanto música regional dos grupos Raízes e Agreste, como a MPB.

Apesar de os entrevistados não terem feito referência às correntes ideológicas, nas décadas de 1970 e 1980, elas ganharam grande expressão. Nesse período, no movimento estudantil, havia várias organizações e partidos, dentre elas: APML (a antiga AP, agora Marxista Leninista), MR-8, Política Operária – POLOP –, MEP (Movimento de Emancipação do Proletariado, uma dissidência da POLOP), PCB, PC do B, todos na clandestinidade, e o PT, que surgiu nos anos 80. A partir dessas organizações e partidos, foram formadas várias correntes que, conforme cada estado, ganhava nomes diferentes. A Viração foi um nome adotado por duas correntes diferentes: na Bahia, representando os estudantes do PCdoB; no Rio, dirigiu vários

---

[24]CARDOSO, Nivaldo José. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 09 setembro de 2009.

[25]CHAUÍ, Marilena. Apresentação. *In*: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

[26]ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **Memórias estudantis, 1937-2007:** da fundação da UNE aos nossos dias. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 2007.

diretórios da PUC e era ligada à APML. A Libelu, uma das correntes mais radicais, era trotskista. A Centelha possuía ligações com o PT.

Entre 1980 e 1989, o PT e o PCdoB revezaram na direção da UNE. Do pleito de Ruy César (1979-1980), após o último presidente da UNE, Honestino Guimarães (1971-1973) até a gestão da estudante de Medicina de Juiz de Fora (MG), Gisela Mendonça (1986-1987, eleita de forma direta), a diretoria da entidade foi ocupada por militantes ligados ao PCdoB.[27] Já nas gestões de Valmir Santos (1987-1988), Juliano Coberlini (1988-1989) e Cláudio Langone (1989-1991), houve predomínio de militantes do PT.[28]

Essas disputas em torno da UNE foram discutidas entre os estudantes em Montes Claros. No mês de outubro de 1987, em notícia publicada no Jornal do Norte, o então estudante de Economia e presidente do DCE, Marcos Fábio Martins de Oliveira, afirmou que havia aprovado a nova diretoria da UNE eleita em Campinas, São Paulo. Conforme ele, a nova diretoria estava menos ligada a partidarismo que a anterior: "A hegemonia do PCdoB na UNE foi quebrada depois de uma forte coalizão entre facções do PT, PCB e do MR-8, conseguindo a maioria dos votos [...]".[29] A eleição de Valmir Santos marcou esse rompimento do domínio do PCdoB.

Esses debates também foram mote de discussões entre os secundaristas de Montes Claros. No 20º. Congresso da União Brasileira de Estudantes Secundaristas – UBES –, ocorrido em 1987 em Brasília, momento este de escolha de uma nova diretoria, houve intensa disputa entre os partidos pela direção da entidade. Em notícia publicada no Jornal do Norte, em julho de 1987, Plínio Baêta Apoláfio, então um dos representantes do DEMC, teceu críticas ao evento, acusando-o de ser um "curral eleitoral" de diversas siglas partidárias. Houve desconfiança de Plínio Baêta de que a intoxicação de mais de mil e quatrocentos estudantes, ocorrendo inclusive a morte de um deles, possa ter sido realizada pela "situação", nesse caso o PCdoB, em virtude de apenas os oposicionistas terem sido intoxicados:

---

[27]Nesse período de predomínio do PCdoB, os presidentes da UNE foram: Rui César (1979-1980); Aldo Rebelo (1980-1981); Javier Alfaya (1981-1982); Clara Araújo (1982-1983); Acildon Paes Leme (1983-1984); Renildo Calheiros (1984-1986); Gisela Mendonça (1986-1987). Ver: ARAUJO, Maria Paula Nascimento. **Memórias estudantis:** da fundação da UNE aos nossos dias. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 2007; POERNER. Artur J. **O poder jovem.** História da participação política dos estudantes brasileiros. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979; Entrevista com ex-lideres estudantis disponível no site: www.mme.org.br.

[28]ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **Memórias estudantis, 1937-2007:** da fundação da UNE aos nossos dias. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 2007.

[29]**APAMF**. Jornal do Norte, 16 de outubro de 1987, p.04.

> Foi uma decepção total, porque esperávamos um congresso de estudantes, e encontramos um congresso de partidos políticos, onde forças do PT, PCB e PCdoB tentavam fazer propaganda partidária para os estudantes.[30]

Esse episódio ganhou espaço no programa dominical da Rede Globo, Fantástico, visto que a maioria dos estudantes do evento teve infecção intestinal após ingerir comida estragada. Nesse congresso houve o confronto entre duas entidades, a UBES (Nacional) e a União Brasileira de Estudantes Secundaristas de Brasília, ligadas ao PCdoB, PT (principalmente a União da Juventude Socialista – UJS – do PCdoB) e o MR-8, respectivamente.

Além dessas sociabilidades evidenciadas no movimento estudantil através da disputa entre as correntes ideológicas, outros embates emergiam no interior das faculdades. A relação dos estudantes com a faculdade nem sempre se deu de forma harmoniosa, mas a existência de opiniões e interesses divergentes indicava o jogo de correlação de forças e disputas de valores e de propostas. No Jornal do Norte, especialmente nas páginas dedicadas a assuntos gerais da cidade, podemos analisar inúmeras dissonâncias entre os representantes da faculdade e os estudantes.

No sexto dia do primeiro mês do ano de 1981, a página "Cidade", do Jornal do Norte, noticiou o fato de os alunos da FADIR terem impetrado mandado de segurança contra o diretor da instituição. A reportagem recebeu destaque naquela pauta do dia no jornal. Foi publicado que o diretor da FADIR iria, no dia seguinte, a Belo Horizonte, para levar informações solicitadas pelo juiz a fim de juntar provas para avaliar o mandado dos estudantes quintanistas de Direito que foram impedidos de colar grau em virtude da falta de frequência às aulas. O diretor afirmou que "a dignidade da faculdade é que está em risco, e que é preciso restabelecê-la".[31]

O presidente do DA-FADIR, Wilson Pereira Gonçalves Júnior, "disse que só os alunos estão muito otimistas com relação à justiça federal e acrescentou que os mesmos somente estão reclamando aquilo que tem direito". Com referência à Congregação – órgão de deliberação da faculdade – da FADIR em apoiar unanimemente a decisão do diretor, o presidente do DA se mostrou um tanto desconfiado com o apoio, quando deixou a indagação: "Será que a congregação seria legítima?".

---

[30]**APAMF**. Jornal do Norte, 25 e 26 de julho de 1987, 0.07.
[31]**APAMF**. Jornal do Norte, 06 de janeiro de 1981, p.03.

Na reportagem, foi publicada a desconfiança dos estudantes em relação à congregação da FADIR, que havia apoiado a decisão de impedi-los de colar grau. Quinze dias depois da publicação da reportagem, um editorial, assinado por Miguel Vinícius, presidente do DA-FAFIL em 1980, teceu críticas quanto à crise na educação e ao modelo de ensino capitalista e técnico. Desse modo, conseguimos perceber que essa abertura à publicação de ideias dos estudantes no jornal constituiu-se em um ambiente de negociações evidenciado na imprensa.

Esse impasse não findou nesse momento. Os quintanistas que deveriam prestar os "exames" de "segunda época" prestaram à prova da Ordem dos Advogados do Brasil – OAB. No dia nove de janeiro de 1981, a notícia "Alunos da FADIR foram reprovados pela OAB" ganhou destaque:

> Corre o comentário nos meios universitários da cidade de que essa reprovação, em mais de 80 por cento, antes de terminarem os exames de ordem, teria sido uma represália contra os alunos quintanistas, por estes terem tomado medidas jurídicas no sentido de impedir que a decisão do diretor da faculdade fosse cumprido.[32]

O Jornal do Norte, ao publicar preceitos de um boato, acaba dando amostras de relações sociais calcadas pelo jogo de interesses e proximidades. Como Miguel Vinicius era presidente do DA-FAFIL em 1980 e jornalista do periódico, tendo publicado inúmeros editoriais nesse período, podemos vislumbrar os meandros dessas relações de provável proximidade entre o estudante jornalista então presidente do DA-FAFIL e os quintanistas.

Em maio de 1981, foi publicado, no Jornal do Norte, o caso de um funcionário que tombou uma Kombi utilizada por estudantes de ciências para pesquisa de campo e que foi motivo de grandes discussões:

> A maior revolta do DA/FAFIL, segundo o presidente, está justamente na paciência que a FUNM resolveu o caso. Se fosse um estudante que tivesse tombado o carro ou quebrado uma cadeira seria aberto até processo; haveria até ameaças de torturas. Faltou lealdade da FUNM para com os estudantes do curso de ciências da FAFIL.[33]

Essa não foi a primeira nem a única vez que um diretório estudantil direcionou-se até a imprensa para realizar uma crítica à instituição superior da cidade.

---

[32]**APAMF**. Jornal do Norte, 09 de Janeiro de 1981, p.3.
[33]**APAMF**. Jornal do Norte, 06 de maio de 1981, p.03.

Os estudantes não apenas formularam críticas à FUNM nos jornais, mas também levaram à imprensa a reivindicação da troca de uma professora do curso de História por outro profissional. Os acadêmicos alegaram que a referida professora não tinha nenhuma afinidade com a turma, sendo a situação incontornável e suas aulas sem condições de serem assistidas.

A maior crítica impetrada pelos estudantes foi realizada no mês de maio de 1985. O presidente do DA-FAFIL, Izaías

> conseguiu junto ao delegado regional de ensino, João Lúcio da Silva, uma relação de 16 funcionários públicos estaduais que estão em regime de adjudicação junto a FUNM. Só que, entre os 16 funcionários, figura o nome da professora Maria da Conceição de Magalhães Figueiredo, que reside há alguns anos na Inglaterra, onde inclusive contraiu matrimônio com um inglês. Ela está recebendo normalmente remuneração do estado, via – FUNM.[34]

A razão da crítica feita pelos DA's se justifica no fato de a FUNM estar em uma situação financeira crítica, de o estudante não dever pagar o aumento das anuidades, enquanto vários profissionais da entidade recebiam regalias como essa. Nesse contexto, os estudantes ligaram o fato citado com a "caça aos marajás" do serviço público iniciada nos estados do Nordeste pelo governo federal. Conforme os estudantes, a "caça aos marajás", expandida pelo país, seria levada a efeito na cidade, como se vê nas páginas do Jornal do Norte, de abril de 1987:

> Eles não estão cumprindo com suas obrigações e há casos inclusive de professores que ganhavam bolsas de estudo para aperfeiçoamento no exterior e até hoje não retomaram suas obrigações para com a FUNM, principalmente o dever de ensinar o que aprenderam nos cursos assistidos no exterior.[35]

O fato não teve desfecho nas edições do jornal consultado, mas é possível perceber que, em vários momentos, não houve sincronia entre os estudantes e a FUNM, o que não é de se estranhar. Enquanto os estudantes almejavam democratizar cada vez mais a instituição e participar das suas instâncias, o fato de ela ser particular dificultava o processo. Talvez por isso tenham ocorrido diversos conflitos, cujo embate, não raras vezes, chegava até a imprensa. No Jornal do Norte em primeira página do dia de quinta-

---

[34]**APAMF**. Jornal do Norte, 31 de maio 1985, p. 01.
[35]**APAMF**. Jornal do Norte, 23 de abril de 1987, p.01.

feira, 23 de abril de 1987, foi publicada uma chamada “DCE quer ver quem são os ‘marajás’”. Ao lado da chamada da notícia que está disponível na terceira página, dedicada aos assuntos da cidade, há uma fotografia do vereador Sérgio Rocha. A partir da fotografia da página do jornal, abaixo, podemos visualizar a menção do DCE no periódico.

FIGURA 15

JORNAL DO NORTE

HOJE

VITÓRIA ALADA

MERCEDES-BENZ

AIRTON

Estado de emergência pode ser prorrogado

MAIS DE 80 FAMÍLIAS JÁ INVADIRAM CASAS

NA SUDENE, 18 PROJETOS PARA APROVAÇÃO

NOVA GREVE PODE SURGIR NA SAÚDE

DCE quer ver quem são os “Marajás”

GERENTES DOS CORREIOS TÊM ENCONTRO NA CIDADE

MARCO MACIEL PEDIU PARA DEIXAR O GABINETE CIVIL

LEILOEIRO NÃO GOSTA DO ATO DA SECRETARIA DE SEGURANÇA

Fotografia de página do Jornal do Norte. **APAMF**. Jornal do Norte, 23 de abril de 1987, p.03.

Na terceira página, do Jornal do Norte no dia de quinta-feira, 23 de abril de 1987, em destaque na parte superior da página dedicada à cidade, foi publicada notícia intitulada “DCE inicia movimento visando a apontar os ‘marajás’ do ensino norte-mineiro”. No canto direito da página, há um painel sobre assuntos da cidade com notas sobre diversos temas. A chamada da notícia na capa do jornal, acrescida do espaço atribuído ao tema na terceira página dedicada a assuntos da cidade, expressa a grande atenção que os estudantes possuíam na imprensa.

FIGURA 16

CIDADE

DCE inicia movimento visando a apontar os “marajás” do ensino norte-mineiro

“Cão Vagabundo” terá a participação especial do compositor Tadeu Franco

Medidas de Funaro ainda não trazem esperanças para ninguém, segundo a SEDEC

O CULTIVO PERMANENTE DA AMIZADE

Secretário explica falhas na distribuição de leite para a população carente

PAINEL

ENGECAMPO

ENGENHARIA DE CAMPO LTDA.

MONTES CLAROS

Fotografia de página do Jornal do Norte. **APAMF**. Jornal do Norte, 23 de abril de 1987, p.03.

O fazer-se dos estudantes na cidade ocorria sob diversos ritmos e tons. Muitos desses estudantes vieram do movimento da Igreja, participaram do movimento secundarista, integraram sindicatos e associações, fundaram partidos e hoje estão espalhados por diversos lugares na cidade. Esse foi um caminho percorrido por muitos estudantes e atuais políticos do município e do país, o que nos leva a perceber o movimento estudantil como uma das facetas do fazer-se da cidade de Montes Claros.

Todas essas sociabilidades foram apontadas no capítulo anterior e ganharam organicidade com as diferentes formas de organização e mobilização empreendidas pelos estudantes, que foram valorizadas e auferiram vigor a partir da visualização que os problemas e tribulações evidenciados nas faculdades e na cidade ganharam notoriedade na imprensa local. O jornal, os eventos artísticos e esportivos, a música, a manifestação, o ato público, dentre outras estratégias, foram utilizadas como formas de organização e mobilização que foram constantemente buscadas pelos estudantes. Nesse momento os estudantes realizaram a Caça aos Marajás do ensino superior, que eram professores que realizaram cursos fora do país e receberam bolsas de estudo da FUNM, todavia não retornaram para a fundação para colocar em prática o conhecimento que adquiriram nos cursos e continuavam a receber o auxílio. O jornal foi uma forma de denúncia e atuação frente a essas demandas em virtude de que a fundação passava por dificuldades econômicas e os estudantes sentiam na pele essas tribulações com o constante aumento das anuidades anunciados geralmente todos os anos.

2.2 A “crise universitária”: federalizar ou estadualizar a fundação

Nos anos 80, a tônica do momento nas universidades era o crescimento do número de cursos superiores e faculdades particulares em todo o país, graças a políticas de incentivo por parte da Ditadura, evidenciadas desde a década de 1970. Em Montes Claros, esse foi o perfil de estudantes que se engajaram nas diferentes formas de luta política. Entre o repertório de reivindicações presentes na agenda estudantil, o não aumento das anuidades cobradas nas faculdades particulares e alternativas para sanar e/ou diminuir os efeitos da crise que ocorria no ensino superior eram episódios recorrentes. A grande quantidade de notícias publicadas no Jornal do Norte, quanto à

crise existente no ensino superior brasileiro, bem como na região, indica tribulações vividas pelos estudantes de todo o país desde décadas atrás.

Desse modo, o início da década de 1980 é marcado ainda por grandes esperanças dos líderes de representação estudantil locais, no tocante ao futuro do ME e à nova conjuntura política do país. Tal fato pode ser evidenciado no Jornal do Norte, quando o coordenador geral da UEE-MG, Sidônio Paes Ferreira, em entrevista ao referido jornal em janeiro de 1980, afirmou que o ME passava por problemas, "mas eles estão longe de nos fazer esmorecer e enfraquecer".[36] Para ele, o maior desafio do estudantado era a democratização da Universidade, e não a redemocratização, visto que ela nunca havia sido democrática. Os problemas vividos pelos estudantes, no dizer de Sidôneo, referiam-se à crise por que passavam as universidades brasileiras, dentre elas também as públicas, bem como os estreitos ou nenhum espaço de participação política dos estudantes nas diferentes instâncias decisórias das faculdades.

Os jornais locais divulgavam a "crise universitária" que ocorria no Brasil que, na verdade, possuía relação com a inflação galopante, a dívida externa crescente, o desemprego e aumento no custo de vida que ocorria no país. Nos anos 1980, em meio a esse cardápio de dificuldades enfrentadas pelos brasileiros, as áreas relacionadas com a educação sofreram os baques desse momento. Não apenas o ensino superior, mas o secundarista, inclusive o setor privado, vivenciou os reveses da situação econômica instalada no país. O Jornal do Norte, no dia 9 de outubro de 1987, publicou reportagem sobre manifestação dos estudantes secundaristas do ensino particular da cidade que protestaram contra a direção dos colégios e contra o Governo Federal, pelo aumento de 53% das mensalidades, relativo ao aumento de pagamentos retroativos:

> No colégio Indyu, foi preciso chamar as forças policiais para que não houvesse recrudescimento das manifestações. Mais de duzentos alunos vindos de diversos outros educandários postaram-se a frente do Indyu, pela manhã e a noite, conseguindo chamar a atenção daqueles que estavam assistindo às aulas, os quais, pela sua vez, também começaram a participar das manifestações. [37]

Embalados pelo clima contestatório, os partícipes cantaram a música "Polícia", do grupo de rock Titãs, que dizia: "Polícia para quem precisa. Polícia para quem precisa de polícia." Em meio a várias críticas ao Governador Newton Cardoso e

---

[36]**APAMF**. Jornal do Norte, 04 de Janeiro de 1980, p.3.
[37]**APAMF**. Jornal do Norte, 09 de outubro de 1987, p.07.

ao presidente da República, José Sarney, os secundaristas, com apoio de outros estudantes dos colégios São José e Padrão, dirigiram-se ao educandário São Norberto ao som do Hino Nacional Brasileiro.

Na edição seguinte do Jornal do Norte, uma notícia foi publicada sobre o transcorrer do movimento. Os estudantes dos colégios CB-Moc, Padrão, Indyu e São Noberto suspenderam a greve para realizar as provas semestrais, o que é um fato curioso. Mesmo assim, o movimento não terminou; os alunos ainda reivindicaram o livre acesso às salas de aula, mesmo para os que ainda não haviam quitado a mensalidade e integravam o movimento.[38] Logo a seguir, no dia14 de outubro de 1987, o Jornal do Norte divulgou que os secundaristas ocuparam a Câmara Municipal durante sessão ordinária. Na ocasião, o estudante Aluísio Costa Guimarães, do colégio CB-Moc, conseguiu cinco minutos de direito de fala, sendo que trechos foram publicados no periódico:

> As escolas particulares estão operando na base do capitalismo selvagem', e admitiu que o movimento não está organizado. 'Não temos nem liderança, só revolta', ressaltou Aluísio Guimarães acrescentando que os estudantes estão 'unidos na garra e na marra', sem mesmo saber em que o movimento vai desembocar.[39]

As impressões que muitas vezes colocam os estudantes advindos do ensino privado como apáticos e desinteressados pelos debates políticos nesse momento são contestados. Não podemos deixar de levar em conta que a manifestação desses estudantes deve-se ao fato do aumento das mensalidades ocorridas naquele período, além de que o país vivenciava mudanças constantes de planos econômicos que afetavam o dia-a-dia dos brasileiros. A publicação de textos em três edições seguidas no Jornal do Norte não foi possível de ser compreendida na íntegra, sendo que esses estudantes, por estudarem nesses colégios, provavelmente seriam filhos de famílias tradicionais e com poder político na cidade o que pode ser um indício dessas relações tecidas nesse momento com a imprensa.

Embora Aluísio afirme que não há liderança, nesse período ele aparece como representante que fala pelos outros. Nesse momento, o DEMC não estava à frente do movimento, o que indica que podem ter ocorrido outros movimentos dirigidos pelos estudantes sem haver a participação da entidade. A falta de organização do movimento

---

[38]**APAMF**. Jornal do Norte, 10 e 11 de outubro de 1987, p.07.
[39]**APAMF**. Jornal do Norte, 14 de outubro de 1987, p.04.

acabou por gerar discussões, tendo sido, inclusive, veiculado na imprensa que os estudantes haviam invadido a Câmara Municipal. No entanto, Aluísio Guimarães afirmou que eles foram convidados para participar da reunião na Câmara. O Jornal do Norte cobriu esse movimento e foi ressaltada a expulsão, por parte do DEMC, do secretário de patrimônio da entidade, Mário Alves, que havia classificado a manifestação como fruto de baderneiros.

A última notícia publicada no Jornal do Norte, do dia 27 de outubro de 1987, realizou pequena retrospectiva do movimento e registrou que os estudantes "recuaram nas mobilizações e agora pretendem enfrentar os donos de escolas através da justiça". [40] O desfecho do movimento não foi publicado no periódico. Esse movimento organizado pelos estudantes advindos do ensino particular indica formas de enfrentamento levadas a cabo por setores ligados a famílias economicamente guarnecidas que também sentiam os baques do período de instabilidade econômica.

No que toca a esse difícil momento vivenciado pelos brasileiros, em Montes Claros isso foi sentido, vivenciado e enfrentado de diversas maneiras. Quanto ao ensino superior, as diversas manifestações e movimentações empreendidas pelos estudantes contra o aumento das anuidades e pela estadualização ou federalização da FUNM constituem parte do enredo vivenciado na cidade.

O ensino superior privado nos anos 1980 estava sob supervisão do Conselho Federal de Educação, sendo que, dentre as suas atribuições, estava o processamento burocrático de criação de novos estabelecimentos e os "movimentos espasmódicos no sentido de tentar frear a expansão do ensino naquelas áreas que mais afetam as profissões estabelecidas".[41] Conforme João Roberto Martins Filho, a Ditadura Militar, desde os anos 1960, investiu nas áreas diretamente produtivas do país, em que não estava incluída a Educação, o que foi um dos fatores que barrou a expansão do ensino superior público e provocou a luta dos excedentes, ou seja, os estudantes que passavam no vestibular e não encontravam vaga para ingressar nas faculdades. O autor afirma que as aspirações frustradas da classe média de ascender socialmente via ensino superior contribuíram para sua insatisfação com o governo. Além do mais, os militares propunham a reforma universitária que previa a transformação das faculdades públicas em fundações, ou seja, privatizá-las. Esses fatores contribuíram para o crescimento do

---

[40]**APAMF**. Jornal do Norte, 27 de outubro de 1987, p.07.
[41] SCHWARTZMAN, Simon; DURHAM, Eunice Ribeiro; GOLDEMBERG, José. **A Educação no Brasil em uma perspectiva de transformação**. www.schwartzman.org.br.

número de faculdades particulares em todo o país. Dentre outros fatores, Simon Schwartzman, Eunice Durham e José Goldemberg afirmam que:

> No nível superior, ao contrário, a expansão relativamente pequena do setor público, controlada pelos exames de ingresso e pela manutenção de padrões de seletividade relativamente altos em muitas instituições, permitiu que o sistema privado se expandisse para atender sobretudo à uma clientela cujas condições educacionais prévias não permitiam o acesso às universidades públicas.[42]

Essa assertiva dos autores nos instiga a uma reflexão. Como nesse momento o número de escolas de nível secundário cresceu em virtude principalmente do ensino de não tão boa qualidade da escola pública, os estudantes, cujos pais possuíam condições financeiras para pagar, foram matriculados em escolas particulares. Como o ingresso em uma universidade pública era difícil e sua expansão pequena, logo os bancos dessas faculdades eram ocupados pelos candidatos que tivessem melhor preparação para o seu ingresso. Assim, a universidade pública era ocupada principalmente por pessoas que possuíam condições financeiras. A atualidade dessa questão indica a vitalidade do tema no presente, bem como a importância de se discutir o acesso ao ensino público.

O Norte de Minas Gerais nos anos 1980 possuía apenas a FUNM que abrangia os Vales do Jequitinhonha, Mucuri e Sul da Bahia. O ingresso dos estudantes menos abastados nas faculdades era dificultado pelos altos preços das mensalidades. Como a educação superior era encarada como instrumento de mobilidade social e incremento de renda, era grande a demanda por ingresso nas universidades públicas, "e a persistência das matrículas nas universidades privadas, mesmo as de menor qualidade, em uma situação de prolongada estagnação econômica como a que existe desde o início dos anos 80."[43]

No período em questão, Montes Claros possuía algumas faculdades particulares que juntas formavam a FUNM. Em novembro de 1965, a FADIR foi a primeira unidade de Ensino Superior a ser encampada à FUNM; em dezembro desse mesmo ano, foi a vez da FAFIL, que funcionava desde 1963, e era mantida pela Fundação Educacional Luiz Paula – FELP. A FAMED foi criada em 1969; depois a

---

[42]SCHWARTZMAN, Simon; DURHAM, Eunice Ribeiro; GOLDEMBERG, José. **A Educação no Brasil em uma perspectiva de transformação**. www.schwartzman.org.br.
[43]SCHWARTZMAN, Simon; DURHAM, Eunice Ribeiro; GOLDEMBERG, José. **A Educação no Brasil em uma perspectiva de transformação.** www.schwartzman.org.br.

FADEC, em 1972; e, por último, a FACEART – Faculdade de Educação Artística, em 1986. Conforme Alex Fabiano Jardim, Carla Barbosa, Dimas Batista e Fábio Antunes Vieira,

> dos anos 80 em diante a FUNM se fortaleceu pelo trabalho de toda a comunidade que se interessava pela expansão do ensino superior na região, num trabalho conjunto e suprapartidário, sem se constituir por um nome, de forma personalista, mas ao contrário, numa proposta muito maior que tinha como principal interesse a sua constituição enquanto Universidade Regional.[44]

O livro "Unimontes: 40 anos de história", é uma obra comemorativa que foi encomendada pela reitoria da universidade em virtude dos 40 anos da Unimontes. Essa passagem condiz com o que acreditamos ser representativo da história da FUNM nesse momento, no entanto a memória oficial disseminada não corrobora com essa assertiva em sua concretude de forma completa. A história conhecida da cidade evidencia a direção de um grupo de famílias de grandes proprietários de terra, médicos e advogados que se queriam postar como os dirigentes e narradores da história da região. Essa contrariedade dos autores citados quanto a essas memórias oficiais não é sequer rompida no livro comemorativo do qual fazem parte, pois os movimentos sociais são deixados de lado como sujeitos de potência de uma história. O fato de o livro ter sido encomendado em caráter comemorativo revela o porquê dos sentidos atribuídos pelo lugar social de produção dessa obra. Desse modo, podemos tomar nota de que memórias foram dotadas de força operando na sociedade montes-clarense de tal forma que opacizaram outros processos sociais.

Ao longo dos anos 80, o Jornal do Norte editou reportagens e notícias avaliando a situação do ensino superior no Norte de Minas Gerais. Esses textos indicavam que o ensino superior em Montes Claros era precário, assim como "um pálido reflexo do que se passava com as universidades do Brasil".[45] As edições de abril e agosto da revista Montes Claros em foco, no ano de 1979, trazem reportagens em que é possível perceber um balanço da situação do ensino superior na cidade. Na edição de abril, uma reportagem com quatro páginas descreve desde o primeiro parágrafo que a crise do ensino prejudica o desenvolvimento da região, sendo que a federalização era

---

[44]JARDIM, Alex F; BARBOSA, Carla Cristina; BATISTA, Dimas; ANTUNES, Fabio V. A genealogia de uma universidade: de 1962 a 1989. *In*: CALEIRO, Regina Célia Lima; PEREIRA, Laurindo Mekie. **Unimontes:** 40 anos de história. Montes Claros: Unimontes, 2002, p. 32-33.
[45]**APAMF**. Jornal do Norte, 11 de Janeiro de 1980, p.5.

um anseio de todos. Felipe Gabrich, então presidente do DA-FADEC, assinou a reportagem da retrospectiva da crise universitária:

> A Fundação Universidade Norte de Minas, desde o primórdio de sua criação, sofre de um mal de nascença que a incomoda até os dias atuais e ameaça constantemente a sua sobrevivência: a falta de recursos financeiros. O erro, digamos, foi de berço. Primeiro, porque o ensino superior em Montes Claros foi gerado num clima de sonho de alguns educadores mais dedicados, fustigados pela necessidade que se impunha diante do exorbitante crescimento da população da cidade e pela ameaça que pairava sobre centenas de jovens que, não tendo pais ricos, teriam que encerrar sua carreira escolar após a conclusão do curso científico. Somente os privilegiados seriam mandados para a capital, como ocorria até então, onde poderiam ingressar numa faculdade.[46]

A FUNM foi criada por membros do poder econômico e político local, como João Valle Maurício, Mário Ribeiro, Hermes de Paula, Ávila de Oliva Brasil, dentre outros. Cada uma das faculdades foi criada também por filhos e detentores do poder local, como advogados, médicos, economistas, fazendeiros, professores(as) e políticos que se engajaram para trazer o ensino superior para a região. Desse modo, podemos localizar a passagem acima a partir de um esforço de colocar a criação da FUNM como interesse de atender aos jovens da região, de forma a criar uma memória positiva dos criadores da fundação que, na verdade, também tinham interesses envolvidos no momento.

Não podemos deixar de levar em conta que os assinantes dessa revista, em sua maioria, eram políticos locais, médicos, advogados, proprietários de terra e seus filhos. Nessa passagem, percebemos a construção de discursos da criação da FUNM que, por conseguinte, constroem memórias da cidade e que, em proveito das ações de alguns sujeitos sociais, despotencializam outros. A vinda do ensino superior para a região é pontuada como se ocorresse para beneficiar a população como um todo, mas apenas quem possuía condições econômicas para pagar os seus estudos poderia ingressar na faculdade. Como o apelo para a vinda do ensino superior teria de ser genérico, abarcando o máximo de pessoas possíveis para sensibilizar a sociedade na aprovação da iniciativa, esse recurso foi utilizado nas reportagens que foram publicadas nos periódicos. Assim, a revista retrata os diversos problemas estruturais da cidade, como falta de saneamento básico e, ao mesmo tempo, defende o ensino superior para a

[46]**ACCHP** (Arquivo do Centro Cultural Hermes de Paula). Revista Montes claros em foco. Abril de 1979, p. 26.

cidade, sendo que apenas uma pequena parcela dessa sociedade conseguiria ter acesso à educação superior.

Percebemos que os grandes investimentos da SUDENE, somados à urbanização e industrialização de Montes Claros, repercutiram de diversas formas no itinerário de vida dos moradores da cidade. Por isso, é notória a publicação de diversos textos nos periódicos locais que construíam discursos girando em torno do desenvolvimento na região, seus problemas e potencialidades como cidade polo regional (a cidade era e/ou é referência em tratamento de saúde, educação e outros, sendo que isso também faz parte de investimentos de diversos sujeitos para criação dessa nomenclatura). Nesse sentido, a questão do ensino superior ganhou expressividade como um dos fatores necessários para o crescimento da região. Uma cidade que recebia grande volume de recursos precisava se organizar para se mostrar preparada para ser o lócus do referido progresso.

Nessa mesma reportagem, o então "combativo" presidente do DCE, Miguel Vinícius, no ano de 1979, foi convidado para falar sobre a crise universitária e a saída de João Valle Maurício da direção da FUNM, pelo fato de não conseguir contornar os problemas da instituição. Ele destacou a má remuneração dos professores e a "exploração" dos estudantes como as principais deficiências da entidade. A omissão do governo e a crise financeira existente, uma vez que os estudantes não tinham como arcar com as despesas da FUNM, compunham o quadro de dificuldades vividas pelo educandário: "Por isso mesmo é que acho que falar que vai reestruturar a entidade sem federalizá-la é conversa fiada, a não ser que o governo estadual destine verbas para o pagamento dos professores e para a manutenção administrativa da entidade".[47] O convite ao estudante e jornalista do Jornal do Norte, Miguel Vinícius, para dissertar sobre a referida situação deve-se ao fato de que existiam interesses comuns em jogo, apresentados como a melhoria do ensino superior na região. Quando os interesses confluíam para a mesma direção, operava-se uma união entre os diversos grupos que transitavam pela cidade. No entanto, mesmo assim, injunções vividas no social ganhavam corpo na imprensa da cidade, constituindo esses momentos de elementos que elaboravam sociabilidades e compunham um jogo de correlação de forças que iam ao encontro de anseios e interesses projetados por diversos sujeitos sociais.

---

[47]**ACCHP**. Revista Montes claros em foco. Abril de 1979, p. 25.

Laurindo Mékie Pereira pontua a viagem de trem dos médicos Dr. Maurício e Dr. Mário e o engenheiro e professor de História Simeão Ribeiro Pires, que foram ao Conselho de Educação procurar alternativas para solucionar os problemas da FUNM:

> Como a viagem era longa, os professores universitários acabaram se juntando aos prefeitos e a prosa ficou mais animada. 'As coisas vão melhorar', dizia Dr. Maurício: 'A SUDENE e o ensino superior vão desenvolver nossa região, não podemos perder o espírito de mineiridade'.[48]

Para uma cidade que estava recebendo investimento da SUDENE, era interessante possuir uma faculdade que apresentasse as mínimas condições de receber os futuros moradores que chegavam com as novas fábricas. Uma cidade que se queria mostrar industrializada teria que possuir uma faculdade que representasse a educação de qualidade e a possibilidade de formar profissionais para a região em vez de continuar a ser dependente de outras regiões para os interessados prosseguirem com os estudos. Desse modo, era interessante para os diversos grupos que compunham a cidade procurar alternativas para solucionar os problemas econômicos da FUNM, bem como conseguir a estadualização ou federalização da fundação.

Na reportagem da edição de junho de 1979 da Revista Montes Claros em Foco, o título emblemático "Estudantes da FUNM ultrapassados pelo tempo", em que novamente Miguel Vinícius foi entrevistado, o tema da crise universitária voltou à cena no periódico. O presidente do DCE se reuniu com os representantes dos demais DA's, objetivando procurar alternativas para os problemas existentes na instituição. Foi citada novamente a questão da federalização ou estadualização da FUNM, ocasião em que Miguel Vinícius enfatizou o desestímulo dos estudantes quanto a essa luta. Como essa era uma luta que abarcava interesses comuns dos diferentes grupos existentes na cidade, no discurso presente nos periódicos foi embutida a ideia de que se tratava de uma luta de toda a sociedade montes-clarense. Por isso foram escritas frases de efeito como: "a boca do povo ainda fala que a esperança é a última que morre". Miguel Vinícius ressaltou que "não vamos desanimar, vamos ver o que podemos fazer para, pelo menos, permitir que as nossas faculdades sobrevivam, mesmo precariamente, mas sobrevivam".[49]

---

[48]PEREIRA, Laurindo Mékie. **Em nome da região, a serviço do capital:** o regionalismo político norte-mineiro. Tese de Doutorado em História Econômica. São Paulo, USP, 2007, p.115.
[49]**ACCHP**. Revista Montes claros em foco. Junho de 1979, p.58.

A entidade estudantil procurava incorporar as demandas que surgiam no cotidiano dos estudantes e as projetava como integrantes de suas agendas políticas. Os estudantes que estavam envolvidos nas entidades transitavam pelos corredores e estavam nas salas de aula e, por conseguinte, acabavam por tomar conhecimento dos problemas vividos no cotidiano estudantil, até mesmo porque eles vivenciavam a faculdade em todas as suas dimensões. Esse contato favorecia que as demandas acalentadas pela base se fizessem ouvir de alguma maneira.

O movimento deflagrado pelos estudantes a fim de não assistirem às aulas da professora Layce Tourinho, do curso de História da FAFIL, indica as formas que esse tema ganhou espaço na imprensa. Na reportagem evidenciada nos recortes de jornais encontrados na DPDOR, intitulada "Universitários fizeram ato público contra a professora", publicada no Jornal do Norte em junho de 1983, percebemos que a palavra "universitários" aparece com o sentido de criar uma uniformidade e homogeneidade do movimento, quando se tratava de uma ação empreendida pelas direções das entidades: organizada pelo DCE, com apoio dos quatro DA's, da UNE e da UEE. Foi publicado que mais de cem universitários, por três horas de ato público, protestaram contra Layce Tourinho Machado, professora titular da disciplina História Contemporânea, na noite de quinta-feira em frente à FAFIL; que o diretor da FAFIL havia recebido, anteriormente, um oficio, em ocasião em que condenava o envolvimento do presidente do DCE, Benedito de Oliveira, como atitude irresponsável, uma vez que o problema se restringia ao quarto ano do curso de História. Na referida reportagem, também foi tornada pública uma réplica do presidente do DCE – "o que deixou indignado o líder estudantil" – defendendo o envolvimento da entidade sob o argumento do interesse coletivo em torno da problemática do trabalho pedagógico: "É a falta de calor humano para com os alunos, este pedantismo de saber que não é querido na sala, pela sua incapacidade de relacionamento com os alunos, e mesmo assim continuar suas aulas que não são assistidas".[50] Essas passagens indicam um momento em que uma demanda que surgiu no interior das relações da sala de aula ganhou destaque e publicação em um periódico, principalmente com o apoio do DCE nessa luta. No título da notícia, a palavra "universitários", de forma genérica, foi publicada a fim de dotar esse movimento de um caráter uno. Uma incongruência que surgiu na sala de aula foi incorporada como uma luta da entidade, e, posteriormente foi publicada na imprensa com novos sentidos.

---

[50]**DPDOR**. Recortes do Jornal do Norte, 25 e 26 de junho de 1983.

As dificuldades financeiras por que a FUNM passava, bem como o crescente aumento dos preços das anuidades nas faculdades particulares foram a mola propulsora para o surgimento de diversas alternativas de se contornar essa situação. A luta contra o aumento das anuidades ou a luta pela estadualização ou federalização da FUNM foram algumas das formas de enfrentamento dessas dificuldades. Os estudantes se engajaram nessas duas faces da luta, embora elas representem pontos diferentes: a luta contra o aumento das anuidades, de certa forma, provocava o embate entre estudantes e faculdades, já a outra confluía para uma forma de luta a partir de interesses comuns. Vale lembrar que as entidades estudantis também defenderam a luta contra o aumento das anuidades, mas a luta pela estadualização ou federalização foi a bandeira que conseguiu arregimentar o maior número de adeptos.

Raymond Williams nos inspira a pensar esses processos de incorporação na medida em que afirma que a hegemonia é um processo ativo, que é vivido e compartilhado pelos sujeitos sociais em um terreno comum, sendo que ela precisa ser renovada, recriada, defendida e modificada continuamente. Ela não é simplesmente um conjunto de características e elementos dominantes:

> Pelo contrário, é sempre uma organização mais ou menos adequada, e uma interligação de valores, práticas e significados que de outro modo estão separados e são mesmo díspares, e que ela especificamente incorpora numa cultura significativa e numa ordem social efetiva.[51]

Ou seja, os significados do que representa a estadualização ou federalização na vida desses estudantes são diferentes, visto que eles possuem trajetórias e valores diferentes, com sua experiência de participação iniciada em variados espaços, os grupos de jovens da Igreja ou os partidos políticos como PT e PCdoB, dentre outros espaços. No entanto, a luta é posta de forma homogênea a fim de opacizar as diferenças evidenciadas no interior da constituição dessa luta. A entidade incorpora uma necessidade evidenciada no cotidiano estudantil, dota-a de um sentido uno e cria uma bandeira de luta e frases de efeito de forma a dar unicidade ao movimento. As faculdades da FUNM nos anos 1980 eram pequenas, o que promovia um maior contato entre os estudantes. A FAFIL era movimentada, principalmente no turno noturno, e nos

---

[51]WILLIAMS, Raymond. Conceitos de “Hegemonia” e “Dominante, residual e emergente”. *In*: **Marxismo e Literatura**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Zahar. Rio de Janeiro: 1979, p.118.

intervalos eram comuns apresentações de estudantes do "teatro de rua", que era composto por muitos universitários da faculdade. Além disso, cada sala possuía um líder que tinha contato com o DA, o que promovia a proximidade entre entidade e estudantes. Como a faculdade era pequena, logo um assunto que surgia dentro da sala de aula acabava por se tornar de conhecimento de todos.

No movimento estudantil brasileiro esse fato é recorrente, principalmente expresso em frases como "o povo unido jamais será vencido", que também foi utilizado pelos estudantes em Montes Claros. Em agosto de 1988, a frase escrita em faixa pelo DCE e que ganhou o coro dos estudantes foi: "Não queremos só prome$$as. Queremos a federaliz*ação*!"[52] Frase esta que indica que os estudantes e/ou entidade estavam cansados das promessas dos políticos locais. O que nos resta pensar é como essas reivindicações repercutiam na vida desses estudantes.

Nessa esteira, os estudos de Stuart Hall sobre a cultura popular[53] são instigantes para pensarmos os processos de incorporação seletiva, quando pontua a cultura popular a partir de uma relação de tensão contínua, em que algumas coisas são preteridas em relação a outras. Desse modo, seus escritos nos inspiram a pensarmos os significados e sentidos culturais dessas lutas para os estudantes, quando afirma que "o significado cultural de um símbolo cultural é atribuído em parte pelo campo social ao qual está incorporado, pelas práticas as quais se articula e é chamado a ressoar".[54]

Essas reflexões nos levam a (re)pensar a luta pela estadualização ou federalização da FUNM, na medida em que podemos perceber a renovação e recriação constante de discursos que giram em torno da defesa dessa luta que, supostamente, atenderia às demandas dos estudantes da cidade. As edições da Revista Montes Claros em foco, citadas anteriormente, confluíram para construir a noção de que todos os moradores da cidade estavam unidos nessa reivindicação. Como bem declarou Miguel Vinicius: "a boca do povo ainda fala que a esperança é a última que morre".[55] O povo e os estudantes, palavras recorrentes, são mencionados nesses textos, a fim de dotar essa

---

[52]**DPDOR** (Divisão de Pesquisa e Documentação Regional). Recortes do Jornal Diário de Montes Claros, 26 de agosto de 1988.

[53]Hall propõe pensar a cultura popular a partir das tensões e do terreno em que as transformações são operadas, lembrando que ele adverte sobre a periodização que nos leva a pensar o termo de forma a não encapsulá-lo em uma definição pronta e acabada. HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. *In*: SOVIK, Liv (org.). **Da Diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG/Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

[54]HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. *In*: SOVIK, Liv (org.). **Da Diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG/Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003, p. 241-242.

[55]ACCHP. Revista Montes Claros em foco. Junho de 1979, p.58.

luta de um caráter uno e popular. Lembrando que a maioria da população do Norte de Minas Gerais não possuía condição alguma de ingressar sequer no ensino médio, além de que o acesso ao ensino superior era ainda mais dificultado também devido ao alto custo. Nesse momento, pequena parcela da população conseguia ter acesso ao ensino superior, principalmente porque no Norte de Minas Gerais havia apenas a FUNM, que era particular. Quanto ao ensino primário, ainda percebia-se grande parcela da população que vivia no campo em idade escolar e que acabava por trabalhar para complementar a renda da casa.[56]

Apesar de ser particular, a FUNM passava por dificuldades financeiras, acusando, inclusive, em vários momentos, a desistência de alguns alunos de diferentes cursos, devido à falta de condições de quitar as mensalidades. A crise da FUNM não é um fato exclusivo dos anos 80, uma vez que, desde sua criação, no início dos anos 60, a instituição já passasse por dificuldades financeiras quanto ao seu pleno funcionamento. A primeira página do Jornal Diário de Montes Claros, do dia 16 de agosto de 1977, abre o jornal com destaque para a matéria "Painel mostra acertos e desacertos da FUNM", em que foi explanado sobre as dificuldades da fundação em sua constituição como instituição de ensino superior. Nessa mesma página, está a matéria "CODEVASF discutirá projeto de irrigação em 2 dias" e "Em apenas uma semana carne sobe duas vezes". A partir desses textos, podemos visualizar as transformações vivenciadas na cidade. Um momento em que os brasileiros sentiam os impactos da inflação que provocou o aumento do preço da carne duas vezes em uma semana, produto este do cotidiano dos moradores do país. Ao mesmo tempo em que se desenrolava o debate sobre a criação de projetos de irrigação para o Norte de Minas, em função da integração da região à Área da SUDENE. Essas situações constituem o enredo da "crise financeira" que ocorria na cidade e no país, mas que, também, envolvia a FUNM. Afinal, uma faculdade era um investimento interessante para uma cidade que recebia recursos via SUDENE.

[56]Como adverte Hall, "o que importa não são os objetos culturais intrínseca ou historicamente determinados, mas o estado de jogo das relações culturais: cruamente falando e de uma forma bem simplificada, o que conta é a luta de classes na cultura ou em torno dela." HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. *In*: **Da Diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG/Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003, p. 241-242.

FIGURA 17

Painel mostra acertos e desacertos da FUNM

Lei permite a CDI investir em projetos

Diario de Montes Claros

DIRETORES: Décio Gonçalves de Queiróz e J. C. de Melo Franco

MONTES CLAROS, terça-feira, 16 de agôsto de 1977 — ANO XV — Nº 2.297 — 4 pág. Cr$2,00

Coração de Jesus tem exposição em setembro

Pacine diz que não há cortes à agricultura

BB restabelece o crédito pessoal

CODEVASF discutirá irrigação em 2 dias

Secretário vem debater Estatuto

Deus e Vida em concurso de poesia

Em apenas uma semana, carne sobe duas vezes

Fotografia do Jornal Diário de Montes Claros, 16 de agosto de 1977. Arquivo Particular de Américo Martins Filho.

Em razão dessas dificuldades, ao longo do tempo, foram forjadas alternativas na busca de tentar diminuir os problemas existentes. Tanto que, desde meados dos anos 70, foi criado o movimento “SOS FUNM”, que, tendo sido evidentemente presente na década seguinte, incitava os estudantes universitários a

enviar telegramas para autoridades políticas estaduais e nacionais com pedido de verbas e, também, pela estadualização ou federalização da instituição. Várias eram as formas de contornar a crise existente no ensino superior. O aumento das anuidades era o fator que emperrava a possibilidade de os estudantes da cidade conseguirem ingressar e concluir os cursos superiores, bem como o elemento que os incentivava a se mobilizarem em uma luta maior.

Por isso, vários estudantes da cidade se envolveram nas entidades estudantis, tornaram-se líderes de sala, vivenciando intensamente essas lutas pela conquista do ensino público e gratuito de qualidade. Márcia Beatriz Xavier, nos últimos momentos da entrevista, procura atribuir sentido as suas lutas e expressar o quanto esse momento ainda marca a sua vida. Ao relembrar desse momento, ela fala da herança e marca que o militante carrega do seu engajamento no movimento: "Uma das coisas que era muito presente era as visitas nas salas, n`é. A gente entrava nas salas, as pessoas já conheciam a gente. É engraçado que até hoje as pessoas conhecem a gente, mas você não sabe quem é".[57] No presente, Márcia interpreta o que viveu e constrói novos significados de suas vivências, que até hoje marcam a sua vida, pois sua participação nas entidades colaborou para que ela fosse uma pessoa conhecida na cidade, inclusive entre seus pares. Tanto que, posteriormente, fundou com um grupo de mulheres a União Popular de Mulheres, pois "a luta continua" e "porque a cidadania e a democracia é uma eterna construção, não pode parar".[58] Ao elaborar interpretações sobre suas vivências, ela emite impressões, e hoje constitui vínculos entre as modalidades e os campos de atuação política - "a luta continua" -, ao mesmo tempo em que evidencia a necessidade da persistência no processo de luta, de que a luta pela democracia deve ser constante, uma vez que as investidas na busca de conquistá-la, como estudante, não tenham sido suficientes para suplantar as estruturas antidemocráticas presentes na sociedade.

O Jornal do Norte, no dia dezesseis de janeiro de 1980, publicou notícia na primeira página, sobre ação da FADEC no sentido de contornar o problema da falta de pagamento das anuidades de alguns alunos da faculdade em virtude da falta de verba. O presidente do DA-FADEC na gestão do ano de 1980, Emílio César Malveira, por exemplo, ao mesmo temo em que criticou a conversão dos dez mil cruzeiros oferecidos pelo governador Francelino Pereira para ajuda à quitação das anuidades devidas por

---

[57]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.
[58]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

estudantes economicamente guarnecidos[59], procurou angariar fundos para ajudar estudantes com dificuldades financeiras. Por meio de jantares, churrasco, bailes, calouradas e rifas, eles procuraram criar fundos para ajudar estudantes "carentes" da FUNM que possuíam dificuldades para quitar as mensalidades. Em 17 de janeiro de 1980, foi editado, no mesmo periódico, que o DCE iria confirmar, no mesmo dia, visita do ex-senador Teotônio Vilela para debater sobre a situação econômica e educacional do país.[60] O espaço atribuído pela imprensa para indicar que o DCE iria confirmar a visita do ex-senador revela enredos em que o diretório referido possuía contato com pessoas ligadas ao periódico.

Desse modo, podemos perceber que a questão do ensino movimentava a cidade, não se circunscrevendo ao ambiente estritamente universitário. Os jornais publicavam a situação vivida pela FUNM, os moradores da cidade adquiriam rifas vendidas pelos estudantes e participavam das festas organizadas por eles. Ou seja, os estudantes, enquanto sujeitos sociais integravam a cidade e transitavam por ela deixando marcas de seus desejos e expectativas. As carteirinhas estudantis confeccionadas pelos diretórios acadêmicos expressam nuanças de formas de expressão e conduta política. O DA-FAFIL do ano de 1981 confeccionou uma carteirinha que trazia no verso a frase "Educação: um direito de todos"; a carteirinha do DCE no ano de 1983 apresentava no verso uma imagem de um prédio e uma frase acima que dizia "É hora de construir!"; no ano de 1984, a carteirinha pedia "por eleições diretas em todos os níveis". Essas compunham reivindicações vivenciadas no social que ganhavam formas de expressão as mais diversas. Como no ano de 1983 o DCE recebeu doação do prefeito Antônio Lafetá Ribeiro de um terreno de 2502,50 m² no bairro Ibituruna para construir a sua sede – bem como, um salão de jogos e palestras, dormitório e restaurante universitário –, não nos parece estranho que esse tema tenha recebido notoriedade na certeirinha produzida em 1983.[61] A carteirinha confeccionada pelo DCE em 1982 pedia "por maior consciência crítica", enquanto a gestão *Acorda* do DA-FAFIL no ano de 1989 afirmava que "juntos seremos muito mais".

Os estudantes universitários de Montes Claros estavam dispostos a lutar por uma maior participação na dinâmica da FUNM. Integrar ao máximo todos os espaços

---

[59]APAMF. Jornal do Norte, 16 de Janeiro de 1980, p. 1.
[60]APAMF. Jornal do Norte, 17 de Janeiro de 1980, p. 1.
[61]Não obtivemos informação sobre o que aconteceu com esse terreno, pois a sede do DCE encontra-se no campus da Unimontes, que se localiza na Vila Mauricéia. As carteirinhas citadas encontram-se no arquivo dos centros acadêmicos de Letras, História e Pedagogia no prédio do Centro de Ciências Humanas – CCH –, da Unimontes. Além dessas carteirinhas, foram encontradas carteirinhas das olimpíadas universitárias.

possíveis de decisão política era um objetivo perseguido pela maioria dos militantes que estavam à frente dos diretórios estudantis. No editorial "A maioridade da FAFIL também é do aluno", publicado em 1982 no jornal comemorativo da FAFIL, O Corujão, que foi produzido pelo DA da faculdade, foi escrito que, após dezoito anos de criação da FAFIL, com a imposição do "silêncio estudantil" por duas décadas, a maior aspiração entre os educadores e educandos das faculdades era conquistar a liberdade de expressão tolhida pelos governos militares. A representatividade dos estudantes nas diversas instâncias da FUNM, bem como a crítica aos "burocratas insensíveis" que tolhiam a equidade do exercício dos direitos do corpo discente da fundação. Democracia[62] e cidadania constituíam palavras que projetavam anseios acalentados pelos estudantes que, consequentemente, estavam presentes, mesmo que de forma velada, em todos os vestígios produzidos pelo movimento estudantil. No jornal produzido pelos estudantes em máquina de datilografar e em comemoração aos dezoito anos do DA-FAFIL em 1982, foi escrito que:

> Esquecem esses 'donos' da verdade que a democracia quando se dá em qualquer nível é enriquecedora, onde também são absurdos os custos sociais de uma faculdade, com elevações constantes e acima do próprio controle do principal interessado em estudar: o próprio estudante, desprezando a condição inerente a todos os funcionários, professores e alunos que é a participação nas atividades universitárias a grande propulsora da formação de novas escolas se estabelecerem e mesmo permanecerem adequadas às condições naturais da realidade a sua volta.[63]

A crítica quanto aos "donos da verdade" nos parece contundente, pois contesta os representantes da FUNM que, na fala dos estudantes, tolhiam a prática do exercício da cidadania nas faculdades. Tensões parecem explícitas nessa situação, mescladas pela desigualdade, pois o periódico foi confeccionado com máquina de datilografar pelo DA-FAFIL em comemoração aos 18 anos da faculdade que em sua

---

[62]Denise Rollemberg ressalta que os valores democráticos pós 1985 (abertura política) não estruturavam a sociedade brasileira das décadas de 1960 e 1970. A democracia não era uma alternativa almejada nem pelas esquerdas, tão pouco pelo restante da sociedade, pois ela, além de ser burguesa e liberal, também fazia parte de um sistema que se queria derrubar. Os militantes que engrossaram as fileiras das organizações armadas, não desejavam restaurar a realidade anterior ao golpe de Estado civil e militar de março de 1964. No entanto, "a construção da memória deste passado tem sido feita menos à luz dos valores que nortearam as lutas de então e mais em função do presente, dos anos 1980, quando a referência era a democracia – e não mais a revolução". ROLLEMBERG, Denise. Esquerdas revolucionárias e luta armada. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (orgs) **O Brasil Republicano. O tempo da Ditadura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.48.

[63]ACAH. Edição especial Jornal Corujão, 18 anos da FAFIL. (datilografado) Montes Claros 29 de abril de 1982.

maioria abarcava estudantes em condições econômicas menores que a dos advindos das demais faculdades. Essa constitui uma forma de luta contra a Ditadura, visto que os governos militares não haviam chegado ao fim. Como a maioria desses estudantes advindos da FAFIL trabalhava para pagar as mensalidades e pelo fato de confeccionarem o jornalzinho de forma manual, podemos visualizar aí parte importante da luta em meio à desigualdade de condições de enfrentamento.

Essa passagem acima nos leva a um debate presente nos anos 1980, que foi amplamente discutido pela filósofa Marilena Chauí, a saber, a questão da democratização ou modernização da universidade pública. Quando foi dito sobre o objetivo de se abrir espaço para os estudantes participarem das atividades das faculdades, seu posicionamento aparece como um ato democrático frente à Ditadura. No livro "Escritos sobre a Universidade", que reúne textos publicados pela filósofa nos anos 1970, 1980 e 1990, são explanados debates desses momentos que procuram entender o desvirtuamento da universidade pública no final do século XX, relacionando-a com um panorama mais amplo: o do autoritarismo intenso que permeia a sociedade brasileira, bem como o neoliberalismo em pujança e da ideologia embutida na nova forma de acumulação flexível do capital, o pós-modernismo. Ela ressalta temas, como autonomia universitária, tão debatidos no período dos governos militares e expressos na passagem retirada do jornal estudantil logo acima. Nesse sentido, nos seus textos, em especial nos anos 1980, já era discutida a questão da autonomia universitária que perdia espaço para projetos de modernização da universidade administrada nos moldes das grandes empresas, com um predomínio do interesse privado em dano do público e da hierarquização em detrimento da cidadania. O predomínio do interesse privado acaba por impedir a democracia, entendida como a universalidade dos direitos e percebida como inseparável da noção de espaço público.

No livro, a autora destaca o projeto de modernização das universidades que, em busca de investimentos para pesquisa, abriu espaço para que instituições privadas entrassem nas universidades públicas, financiando projetos e instalando suas lojas nos *campi*. Essa situação provocou um paradoxo no ensino superior público, pois, afinal, a universidade – instituição social constituída por diferenças internas, explicadas pela miscelânea de pesquisas, projetos, formação dos professores e alunos, cada qual com uma lógica – acabava por sofrer pressão do interesse privado, a seguir a lógica do mercado com padrões de avaliação empregados em toda parte.

A FUNM, atualmente, é uma universidade pública, estadual. Dessa forma, os textos de Marilena Chauí são instigantes e provocadores para pensarmos a Unimontes e a universidade brasileira hoje. A história da FUNM é representativa para pensarmos a Unimontes hoje e projetarmos desafios futuros para a universidade que, inclusive, materializa as questões apresentadas pela filósofa como atuais, embora outras nomenclaturas sejam utilizadas atualmente para se falar desses supostos velhos problemas:

> Porque a universidade não foi comparada às fábricas nem às bolsas de valores, nossa produtividade é bastante curiosa, pois num supermercado nada se produz, nele há circulação e distribuição de mercadorias, penas. Nossa produtividade seria improdutiva, em si, e produtiva apenas em relação a outra coisa, o capital propriamente dito.[64]

Para a universidade pública brasileira, modernização e democratização foram temas amplamente discutidos no âmbito do ensino superior. Qual lógica a universidade deveria seguir e a abertura de espaço para o poder privado em um mundo fortemente neoliberal foi o panorama do ensino universitário no momento. Os estudantes se inseriram nesse debate, inclusive defenderam a participação nas diversas atividades universitárias como forma de atuação.

A crítica presente na passagem publicada no jornal estudantil assinala a Ditadura e suas ações antidemocráticas como uma das razões para impedir o pleno exercício da democracia. Por isso, o objetivo exposto no momento era participar de todas as atividades promovidas pela universidade. Em outros momentos, foi clamada a participação do estudantado nas decisões da FUNM, tanto que, em janeiro de 1980, o DCE e os DA's conseguiram o direito da indicação dos nomes a comporem a lista sêxtupla para a eleição do diretor da FUNM.[65]

A eleição do diretor da FUNM – hoje Unimontes – era (e ainda é) realizada de forma indireta. As faculdades juntas elegiam seis nomes a comporem uma lista intitulada sêxtupla e o governador do estado escolhia um entre os indicados para diretor da fundação.

---

[64]CHAUÍ, Marilena. Modernização versus democracia. **Escritos sobre a Universidade**. São Paulo: UNESP, 2001, p.113. Texto publicado originalmente na revista Tempo Social, n.2, 1989. Ver: CHAUÍ, Marilena. Ideologia neoliberal e universidade. OLIVEIRA, Francisco de; PAOLI, Maria Célia. (Orgs.) **Os sentidos da democracia:** Políticas do dissenso e hegemonia global. São Paulo: Vozes: FAPESP: NEDIC, 2000.

[65]**APAMF**. Jornal do Norte, 26 e 27 de Janeiro de 1980, p. 1.

A respeito da eleição de 1980, o presidente do DCE, Athos Alkmim, em nota publicada na primeira página do Jornal do Norte no dia 29 de fevereiro de 1980, aprovou a indicação dos nomes a comporem a lista sêxtupla, mas, algum tempo depois, criticou o governador pela demora na indicação de um nome:

> o governador está fazendo pouco caso com Montes Claros, se já existe um consenso dentro da própria fundação em torno de Raimundo Avelar e Isabel de Paula, não se justifica a atitude do governador, que vem retardando o processo, enquanto a FUNM permanece acéfala[66].

No mês seguinte, o DCE distribuiu uma nota que teve trechos publicados no Jornal do Norte, intitulada "Manifesto à população", "protestando contra qualquer ingerência política no processo indicativo da FUNM".[67] Em várias circunstâncias, os estudantes universitários pressionaram o governador para a indicação do diretor da FUNM. Chegou a ponto de ser realizada uma greve, com o apoio de cerca de dois mil estudantes, ocasião em que Alkmim afirmou que, se não acontecesse a indicação de um nome que possuísse amplas condições para se dedicar à FUNM, a greve permaneceria.[68] O desfecho da greve foi publicado em notícia na primeira página do Jornal do Norte, no dia 15 e 16 de marco de 1980 – a publicação de sábado e domingo era apenas uma, o que explica o fato de o jornal possuir datação de dois dias. Como a investida dos estudantes trouxe resultados favoráveis, com a indicação de Raimundo Avelar para diretor e Isabel de Paula para vice, a greve findou-se após três dias.[69]

Miguel Vinícius, então presidente do DA-FAFIL e repórter do Jornal do Norte, teceu comentários sobre a greve, com rechos de sua fala publicados em reportagem de primeira página no Jornal do Norte no dia 11 de setembro do ano de 1980. Para ele, a greve

> é apenas um grito de alerta ao governo. Inicialmente, vamos mostrar ao governo que temos condições de mobilizar toda a classe universitária caso as nossas reivindicações não sejam aceitas.[70]

---

[66]**APAMF**. Jornal do Norte, 29 de Fevereiro de 1980, p.01.
[67]**APAMF**. Jornal do Norte, 04 de Março de 1980, p. 3.
[68]**APAMF**. Jornal do Norte, 08 e 09 de março de 1980, p.01.
[69]**APAMF**. Jornal do Norte, 15 e 16 de março de 1980, p.01.
[70]**APAMF**. Jornal do Norte, 11de Setembro de 1980, p. 01.

As diversas publicações do Jornal do Norte, com os estudantes reivindicando melhorias para o ensino superior e contra o aumento das anuidades, revelam diversos momentos do ME e suas principais reivindicações.

Essas lutas e reivindicações representam bem o que muitas pessoas entendem por movimento estudantil, mas, em alguns momentos, muitos desses itens apresentavam uma maior, menor ou nenhuma importância no histórico do movimento. Com o fim da Ditadura e a "derrubada" do muro de Berlim em 1989, as reivindicações de cunho socialista receberam menor frequência na pauta das lutas estudantis, se comparadas às décadas anteriores. Muitos estudantes estavam descrentes na possibilidade de um mundo socialista, isso devido à queda do muro de Berlim e de todos os acontecimentos em torno desse marco, que pareciam sinalizar para a inviabilidade de uma sociedade alternativa à capitalista. A queda do muro representou um momento de incertezas para muitos militantes que acreditavam numa sociedade socialista. Em entrevista concedida a Marcello Musto em 2008, Eric Hobsbawm fala sobre o renascimento do interesse público por Marx no mundo capitalista, duas décadas depois que foi relegado ao esquecimento com a queda do muro, em 1989. Hobsbawm afirma que a maioria da esquerda intelectual já não sabe o que fazer com Marx, visto que ela foi desmoralizada pelo colapso do projeto social-democrata na maioria dos estados do Atlântico Norte nos anos 1980, e "pela conversão massiva dos governos nacionais à ideologia do livre mercado, assim como pelo colapso dos sistemas políticos e econômicos que afirmavam ser inspirados por Marx e Lênin".[71] Esse retorno à leitura de Marx, hoje, expressa um caminho para entender a natureza do desenvolvimento capitalista; textos que, conforme o autor, precisam não ser tratados como programas políticos, mas revisitados para que se possa compreender de forma coerente sua análise sobre o capitalismo e suas nuanças na atualidade.

A relação entre a "crise do capitalismo" e a atualidade de Marx, apresentada na entrevista com Hobsbawm, nos interessa na medida em que podemos pensar como o socialismo era percebido e encarado pelos estudantes dos anos 1980 e como sua leitura é feita hoje. Levantamos essa questão para pensar nas formas de organização, mobilização e valores que moviam e movimentavam os jovens naquele momento, a fim de problematizarmos os projetos em discussão ali e que, necessariamente, tinham relação com as atribulações vivenciadas no cotidiano por esses sujeitos sociais. Resta-

[71]HOBSBAWM, Eric. **Eric Hobsbawm**: A crise do capitalismo e a atualidade de Marx. www.enlacers.com.br. Entrevista realizada por Marcelo Musto no dia 21 de outubro de 2008.

nos uma questão: quais as demandas e os problemas vivenciados pelos jovens de hoje na sociedade? Como eles elaboram e tratam esses problemas no seu dia-a-dia?

Eram várias as maneiras utilizadas pelos estudantes para solicitar melhorias para o ensino superior, bem como participar e integrar os espaços influentes da política na cidade. Quando o presidente Figueiredo veio inaugurar a Rodoviária, Raimundo Avelar (diretor da FUNM) e Paulo Reis de Oliveira (presidente do DCE) entregaram a ele um documento solicitando ao governo federal benfeitorias para o ensino universitário no Norte de Minas. Outra cópia foi entregue ao governador Francelino Pereira dos Santos, solicitando apoio para a federalização da FUNM, por meio de promessas do MCE – Programa de Melhoria e Expansão do Ensino Superior. Segundo o diretor e o aluno da FUNM: "a injeção de recursos trará efeitos multiplicadores na economia regional, traduzindo-se ainda em mais um instrumento para resolver as disparidades regionais".[72]

Em várias oportunidades, quando o presidente do país ou o governador do estado visitaram a cidade, as entidades universitárias demandaram melhorias para a FUNM. As reivindicações dos estudantes, quanto ao ensino superior, giravam em torno da maior qualidade do ensino, contra o número de taxas ilegais (trancamento de matrículas e transferência) e o aumento das anuidades. Logo, o diretor da FUNM, Raimundo Avelar, era criticado por trair os estudantes ao não barrar tais taxas. Miguel Vinícius (presidente do DA-FAFIL) teceu severas críticas ao diretor, em trecho de reportagem publicada no Jornal do Norte no dia 09 de janeiro de 1981, quando afirmou que: "Educação não virou empresa que só visa o lucro".[73]

As críticas contra o aumento das anuidades estiveram presentes em toda a década de 1980. O aumento das anuidades, divulgado para o segundo semestre em 1981, foi previsto por todo um clima de possível desistência dos universitários de dar prosseguimento aos estudos. O DCE afirmava que o meio acadêmico não iria suportar tais majorações, devido ao crescente índice de desemprego e à saturação do mercado profissional. Por outro lado, o presidente do DCE no ano de 1981, Paulo Reis, quanto teve oportunidade de opinar sobre o referido fato no Jornal do Norte, no mês de junho, criticou os universitários da cidade:

---

[72]**APAMF**. Jornal do Norte, 04 de Outubro de 1980, p. 03.
[73]**APAMF**. Jornal do Norte, 09 de janeiro de 1981, p. 03.

> O universitário de Montes Claros deve deixar de lado um pouco da sua comodidade e participar efetivamente da vida acadêmica que está a exigir sua participação, sob pena de receber, por omissão, tais majorações e tratamento indignos para aqueles que constituem a futura elite pensante da nossa cidade.[74]

Como se pode notar, Paulo Reis critica o desinteresse dos universitários de Montes Claros quanto às majorações. O fato de ele formular essa crítica revela a existência de opiniões e posicionamentos diferentes entre os estudantes no que tange a essa luta. Naquele momento, as propostas de greve e de uma luta única foram ventiladas não apenas na FUNM, como em todo o estado, mas essas foram propostas aparentemente mais acalentadas entre as entidades estudantis da FUNM, do que entre os universitários que não possuíam uma ligação direta com os diretórios. É possível ainda que tenha ocorrido uma distância considerável entre a cúpula dos diretórios e a base do meio estudantil. Mesmo assim, em vários momentos, o estudantado, em conjunto com as entidades, reivindicou e empunhou várias bandeiras de luta, como a solicitação de um hospital-escola organizado pelo DA-FAMED e a solicitação ao governador Francelino Pereira para a estadualização da FUNM quando este veio discutir sobre o sistema de água potável no rio Verde Grande.[75]

Para se livrar dos altos preços das anuidades, os estudantes reivindicavam o crédito educativo para contribuir com o pagamento das mensalidades do seu curso. No dia 30 de maio de 1981, o Jornal do Norte publicou reportagem sobre o tema. Em 1981, o crédito educativo teve um aumento de 62% ao ano de juros para os alunos. O presidente do DA-FAFIL, José Geraldo, comentou que, para a situação de crise do ensino, a solução seria que os juros do crédito fossem de 20% e oferecidos a todos os universitários. Nessa reportagem, ele afirmou que: “o crédito educativo não é a solução mais viável, pois, com estas mensalidades altas, mais cedo ou mais tarde, o aluno terá que pagar, além do acúmulo de juros, não sabendo o estudante se realmente o crédito está sendo um benefício ou não”.[76]

Não era apenas o ensino superior que estava em crise com o crédito educativo. Devido ao fato de muitos alunos não terem retornado o empréstimo depois que concluíram o curso, a política do crédito era cada vez mais seletiva e rigorosa com relação à cobrança do empréstimo. No segundo semestre de 1983, o crédito das

---

[74]**APAMF**. Jornal do Norte, 17 de junho de 1981, p. 03.
[75]**APAMF**. Jornal do Norte, 26 de junho de 1981, p. 03.
[76]**APAMF**. Jornal do Norte, 30 de maio de 1981, p.03.

faculdades de Montes Claros foi suspenso, possivelmente devido à falta de pagamentos dos estudantes. Então, o estudantado mobilizou-se para a manutenção pró-crédito, junto ao Ministério da Educação.

Com o aumento das anuidades, todavia, a reivindicação pelo crédito educativo ainda consistia numa alternativa para os estudantes que não tinham condições de pagar pelo curso superior. Em uma carta da estudante Maria Cecília, publicada no Jornal do Norte, em novembro de 1983, essa situação foi claramente evidenciada. A carta intitulada "Crédito Educativo: sonho ou ilusão" mostra o desabafo da acadêmica:

> O 'descrédito' educativo diminui a cada momento a turma de estudantes que todos os dias marcham na direção das faculdades(nossa casa de espelhos, nossas várias faces). A desistência nos parece um processo natural na vida, mas ela não é natural e muito menos um processo. Desistir é um violento golpe de esquerda no direito de insistir. Parar de estudar e trabalhar(onde?) Trabalhar e parar de estudar(Por quê?).[77]

A crítica à política do crédito educativo é notória, assim como o desabafo da estudante quanto às dificuldades por que passam as pessoas que não têm condições de estudar em uma escola particular e depois ingressar numa universidade pública em outra cidade. É, pois, interessante também a frase "para de estudar e trabalhar (onde?)", haja vista a indicação da falta de emprego que afetava os jovens da cidade no período, principalmente os que possuíam apenas o ensino básico. O Crédito Educativo estava passando por subtrações que afetavam os estudantes, principalmente os que dependiam dele para estudar. A crise do crédito fez com que o número de bolsas diminuísse, acarretando na desistência de parte dos estudantes. Essa constituiu uma luta dos estudantes, que ganhou maior força nos anos 1980, a partir de suas experiências nas faculdades particulares.

As alterações nas políticas do Crédito Educativo - diminuição do número de bolsas, suspensão no segundo semestre de 1983 – relacionavam-se com pollítica econômica do governo federal, quando se observavam altas taxas inflacionárias e a dívida externa crescente. No início do ano de 1983, o país assinou com o FMI uma "carta de intenções" em que se comprometia a cumprir algumas metas. Dentre essas

[77]**APAMF**. Jornal do Norte, 17 e 18 de novembro de 1983, p.04.

metas, foi prevista a redução do crédito, do déficit público, a desvalorização da moeda e restrições aos aumentos dos salários.[78]

O agravamento da inflação e aumento do custo de vida evidenciado principalmente em 1983 acabaram por ganhar expressão na política do Crédito Educativo e na vida desses estudantes que já possuíam dificuldades para quitar as mensalidades da FUNM. A referência ao desemprego e as dificuldades de ingressar e concluir um curso superior, bem como as inúmeras referências nos jornais pesquisados sobre o aumento do preço da água, da carne nos açougues, da "crise universitária" e das lutas contra o aumento das anuidades e pela estadualização ou federalização da FUNM, revela um emaranhado social vivenciado no país pela busca de alternativas para conseguir driblar esse difícil momento e, por que não afirmar, pela defesa da educação de qualidade, pública e gratuita.

No entanto, a luta contra o aumento das anuidades repercutiu com maior intensidade, na busca de soluções concretas para resolver o impasse da crise universitária vivenciada por todo o país. Essa foi a principal bandeira dos estudantes editada várias vezes pelo Jornal do Norte ao longo dos anos 80. O presidente do DCE, Paulo Reis, mobilizou várias vezes o meio estudantil contra o aumento das anuidades, divulgando, inclusive, a possibilidade de greve. No dia 12 de agosto de 1981, o Jornal do Norte publicou notícia sobre uma possível greve:

> A decisão pela greve dos estudantes é fruto do CONEB-Conselho Nacional de Estudantes, realizado em Campinas, São Paulo, em fins de julho. O conselho previa várias reivindicações, entre elas, subsídios para escolas particulares e reconhecimento da UNE e UEEs.[79]

A greve estudantil iniciou-se em 27 de agosto de 1981, não contando com nenhum apoio direto de entidades do estado ou país. Os estudantes andaram pelas ruas da cidade, saindo da Praça Doutor Carlos com gritos inflamados, reivindicando, à FUNM e ao governo, melhores condições de ensino. Após quinze dias, a greve

---

[78]Nesse momento, o governo passou a controlar as negociações salariais e distribuir as perdas entre as diversas faixas salariais. Com isso houve agravamento no desemprego, aumento da dívida externa e inflação crescente, que provocou greves em diversos setores (professores, médicos e funcionários públicos pelo aumento dos salários) e saques a supermercados em pequenas e médias cidades. RODRIGUES, Marly. **A década de 80**. Brasil, quando a multidão voltou às praças. São Paulo: Ática, 1994.

[79]**APAMF**. Jornal do Norte, 12 de agosto de 1981, p.03.

terminou com votos de confiança dos estudantes quanto às promessas do prefeito Antônio Lafetá e do governador de ajudar a FUNM.

A comunidade acadêmica, procurando alternativas para melhoria do ensino superior, reuniu-se com políticos locais. Alguns pontos dessa reunião foram publicados no Jornal do Norte no dia 05 de abril de 1983. Em reunião com Luiz Tadeu Leite, eles reivindicaram ajuda para a construção do prédio da FADEC e ampliação do ambulatório da FAMED e outros.[80] Uma alternativa foi apresentada pelo estudante Carlos Magno, do Curso de Direito, que foi publicada na primeira página do Jornal do Norte no dia 05 de agosto de 1983, propondo que os representantes dos quatro DA's (FAFIL, FAMED, FADIR e FADEC) formassem uma comissão para acompanhar de perto a tramitação do projeto do deputado Humberto Souto, a respeito da federalização da FUNM.[81]

A participação dos estudantes não se restringiu a exigir a construção de um prédio, mas estendeu-se à participação no processo sucessório da FUNM, como ocorreu no processo eleitoral de Raimundo Avelar. Os presidentes dos quatro DA's pediram o adiamento da eleição do diretor da FUNM em dezembro de 1983, alegando a dificuldade de se utilizar o período de provas finais para a divulgação e mobilização necessárias ao processo eleitoral. No transcurso normal do processo sucessório, após a eleição de uma lista tríplice, ou seja, com os três nomes mais votados, o governador indicaria um dentre eles:

> Dos vinte votos previstos pelo estatuto, os estudantes terão direito a cinco, sendo um de cada DA e um do DCE; os outros estão divididos da seguinte forma: dois professores e diretor de cada faculdade, um representante da prefeitura, um da sociedade rural e um da Associação Comercial e industrial.[82]

Nesse momento, a FUNM possuía quatro faculdades, uma vez que a FACEART seria criada somente em 1987. Cada uma das quatro faculdades possuía três votos que eram contabilizados da seguinte forma: dois dos professores e um do diretor. O interessante se revela com o voto do representante da prefeitura, da Sociedade Rural e da Associação Comercial e Industrial – ACI. Os votos atribuídos a essas instituições são expressões das relações e do entrecruzamento de interesses e de compromissos que havia entre os políticos locais, representantes comerciais e grupos provenientes de

---

[80]**APAMF**. Jornal do Norte, 05 de abril de 1983, p.03.
[81]**APAMF**. Jornal do Norte, 05 de agosto de 1983, p.01.
[82]**APAMF**. Jornal do Norte, 17 e 18 de dezembro de 1983, p.03.

grandes proprietários de terra da região. A FUNM era particular e recebia subvenção da prefeitura local, sendo que entre os fundadores e diretores das faculdades estavam membros da elite local, composta por médicos, como Mário Ribeiro, advogados, fazendeiros e comerciantes. Como essa era a única instituição de nível superior da região, logo os membros dessa camada social foram os primeiros a ocupar os bancos das faculdades.[83]

Os universitários expuseram que não aceitariam qualquer interferência política no processo sucessório, sendo a participação dos políticos bem quista apenas se fosse para atender os anseios do ensino da região.[84] O pedido de adiamento da eleição não foi aceito e, posteriormente, Raimundo Avelar foi eleito, sendo apoiado pelo DCE na gestão de Marluce Motta, em 1984.

Como os problemas enfrentados pela FUNM sempre giravam em torno da crise financeira enfrentada pelas faculdades particulares de Montes Claros, as discussões a respeito das anuidades foram várias vezes divulgadas pelo Jornal do Norte. Tanto que foi marcado o 1°. Congresso Municipal de Estudantes Universitários da cidade, que tinha como proposta fortalecer a luta pela federalização ou estadualização da FUNM. Os acadêmicos atribuíram a crise financeira ao aumento das anuidades: "Por isso, pretendem ir aos governantes, em nome da classe universitária regional, e cobrar ao menos a estadualização da instituição como forma de minimizar as carências já verificadas com os estudantes norte mineiros".[85]

A charge abaixo, elaborada por um estudante na gestão do DA-FAFIL em 1984, expressa a crise evidenciada na FUNM e na faculdade. Nesse momento, foi exposto que os estudantes não suportariam os aumentos e, por isso, os estudantes procuraram trazer à tona sua insatisfação de diversas formas.

---

[83]A relação das faculdades e estudantes com assuntos e grupos da cidade é descrita por Laurindo Mékie que afirma que, em março de 1986, a FADEC fez pesquisa de opinião pública para averiguar a opinião da população local a respeito da criação do Estado de São Francisco. No dia 04 de maio de 1986, o DCE promoveu palestra sobre a criação do novo estado contando com a presença de Simeão Ribeiro e Expedito Mendonça. Esse tema ganhou expressão no ensino secundarista em que no colégio Tiradentes foi debatido durante semanas o movimento, que foi publicado no Jornal Diário de Montes Claros, no dia 06 de maio de 1986, em notícia intitulada "Tema já é assunto em escolas". No dia 07 de maio de 1986, foi publicada nova notícia intitulada "Universitários apóiam criação do novo estado". PEREIRA, Laurindo Mékie. **Em nome da região, a serviço do capital**: o regionalismo político norte-mineiro. Tese de Doutorado em História Econômica. São Paulo, USP, 2007.

[84] **APAMF**. Jornal do Norte, 10 de janeiro de 1984, p.01.

[85] **APAMF**. Jornal do Norte, 24 de janeiro de 1985, p.03.

FIGURA 18

Charge produzida por um estudante não identificado do DA-FAFIL no ano de 1984, retratando a luta contra o aumento das anuidades. A charge está disponível no CAHis.

Naquele momento, a ordem do dia era ocupar diversos espaços e reivindicar participação efetiva das diversas instâncias decisivas da cidade. As reivindicações e lutas dos estudantes passaram por vários pontos, desde a estadualização ou federalização da FUNM, a participação na eleição do diretor das faculdades particulares, até as questões relacionadas a mudanças regimentais feitas no processo avaliativo dos acadêmicos.[86] Na charge, o prédio da FAFIL é implodido pelo peso do aumento e a coruja abandona sua casa. O prédio desmorona e sua identificação vai ao chão. Mas há um imperativo que conclama: "Diga não". Os anos 1980 consistiram num período difícil para os brasileiros em virtude da inflação, alto custo de vida, arrocho

[86] Outra reivindicação feita pelos estudantes foi noticiada no dia 27 de fevereiro de 1980 no Jornal do Norte. Os alunos da FADIR estavam insatisfeitos com o fato de o Serviço de Assistência Jurídica – SAJ – estar desativado. O SAJ havia sido criado em 1972, com convênio da Seção Mineira da Ordem dos Advogados do Brasil, instalado pelo DA-FADIR Ciro dos Anjos. Desativado em fevereiro de 1980 por falta de verbas, o SAJ foi uma das lutas empreendidas pelo DA-FADIR, já que essa era "a oportunidade que eles tinham de colocar em prática o que apreendiam na sala de aula". CORDEIRO, Filomena Luciene; MAIA, Claúdia. As meninas da FUNM. *In*: PEREIRA, Laurindo Mékie; CALEIRO, Regina Célia Lima. **Unimontes**: 40 anos de história. Montes Claros: Unimontes, 2002, p.76. O Jornal do Norte, no início da década de 1980, publicou notícias de tentativas e reivindicações do DA para a reativação do SAJ. No entanto, somente em 15 de setembro de 1980, ele foi reativado.

salarial e desemprego crescentes. A charge constitui uma forma de os estudantes contestarem e enfrentarem essas dificuldades, ou seja, a arte como forma de luta.

No tocante à luta pela estadualização ou federalização, em dezembro de 1986, o DCE é criticado por não ter ido à imprensa se posicionar e mobilizar o meio acadêmico.[87] No ano de 1986, o DCE e demais entidades quase não apareceram nas notícias editadas pelo Jornal do Norte, o que explica a crítica realizada. Nesse momento, as entidades estudantis diminuíram o número de aparições, percebidas na segunda tabela do capítulo três. No entanto, no ano de 1987, nota-se um aumento no número de reportagens editadas, citando a participação das entidades estudantis, em especial as lutas com respeito ao pedido de melhorias para o ensino superior.

Em 1987, Marcos Fábio de Oliveira estava à frente do DCE da FUNM. Segundo ele, o diretório teve uma posição marcante nesse período, pois pouco se falava da luta pela estadualização. O desejo acalentado pela comunidade era a federalização das faculdades particulares de Montes Claros. O entrevistado afirmou que se falava muito em federalização, pois os modelos e parâmetros de escolas que se tinham eram as federais, e o exemplo mais próximo de universidades estaduais na região eram as da Bahia, onde se cobravam mensalidades.[88] Marcos Fábio disse que tinha em mente o modelo das estaduais paulistas, como a USP – Universidade de São Paulo –, UNESP – Universidade Estadual Paulista – e UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas –, as quais possuíam uma excelente posição de qualidade. Para ele, embora a luta pela estadualização tenha se iniciado no início dos anos 80, foi em 1987 que ela ganhou maior fôlego.[89] O entrevistado interpretou o que viveu produzindo sentidos e conceitos sobre suas vivências no movimento estudantil. Como líder estudantil, ele procurou traçar temporalidades sobre os processos que aconteciam naquele momento, sendo que marcos são produzidos nomeando experiências sociais. O maior fôlego das lutas sociais pela estadualização ou federalização da FUNM, a partir de sua fala, ganhou expressividade em 1987, momento de sua gestão à frente do DCE:

> Andrey: Você participou da luta pela estadualização ou federalização da FUNM?

---

[87]**APAMF**. Jornal do Norte, 11 de dezembro de 1986.
[88]OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins. Depoimento cedido a Andrey Lopes de Souza.(Fit. Mag.). 10 de novembro de 2006.
[89]OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins. Depoimento cedido a Andrey Lopes de Souza.(Fit. Mag.). 10 de novembro de 2006.

> Marcos Fábio: [...] O próprio DCE, no início dos anos 80, já tinha lançado a bandeira de estadualização, mas ela tinha sido apagada. E, na época, a federalização ganhou fôlego porque, principalmente, tinha sido criado a Universidade Federal de São João Del Rei, que na época a luta pela federalização ganhou fôlego. E... é... chegou até a ser aprovado uma lei autorizativa de iniciativa do deputado Humberto Souto, onde autorizava o governo Sarney a criar a Universidade Federal do Norte de Minas. A lei autorizava, ela foi aprovada, no entanto não foi implementada.[90]

A luta contra o aumento das anuidades e a luta pela estadualização ou federalização da FUNM completavam-se na medida em que a segunda reivindicação era uma providência para acabar com a crise que havia sido instalada nas faculdades particulares de Montes Claros. Marcos Fábio Oliveira disse que o combate ao aumento das mensalidades ajudava na integração dos estudantes e, por isso, foi uma reivindicação presente na trajetória do movimento estudantil montes-clarense. As estratégias para pleitear alguma verba do governo estadual ou federal foram variadas. Por diversas vezes, o DCE incitava os universitários, em especial os calouros que estavam chegando às faculdades, para enviarem telegramas aos políticos do Estado e do país pedindo melhorias para o ensino. Essa era uma medida utilizada para integrar todos os estudantes nas lutas do movimento estudantil, a fim de buscar uma aproximação dos diretórios estudantis e sua base. As calouradas, os eventos esportivos e as palestras eram realizados com teor politizado, com a finalidade de informar e buscar mais adeptos pela luta contra o ensino pago.

Outra estratégia utilizada para chamar a atenção dos estudantes foi o esporte. Além de ser utilizado como integração, tinha um viés reivindicatório. No caso da XV Olimpíada Universitária de Montes Claros, o DCE afirmou que quem ganhasse a competição receberia o troféu “Federalizar já”. Percebe-se então a estratégia do diretório de disseminar esse objetivo de tornar a FUNM uma universidade federal.[91] Os militantes estudantis aproveitavam-se dos diversos momentos de integração vivenciados pelos estudantes, inclusive os de lazer, para divulgar o repertório de suas agendas políticas.

Algumas das ações utilizadas pelos militantes estudantis para colocarem seus objetivos em prática não foram bem aceitas por muitos estudantes e professores, já que houve posições provocativas a ponto de ocuparem as salas de aula a fim de arregimentar

---

[90] OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins. Depoimento cedido a Andrey Lopes de Souza.(Fit. Mag.). 10 de novembro de 2006.

[91] **DPDOR**. Recortes do Jornal de Montes Claros, 03 e 04 de setembro de 1988.

adeptos para manifestações. Márcia Beatriz, em entrevista, cita uma estratégia utilizada que gerou discussões: "Usar até o recurso do peido alemão, n`é, jogar na sala de aula. Aí, não tinha ninguém que ficava. O professor que ameaçou dar prova, no dia da greve, porque a gente chamou uma greve mesmo dos estudantes". Márcia Beatriz citou esse episódio que, para ela, não foi bem aceito, mas cumpriu com o objetivo inicial de retirar os estudantes da sala de aula. O antagonismo presente no fato de o professor ter marcado o dia de prova logo no momento da greve indica momentos em que os polos diferentes desse imã se repeliam: "E eu lembro que, aí, nós fomos chamados pela direção da FAFIL. Recebemos advertência, n`é. Quem era do movimento recebeu advertência".[92] A correlação de forças presente nesse episódio expressa um movimento marcado pela tensão dessas relações, quando a direção das entidades antagoniza com professores e diretores, em busca do apoio da maioria dos estudantes.

Outra estratégia considerada com teor radical foi a greve. A greve é uma estratégia utilizada geralmente em último caso pelos diversos grupos sociais. Geralmente, ela é impetrada quando os partícipes percebem que, de outra forma, não conseguirão alcançar algum objetivo, e então ela é empregada. No caso de Montes Claros, houve algumas dessas ações realizadas pelos estudantes, reivindicando melhorias para o ensino da região. Como uma greve é desgastante e, muitas vezes, não surte os efeitos esperados, ela não durava muito tempo.

O ano de 1987 foi difícil para a FUNM. A greve deflagrada pelos estudantes no mês de maio e, posteriormente, a greve dos professores, em virtude da defasagem salarial, constituem parte do enredo da situação enfrentada. Vale lembrar que, na primeira semana de maio de 1987, o DCE organizou os universitários para uma "greve branca", em que os partícipes não iriam pagar as mensalidades cobradas pela FUNM como forma de protestar contra o aumento das anuidades:

> Em entrevista com os membros do DCE, o Jornal do Norte foi informado de que mais de 70% dos alunos da fundação decidiu entrar em 'greve branca', ou seja, sonegar o pagamento das mensalidades majoradas em 100%, até o dia 15 próximo.[93]

Alguns dias depois, o Jornal do Norte publicou reportagem sobre o desfecho da greve.

---

[92]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.
[93]**APAMF**. Jornal do Norte, 05 de maio de 1987, p.02.

> O DCE decidiu parar com a 'greve branca', iniciada há uma semana, em protesto contra os reajustes de 100% nas mensalidades escolares. É que, justifica o órgão, dará entrada na justiça um recurso contra os aumentos e, sendo esta medida decisiva, seus efeitos, se positivos são maiores que as greves. Por isso, a grande parte dos universitários está pagando as mensalidades atrasadas, uma vez que, caso ganhe, a causa o DCE poderá pedir a devolução de todo o dinheiro pago nos aumentos.[94]

Desse modo, pelo fato de o Diretório ter encontrado outra forma de conseguir a sua reivindicação, além da greve, optou-se por interrompê-la. A entidade utilizou a justiça para alcançar seus objetivos, conseguindo seus intentos com esse instrumento graças ao fim da Ditadura.

Mesmo encerrando a greve, os estudantes sofreram retaliações. Algumas das faculdades da FUNM impediram que os estudantes que não estavam quites com a fundação realizassem as provas semestrais. No dia 2 de julho do ano de 1987, o Jornal do Norte, em primeira página, publicou o posicionamento do DCE quanto a tais fatos:

> só impetrará mandado de segurança contra a instituição caso o seu diretor, Raimundo Avelar, não atender os pedidos do DCE, que ontem encaminhou documento à direção da FUNM pedindo que os alunos impedidos fossem liberados para fazerem as provas.[95]

Posteriormente, os universitários impedidos de realizar as provas tiveram a oportunidade de fazê-las, comprometendo-se a quitar as suas dívidas antes da volta às aulas. Nesse ano de 1987, o DCE esteve amplamente mobilizado para requerer aos políticos do Estado e do país melhorias para a FUNM. Por diversas vezes, o presidente do DCE esteve com políticos do estado solicitando verbas para a FUNM. Ele pediu ao governador Newton Cardoso que enviasse, em caráter de emergência, verba para controlar a crise financeira da FUNM. O estudante ainda solicitou que a verba fosse "institucionalizada e que se tornasse anual, com 50% revertido para estudantes".[96]

A situação financeira da FUNM causou inúmeros debates entre os estudantes. O que se discutia era como se resolveria de imediato a situação do ensino superior na região, já que as verbas enviadas pelo governo não eram suficientes para acabar com a crise financeira da instituição. Foram ventiladas várias ideias e propostas

---

[94]**APAMF**. Jornal do Norte, 16 e 17 de maio de 1987, p.04.
[95]**APAMF**. Jornal do Norte, 02 julho de 1987, p.01.
[96]**APAMF**. Jornal do Norte, 31 de julho de 1987, p.03.

para resolver o problema. Primeiro, foi proposto paralisar o funcionamento da fundação, até que o governo se sensibilizasse e federalizasse a FUNM. Outra proposta foi lutar pela estadualização, visto que havia certas opiniões de que esta fosse mais simples de ser alcançada. Havia desde os que pensavam em privatizar a FUNM, manter o sistema em vigor e esperar a ajuda do governo, até os que pensavam em transformar a instituição em uma universidade comunitária com o seu orçamento dividido entre a União, o estado, município e empresas. [97]

Ao final, as propostas da luta pela federalização e estadualização continuaram a ser bandeira do movimento estudantil local, sendo que a última proposta acabou ganhando mais força, visto que muitos estudantes acreditavam na maior facilidade de se alcançar esse objetivo. Não foram apenas os universitários que se envolveram nesses debates acerca do ensino superior da região, isto é, essas lutas tornaram-se também uma preocupação dos estudantes secundaristas. O Jornal do Norte, em primeira página, no dia 26 de agosto de 1988, publicou notícia sobre movimento dos secundaristas apoiando essa luta da faculdade:

> Estudantes secundaristas de Montes Claros que estão na iminência de concluírem o segundo grau e não terem faculdades para ingressar, realizaram ontem uma passeata de protesto pelas principais ruas da cidade com objetivo de sensibilizar a comunidade para a grave crise financeira por que passa a FUNM.[98]

Por meio da notícia acima, percebemos que os secundaristas possuíam certa preocupação com os rumos tomados pela FUNM, até mesmo porque eles seriam os futuros estudantes da fundação. É evidente que a luta empreendida no meio acadêmico recaiu de forma mais incisiva na busca pela melhoria do ensino superior da região, mas não há como negar que essa bandeira aos poucos se tornou norte-mineira, pois essa era a única faculdade da região. A partir daí a imprensa deu cobertura ao movimento, uma vez que a existência de uma universidade pública era um fator importante para a cidade que almejava ser um modelo de desenvolvimento regional. No arquivo da Divisão de Pesquisa e Documentação Regional, podemos perceber a existência de vários cadernos com colagens de notícias e reportagens sobre a FUNM. Dentre eles, a temática "Consolidação" traça o histórico das aparições da luta pela estadualização ou federalização da FUNM, publicadas no Jornal de Montes Claros, no Jornal do Norte e

---

[97]**APAMF**. Jornal do Norte, 19 de agosto de 1988, p. 01.
[98]**APAMF**. Jornal do Norte, 26 de agosto de 1988, p.01.

no Jornal Diário de Montes Claros. No recorte de notícias do Diário de Montes Claros, podemos perceber uma foto com a seguinte frase: “Não queremos só prome$$as. Queremos a federaliz*ação*!”[99] A faixa pertence ao DCE e ao DA-FAFIL e, logo abaixo da fotografia, está a indicação de que Laís Tourinho discursava em assembléia da FUNM no colégio Imaculada Conceição ao lado de José Geraldo Drummond, então reitor da instituição, e Mário Ribeiro. A fotografia indica que nessa luta havia uma aparente harmonia entre os estudantes e a direção da FUNM. Os interesses convergiam para a mesma direção, embora se manifestassem por meio de várias nuanças.

FIGURA 19

Imagem da foto do recorte de notícias do Diário de Montes Claros, do dia 26 de agosto de 1988, encontrado na pasta de noticias intitulada “Denúncias”, na DPDOR. Na faixa produzida pelo DA-FAFIL e pelo DCE está escrito: “Não queremos só prome$$as. Queremos a federaliz*ação*!”

Em outro recorte de notícia do Jornal Diário de Montes Claros, há outra fotografia em que várias pessoas seguravam uma faixa que afirmava: “... câmara o projeto lei de autoria do deputado Humberto Souto a federalização do ensino superior norte-mineiro continua sendo meta suprapartidária e prioritária para todas as forças políticas da região”. Logo abaixo da fotografia, a seguinte frase encetava: “Os universitários querem acabar de uma vez com a necessidade de movimentos como o da foto”.[100] O conjunto dos recortes de jornais conflui para criar uma memória da FUNM em que os diversos sujeitos sociais que compõem a instituição forjam formas de luta variadas. Podemos perceber uma profusão de memórias. Dentre elas, notamos notícias que questionam discursos oficiais que, para dotar certos episódios de importância, não trazem outros à tona. Holofotes são jogados aos episódios e sujeitos que têm interesse

[99]**DPDOR**. Recortes do Jornal Diário de Montes Claros, 26 de agosto de 1988.
[100]**DPDOR**. Recortes do Jornal Diário de Montes Claros, 24 de agosto de 1988, p.11.

na “perpetuação” de uma memória oficial que, consequentemente, procura negar as arestas e fissuras evidenciadas nos discursos hegemônicos.

FIGURA 20

Imagem da foto do movimento pela federalização da FUNM, encontrada na pasta de recortes de jornais intitulada “Consolidação”, que está localizada na DPDOR. Recorte do Jornal Diário de Montes Claros, 24 de agosto de 1988, p.11. Está escrita a seguinte frase na faixa: “... câmara o projeto lei de autoria do deputado Humberto Souto a federalização do ensino superior norte-mineiro continua sendo meta suprapartidária e prioritária para todas as forças políticas da região”.

Eurípedes Xavier ressalta que o ME teve um papel importantíssimo na pressão empreendida, juntamente com outros setores da sociedade, pela melhoria do ensino na região. Ao interpretar o que presenciou, essa destaca-se como uma das maiores experiências de sua vida:

> Andrey: Como foi a luta pela estadualização ou federalização da FUNM?
> Lipa Xavier: [...] Eu acho que teve um papel decisivo porque mesmo que não tenha ocorrido a federalização, que era a ideia inicial, pelo menos que isso pudesse resultar numa criação de uma universidade pública que é estadual, no caso a Unimontes, e garantir para a região o acesso dos estudantes ao ensino público e gratuito.[101]

A menção à imprensa local e aos depoimentos realizados evidencia diferentes maneiras, articuladas entre si, segundo as quais o meio estudantil montes-clarense se envolveu em reivindicações pela melhoria do ensino na região. Não obstante essa constatação, o livro “Unimontes: 40 anos de história”, organizado por Regina Célia Caleiro e Laurindo Mékie, não dá o devido valor à ação estudantil no processo de luta pela federalização ou estadualização da FUNM. Os estudantes são vistos mais como

[101]XAVIER, Eurípedes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de novembro de 2006.

espectadores, e não como integrantes diretos da luta de que participaram. Não se deve esquecer que o livro é de tom comemorativo e de que os próprios autores afirmam que o ele não tem a pretensão de contar toda a história da Unimontes, mas de "preencher uma lacuna e incentivar outros pesquisadores a novas abordagens temáticas e metodológicas".[102]

Hoje, que a FUNM se tornou Unimontes, uma Universidade pública, os tempos passados em que houve uma considerável participação estudantil não contemplam a memória oficial da instituição. Apenas são lembrados alguns pioneiros que se engajaram em trazer o ensino superior para a região, sendo que a participação estudantil na trajetória dessa instituição é relegada ao esquecimento. Os sonhos, as lutas e as ideias de juventude que esses jovens criaram, hoje, estão apenas na memória de alguns curiosos e de quem um dia participou desse momento ímpar da história do país.

[102]CALEIRO, Regina Célia Lima; PEREIRA, Laurindo Mekie. **Unimontes**: 40 anos de história. Montes Claros: Unimontes, 2002, p.05.

CAPÍTULO 3

CIDADES DENTRO DE UMA CIDADE[1]

Neste capítulo analisamos as presenças, as memórias, as impressões e significados auferidos pelos e sobre os estudantes na cidade, sejam os secundaristas, sejam os universitários. Nesta parte tratamos dos sentidos de movimento estudantil na cidade a partir dos significados da participação feminina, de uma festa *gay* realizada na sede do DCE, pela luta contra a Ditadura e contra a possível vinda de um depósito de lixo atômico para Montes Claros. A partir de poemas, fontes orais, documentos produzidos pelos estudantes, procuramos reconstituir as vivências da juventude do período e suas interpretações sobre o viver a/na cidade.

3.1 Presenças e (ambivalências) marcas estudantis: percepções sobre os estudantes

FIGURA 21

Foto do prédio da FAFIL encontrada no jornal O Corujão que foi produzido no ano de 1982 pelo DA-FAFIL em comemoração aos 18 anos da faculdade. O jornal foi encontrado no Centro Acadêmico de História e a fotografia foi tirada no ano de 1979.

[1]Expressão de: FENELON, Déa Ribeiro (org). Introdução. *In*: **Pesquisa em história.** Cidades. São Paulo: Olhos D`água, 1999.

Esse prédio integra o conjunto de algumas edificações históricas da cidade de Montes Claros, construídas na segunda metade do século XIX, mais especificamente no ano de 1889. Ao longo dos anos 1980, esse prédio abrigava a FAFIL, que se localizava em local separado das demais faculdades existentes na cidade, que juntas compunham a FUNM. A FAFIL localizava-se no centro da cidade, onde surgiu a Vila de Formigas (atual cidade de Montes Claros), próximo à Praça da Igreja da Matriz, enquanto a FAMED, a FADIR e a FADEC situaram-se no *campus* da Vila Mauricéia, ao lado do prédio sede da FUNM. Sendo assim, a distância da FAFIL em relação às demais faculdades compunha um conjunto de fatores que, sobremaneira, repercutiam nas relações entre os estudantes das diferentes faculdades, bem como entre o estudantado da FAFIL e os moradores da cidade. A falta de uma maior proximidade marcou as sociabilidades entre os estudantes da FUNM. Todavia essa situação constituía apenas uma das faces do problema, já que a desigualdade social evidenciada entre os estudantes da FAFIL e os demais membros do corpo discente da FUNM era um fator marcante na militância estudantil.

Inicialmente, a faculdade começou a funcionar no colégio Imaculada Conceição em salas cedidas pelas freiras; em dezembro de 1966, foi transferida para o casarão da Rua Cel. Celestino nº 75 no centro da cidade; e, posteriormente, em 1992, para o *campus* na Vila Mauricéia, onde se localizavam a FADEC, a FADIR e a FAMED. O prédio, ainda hoje conhecido como “Casarão da FAFIL”, foi restaurado e em breve irá abrigar o museu histórico regional.

Antes lugar de vivência de senhores detentores de grandes extensões de terra, ao longo do século XX foi marcado por diferentes usos e, de tempos em tempos, passou a ser lugar de outras formas de sociabilidades. De símbolo do poderio econômico e social de uma elite de fazendeiros do século XIX, passou a sediar educandários desde início do XX, abrigando a FAFIL desde os anos 1960 até o início dos anos 1990.

O antigo e o novo se imiscuem, revelando os contornos de uma cidade que, nos anos 80, ainda possuía traços provincianos e paternalistas, e, dentro de uma correlação de forças e interesses, ganhava formas de expressão: novos valores, mesmo estando no limbo da sociedade, emergiam, disputando espaço na cidade. Desse modo, orientamos este estudo para tratar “da constituição dos espaços e territórios urbanos,

visando à compreensão de que são as relações sociais desenvolvidas na cidade que, em última análise, acabam por definir e delinear a paisagem urbana, a imagem da cidade".[2]

Essa fotografia, tirada no ano de 1979, revela um prédio com as inscrições: UNE, UEE e Inovação. As inscrições com *spray* em edificações, inclusive públicas, ocorreram em outros momentos na história do país. Entendemos e analisamos a fotografia como prática social e expressão de relações sociais, que compõem o enredo do viver a/na cidade, ao mesmo tempo em que a fotografia valerá, aqui, como subsídio para analisarmos o prédio também como prática social, como lugar constituído por sujeitos sociais (estudantes e professores) que vivem parte de suas vidas, constroem projetos, laços de amizade, sofrem derrotas e possivelmente partilham sonhos de uma vida melhor com confiança na vitória do que acreditam ser uma cidade ideal para se viver.

E, a partir das imagens desse prédio da FAFIL, produzidas em momentos distintos que se articulam, ao longo dos anos 80, conseguimos vislumbrar cidades plurais em que emergem valores propostos e vivenciados pelos jovens estudantes que disputam o direito à cidade e de vivê-la. A charge do capítulo anterior, em que podemos visualizar o prédio da FAFIL desabando, em virtude de que o aumento das anuidades não foi suportado pelos estudantes, foi evidenciada. Essa charge, produzida por um militante, integrante do DA-FAFIL, em 1984, indica algumas das tribulações vivenciadas pelos estudantes, da FUNM e da Faculdade de Filosofia, representados pela coruja que voou, dando "tchau pr'ocês!!!".

Outra fotografia da fachada desse prédio também foi publicada na *Revista Vínculo*, da FAFIL, no mês de dezembro de 1989, sendo que esta trazia diversas inscrições realizadas com *spray*, como Diretas, Avante, dentre outras que não podem ser identificadas. Abaixo da fotografia está escrito: "As pichações na fachada são decorrentes da vivência política da FAFIL".[3] Como nas inscrições está evidenciada a luta pelas eleições diretas, logo, indica a luta contra a Ditadura e expressa um lugar de efervescência política na cidade.

A fotografia que abre este capítulo está publicada em um jornal confeccionado de forma manual, com máquina de datilografia, pelo DA-FAFIL, em comemoração aos 18 anos da FAFIL, no ano de 1982. Como essa era a única faculdade

---

[2]FENELON, Déa Ribeiro (org). Introdução. *In*: **Pesquisa em história**. Cidades. São Paulo: Olhos D'àgua, p.06.
[3]Revista Vínculo. Dezembro de 1989, p.199.

que possuía cursos superiores para formação de professores na região, havia grande respeito pela instituição. Apesar disso, o prédio da FAFIL era antigo, foi construído no século XIX, necessitava de reformas, mas como essas reformas significariam uma restauração, isto acabou por se tornar motivo para que os estudantes reivindicassem, em vários momentos, outro prédio para sediar a faculdade. Pela fachada do prédio, evidenciada na fotografia que abre o capítulo, podemos visualizar que o edifício precisava de restauração e não possuía condições de sediar uma faculdade que recebia tantas pessoas.

No jornal confeccionado pelos estudantes, no mês de abril do ano de 1982, em comemoração aos 18 anos da FAFIL, a fotografia ganha novos significados, evidenciados no conjunto do periódico e nos textos que compõem a(s) página(s) próxima(s) a ela. Tratava-se de uma edição especial do jornal estudantil "O Corujão" que se iniciava com um editorial sem assinatura do responsável, intitulado "A maioridade da FAFIL também é do aluno". Em um trecho foi escrito que:

> Passados esses dezoito anos de criação da faculdade de Filosofia, quase duas décadas de silêncio imposto por regime de força, a maior aspiração dos educadores e educandos era conquistar a liberdade de expressão. Conquistada esta, ainda que relativa, a classe estudantil, principalmente, luta pela melhoria do ensino com a democracia interna nas faculdades e fundações de ensino. Seria utópico acreditar que tais transformações viriam de cima para baixo e imediato, pois a conquista da democratização terá de ocorrer dentro da própria universidade.[4]

Nesse trecho está evidenciada a crítica ao período ditatorial que tolheu o ambiente da faculdade como lugar de expressão e de liberdade política. Então, é relacionada à ideia de maioridade – os 18 anos – da FAFIL, a idéia de que é preciso se livrar desses resquícios antidemocráticos pela via da luta "de baixo para cima" para redemocratizar a universidade. No periódico referido, aparece uma mistura de homenagem à faculdade e de críticas a uma instituição marcada por traços antidemocráticos. Em legenda abaixo da fotografia, está escrita a frase: "Vencendo o tempo e as intempéries a FAFIL se mantém de portas abertas ao norte-mineiro". Logo abaixo da legenda, um texto faz um histórico da criação da FAFIL e dos cursos da faculdade. No entanto, o que revela o intento da fotografia nessa página é a referência ao oitavo aniversário da FAFIL, em 1973, quando foi publicado pela *Revista Vínculo*,

[4]**ACAHis**. Jornal edição especial. 18 anos da FAFIL. Montes Claros, 29 de abril de 1982, p.01

da própria instituição, o editorial com a seguinte frase: “A FAFIL vai bem, obrigado”. Então, o jornal dos 18 anos da FAFIL indagou: “Hoje, pode-se dizer o mesmo?”:

> As condições atuais do prédio e as precárias condições do ensino nacional assemelham-se na aparência e no seu interior, feio por fora e assustador por dentro onde, apesar de tudo, vigora o interesse do aluno em aprender e também o esforço do professor em ensinar.[5]

Na página seguinte do jornal, intitulada “A FAFIL e seu diretor”, os estudantes realizaram uma reportagem com o diretor da faculdade, Antônio Jorge. Em entrevista, na referida reportagem, ele comentou sobre uma possível reforma do prédio da FAFIL:

> A reforma do prédio da faculdade e a sua recuperação, o diretor foi bastante cético, salientando que, pessoalmente, é contra qualquer investimento de vulto na FAFIL, pois tal reforma não faria que ele ficasse mais confortável ou melhorasse as condições de aula.[6]

Face às constantes solicitações por melhoria do prédio da faculdade para adequação às salas de aula, o diretor defendia que a melhor solução seria a construção de novo prédio em terreno da Reitoria, para a formação de um *campus* universitário e, posteriormente, o tombamento do prédio da FAFIL como patrimônio histórico. Ele então comentou que “a transportação da FADEC para terrenos próximos à reitoria significaria para a nossa escola o isolamento dos acontecimentos estudantis e que ela participaria menos em todas estas e quaisquer promoções”.[7]

Antônio Jorge afirmava que negociações junto às autoridades do governo estadual e federal estavam sendo mantidas para solucionar esse problema. A essa altura – o jornal foi editado em 1982, – o prédio da FADEC ainda não havia sido transferido para a Vila Mauricéia, onde se localizava a sede da FUNM.

A partir da página com a publicação da fotografia e do conjunto do jornal estudantil, podemos inferir que imagem e texto se complementam, expressando o intento de que, nos 18 anos, com a maioridade da FAFIL, um prédio novo seria necessário à Faculdade de Filosofia que estava apartada do prédio da FUNM.

---

[5]**ACAHis**. Jornal edição especial. 18 anos da FAFIL. Montes Claros, 29 de abril de 1982, p. 03.
[6]**ACAHis**. Jornal edição especial. 18 anos da FAFIL. Montes Claros, 29 de abril de 1982, p. 03.
[7]**ACAHis**. Jornal edição especial. 18 anos da FAFIL. Montes Claros, 29 de abril de 1982, p. 04.

Como a maioria do corpo discente da FAFIL era composta por estudantes que, muitas vezes, trabalhavam para pagar os estudos e passavam por dificuldades financeiras, o fato de a faculdade localizar-se em um prédio inapropriado era considerado como uma das faces da desigualdade vivenciada entre os estudantes da FUNM. A fotografia serve como ponto de partida para analisarmos o movimento estudantil e os moradores da cidade de Montes Claros, na busca pela construção de territórios e espaços de enfrentamento das questões cotidianas no disputar a cidade. Valores distintos, que disputam a cidade, evidenciados na fachada do prédio antigo com inscrições produzidas com *spray*, expressam marcas de práticas sociais que podem indicar tensões e negociação, mas mesmo assim conseguem sobreviver no mesmo espaço: a FAFIL, representada pela direção da faculdade e os universitários, dois polos diferentes que se relacionam, negociam e põem em tensão suas relações. Dessa forma, buscamos algumas considerações apresentadas por Déa Fenelon, para podermos pensar um pouco mais essa questão: "Assim agindo, esses moradores deixam registradas ou vão imprimindo suas marcas no decorrer do tempo histórico, marcas que traduzem a maneira como se relacionaram ou construíram seus modos de vida neste cotidiano urbano".[8]

Esse prédio da FAFIL foi lugar de diversas movimentações estudantis, seu porão serviu de espaço dos ensaios do Grupo Agreste[9], seus corredores e salas foram pontos de reuniões e conchavos nas horas das formações das chapas que iriam concorrer às eleições dos diretórios. Nesse sentido, também foram realizadas pequenas peças de teatro organizadas pela equipe de teatro de rua, composta por um grupo de estudantes que realizavam pequenas peças teatrais de forma improvisada ao ar livre, principalmente na frente da FAFIL, durante os intervalos. Pedro Júlio Procópio, presidente do DA-FAFIL em 1987, em entrevista, disse que essa foi uma ideia lançada por alguns estudantes da faculdade, dentre eles, Márcia Beatriz e Jânio Marques Dias, e que acabou por ganhar a cidade. A partir da apresentação de peças teatrais breves, eles lançavam temas que julgavam importantes a serem debatidos naquele momento, conforme Pedro Júlio Procópio, quando perguntado sobre os eventos artísticos que promoviam:

---

[8]FENELON, Déa Ribeiro (org). Introdução. *In*: **Pesquisa em história**. Cidades. São Paulo: Olhos Dàgua, p.06.
[9]No segundo capítulo tratamos sobre o Grupo Agreste.

> A gente jogava no intervalo da aula à noite. A gente sempre jogava um quadro, ali, na frente da FAFIL, no prédio que tá sendo... Eu acho que não demora inaugurar, não, é um museu. Então, ali na faculdade n`é? Eu lembro, eu passava, eu usava até um chocalho desse de boi, de cavalo. Eu usava um chocalho. Eu saia: tom, tom, tom! Eu chamava atenção de todo mundo que tava ali no intervalo. O pessoal concentrando ali e, aí, abria espaço e os meninos entravam fazendo algum número de teatro. E aí sempre tava lá os meninos. O Aroldo Pereira e a turma dele tudo. Ele passava ali sempre pela faculdade, no barzinho e tal. Aroldo Pereira, [Uiltomar] Santoro. Márcia Beatriz e Rosangela participavam do teatro. E daí os meninos do teatro que sempre estavam participando, fazendo alguma coisa no Centro Cultural e tal, encamparam a ideia, n`é? E lançaram. Porque, antes, não tinha teatro de rua e tal, essas coisas em praça e tal. Não tinha em Montes Claros. Então, foi uma coisa que a gente fez no sentido de... A gente usava p`ra tá retratando alguma coisa: ou uma reunião do conselho, *ou alguma coisa como a questão do lixo atômico, mesmo. Teve peça nesse sentido.* Era uma coisa muito improvisada. Que um dia p`ro outro preparava e tal. Você usava uma caixeta, uma coisa, uma cadeira da faculdade, uma mesa (Mas foi uma coisa n`é?), um banco. E em cima daquilo ali você fazia uma peça, ali, no meio da rua. Aquilo ali parava todo mundo. Aluno, estudante, o pessoal que tava passando na rua, o pessoal que tava no barzinho, todo mundo vinha. E aí gostava, n`é? Era 10, 15 minutinhos ali e todo mundo gostava. Acabava, todo mundo ía p`ra sala de aula. Mais foi uma coisa que todo mundo gostou. E isso aí e coisa de ideia que vem até de grupo de jovem.[10] (Grifo nosso).

O teatro de rua organizado por um grupo ligado à produção artística na faculdade, como Márcia Beatriz e Pedro Procópio, que vieram dos grupos de jovens da Igreja Católica, indica uma das formas com que os estudantes se expressavam naquele momento. Essas apresentações, que eram elaboradas de forma improvisada, procuravam sensibilizar a plateia sobre algum tema que eles elegiam como importante de ser discutido na cidade. Como, ao redor da FAFIL, havia vários barzinhos, as pessoas que transitavam pelas proximidades logo se juntavam aos estudantes para assistir às apresentações. Com isso, esses estudantes emitiam valores e opiniões, deixando suas marcas na faculdade e na cidade, constituindo aquela região da cidade como um lugar de efervescência de culturas, expresso na fachada do prédio da FAFIL. Márcia Beatriz, em entrevista, também recordou sobre os teatros de rua e fez referência a uma apresentação, realizada na fachada do prédio, em que um estudante desceu de costas, amarrado em uma corda e declamou trechos da Constituição de 1988. Os dois, Pedro Júlio Procópio e Márcia Beatriz, relembram de suas trajetórias e se posicionam no

[10]PROCÓPIO, Pedro Júlio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de julho de 2009.

centro da narrativa, recordando de episódios e temas que julgam importantes a partir do que interpretam de seu passado. O fato de um pesquisador tê-los escolhido para falarem sobre essas experiências é recebido por eles como um momento de grande satisfação, provavelmente por indicar-lhes o reconhecimento de suas trajetórias na cidade.

Essas sociabilidades vivenciadas pelos estudantes não estão presentes em outros materiais escritos, nem mesmo na imprensa local (Jornal do Norte, Revista Montes Claros em Foco). Episódios do cotidiano estudantil como esses não formaram pautas da imprensa montes-clarense, silêncios que podem indicar faces do posicionamento desses periódicos. Quando nos referimos à imprensa para pensar essa questão, nos amparamos no fato de que a maioria da produção acadêmica produzida sobre o movimento estudantil se utilizou dessa fonte para rastrear as movimentações estudantis. No primeiro capítulo, discorremos sobre a recorrência, nos jornais, da participação das entidades estudantis nas aparições e menções do movimento estudantil na cidade. Como essa recorrência logo reforça o papel da entidade como fala autorizada para falar do e sobre o movimento, outras presenças correm o risco de não ser pelo menos problematizadas para pensarmos nos significados do movimento estudantil no momento. A produção acadêmica sobre o movimento estudantil, ao questionar posicionamentos mais gerais da imprensa, dentre eles os compromissos diferentes dos periódicos quanto à procura da culpa pelo clima de violência vivenciado nos anos 1960[11], pode ter deixado de questionar e contribuído por produzir memórias que colocam a entidade e líderes estudantis como os discursos autorizados e competentes para falar sobre o movimento.

---

[11]VALLE, Maria Ribeiro do. **1968**: o diálogo é a violência. Movimento Estudantil e Ditadura Militar no Brasil. Campinas: Unicamp, 1999. Neste trabalho, a autora utilizou apenas a imprensa, para traçar o que ela chamou de a constante procura dos periódicos que circularam no período da ditadura pelos reais culpados pelo clima de repressão existente. Após pesquisa densa nos jornais cariocas, a autora constatou que, enquanto a Revista Visão afirmou que a culpa da violência era da polícia que agiu de forma autônoma isentando os militares da responsabilidade, o jornal Correio da Manhã enfatizou que a culpa era da Ditadura. O livro, que foi fruto de uma dissertação em Ciências Sociais, indica posicionamentos distintos dos periódicos que a autora muito bem descreveu. Não devemos deixar de pontuar que houve um avanço na produção acadêmica sobre o movimento estudantil até então. No entanto, mesmo assim, destacamos que é preciso avançar nesse debate, principalmente no que tange ao tratamento atribuído à imprensa nas análises formuladas sobre o movimento estudantil brasileiro. A maioria dos pesquisadores que escolheram o tema movimento estudantil elegeu o ano de 1968 como um marco, afinal, como bem foi divulgado pela imprensa da época e reforçado na atualidade, esse é o “divisor de águas” ou “os anos de ouro” dos estudantes. Sendo que os periódicos consultados pela maioria dos trabalhos foram geralmente os mesmos, a saber, a grande imprensa paulista e carioca como o Correio da Manhã, a Revista Visão, dentre outros. Os debates acerca da imprensa avançaram e essa produção acadêmica sobre o movimento estudantil precisa ser inquirida, pois ela não deixa de ser uma produtora de memória que, consequentemente, interpretou relações sociais e construiu teorias sobre as experiências de pessoas.

Muitas das sociabilidades vivenciadas pelos estudantes não podem ser compreendidas de forma mais clara, embora possamos utilizá-las para problematizarmos a complexidade da temática e trabalho do historiador na pesquisa histórica. A partir de uma carta que foi encontrada no Centro Acadêmico de História – CAHis –, de uma estudante não identificada, que se dirige ao DA-FAFIL em 1988 para justificar o seu afastamento da diretoria da entidade, notamos faces da trajetória de uma estudante que vivenciou o movimento estudantil em Montes Claros. Ingressar em uma entidade era assumir um compromisso, por isso a justificativa de seu afastamento. Esse foi um episódio que ocorreu no interior da FAFIL, espaço de vivências desses estudantes. A participação nas entidades estudantis mexia e movimentava o itinerário de suas vidas, e essa integração à vida acadêmica na cidade era tão marcante que havia construção de laços de amizade e de interesses, contribuindo para que o tempo dedicado a atividades na faculdade ultrapassassem as horas/aula determinadas pelos cursos. Nessa carta ela declara e justifica seu afastamento da entidade.

> Montes Claros: 18 de Maio do ano da graça do senhor de 1988.
> Companheiros do D. A.
> Queria comunicar-lhes de forma irrevogável a minha saída da Diretoria do D.A. não se trata de motivos políticos, ou por algum desentendimento pessoal, trata-se de motivos de saúde, estou passando por um dos momentos mais difíceis da minha vida, estou em crise. Isso pode não ser levado em conta por vocês mas estou precisando dar um tempo só pra mim. Descansar. Recarregar p/ avançar mais tarde. É isso. Espero que compreendam o D.A. foi uma das experiências mais marcantes de minha vida. Foi na disputa política que conheci a companheira Sandra e que amadureci politicamente aumentando minha convivência revolucionária. Sou grata a história pela oportunidade.
> Beijos.[12]

Por essa carta podemos depreender vivências dessa militante no movimento estudantil. Nesse momento ela afirmou que precisava descansar, “recarregar p/ avançar mais tarde”. Ela ainda agradece aos pares pela convivência e afirma que foi o debate de ideias que contribuiu para seu crescimento como pessoa. A princípio, essa fonte pareceu estéril, sendo que, posteriormente, percebemos que a estudante, nos vieses de sua escrita, se mostra reticente e procura ao longo da carta se justificar pelo seu afastamento. Essa justificativa parece indicar que poderia haver outros fatos que não

[12]**ACAHis**. Carta direcionada ao DA-FAFIL, 1988.

estão expostos na carta. A justificativa indica o respeito e o compromisso assumido com a entidade e indica a representatividade que o movimento adquire em sua vida.

Nessas presenças e lutas empreendidas pelos estudantes, (des)venturas produzem e formulam significados para o viver e o disputar a cidade.[13] Um outro tema que afligiu os estudantes de Montes Claros nos anos 80 está relacionado com a problemática ambiental. Em novembro do ano de 1987, os jornais locais começaram a divulgar que o governo federal havia escolhido a cidade de Montes Claros para sediar um "depósito de lixo atômico", em virtude das decisões do Conselho Nacional de Energia Nuclear – CNEN. A notícia chamou a atenção da comunidade local e lideranças políticas, estudantis e artísticas da cidade protestaram contra a implantação do depósito. O assunto ganhou tamanha importância na cidade que os estudantes do teatro de rua realizaram uma peça teatral no intervalo das aulas na FAFIL, conforme foi dito por Pedro Júlio Procópio na passagem citada logo acima.

A maior das manifestações contrárias à decisão do governo federal começou no prédio da FAFIL, atual Unimontes. Na ocasião, puderam ser lidas em faixas as seguintes frases: "Não ao lixo atômico", "Lixo Atômico, não. Educação", "Lixo Atômico aqui? Nunca!!!"

> Do DA FAFIL, os universitários, juntamente com um ou dois professores universitários, acompanhados ainda de Raimundo Avelar saíram em direção a rua Dona Eva com destino a rua Simeão Ribeiro (quarteirão do povo), passando pela rua Governador Valadares, alcançando a Doutor Santos até a praça Coronel Ribeiro. Em volta do canteiro central, todos deram as mãos e protestaram contra o lixo atômico. Desceram em seguida para o colégio Indyu, seguindo depois a Doutor Veloso de volta para FAFIL. Às 10h30 encerraram a manifestação.[14]

A luta contra o lixo atômico acabou por reunir toda a sociedade montes-clarense. Conforme os periódicos, não só a região, mas o estado de Minas Gerais não gostou da decisão. Os artistas locais se reportaram ao pequi[15], um dos símbolos da

---

[13]Parte das reflexões evidenciadas nesta parte da dissertação está presente em artigo publicado em conjunto com a professora historiadora da Universidade Estadual de São Paulo – Unesp –, Márcia Pereira da Silva, na época orientadora de Iniciação Científica com bolsa pela FAPEMIG e professora da Unimontes. SOUZA, Andrey Lopes de; SILVA, Márcia Pereira da. História e historiografia: os estudantes secundaristas em Montes Claros na década de 1980. *In*: **Revista Iniciação à História**. Montes Claros: Unimontes, 2007, V. 05.

[14]**DPDOR**. Recortes do Diário de Montes Claros 18 de novembro de 1987, p.11.

[15] Pequi é o fruto do pequizeiro – árvore nativa do cerrado – que serve de base para diversos pratos da culinária norte-mineira. Devido ao seu relevante espaço na dieta e na economia regional, e por ser fruto

"identidade norte-mineira", no discurso contrário ao depósito, e difundiram a frase: "Lixo atômico não, pequi neles". Os estudantes, secundaristas e universitários, tiveram papel de destaque nas manifestações de repúdio a tal depósito, conforme se lê na edição do Jornal do Norte, do dia 20 de dezembro de 1987:

> Com uma participação prevista de mais de duas mil pessoas, a passeata estudantil contra o lixo será iniciada hoje, às 8 horas, na praça Doutor Carlos, com a presença dos membros do Diretório dos Estudantes de Montes Claros-DEMC, que são os organizadores do protesto, diretores de várias escolas da comunidade, autoridades públicas municipais e representantes dos órgãos estudantis universitários.[16]

A temática do "Lixo atômico" contribuiu para aproximar estudantes universitários e secundaristas, corroborando para diminuir a indiferença com que os membros das entidades das faculdades locais tratavam aqueles que ainda não estavam no ensino superior. Foram poucas as ocasiões em que ambos se uniram em torno de um objetivo comum, o que expressa como se davam as relações vividas por eles. Eurípedes Xavier fala dessa indiferença e conclui que

> as pessoas da universidade, do DCE e das entidades de ensino superior, tinham um certo preconceito com relação ao DEMC. Assim, até por entender que estavam num patamar superior [...]. E olhavam assim meio de esguilha para os estudantes secundaristas, pro pessoal do DEMC.[17]

A bandeira contra o lixo atômico foi levantada por diversas escolas montes-clarenses, da rede pública ou particular. Nas passeatas ocorridas na cidade, os estudantes dos colégios Biotécnico, Polivalente, Normal, Felício Pereira, Benjamim Versiani, São Norberto, CB-Moc, Dulce Sarmento e Alcides Carvalho registraram presença. Desse modo, a sociedade montes-clarense se uniu contra o depósito, com a participação de secundaristas, universitários, professores, políticos, artistas, trabalhadores, dentre outros.

Marcos Fábio, depois que foi perguntado sobre o movimento, ao relembrar desses episódios, interpretou o que aconteceu e disse que: "teve uma grande passeata

---

de uma árvore que floresce em um bioma de clima seco e quente, o Pequi acabou se transformando em um símbolo marcante de identidade das populações locais e da luta contra o desmatamento do cerrado.

[16]**APAMF**. Jornal do Norte, 20 de dezembro de 1987, p.07.

[17] XAVIER, Eurípedes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de novembro de 2006.

pela cidade que quase se aproximava de uma procissão dada às luzes, as formas, pelo silêncio, mas uma manifestação muito grande que conscientizou muita gente".[18] A descrição do acontecido indica os significados atribuídos a esse fato na história da cidade que, ao ser equiparado a uma procissão, quer se colocar como uma luta compartilhada pela sociedade em um clima harmonioso e, de certa forma, aproximando-se de um evento religioso. Posteriormente, ao relembrar desse episódio, o entrevistado interpreta o que viveu e atribui outros significados a essa experiência.

Márcia Beatriz também comentou sobre a vinda do depósito. Após tecer alguns comentários sobre o divisionismo existente entre os estudantes – os saudosistas dos anos 60 que queriam e confronto direto e os que preferiam o diálogo –, ela elenca o episódio como uma das manifestações mais importantes do movimento estudantil:

> É, existia uma discussão do lixo, de um lixo atômico, n`é, vir p`ra Montes Claros. E aí nós fizemos o abraço simbólico na praça Doutor Carlos, cantando Rosa de Hiroshima. Então, assim, essa foi uma das maiores manifestações que a gente fez. Fazíamos protestos, mas nunca tivemos acirramento. Assim como o pessoal da Ditadura, n`é, da época.[19]

A música "Rosa de Hiroshima" foi incorporada pelos estudantes, por simbolizar o sofrimento vivido pelos japoneses após a queda das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki durante a II Guerra Mundial. Como esse fato ainda era recente e completava pouco tempo que havia ocorrido o acidente com o Césio 137 – material radioativo – em Goiânia, o medo quanto à implantação do depósito do lixo atômico deixou a cidade em estado de alerta.

Para Eurípedes Xavier, o papel do movimento estudantil foi decisivo para que o depósito de lixo atômico não fosse implantado. Conforme ele, o Norte de Minas, que nunca era escolhido para sediar coisas boas, havia sido escolhido logo para sediar um depósito de lixo atômico.[20] Nesse mesmo sentido, Márcia Xavier, quando perguntada sobre se havia algum discurso preservacionista no momento, disse que:

---

[18]OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 10 de novembro de 2006.
[19]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.
[20]XAVIER, Eurípedes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de novembro de 2006.

> nós não queríamos o lixo aqui, então não existia nem essa identificação de que não pode ser em lugar nenhum, né. Apesar que alguns faziam esse discurso. Então era muito no sentido do bairrismo mesmo. Aqui? Não! Aí não existia essa compreensão, eu acho que ela foi se formando depois.[21]

As opiniões de Lipa Xavier e Márcia Beatriz são inspiradoras para analisarmos o ocorrido. Um grupo de estudantes falou, oportunamente, que se opunham ao depósito de lixo atômico, mas em relação à sua instalação em Montes Claros, e não no sentido da preservação e respeito à natureza, de oposição à existência de lixo atômico e de posicionamento contrário à instalação de um depósito de lixo atômico em qualquer lugar que fosse.

A fala de Márcia Beatriz nos oferece a oportunidade de pensarmos um pouco sobre a consciência na história, principalmente com a utilização das fontes orais. A partir de sua trajetória e experiências, a entrevistada, ao interpretar, hoje, o movimento, percebe que naquele momento não concebia e muito menos identificava um movimento de preservação à natureza. Segundo ela, o movimento era bairrista, no sentido de que "Aqui? Não!". Na atualidade ela reinterpreta o que viveu e tem consciência de que o movimento não foi preservacionista, mas que essa ideia possa ter se formado depois. A fonte oral permite ao entrevistado relembrar o vivido e reavaliar ações passadas atribuindo novos sentidos ao ocorrido.

Não obstante essa constatação, é preciso tomar nota de que nos anos 80 o debate em torno das lutas preservacionistas ganhou gradativamente espaço na agenda do movimento estudantil nacional. O que seria um campo fértil para a profusão e disseminação de memórias que indiquem um discurso engajado em preocupações ecológicas.[22] Javier Alfaya, em entrevista ao Projeto Memória do Movimento Estudantil Brasileiro, comenta a respeito desse momento, e diz que após

> a anistia, em 1979, com a chegada de muitos exilados que vinham de outras experiências, principalmente das experiências de luta libertária, da luta progressista de esquerda, pós-1968 da Europa, esses elementos – como a preocupação ambientalista, a luta pela igualdade

---

[21]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

[22]Para Fátima Aparecida Greco, enquanto nos anos do regime militar os jovens buscavam espaços de sociabilidades culturais devido à repressão, nos anos 80, com o clima de abertura política, tal categoria passou a esboçar significativas mudanças. Conforme ela, "agora, os jovens dos anos de 1980 sentem-se atraídos pelos novos espaços de sociabilidades para expressar o sentido de suas inquietações e das suas condições de vida". GRECO, Fátima Aparecida. Cultura juvenil: símbolos, estilos e identidades entre utopias e distopias. **Cadernos de História**. Uberlândia: EDUFU, n.12/13, v.1 – 2004 – 2005, p.180.

> entre homem e mulher – se incorporam ao ideário da esquerda brasileira de uma forma mais ofensiva, muito mais afirmativa do que era antes, menos careta também, digamos assim. A luta pela liberdade de expressão sexual veio com essa geração do exílio na Europa.[23]

Desse modo, o fim da Ditadura Militar – "inimigo comum" aos estudantes, que os unia em torno de um objetivo comum – afetou diretamente o ME. Os estudantes que lutaram contra a Ditadura, após o período em que sofreram perseguições, passaram a não ter um inimigo comum com o fim do militarismo. Foi a partir daí que os estudantes se envolveram em novos espaços de luta, em especial nos novos movimentos sociais, pois naquele momento não fazia sentido aventurar-se novamente em um projeto de revolução armada.

Um desses novos movimentos sociais em que houve participação dos estudantes foi o ambientalista. Javier Alfaya em entrevista ao Projeto do Movimento Estudantil Brasileiro descreve a importância que o movimento estudantil teve para os movimentos ambientalistas que surgiram nesse momento:

> E, é claro, as lutas preservacionistas também foram criando um caldo de cultura a partir [...] do movimento estudantil. O que é hoje o movimento ambientalista brasileiro tem sua raiz no movimento universitário e em pessoas que, tendo saído do movimento estudantil e se interessado por fazer arquitetura, biologia, acabaram depois da universidade se tornando a geração de ambientalistas do Brasil.[24]

É, pois, notório que não houve um movimento genuinamente preservacionista em Montes Claros. Um discurso genérico inspirado no que acontecia no cenário do movimento estudantil, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, poderia não levar em conta essa especificidade do movimento estudantil vivenciado na cidade.

Ao fim, com a mobilização de todos os segmentos da sociedade, o projeto foi barrado. A participação estudantil foi tão marcante que o DCE ganhou o prêmio "Sol" de destaque daquele ano de 1987, pela interferência contra o depósito de lixo atômico. Com essa bandeira de luta, os estudantes transitaram por diferentes espaços na sociedade montes-clarense, pois essa reivindicação condizia com os interesses da cidade como um todo. Os jornais publicizaram as ações dirigidas pelos estudantes nesse

---

[23]Entrevista com Javier Alfaya disponível no site: www.mme.org.br.(acessado dia 16 de agosto de 2006).
[24]Entrevista com Javier Alfaya disponível no site: www.mme.org.br. (acessado dia 16 de agosto de 2006).

momento, dando voz e vez ao movimento estudantil. Apesar dessa aproximação, os deslocamentos ganharam forma e consistência quando os objetivos não confluíram para a mesma direção. Esta foi uma marca distinta das relações entre os estudantes e os demais sujeitos que viviam na cidade: a negociação e o conflito. O interesse foi a palavra chave para entender as configurações que articulavam as experiências vividas na urbe.

Montes Claros é conhecida por ser uma cidade paternalista e provinciana que, ao longo da história, teve o poder político nas mãos de famílias de grandes proprietários de terras, tradicionais da região. A dificuldade de muitos partícipes do movimento era o fato de que, nas relações familiares, não havia apoio a participações políticas, embora haja histórico de vários membros de uma mesma família terem se engajado no movimento, como Eurípedes Xavier e Manoelito Xavier. Desse modo, havia certo ruído na comunicação entre pais e filhos, pois carregavam consigo valores distintos. Um estudante que começasse a integrar os quadros de militantes do movimento estudantil logo seria encarado com desconfiança pela sociedade, visto que o socialismo e o comunismo eram tidos como ideias disseminadas por subversivos, baderneiros e drogados. Todavia, nem sempre os estudantes eram vistos de forma preconceituosa.

Márcia Beatriz Xavier comentou sobre o envolvimento de sua família com a política. No momento da entrevista, por exemplo, mesmo com certo receio, ela afirmou que: “era uma família, tipicamente, ali, alienada. Alienada do processo político. Não se envolvia com nada”.[25] O pai era autônomo, caminhoneiro, a mãe, dona de casa, e a filha se envolvendo com a militância política. A partir daí, a entrevistada permite vislumbrar as tensões existentes nessa situação, principalmente em uma cidade interiorana em plenos anos 80.

Ao longo da entrevista, enfatizou que iniciou a militância nos grupos de jovens da Igreja, revelando uma brecha para a constituição de territórios expressivos de outros valores além daqueles canais de participação política tradicionais da cidade, a saber, o partido político e sindicatos. Mesmo assim ela não deixou de comentar sobre a resistência que havia na sociedade quanto ao envolvimento com as ações sociopolíticas:

---

[25]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

> É, sempre houve resistência, n`é? É lógico. Eles não entendiam, o porquê da, das atividades que a gente tinha, das falas, n`é, do comportamento. Então, sempre tinha, um pouco, a filha rebelde.[26]

Outro preconceito muito presente nessa sociedade e que sobrevive até a atualidade é que "política" é coisa de homem. Assim, estereótipos eram criados para a mulher que resolvesse ingressar em algum tipo de movimento, principalmente quando nesse movimento a participação masculina fosse predominante.

> Então, mulher, quando começava a ingressar em movimento estudantil, ou era doida, ou era ... n`é? Tinha, ah, tinha esses termos, assim, de diminuir a participação da mulher. Mulher estava ali para estudar.[27]

Em um momento da entrevista, ela se conteve, quando disse: "ou era ... n`é?". Sua fala reticente indica que a escolha da mulher pela participação no movimento estudantil pudesse ser interpretada como se ela estivesse ali apenas à procura de namoros e festas. Em sua leitura do passado, sua fala contida expressa situações que pode ter vivenciado quando estudante, por ter se envolvido em um espaço considerado como marcadamente masculino.

Uma das passagens da entrevista com Márcia Beatriz indica pontos interessantes para o debate sobre como o modelo de mulher criado para ser uma dona de casa cede lugar, a cada dia, a uma mulher contestadora que procura ocupar todos os espaços da sociedade, seja no mercado de trabalho, seja nos movimentos sociais, institucionalizados ou não:

> Até porque a própria cultura nossa, n`é, a formação nossa... Isso aí não é espaço para mulher. Então, deixa as mulheres que tinha, n`é, deixa esse espaço para o poder masculino.[28]

Para a entrevistada, que afirmou ter sempre procurado provocar esse debate no movimento, questionando os lugares atribuídos à mulher que "sempre está ali como secretária", o fato de participar do movimento conhecido tipicamente pela participação masculina e ainda integrar um grupo de teatro, considerado como algo plenamente

---

[26]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.
[27]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.
[28]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

alternativo, contribuía para a construção de percepções preconceituosas sobre sua pessoa.

Márcia Beatriz, hoje, participa de movimentos de mulheres e fala de suas experiências de forma aberta, deixando evidente o orgulho por ter integrado vários movimentos na cidade.

Não obstante essa estigmatização, um movimento social que contou e hoje ainda conta com significativa participação feminina é o movimento estudantil. Clara Araújo, ao relembrar de sua eleição para chefe do departamento feminino da UNE em 1981, em entrevista ao Projeto Memória do Movimento Estudantil Brasileiro, declarou que:

> foi uma experiência muito importante, porque comecei a perceber, na prática, que, embora os jovens de esquerda, companheiros meus do movimento estudantil, quisessem libertar o país, lutar pela democracia e pela emancipação, ainda existia o machismo. Ele se manifestava de várias formas, como, por exemplo, em reuniões nas quais a 'fala da mulher' era secundária.[29]

Clara Araújo depois que foi inquirida a falar sobre a participação feminina no movimento, ainda afirmou que em alguns momentos teve que optar por posições bastante ríspidas para que fosse ouvida: "Eles diziam que o fato de você pertencer a um movimento não lhe dava direito de mostrar a sua feminilidade. Muitas vezes a forma de nos vestir era motivo de piada, numa tentativa de desqualificar a atuação da mulher".[30] Ela afirmou que, naquele momento, sua principal preocupação era com a política geral do movimento e não com atividades voltadas para mulheres. Mesmo assim, ela foi eleita presidenta do departamento feminino da UNE em 1981, o que indica pelo menos o interesse de romper com esse preconceito que havia com relação a participação feminina no movimento estudantil naquele momento. A maioria das lideranças entrevistadas no Projeto Memória do Movimento Estudantil é masculina, o que indica a predominância de memórias que pouco levam em conta o cotidiano e as diferentes situações enfrentadas pela mulher na composição de espaços no movimento e na construção de territórios de expressão social e política.[31]

---

[29]Entrevista com Clara Araújo disponível no site: www.mme.org.br. (acessado dia 16 de agosto de 2006).
[30]Entrevista com Clara Araújo disponível no site: www.mme.org.br. (acessado dia 16 de agosto de 2006).
[31]Marcelo Ridenti analisou a participação feminina nos movimentos de oposição à Ditadura Militar. Para ele, "a participação feminina nas esquerdas armadas era um avanço para a ruptura do estereótipo da mulher restrita ao espaço privado e doméstico, enquanto mãe, esposa, irmã e dona-de-casa, que vive em

Em 1982, Clara Araújo foi eleita a primeira presidenta da UNE, após um histórico de gestões masculinas, desde a criação da entidade em 1937. A eleição de Clara Araújo teve grande repercussão no país, até mesmo porque, nesse momento, o movimento feminista estava se organizando. Para as mulheres que pertenciam ao movimento, essa eleição também significou um maior incentivo à participação feminina.

No entanto, a eleição de Clara Araújo não foi realizada sem críticas, contestação e desconfiança, como lembra a própria militante: "Eu me lembro que as forças que se opunham à minha corrente tentavam me descaracterizar ou me desqualificar, puxando exatamente palavras de ordem relacionadas com o fato de eu ser mulher. Algo assim: 'Clarinha bonitinha'".[32] O ME, que muitas vezes foi visto como um meio que contesta o tradicionalismo e o conservadorismo, revela-se também, por vezes, como um lugar de expressão da continuidade do preconceito existente na sociedade.

Eurípedes Xavier, em entrevista sobre a sua participação no ME em Montes Claros, disse que a barreira que impedia a participação feminina na Universidade era menos presente. Ele enfatiza que, embora a participação fosse aquém do necessário, ela era superior a outros movimentos sociais. As entrevistadas Ely Isabel e Márcia Beatriz, quando perguntadas sobre a participação feminina no movimento estudantil, declararam que a presença feminina foi significativa no ME. Ely Isabel disse que:

> a participação das mulheres era grande no movimento, e participação efetiva. E exerciam cargos de diretorias que às vezes, em alguns movimentos, e até o movimento sindical às vezes coloca a mulher numa posição pequena n`é?[33]

---

função do mundo masculino". RIDENTI. Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: UNESP, 1994, p.198. Judith Patarra, na reportagem biográfica "Iara", mostra bem a trajetória de uma estudante que começou a militar no ME e depois ingressou na luta armada. A repórter Patarra mostra os sonhos e desilusões dos jovens de um período, assim como era o cotidiano de uma mulher nas esquerdas armadas nos anos 60. A autora, tomando como pano de fundo a história de uma mulher na luta armada, procurou traçar como foi repercutida a participação feminina em um meio que era marcado por fortes lideranças masculinas. No entanto, isso não impediu que Iara fosse militante e ao mesmo tempo feminina. PATARRA, Judith L. **Iara**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. Zuenir Ventura também descreve Iara feminina e militante: "Iara não tinha muito a ver com suas colegas de militância. Além de bonita, loura, alta, olhos claros e um sorriso aberto era muito vaidosa. Cuidava do corpo talvez com o mesmo zelo com que cuidava do fuzil". VENTURA, Zuenir. **1968**: o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p.38.

[32] Entrevista com Clara Araújo disponível no site: www.mme.org.br. (acessado dia 16 de agosto de 2006).

[33]ISABEL, Ely. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros 15 de outubro de 2006.

A fala da entrevistada indica a ocupação por parte das mulheres de diversos cargos nas entidades estudantis. Ela pontua o movimento estudantil como um dos movimentos mais abertos a essa participação.

Apesar do preconceito que esteve presente no ME com relação à participação das mulheres na direção das entidades, o DEMC, em 1984, realizou um debate sobre "o papel da mulher na sociedade", no auditório do Colégio Imaculada Conceição. Tal fato revela que, a depender do momento, interesses e pessoas envolvidos, o movimento estudantil, inclusive o secundarista, assumiu características distintas. Em um colégio religioso, foi organizado um evento por um diretório estudantil para discutir a questão da mulher, indicando o trânsito dos estudantes por diferentes espaços. Ao final da entrevista, essas duas mulheres entrevistadas disseram que, hoje, fazem parte da União Popular de Mulheres, sendo que esse espaço constituiu-se a partir do movimento estudantil[34]:

> Nós chamamos de União Popular de Mulheres, a UPM de Montes Claros. Que surgiu, por exemplo, logo, foi logo depois que eu formei, em 89. Estava saindo da faculdade e nós, na época da efervescência do movimento de mulheres no Brasil, em 85... Ah, não, desculpa, não, em 88, foi formada a União Brasileira de Mulheres e, em função da União Brasileira de Mulheres, nós fundamos aqui a União Popular de Mulheres. Então, vem daí, e já era uma herança, n`é? A gente não conseguia ficar sem participar de nada. Saindo do movimento estudantil, precisava participar de alguma coisa. Estamos ainda com a UPM.[35]

Assim, o ME, além de possuir maior abertura à participação feminina do que outros movimentos sociais, como afirmaram as entrevistadas, acabou por vir a ser uma escola para futuras militantes de sindicatos (como o de professores), ou outras organizações e movimentos civis, pelo direito das mulheres, dentre outras categorias. Elas reelaboraram o passado construindo sentidos a partir de suas vivências na atualidade. A construção de espaços para o enfrentamento das questões referentes à posição da mulher na cidade está sendo conquistada por elas desde suas experiências no movimento estudantil e nos movimentos de igreja.

---

[34]Malori Pompermayer relata que em 1975, o DCE da UFMG se recusou a patrocinar o primeiro encontro feminista em Belo Horizonte, sob a alegação de que não ficava bem para o diretório discutir o tema. Isso mostra que o preconceito, quanto à participação feminina, dependendo do lugar e período, pode adquirir características distintas no ME.

[35]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

Nos anos 80, essas mulheres transitavam pela cidade carregando valores diferentes daqueles de seus pais, parentes e vizinhos, questionando o *status quo*. Tanto que, em outro momento da entrevista, em meio a risos, Márcia Beatriz, quando perguntada sobre o que liam e ouviam, indica que eles liam Marx e debatiam sobre a questão da revolução:

> A gente lia muito o Karl Marx, discutia muito a questão da revolução, dentro do movimento estudantil mesmo. É, existia essa diferenciação que eu te falei, dos pelegos e dos não pelegos. Então, até o pessoal do PT nessa época, era muito... Quem era do movimento estudantil era da vertente TM n`é? A marxista, n`é? TM que chama. TM? É, TM: "Tendência Marxista". É esse o termo. Então, era muitos que vinham dali. Então, a leitura era quase comum. A gente lia mesmo e discutia a questão da revolução, da queda do capitalismo e da construção do socialismo.[36]

Podemos perceber que esse ideal socialista era perseguido por vários estudantes que, segundo a entrevistada, liam Marx e seguiam uma tendência marxista. Como alguns cursos oferecidos pela FAFIL possuíam leituras ligadas a essas ideias, o contato com essas obras acabou por acontecer com maior facilidade. Gy Reis Gomes Brito, assim como Márcia Beatriz, concluiu o curso de Ciências Sociais na FAFIL e indica:

> Andrey: O que vocês liam e ouviam?
> Gy Reis: [...] a gente ficava entre os movimentos de Woodstock, os Beatles, os Rolling Stones e, paralelo a isso, os movimentos de esquerda, os partidos comunistas. Aqueles, a ideia de Cuba, a ideia de Rússia, da ex-União Soviética enquanto representação de esquerda, n`é? As leituras, na maioria, era baseadas... era marxista, e era baseada no Capital, em Marx, no Capital, e também algumas leituras sobre a ideia de Estado, de propriedade, n`é, aquelas obras de Engels, de Frederic Engels, e aí por aí vai. E Lênin... E aí um pouco, muito pouco as ideias anarquistas, de Bakunin, desse pessoal... Mais ou menos isso. [37]

Havia um conjunto de percepções ambivalentes quanto ao estudante e ao movimento estudantil, pois o fato de se envolverem com essas ideias provocava certa desconfiança quanto aos estudantes, pois essas leituras eram tidas como sinais de pessoas alinhadas a discursos inconsequentes provenientes de baderneiros:

---

[36]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.
[37]BRITO, Gy Reis Gomes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

> Andrey: Como a sociedade percebia o movimento estudantil?
> Gy Reis: [...] Ah, a sociedade, em alguns momentos, apoiava e, em outros, achava que era baderneiros, que eram inconsequentes, que eram malandros. Que era à toa. Mas boa parte da sociedade compreendia muito bem.[38]

Em outro momento da entrevista, ele já havia dito que era comunista, mas "não da forma ideológica, aliás, não da forma pejorativa como aqueles estudantes que não tinham conhecimento nos tratavam, não daquela forma". A leitura que configura esses estudantes afeitos ao discurso esquerdista, leitores de textos de cunho marxista, como baderneiros e inconsequentes revela um traço da propaganda anticomunista disseminada principalmente pelos governos militares, instaurados no Brasil em 1964. Nesse momento, as pessoas que usavam roupas vermelhas eram vistas como comunistas, marcados com a roupagem de subversivos pelo aparelho repressor do Estado. Gy Reis afirma que a proposta de sociedade que propunham se baseava no comunismo, pois, entre suas propostas, estava a discussão da desigualdade social. Desse modo, quando perguntado sobre como a sociedade percebia o movimento estudantil e sua opção pelo comunismo, ele, ao interpretar o momento vivido, logo procura justificar sua participação e esclarecer que havia impressões equivocadas quanto ao comunismo. Disputas de valores conferiam ritmos diferentes ao movimento e, por vezes, ruídos eram verificados nas ondas de frequência dialógica entre os sujeitos sociais que viviam na cidade. Esse preconceito quanto a essas ideias e grupos socialistas são descritos por Gy Reis que, em um momento da entrevista, falou sobre um episódio interessante:

> Andrey: No caso da eleição do DA-FAFIL em que você se elegeu presidente, quem era oposição e a qual partido pertencia? Qual seu partido?
> Gy Reis: Sim, na época, a gente tava ainda no PCB, mas dentro do MDB, que era uma grande frente política que tinha aqui, que era o MDB, é, nós estávamos ali dentro.
> Andrey: Então, você era do PCB e depois migrou para o MDB?
> Gy Reis: E, e, é em um período tava difícil continuar no PCB e aí nós migramos p`ra dentro do MDB, que era o Movimento Democrático Brasileiro, p`ra depois transformar em PMDB.
> Andrey: Por que é que estava difícil continuar no PCB?
> Gy Reis: Porque havia muita perseguição, n`é? A sociedade não aceitava o partido comunista.
> Andrey: Em 85?

[38]BRITO, Gy Reis Gomes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

Gy Reis: Sim. Também é. E aí a gente ia se esconder no MDB.[39]

Essa fala indica formas, por vezes, surdas de uma correlação de interesses existentes no social. Valores que disputavam espaço e procuravam formas diversas de continuar sobrevivendo, em um território marcado pela negociação e pelo conflito. Por meio de negociações, alguns estudantes migraram para o MDB devido ao fato de que o PCB estava na clandestinidade. O MDB, no início dos anos 80, era uma frente que abarcava diversos grupos da esquerda. A busca por novos territórios de expressão política acontecia com a reformulação do repertório das ações estudantis, em um constante refazer-se do movimento. Essa foi uma trajetória comum de muitos dos sujeitos afinados ao discurso do PCB que, devido à clandestinidade do partido, acabaram por ingressar no MDB que aglutinava grande parte das oposições no momento. Na fala do entrevistado, ele procura atribuir sentido a suas experiências no presente. A forma como elabora sua trajetória não se resume à ordem cronológica, pois ele, ao invés de falar que o PCB estava na clandestinidade no momento, acaba por falar em preconceito. É claro que o preconceito existia, mas na entrevista há uma mistura de tempos diferentes que se reportam a antes da volta do pluripartidarismo ocorrida em 1979 quando havia apenas dois partidos, o MDB (oposição) e Arena (situação) e ao ano de 1985, pós-Ditadura Militar, quando os partidos comunistas possuiam maior tolerância.

A ambivalência das percepções sobre os estudantes que se organizavam e militavam revela uma miríade de estereótipos, preconceitos e memórias. De baderneiro a representante de ideias progressistas e até mesmo radicalmente transformadoras, que, por conseguinte, contribuiriam para reafirmar a concepção de uma cidade moderna. Assim, oscilavam as percepções quanto ao estudante, uma vez que em um momento, quando uma luta ou bandeira empreendida pelos estudantes ia ao encontro de interesses de determinados grupos, como a luta contra a instalação do depósito de lixo atômico em Montes Claros, a imprensa logo proporcionava abertura para publicar as ações do movimento. No entanto, quando os interesses não confluíam para a mesma direção, como a questão do socialismo, muitos espaços de expressão política tinham os canais de acesso dificultados, ou simplesmente fechados. Se, em uma determinada situação, alguns estudantes se comportassem de forma que fosse contra valores compartilhados

[39]BRITO, Gy Reis Gomes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

pelos moradores da cidade, logo os estudantes, de forma generalizada, eram responsabilizados por determinado episódio e taxados por vários estereótipos.

Em Montes Claros, uma festa realizada na sede do DCE, no mês de agosto de 1989, por exemplo, causou certo desconforto ao diretório, evidenciado nas páginas da imprensa montes-clarense. Na imprensa montes-clarense o homossexualismo ganhou destaque após a publicação de matérias referentes a uma festa *gay*, realizada na sede do DCE em 1989.[40] A festa, que era para ser realizada sem maiores divulgações, acabou por repercutir não apenas nas imediações do bairro São José, local onde se localizava a sede do DCE, mas em toda a cidade. Um recorte do Jornal de Montes Claros, encontrado em uma pasta com outros recortes, intitulada "Denúncias", indica que, na festa, teria sido realizado o concurso "Miss travesti", que o jornal denuncia ter terminado com um "verdadeiro bacanal", culminando com a eleição da "Miss vamp-moc 1989". O periódico informa ter ocorrido a "maior sodomia quiçá gomorra" na festa, com a consequente necessidade da presença da polícia militar no local:

> Contando com a participação de mais de 60 pessoas, sendo a maioria rapazes, entre eles, muitos menores, a festa terminou com a polícia militar colocando todas as pessoas para fora do prédio, a pedido do organizador do evento, conhecido como Marquito, que já não tinha mais controle da festa, com os rapazes, fazendo muito barulho, incomodando a vizinhança do DCE.[41]

Na notícia publicada, foi dito que, nos corredores do DCE, havia homens praticando cenas de homossexualismo sem qualquer pudor. Tal fato foi comentado pela então presidenta do DCE, Rosana Márcia, que afirmou que:

> Se houve ou não os fatos descritos, diga se de passagem, com tanta precisão e riqueza de detalhes da referida manchete, não sabemos. Se realmente ocorrerem, o relator das descrições só poderia ter participado ativamente dos mesmos.[42]

---

[40]Essa não foi a primeira festa realizada pelo DCE que causou discussões. Na relação de processos criminais do Fórum Gonçalves Chaves, de Montes Claros, há uma ação impetrada contra o DCE por provocação de tumulto e conduta inconveniente. A presença de dois menores em um baile carnavalesco às 00:35 min no bairro Santo Expedito, foi motivo de uma ação do Ministério Público contra o DCE. AFGC (Arquivo do Fórum Gonçalves Chaves) número processo 000.005 / endereço topográfico 10/55/338 / 1980/02/17. Toda documentação do Fórum Gonçalves Chaves, que antes estava completamente desorganizada, passou por um processo de organização, catalogação, higienização, restauração, microfilmagem e digitalização, encontrando-se, desde 17 de outubro de 2005, disponível para consulta interna na DPDOR.

[41]**DPDOR**. Recorte do Jornal de Montes Claros, 29 de agosto de 1989.

[42]**APAMF**. Jornal do Norte, 31 de agosto de 1989.

A reportagem revela que o fato causou grande desconforto no ME de Montes Claros, tendo possivelmente provocado inúmeras críticas à entidade. Se os estudantes eram vistos, muitas vezes, como loucos, subversivos e inconsequentes, após essa matéria, a popularidade dos partícipes diminuiu ainda mais. Nesse momento, o pastor, de religião não mencionada, e também psicólogo, Thomas Lambert, em entrevista, comentou a festa realizada no DCE, enfatizando que o homossexualismo não era um problema social, mas sim espiritual: "Diz ele que o homossexualismo não é pior nem melhor que o alcoolismo, o tabagismo, as drogas, pois todos levam à destruição da vida".[43] A fala do pastor revela alguns dos traços de uma sociedade que se mostra preconceituosa, ao equiparar a homossexualidade a um vício. Como a festa foi realizada na sede do DCE, no Bairro São José, essa publicação pode ter repercutido de forma negativa para a imagem da entidade. A utilização da fala do pastor e psicólogo pelo jornal pode ser lida como uma estratégia deste na busca por amparo e legitimidade para seu posicionamento.

Marcos Fábio, presidente do DCE em 1987, em entrevista, quando indagado a falar sobre a participação de homossexuais no movimento estudantil em Montes Claros nos anos 1980, comentou sobre o tema naquele momento, afirmando que não existia preconceito, embora houvesse pouca participação dos homossexuais no movimento estudantil, ou seja, era uma discriminação latente. Ele conclui que havia pessoas que possuíam essa opção, mas no momento o assunto não era tão aberto e discutido pela sociedade como na atualidade.[44] Em uma linha interpretativa mais direta, Eurípedes Xavier, quando perguntado sobre o mesmo assunto, disse que o preconceito sempre existiu, pois ele é um traço da sociedade: "Com a universidade não seria diferente, pois ela reflete a sociedade de onde os estudantes provêm."[45]

A ocorrência desse fato, que ganhou notoriedade na imprensa de Montes Claros, revela um momento em que um tema delicado de ser discutido ganhou destaque, fomentando o debate. Não podemos deixar de notar que a forma com que o fato foi tratado, nas duas publicações, indica a dificuldade da sociedade em dialogar sobre o assunto, evidentemente pelo tabu existente. Primeiro, na fala preconceituosa do pastor e

---

[43]**DPDOR**. Recorte do Jornal de Montes Claros, 30 de agosto de 1989.
[44]OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. Depoimento cedido a Andrey Lopes de Souza. Montes Claros, 10 de novembro de 2006.
[45]XAVIER, Eurípedes. Depoimento cedido a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de novembro de 2006.

psicólogo que, pelo seu *status* médico e religioso, confere legitimidade à notícia, segundo com a forma preconceituosa com que os partícipes são tratados. Na segunda publicação editada no Jornal do Norte, a presidenta do DCE está mais preocupada em tecer uma réplica às considerações do relator da reportagem anterior publicada no jornal Diário de Montes Claros. Ou seja, fala-se da festa e se esquece o que ela representa para a sociedade.[46] Em vez de discutir a questão da sexualidade e as implicações que o tema possui na sociedade, joga-se o assunto para debaixo do tapete e dota a festa de um movimento libidinoso e bagunceiro. Esse posicionamento revela a dificuldade de se discutir o tema no momento, por isso fecham-se os olhos para presenças que estavam por toda a cidade, inclusive nas entidades estudantis, participando e integrando as movimentações a/na cidade.

Na cidade de Montes Claros, percebemos que havia também correlação de valores distintos entre os estudantes que produziam configurações sociais hegemônicas e dissidentes do viver a/na cidade. Ou seja, enquanto alguns estudantes traziam consigo o preconceito de uma sociedade e o reforçavam, outros questionavam esses valores que, muitas vezes, balizavam o viver na cidade. Essa posição questionadora não significava, contudo, uma postura de enfrentamento direto e muito menos que essa forma de expressão pudesse ser encontrada nos periódicos consultados. Desse modo, propomos trazer para a escrita do texto as palavras "estudantes" e "movimentos estudantis" no

[46]Quando se fala dos jovens de 1968, logo se pensam em grandes passeatas e na revolução cultural, política e sexual que eles fizeram. Os estudantes que se engajaram nessas lutas são tidos como contemporâneos a seu tempo e livres de preconceitos e tabus. Como supostamente se dizia, essa era uma geração "pra frente" que queria rasgar todos os tabus, preconceitos e tradicionalismo do "mundo burguês". Eles queriam romper com o modelo de casamento e de "família burguês" e inaugurar um novo estilo de vida. Embora essa fosse a propaganda disseminada acerca do movimento estudantil e da esquerda, não eram todos os estudantes que compartilhavam desse pensamento, ou melhor, não viam tudo que acontecia com os mesmos olhos. Zuenir Ventura afirmou que essas mudanças ocorridas nem sempre eram absorvidas pelas organizações políticas como algo aliado ou convergente. Ele inicia o capítulo "A viagem experimental" com uma frase de Luís Carlos Lacerda, o Bigode, que mostra bem esse contexto: "Vocês não podem imaginar o que sofria uma pessoa como eu, que era comunista, homossexual e transava droga". Conforme o autor, a revolução era mais aparente do que real. "A intolerância da esquerda, de todas as esquerdas, era ainda maior quando essas liberalidades de costumes ameaçavam tabus como a prática do homossexualismo ou a experimentação de drogas". VENTURA. **1968**: o ano que não terminou, p.38. Muitos dos pioneiros do movimento estudantil de 1968 enfrentaram inúmeras discriminações por parte das elites pré-revolucionárias, pelo fato de aliarem a prática da militância ao homossexualismo. Na verdade, a esquerda, desde a radical que idealizava uma revolução geral, lidava com aquele movimento homossexual com certa impaciência "de quem é interrompido em meio a uma atividade séria pela visão inoportuna de um ato obsceno". VENTURA. **1968**: o ano que não terminou, p.39. Para Maria Hermínia e Luis Weis, "as organizações políticas de esquerda incorporavam de forma desigual os novos padrões de comportamento". Eles destacam que a contestação dos modelos, de relacionamento afetivo e sexual, pré-estabelecidos pela sociedade acabou por permitir que o tema homossexualismo começasse a sair da clandestinidade e passasse a ser visto como uma possibilidade erótica legítima. ALMEIDA; WEIS. Carro-Zero e Pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao Regime Militar. *In*: **História da Vida Privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea, p.401.

plural, a fim de problematizar a heterogeneidade das sociabilidades construídas na cidade, isto é, nas diferentes cidades constituídas em Montes Claros naquele momento.

3.2 Cidades, sertões e estudantes: disputas de memórias

Em editorial publicado no Jornal do Norte, em janeiro de 1981, intitulado "Crise na Educação", assinado pelo então jornalista Miguel Vinícius, que havia sido presidente do DA-FAFIL em 1980 e do DCE em 1979, nuanças de disputas de valores e memórias parecem ganhar fôlego na cidade. Ele tece críticas ao modelo de ensino realizado nas universidades e escolas do Brasil, principalmente aos professores do interior que, por medo, não fogem da estrutura curricular estabelecida pelos órgãos educacionais:

> Não estou concitando ninguém à pregação do marxismo-leninismo. Estou, sim, combatendo a pregação da alienação e do capitalismo, que nada mais é do que tentar atrelar os acadêmicos à ideologia vigente no Brasil. Ideologia esta que eu considero escravizante. Na minha opinião, buscando inspirações nos meus parcos conhecimentos adquiridos no cotidiano, acredito que as escolas devam levar seus estudantes a trabalhar mais com a comunidade. A pesquisar, por exemplo, as causas da violência, da fome, dos favelamentos, das reformas partidárias do combate as drogas, do crescimento da corrupção. [...] A educação que a todos devia servir, já se elitizou, tornando-se por isso mesmo, mercadoria de alto valor adquirida por quem detém um bom poder econômico. Agora mesmo, o Brasil inteiro vive a seleção brasileira participando do mundialito e retornando 'cheia de glorias', quando na realidade, fomos apenas, na minha opinião medíocres. Neste particular, sou da opinião que o governo ao fazer vistas grossas está no seu papel: Quanto mais analfabeto for o povo, mais votos o PDS terá nas eleições...[47]

A abertura para que um estudante líder estudantil assine editoriais de um periódico indica formas expressivas de negociação e, porque não dizer, de conflito – crítica direta do militante e repórter Miguel Vinícius ao modelo educacional da Ditadura Militar. A crítica aos valores capitalistas e à elitização do ensino também revela os meandros de valores alternativos à sociedade daquele período que, pelo que denuncia o editorial, está pouco preocupada com a desigualdade social, mas sim em espraiar um

[47]**APAMF**. Jornal do Norte. 21 de janeiro de 1981, p. 02.

modelo de educação que contemple interesses de uma elite do país. Uma cidade interiorana no Norte de Minas Gerais, possuidora de uma constelação de valores distintos que, por meio de uma correlação de forças evidenciada entre o poder instituído e as oposições, entre negociações e conflitos em torno da luta de classes, retesam as relações do viver a cidade em todas as suas dimensões. Dentro de uma cidade, percebe-se a existência de várias outras, que disputam espaço, representando desejos e projetos de grupos sociais bem definidos em um constante fazer-se. A crítica ao PDS revela o intento de questionar o partido representante de grupos de grandes proprietários de terras, médicos e advogados de Montes Claros, realizado por um estudante, notadamente afinado às ideias esquerdistas.

A cidade não é prioritariamente um conjunto de construções à base de cimento, concreto e tijolos. Antes de tudo, ela é planejada por pessoas que traduzem, por meio de um planejamento urbano, projetos de ordenamento social que determinado grupo quer ver em prática e, dentro de uma correlação de forças, tornar seus interesses universais. Essa asserção não quer afirmar que esses projetos sejam sempre vitoriosos. Pelo contrário, a cidade é vivida por sujeitos com uma miscelânea de valores que, por viverem condições desiguais, disputam espaço em um ambiente tenso em que um traçado aprioristicamente homogeneizador é (re)significado e forjado a partir das diferentes práticas sociais vividas pelos sujeitos sociais. Assim, o desenho de uma cidade é expressão da correlação de relações e práticas sociais distintas, que convivem em terreno compartilhado e compõem um complexo enredo em que as pessoas vivem.

A região onde se localiza a cidade de Montes Claros é conhecida por pertencer ao sertão. Desse modo, é notória a referência ao universo sertanejo, tão bem descrito por Guimarães Rosa no livro “Grande Sertão Veredas”. Uma identidade sertaneja foi, então, criada, renovada e reforçada ao longo do tempo, constituindo a produção de um perfil marcante na cultura dos norte-mineiros.[48] A existência de cidades dentro de uma cidade também conflui para a ocorrência de sertões dentro de um sertão, de cidades dentro desses sertões e de sertões dentro dessa cidade plural. Questionar as singularidades, indicando um campo de possibilidades, representa a subversão aos discursos e processos identitários que, nessa linha interpretativa, revela que tratar

[48]As representações que geralmente são atribuídas ao universo sertanejo permitem avaliar o sertão como terra da desordem, da violência, do isolamento. A partir de trabalhos como o de Alysson Luiz Freitas de Jesus, percebe-se um “novo sertão”, com versões de um cotidiano bem mais complexo do que aquele apontado por parte da historiografia. JESUS, Alysson Luiz Freitas de. O sertão e sua historicidade: versões e representações para o cotidiano sertanejo – séculos XVIII E XIX. **História & Perspectivas**. Uberlândia, n.35, 247-265, Jul.Dez, 2006.

cultura como consenso, como bem pontua Thompson, "pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro de um conjunto".[49]

A referência ao sertão é ambivalente, indicando ora um lugar pobre esquecido pelo poder público, ora um lugar do sertanejo que "antes de tudo é um forte", lutador, trabalhador e ordeiro. A utilização dos dois estereótipos é elaborada de acordo com o momento e o interesse em jogo. Nos momentos em que valha para pedir auxílio ao governo estadual ou federal, muitas vezes é relacionado ao fato de localizar-se em uma região pobre que necessita de investimentos do governo: o sertão pobre e o sertanejo que vive em uma região de clima seco e árido, semelhante ao Nordeste brasileiro, são reivindicados. Razão pela qual a FUNM foi citada no ano de 1981 como a única faculdade que se localiza no "coração do sertão norte-mineiro".

Em uma reportagem publicada na Revista Montes Claros em foco, em junho de 1979, percebemos os meandros dessas relações. Na reportagem que realizou um histórico das "péssimas condições"[50] de funcionamento da FUNM, é indicada a existência de

> rumores ainda que os alunos estão atentos às atitudes de seus representantes, uma vez que os estudantes acreditam que é obrigação do governo garantir e preservar por exemplo, uma faculdade de Medicina na *terra das doenças de chagas*.[51] (Grifo nosso)

A concepção do sertão pobre, cheio de enfermidades, sem a presença do Estado para dotá-lo das mínimas condições de assistência às pessoas "esquecidas" do Norte de Minas é evocada. O sertanejo pobre é chamado para tentar sensibilizar o Estado e mostrar que suas reivindicações são de fato urgentes. Não podemos deixar de tomar nota de que, nesse momento, evidenciado nas décadas de 1970 e 1980, a cidade passava por significativas mudanças com a vinda de várias fábricas do país para Montes Claros com os incentivos via SUDENE e, por conseguinte, com a intensificação do processo de urbanização. Nos periódicos que circulavam na cidade, é possível perceber uma chuva de notícias sobre a vinda e instalação de fábricas para Montes Claros, apontando que aquele seria o momento de prepará-la para receber todos esses

---

[49]THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.17.
[50]Utilizo aspas para indicar que essa expressão foi empregada no texto. Em outras ocasiões o mesmo foi feito.
[51]**CCHP**. Revista Montes Claros em foco. Junho de 1979, p.58.

investimentos. Por isso, foi divulgado nos periódicos que a cidade estava em obras, preparada pelos grupos políticos locais para a vinda de novos moradores. Como a FUNM era a única faculdade da região, havia a necessidade de estruturá-la, preparando-a também para esse novo momento. Esse clima de industrialização, progresso e crescimento urbano tão bem divulgado pela imprensa montes-clarense pode ter contribuído em muito para que a luta pela estadualização ou federalização da FUNM fosse uma pauta na agenda não apenas dos estudantes, mas de amplos e distintos grupos. Planos e valores diferentes convergiam para o mesmo lugar, conferindo fôlego a essa luta que ganhou notoriedade nos anos 80, embora, desde os anos 70, estivesse presente nas páginas dos periódicos da cidade.

Em contrapartida a esses discursos que divulgavam um sertão pobre, havia o interesse de alguns estudantes de romper com essa ideia. Márcia Beatriz, em entrevista, comentou um pouco essa questão:

> Andrey: Havia uma ideia de que o Norte de Minas nunca recebia recursos por que era esquecido?
> Márcia Beatriz: O que não presta que vem p`ra cá!
> Andrey: Com relação à ideia do sertão?
> Márcia Beatriz: Havia, havia. E até algumas manifestações nesse sentido de visitar lideranças políticas p`ra discutir. E aí que entrava o que eu te falei, que essa interlocução de escola com o movimento estudantil. Porque sabiam que a gente fazia essa discussão. De querer romper com esse lado do sertanejo pobre. Essa coisa existia.[52]

Ela contesta o fato de o Norte de Minas Gerais apenas ser escolhido para receber coisas ruins, como o caso da proposta de instalação do depósito de lixo atômico no ano de 1987. Eurípedes Xavier também questionou o fato de que o Norte de Minas, que nunca era escolhido para sediar coisas boas, havia sido escolhido logo para sediar um depósito de lixo atômico.[53] Daí, a necessidade, apresentada por esses militantes, de se romper com a ideia de um sertão cujos moradores não se interessam por política, sendo resignados a aceitar sua condição e não questionando o *status quo*.

A Revista Vínculo, vinculada à FAFIL, em fevereiro de 1987, traz um texto assinado por Isabel Rebello de Paula, professora da faculdade e uma das idealizadoras de sua criação, intitulado “FAFIL: seus ideais e o seu compromisso, suas necessidades,

---

[52]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.
[53]XAVIER, Eurípedes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de novembro de 2006.

seus valores", que traça um panorama da situação educacional no Norte de Minas, não deixando de enfatizar a ideia de sertão:

> Assim, o movimento que culminou com a instalação da Faculdade de Filosofia, e consequentemente do Ensino Superior no Norte de Minas, surgiu das bases, como legítima aspiração da classe que a idealizou e a sustentou, em gesto natural e espontâneo de quem colhe uma fruta madura, mas também e principalmente, com a audácia de quem força barreiras e rompe grilhões que impediam a eclosão dos ideais de uma juventude inconformada e de uma região que se considerava sacrificada e marginalizada.[54]

Nesta revista, editada em função dos 23 anos da FAFIL, há uma construção de discurso positivo da edificação da faculdade, bem como a idealização da juventude de Montes Claros que lutou pela vinda do ensino superior na região: "Mais uma vez, veio da iniciativa particular, dessa admirável disposição que tem a gente do sertão para enfrentar problemas, o necessário apoio para tornar viável o ensino superior em Montes Claros".[55] Nessa passagem, há uma construção de memórias positivas do sertanejo, colocando-o como lutador e engajado na busca pela realização dos seus objetivos, e, nesse caso, dotando os idealizadores do projeto, médicos, advogados e políticos locais, de uma atuação legítima e heróica. A "iniciativa particular" logo foi pontuada como legítima "aspiração de classe", corroborando para reforçar a legitimidade desse projeto que era alocado principalmente por grupos e famílias que há décadas estavam à frente da direção política e econômica da cidade, a saber, grandes fazendeiros, médicos, advogados e outros.

Ao pesquisar as edições do Jornal do Norte[56] publicadas ao longo dos anos 1980, rastreamos diversas aparições dos estudantes que transitavam pela cidade, imprimindo os rastros de suas vivências pelos lugares por onde passavam. Essas notícias indicam outras cidades e sertões diferentes dos representados pelo discurso oficial na atualidade. Memórias alternativas ganham expressividade nas páginas da imprensa que, sendo produzidas pelos estudantes, formulam e projetam o constante fazer-se do movimento estudantil.

---

[54]Revista Vínculo. Montes Claros, fevereiro de 1987, n 03, p.13.
[55]Revista Vínculo. Montes Claros, fevereiro de 1987, n 03, p.13.
[56]O Jornal do Norte, hoje extinto, é conhecido na cidade por ter sido ligado ao então vereador de Montes Claros Luiz Tadeu Leite e ao MDB, partido de oposição à administração local, sendo que o Jornal Diário de Montes Claros representaria a gestão que estava na prefeitura até o ano de 1982 – eleição de Tadeu Leite para prefeito da cidade. Entretanto, essas ideias pouco nos podem dizer sobre as relações construídas entre o movimento e a imprensa montes-clarense.

Essas memórias vêm à tona principalmente no momento das entrevistas, em que os entrevistados têm a oportunidade de ser ouvidos por alguém que, por meio de uma pesquisa, acaba por atribuir notoriedade a essas experiências e os escolhe para falar. No caso do movimento estudantil, muitos dos sujeitos que participaram dessas manifestações ou viveram nesse período, hoje, transitam pela Unimontes[57] e pela cidade de Montes Claros. Quando essas pessoas se encontram, há o reforço de referência a episódios que os levam a relembrar o passado. Márcia Beatriz, que hoje é professora da Unimontes, procurou atribuir sentido a suas experiências ao narrar um encontro com Lourdes, diretora da FAFIL, em meados da segunda metade da década de 1980. Nos últimos minutos da entrevista, sem que fosse realizada uma pergunta, de forma livre e espontânea, ela relembrou esse episódio que expressa um dos momentos mais expressivos do enredo:

> Esses dias eu encontrei a D`Lourdes. Ela era, na época, a diretora na FAFIL. Aí, ela brincou com uma pessoa: 'Ah você conhece a Bia?' 'Conheço, ela já carregou até meu caixão' (Risos). Então, nós já fizemos enterro de muita gente, dela inclusive. Fazíamos mesmo. Aí, pelo fato d`eu estar envolvida com arte, com teatro, então, sempre que tinha essas manifestações... Mas, assim... Vamos lá! Aí, levava caixão, levava flores... Então, tinha esse tipo de movimento, que, hoje, eu acho que perdeu muito, assim, n`é. Eu acho que o movimento estudantil era mais irreverente na época.[58]

Atualmente, Márcia Beatriz encontra-se em posição similar à ocupada por Lourdes em meados 1987, pois constitui o quadro de funcionários da Unimontes. Desse modo, o encontro com a antiga professora se dá sob outras formas de sociabilidades, marcadamente pela expressão de outros valores, visto que sua atual condição assim exige. Os episódios de enterro citados indicam algumas dessas outras memórias que conferiam outras formas ao movimento estudantil. Essa aproximação dos estudantes com a arte é o indicativo mais visível da produção de formas alternativas de intervenção no social. Ao relembrar desses momentos, ela equipara o movimento de ontem ao de hoje e vislumbra, assim, novos conceitos e novas práticas de movimento estudantil a emergir na cidade, em um espaço marcado ora pela negociação, ora pelo conflito, e demarcação de fronteiras e territórios de ação.

---

[57]A FUNM foi criada em 1962 e transformada em Unimontes no ano de 1989.

[58]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

Ao longo dos anos 1980, os eventos culturais constituíram lugares em que era formulado um emaranhado de memórias e valores distintos em relação à sociedade desigual e à realidade social da cidade em que viviam. Mesmo nesses momentos, a demarcação de territórios de ação não deixava de estar presente, ainda que de forma velada.

No mês de abril do ano de 1984 foi realizado o II Concurso de Crônicas, Poemas e Poesias – COMPOR – pelo DA-FAFIL, em homenagem ao poeta Manuel Bandeira, que trazia, em seu cartaz de divulgação, um trecho do poema "Os sapos", do referido autor. O III COMPOR teve temática livre, com cartaz feito em papel de caderno com colagens e letras escritas em canetas "hidrocor". O V COMPOR teve Lazinho Pimenta, ex-colunista social do Jornal Gazeta do Norte (circulou pela cidade na primeira metade do século XX) e então repórter do Jornal de Montes Claros, como patrono, e realizou uma homenagem do DA-FAFIL, na gestão *Rebento* de 1987, ao mineiro de Itabira, Carlos Drummond de Andrade, falecido naquele mesmo ano. No cartaz, figurou uma imagem do poeta, desenhada por Pedro Júlio Procópio, acompanhada por uma sugestiva frase de Drummond: "Tenho duas mãos e o sentimento do mundo todo". Os estudantes acreditavam que poderiam mudar o mundo, e se portavam como a vanguarda para tal fim. No VI COMPOR, realizado pela gestão *Vanguarda* no ano de 1988, a arte do cartaz teve autoria do estudante André Luis, e trouxe impressas a marca "Ellus" jeans e a da Secretaria de Esporte, Cultura, Lazer e Turismo – SECELT –, que patrocinaram o evento. Nesse evento, o homenageado foi o montes-clarense Cândido Canela, que foi vereador da cidade em vários mandatos, humorista satírico, trovador e membro da Academia Montes-Clarense de Letras. Esses cartazes expressam relações sociais vivenciadas pelos estudantes na cidade.

Apesar dos patrocinadores citados acima, havia dificuldades financeiras em realizar os eventos esportivos e culturais. Assim, cada gestão das entidades estudantis possuía uma forma diferente de lidar com essas dificuldades, mas nem todas conseguiram realizar eventos do porte do II COMPOR. A dificuldade em realizar os eventos e em conseguir recursos para as premiações é revelada também com todo o material confeccionado manualmente. Embora não tivessem condições econômicas, era por meio da criatividade que esses estudantes conseguiam realizar tais eventos. Os estudantes enfrentaram inúmeras dificuldades para realizar os seus eventos, visto que "o

movimento estudantil sempre viveu de carteirinha” [59] e a arrecadação com elas não era suficiente para realizar os eventos. Márcia Beatriz Xavier, depois que foi perguntada se recebiam alguma ajuda financeira da prefeitura, comenta sobre as dificuldades econômicas para levar o movimento adiante:

> Pires na mão e correr atrás de vereador, correr atrás de prefeito. Dos próprios professores, a gente tinha, na época, professores que ajudavam. Quando vinha congresso, a mesma coisa. Então, era movimento estudantil com pires na mão mesmo. Apoio, nenhum. A única coisa que a gente tinha, por exemplo, na época, a FAFIL tinha uma sala que cedia p`ra gente, funcionava o DA, n`é.[60]

O COMPOR era, geralmente, realizado no Centro Cultural Hermes de Paula, local dedicado à realização de eventos artísticos da cidade e lugar que abriga a biblioteca municipal, localizado na Praça da Matriz, próximo à FAFIL. Havia apoio da FAFIL e participação de grupos artísticos da cidade, como o “Grupo Ok”, do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandes, o grupo Agreste e o grupo Raízes, dentre outros. Realizar esse evento no Centro Cultural representa a proximidade dos estudantes com um lugar pertencente à prefeitura, frequentado por vários artistas. Além do mais, muitos dos integrantes desses grupos haviam sido estudantes da FUNM e militado em entidades estudantis da instituição. Observamos, desse modo, como os estudantes transitavam pela cidade e, entre encontros e desencontros com diversos sujeitos sociais, construíam redes de sociabilidades que demarcavam, por meio desses eventos realizados em parceria com grupos representantes da prefeitura, os territórios de ação do movimento.

A realização de festivais sempre foi uma característica do movimento estudantil brasileiro, já que realizar festivais representa uma forma de atuação política e social. Dentre os temas escolhidos para ganhar destaque nos diversos festivais, estavam a homenagem a representantes de diversos grupos da cidade, por isso pode ser visto como espaço de construção de alianças. A atuação ocorria de diversas formas, seja como maneira de aproximar os estudantes da entidade, seja como maneira de integrar a cidade e produzir impressões sobre os diversos temas que estavam na agenda estudantil. Qualquer assunto que possuísse ressonância no dia-a-dia dos estudantes, como aumento

---

[59]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.
[60]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

do custo de vida, inflação crescente, crítica à Ditadura, dentre outros, estava nas letras das músicas e poemas declamados nos eventos artísticos. Essa era uma forma de expressar descontentamentos que, via arte, possuíam espaço, o que nem sempre era aceito que se fizesse de outra maneira.

Na programação do II COMPOR, realizado no ano de 1984, podemos vislumbrar um lugar marcado pela negociação entre sujeitos sociais provenientes de diferentes grupos que transitavam pela cidade. A aparente harmonia entre os diversos sujeitos sociais que compunham as páginas da programação pode maquiar a correlação de interesses evidenciada na tensão de sociabilidades ofuscadas nesse momento. O evento foi patrocinado pela pizzaria e churrascaria Papaula, pela direção da FAFIL, pelo DCE, pela produtora HM e pela papelaria e livraria Montes Claros. A premiação foi destinada às melhores poesias e aos melhores intérpretes. O primeiro lugar da melhor poesia recebeu o troféu 20º. Aniversário da FAFIL, "oferecido por Paulo Reis" – ex-presidente do DCE. O segundo lugar ficou com o troféu "em homenagem ao grande homem público" Hermes de Paula, oferecido pela FAFIL. Já o terceiro lugar, também com prêmio e troféu oferecidos pela direção da FAFIL e DCE, intitulado Cândido Canela, homenageou o "grande trovador e baluarte da cultura montes-clarense". Na premiação dos intérpretes, o primeiro lugar foi o troféu "Sônia Helena, oferecido pelo DCE, em homenagem à ex-aluna da FAFIL, que muito contribuiu e contribui com o DA na sua luta em defesa dos direitos dos estudantes". O segundo lugar foi o troféu João Batista Rocha, patrocinado pelo DCE, em homenagem "ao grande aliado do DA-FAFIL em todas as suas promoções". O terceiro lugar foi o troféu Miguel Vinícius, também patrocinado pelo DCE, em homenagem ao ex-presidente do DA-FAFIL.

Desse modo, percebemos que a participação de grupos advindos do comércio e de famílias tradicionais montes-clarenses, representadas pelas empresas patrocinadoras do evento, da direção da FAFIL, bem como de diversos militantes estudantis, indicam um campo de sociabilidades marcadas pela negociação. Sujeitos sociais que representavam valores, por vezes diferentes, compunham as páginas dessa programação, revelando condutas pautadas pela astúcia, como aponta E. P. Thompson, uma vez que "não se pode passar a vida inteira protestando; é necessário dissimular e lidar com o *status quo*"[61]. As nuanças dessas relações ganhavam maiores contornos em

[61]THOMPSON, E. P. Folclore, Antropologia e História Social. *In*.: NEGRO, Antônio Luigi; SILVA, Sérgio (Orgs.). **E. P. Thompson**. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas/SP: Unicamp, 2001. p 262.

textos como os seguintes: “convidamos o presidente do nosso DA-FAFIL, o *vibrante* Antônio Atayde para fazer a entrega do troféu Miguel Vinícius”; “convidamos o presidente do DCE o *dinâmico* Benedito de Oliveira Gonçalves para a entrega do troféu João Batista Rocha” e “convidamos o Diretor da Faculdade de filosofia, professor Antônio Jorge para fazer a entrega do troféu Sônia Helena oferecido pelo DCE”. Os adjetivos “dinâmico” e “vibrante”, atribuídos, respectivamente, aos presidentes do DCE e do DA-FAFIL, indicam relações de proximidade entre as duas entidades nesse momento. Além disso, um troféu entregue pelo diretor da FAFIL, tendo como homenageada uma estudante militante, conflui para demarcar territórios dialógicos entre esses campos. Como se tratasse de um evento de interesse artístico e cultural, havia grande divulgação na cidade e, por isso, os estudantes eram bem recebidos para discutir essa temática, a menos que houvesse pontos políticos definidos e fossem na contra mão dos interesses de dirigentes políticos. O jogo de interesses marcava essas vivências. Márcia Beatriz nos instiga a pensar essas relações na medida em que afirma que quando havia “interesse comum da faculdade, aí procurava o movimento estudantil”, mas, quando não havia, “aí não abria mais espaço p`ra gente, p`ra fazer reuniões era mais complicado”.[62]

O corpo de jurados do II COMPOR foi composto por Yvone de Oliveira Silveira (presidente, sendo que o nome do DA-FAFIL recebe o seu nome), Georgino Jorge Júnior, Alexandre Magno, Haroldo Pereira, Jojô Machado, dentre outros, todos conhecidos no panorama artístico da cidade, atualmente. Dos poemas que ganharam o concurso, estão: “O grito”, de Gilson Pereira Neves, do curso de Letras, em primeiro lugar; “O déspota”, do estudante de Letras Dorislene Alves Almeida, no segundo lugar; e “O epicurista”, do estudante de Letras Diogo Mesquita, em terceiro lugar. Já os intérpretes foram: Sinval Mendes Júnior, que interpretou o poema “Carro de bois”, em primeiro lugar; Dorislene Alves, interpretando “O déspota”, em segundo lugar; e Gilson Pereira Neves, interpretando “O grito”, em terceiro lugar.

As poesias apresentadas no COMPOR movimentavam a FAFIL, bem como a sociedade montes-clarense. Tais poesias possuíam temáticas variadas, expressando desejos, valores e projetos formulados pelos estudantes que se inscreveram no evento. Desse modo, essas poesias são práticas sociais que expressam relações sociais, constituintes e instituintes do cotidiano estudantil e operadas em um terreno comum aos

---

[62]XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

demais moradores da cidade. Liberdade, amor, tristeza, nostalgia, desilusão, insatisfação e descontentamento são os sentimentos que podem ser percebidos nos poemas que concorreram ao II COMPOR. Isso permite perceber que uma miscelânea de valores acompanha esses estudantes que têm histórias de vida diferentes e carregam consigo valores distintos. O que os uniu em muitos momentos foi o desejo de mudança, mas o que essas mudanças significavam para cada um não pode ser resumido em palavras de ordem, ou reivindicações do tipo "pela estadualização ou federalização da FUNM". Essas poesias indicam um campo de possibilidades reais da heterogeneidade que é o movimento estudantil, ou melhor, os movimentos estudantis.

No poema "Carro de bois", há a nostalgia quanto à vida no campo: "Lá vem o carro de bois. Canta solene, majestoso. Roda veloz em sua lentidão. Leva a fome os bois, Carrega do menino o alçapão". A poesia "Balada para um amor perdido" indica um tom romântico quando foi escrito: "Esta balada eu fiz quando te perdi, quando senti um vazio dentro do peito, COMO SE ME FALTASSE O SOPRO DIVINO!".

Os poemas que venceram o evento tinham teor crítico e contestatório a certos valores que estavam presentes na sociedade do período. O poema "O déspota", por exemplo, tece críticas ao ser humano, por posições egoístas:

> Homem não, bicho!
> Antílope por natureza.
> Não pensa, dita, grita,
> Como se tudo fosse patrimônio seu.
>
> Homem não, bicho!
> Não pede, força, impõe,
> Impõe-se desde ...
> A eclosão do universo.
>
> Homem não, bicho!
> Ruvinhoso e egoísta,
> Rumina suas regras
> A massa submissa e terrificada.
> Bicho...não! homem,
> Réprobo da natureza. [63]

[63]**CAHIS**. O déspota. 1984. Esses poemas produzidos pelos estudantes têm relação com a produção musical do rock brasileiro dos anos 1980, pois muitos dos temas presentes nos poemas também estão nas músicas. Essas produções artísticas falavam sobre a situação econômica do Brasil, a concentração de renda e desigualdade social, dentre outros temas. Essa recorrência indica algumas das discussões presentes no momento. Dentre as músicas podemos citar, por exemplo, discos do Titãs, de 1986 e 1987, "Cabeça dinossauro" e "Jesus não tem dentes no país dos banguelas", respectivamente. No segundo disco também está presente a música "Comida", que indaga: "você tem sede de quê? Você tem fome de quê?". Nesse mesmo sentido, em outro gênero, o lançamento do disco "Cantoria', de Elomar, Vital Farias e Xangai, em 1984.

Outro poema que tece críticas contundentes é “O grito”, que traz, no início, uma citação de Camões. Nessa citação, está escrito: “Na terra tanta guerra, tanto engano, Tanta necessidade aborrecida! Onde pode acolher-se um fraco humano, Onde terá segura a curta vida Que não se arme e se indigne o céu sereno Contra um bicho de terra tão pequeno?” Tal citação é carregada de valores contestatórios que foi apropriada pelo autor para expressar o seu descontentamento quanto à sociedade em que estava inserido. O título do poema indica um grito de desespero e descontentamento quanto a episódios ocorridos no mundo:

> [...] Foi a explosão do vento rindo
> Dos nossos rostos, das nossas almas,
> Forçado a vir à tona,
> Detonando o súbito crepúsculo paradisíaco.
>
> Foi o riso dele sim, que nos atirou peito a peito
> Pele a pele, feito vaso e planta,
> Feito raiz
> Globuluzada a tinta.
> Você deixada inteira e pura.
> Eu fragmentado, todo pedaços,
> esculpido em conveniências, míope do espírito, desamando,
> Sofrendo e partindo
> Numa das lágrimas do seu pranto. [...].
>
> [...] Se Israel lamenta sua sorte,
> Se o Líbano se auto-destrói
> Amalgamado a xiitas, drusos, cristãos e mulçumanos,
> Americanos, franceses,
> No exercício de matar seus mortos...
>
> Se choram cadáveres embalados, batidos,
> Quentes de olhos vítreos nos negros
> Matizes enssombrassados do céu plúmbico...
>
> Se na URSS não há líderes – Ah, que me importa?
> Sou um míssil sem silo
> Velado a flores de urânio
> Nos campos que despontam sônicos,
> A despejar odores miscelados ao cheiro acro de esperança
> Dos galardões dourados.[64]

Esse poema é uma crítica ferrenha do autor quanto à destruição de culturas e morte de diversas pessoas causadas pela ambição de líderes dos países capitalistas, a saber, americanos, que jogaram bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, bem como

[64]**CAHIS**. O grito. 1984.

os franceses. Nesse momento, a Ditadura no Brasil não havia chegado ao fim, muito menos a Guerra Fria, que trouxe grandes saldos de destruição para a humanidade. Os primeiros versos parecem fazer referência à bomba atômica. “Foi a explosão do vento rindo,/ Dos nossos rostos, das nossas almas,/ Forçado a vir à tona,/ Detonando o súbito crepúsculo paradisíaco.” A outra referência à bomba atômica é percebida quando foi escrito: “Sou um míssil sem silo, velado a flores de urânio”. O autor se diz não ter silo, ou seja, base, pois os valores da sociedade que carrega não têm espaço na sociedade capitalista, por isso está “velado a flores de urânio”. Ao final, ele afirma que: “Sou canto cansado sem coro, o rio que chira na loucura da sede, bandeira sem posto que parte sem hino para o cimo sem dobre de sino, sem nada. Estou morto, Ó Liberdade, estou mudo com medo... e amando você”.[65] Ele escreve que está cansado, pois é um “canto sem coro”, ou seja, seus ideais não são compartilhados pela sociedade capitalista em que vive.

O poema anterior também teceu críticas ao “homem” que, com posições egoístas, contribui para sua própria destruição. A crítica à sociedade capitalista está presente nessas passagens, indicando a contestação aos valores individualistas e desiguais que a estruturam. Dessa forma, por meio de metáforas, os estudantes formulavam críticas à sociedade, expressando valores que perseguiam suas trajetórias, sendo que, por onde passavam, deixaram marcas desses ideais. O passado, a “História” e a memória oficial da cidade de Montes Claros são inquiridos por meio dessas práticas sociais, que subvertem os discursos homogeneizadores dessa história recente. A linearidade e a previsibilidade são contrapostas ao processo, cedendo espaço à imprevisibilidade e ao avesso dos episódios tidos como aceitos historicamente pela memória oficial. Esses poemas estão, hoje, em um armário dos Centros Acadêmicos de História, Letras e Pedagogia, que se localizam na mesma sala. Compõem um acervo: são troféus, carteirinhas estudantis, poesias, cartazes, desenhos, atas, prestações de conta, que expressam um substrato de memórias, memórias aqui e lá, sem uma organização, também expressando o que aconteceu com a história dos movimentos sociais em Montes Claros, esquecidas, incompletas, embaralhadas e desconhecidas por muitos.

Os três poemas vencedores do VII COMPOR foram publicados na Revista *Vínculo* de dezembro de 1989, que comemorou o jubileu de prata da FAFIL. Os poemas

---

[65]**CAHIS**. O grito. 1984.

“Menino de rua”, “Por que és inconstante?” e “Ressuscita-me”, de Josefina Ladeia Lima, Selmara de Fátima dos Santos e Gy Reis Gomes Brito, respectivamente, foram as poesias vitoriosas. O poema que ganhou o primeiro lugar foi “Menino de rua”, que tece críticas à desigualdade social, denuncia as condições de vida dos meninos de rua:

> Que é você?
> Que nunca existiu dentro da consciência humana.
> Existiu, sim, na barriga daquela que o pariu
> Seja ela Maria, Severina ou Joana.
> Que é você, menino sapeca,
> Que não pediu pra nascer.
> O mundo te fez de peteca
> Jogando-o pro alto, fazendo-o sofrer?
> Misturando-no com o lixo
> Que o mundo deseja se livrar.
> Saia, grite, vire o bucho
> Guarde as tripas em seu lugar.
> Mostre para a sociedade
> Que você quer existir.[66]

O segundo lugar trazia um lamento romântico em torno de uma pessoa inconstante que assume posições contraditórias: “Um dia você me preenche, no outro me deixa vazia. Num dia você me sorri, no outro você me lamenta. Num dia você fala tudo! No outro nada comenta.” O terceiro lugar foi o poema de Gy Reis Gomes Brito, com um teor de contestação à desigualdade social, também evidenciada no poema do primeiro lugar:

> Permaneço vivomorto, para os desgraçados e injustos, corruptos e lacaios, perversos ladrões da alfabetização de um povo tão ignorado e sem munição para o contra ataque.[67]

Então, “Ressuscito para os que ainda acreditam: Na luta, na flor, na alfabetização, no furacão do vento que varrerá do chão todas as imundices do homem e deixará a terra novamente adubada para um novo plantio. Que germinem homens livres.”[68] Para Montes Claros, a desigualdade social é um fator que ganhou grande destaque na publicação dos periódicos naquele momento, principalmente para uma cidade que era alvo do recebimento de vários recursos e novos moradores, que, vindos do meio rural e à procura de oportunidade de emprego, se instalaram em bairros mais

---

[66]Revista Vínculo. FUNM. Dezembro de 1989, número 04, p.184.
[67]Revista Vínculo. FUNM. Dezembro de 1989, número 04, p.184.
[68]Revista Vínculo. FUNM. Dezembro de 1989, número 04, p.186.

afastados do centro. A maioria das poesias e os materiais produzidos pelos estudantes toca direta ou tangencialmente nessa questão. Isto é claro e evidente, visto que muitos desses estudantes se diziam socialistas e vivenciavam no cotidiano as dificuldades advindas com o fato de terem de trabalhar e estudar.

A abertura da direção da FAFIL para publicação desses poemas em sua revista indica um espaço marcado pela negociação. A produção artística era bem vista por diversos grupos da sociedade, por isso foi tão bem utilizada pelos estudantes. Esses poemas, apesar de questionarem certos valores capitalistas que estruturavam a sociedade brasileira, não se revelavam fortes o suficiente para subverter a ordem vigente, embora não deixassem de constituir movimentações mais amplas que questionavam o poder constituído. A crítica à desigualdade social constitui algumas das posturas sociais que os poemas expressam.

O interessante é que nessa mesma edição da revista há uma sessão de atividades centradas na leitura do livro "As veias abertas da América Latina", de Eduardo Galeano[69]. Essa atividade foi promovida pelo Departamento de História da FAFIL, em que foram realizadas representações cênicas, apresentação de painéis, debates e poemas sobre os problemas sociais e políticos da América Latina. Esse livro é considerado marxista e uma crítica aos países colonizadores da América Latina. Desse modo, pode parecer estranho que essa edição da revista tenha cedido um espaço para estudantes discutirem as ideias de um livro com teor marxista, visto que o socialismo e o marxismo não eram bem quistos de forma geral pela sociedade brasileira. Nesse momento, 1989, a Ditadura já havia chegado ao fim, o que pode explicar essa abertura para esses valores alternativos. Dois poemas foram publicados na revista: "O sangue da América", de Dulce Ferreira Maia, e "Um sol muy caliente", de Antônio Cláudio Attademo, ambos alunos do curso de História. No poema "Um sol muy caliente", com afeição às ideias de Eduardo Galeano, foi escrito que, "No limiar dos Alpes Onde, ó sol, és caliente. Brotam desejos efervescentes de uma gente indigente. Brotam seis séculos de conquista e desespero. Brotam ilusões de nacionalistas e devaneios."[70] O outro poema revela *ethos* mais característicos do livro ao afirmar que "nem queremos saber da necessidade histórica nem da concessão que se faz do dominador", pois "o pior é aceitarem, os que são massacrados, a ideologia do patrão".[71]

---

[69]GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paze Terra, 1990.
[70]Revista Vínculo. FUNM. Dezembro de 1989, número 04, p.189.
[71]Revista Vínculo. FUNM. Dezembro de 1989, número 04, p.188.

Assim, os estudantes transitavam pelas ruas, bairros, praças, instituições e movimentos da cidade, construindo redes de informação e interconexão com os diversos grupos sociais. A faculdade contribuía para esse trânsito, visto que, entre seus alunos, havia pessoas de várias procedências, estudantes que trabalhavam, filhos de fazendeiros, de políticos e de grandes empresários locais. Além do mais, muitos dos ex-estudantes da FUNM tornaram-se jornalistas e redatores dos periódicos da imprensa local, bem como escritores. Essa acabou por se tornar uma teia de relações que promovia maior mobilidade para o movimento estudantil na cidade.

Nesse sentido a imprensa, as poesias e as fontes orais indicam um constante movimento de produção, de reforço e de renovação de projetos e memórias hegemônicas e também dissidentes que, em guerras de memórias, procuravam dar visibilidade a experiências distintas. Na tabela abaixo, podemos rastrear as diversas menções do Jornal do Norte quanto às ações estudantis, ao longo dos anos 1980:

TABELA 7

Tabela de notícias publicadas no Jornal do Norte referente ao movimento estudantil da cidade de Montes Claros na década de 1980										
Ano Notícias	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989
Entrevista com líderes estudantis	01	X	X	X	X	X	X	X	X	X
DCE	13	11	17	20	09	16	01	29	60	01
Das	09	16	04	05	06	07	02	03	08	01
Demc/grêmios/secundaristas	16	04	01	X	01	01	01	12	09	X
Eventos culturais e esportivos	04	11	12	17	03	12	01	05	09	03
Manifestações Específicas	23	26	04	08	11	15	03	24	08	02
Manifestações não Específicas	04	X	01	01	04	X	02	14	01	X
Movimento estudantil e outros segmentos da sociedade	08	X	02	X	02	X	01	09	02	01
União entidades estudantis diversas	06	21	06	08	02	09	05	24	03	01
Chamadas eleições e posses	07	03	05	04	X	04	X	04	03	X
Questões internas	06	09	01	X	01	01	X	04	04	X
Denúncia a instituições ou pessoas	01	07	09	03	X	01	03	08	02	02
Total	98	108	62	66	34	66	19	126	55	11

FONTE: Jornal consultado no Arquivo Pessoal de Américo Martins Filho.

Para rastrear as ações dos estudantes de Montes Claros utilizamos principalmente o Jornal do Norte que, ao longo da década de 1980, publicou diversas matérias e notícias a respeito do assunto. As entrevistas realizadas com partícipes do

movimento revelam uma miscelânea de posicionamentos e sociabilidades construídas entre o movimento estudantil e a imprensa na cidade. Marcos Fábio Martins de Oliveira, ex-presidente do DCE, em entrevista sobre a relação entre o ME e a imprensa, disse:

> o DCE estava sempre presente na imprensa, n`é? A imprensa de Montes Claros sempre teve uma receptividade muito boa para com o movimento estudantil. Grande parte dos jornalistas foram estudantes ou tinha simpatia pelo movimento estudantil e, então, as coisas eram bem repercutidas em termo de reportagem pelo DCE.[72]

Marcos Fábio de Oliveira comentou que, na sua gestão de 1987, eles sempre estavam em busca da imprensa, já que o número de funcionários dos jornais era pequeno e para eles aparecerem tinham de "correr atrás". A existência de estudantes e ex-estudantes da FUNM que trabalhavam na imprensa facilitava a publicação de notícias sobre o movimento. Marcos Fábio Oliveira também era estudante do curso de Economia da FADEC e independente – não possuía ligação partidária –, como se dizia naquele momento. Tal fato facilitava uma maior receptividade para divulgação de suas ideias.

Já Eurípedes Xavier, presidente do DA-FAFIL em 1988, indica relações diferentes, ao afirmar que a imprensa apenas se abria ao ME em um fato que fosse de interesse e impacto social, como o caso da luta contra a instalação do depósito de lixo atômico em Montes Claros. Ele sublinha que, pelo fato de o processo democrático no Brasil ainda ser incipiente, os riscos à ordem institucional ainda existiam, para

> grande parte da imprensa. Ela ainda via no movimento estudantil um certo 'q' de subversão, viam os dirigentes das entidades estudantis de certo modo ainda como subversivos que podiam trazer algum risco à sociedade. E ela, portanto, se abria muito pouco para o que o movimento estudantil fazia. Sempre foi uma relação de certa dificuldade entre o movimento estudantil e a imprensa.[73]

Os líderes estudantis expressam posições diferentes quanto à cobertura da imprensa aos movimentos estudantis na cidade. Eurípedes Xavier era um estudante de posições esquerdistas, nesse momento filiado ao PCdoB, partido do qual, hoje, é um dos principais representantes no Norte de Minas Gerais – e pelo qual foi eleito para vereador

---

[72]OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. Depoimento cedido a Andrey Lopes de Souza. Montes Claros, 10 de novembro de 2006.

[73]XAVIER, Eurípedes. Depoimento cedido a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de novembro de 2006.

de Montes Claros por vários mandatos. Desse modo, a tabela acima, com o rastreamento de alguns dos tipos de reportagem publicadas no Jornal do Norte sobre o movimento estudantil, vale como subsídio para compreender o panorama do período.

Comparando o número de reportagens publicadas em 1987, que foi o ano da gestão de Marcos Fábio, com o ano da gestão de Eurípedes Xavier, em 1988, percebemos um maior número de reportagens no primeiro ano citado. Com relação ao Jornal do Norte, é perceptível, por meio até mesmo das notícias publicadas, que, quanto maior fosse o conhecimento de pessoas que trabalhassem nos periódicos, bem como o não envolvimento do diretório com grupos e partidos afinados ao discurso esquerdista, maiores poderiam ser as chances de publicações sobre o movimento. No caso da gestão de Marcos Fábio Oliveira, é notória a maior efervescência no DCE quanto à participação estudantil, bem como a preocupação em aparecer na imprensa para divulgar as ações do ME universitário.

Os jornais que circularam na cidade nos anos 80, a saber, o Jornal do Norte, o Jornal Diário de Montes Claros e o Jornal de Montes Claros, muito colaboraram para a estruturação e divulgação das ações estudantis. As diversas lutas e bandeiras que o movimento estudantil empunhou ganharam as páginas da imprensa montes-clarense, já que não apenas as passeatas foram divulgadas, mas também os diversos eventos culturais e esportivos, as chamadas de eleições das entidades, dentre outras notícias.

No entanto, não apenas foram editadas notícias que construíam percepções e memórias positivas do ME, mas também reportagens depreciativas e negativas. No Jornal do Norte, é perceptível o número de notícias que diziam respeito a questões internas ao ME, como partidarização, dentre outras. A tabela também mostra que, no início da década de 1980, em especial nos anos de 1980 e 1981, apareceu um número maior de notícias referentes ao meio estudantil, o que indica[74] que esse período foi um momento de tentativa de “retomada” do ME na cidade. De 1980 a 1983, houve um número considerável de publicações a respeito da “retomada” das ações estudantis – grande parte das notícias referentes ao DEMC (movimento secundarista) no início dos anos 80 foi de críticas e denúncias de corrupção. Desse modo, esse início de década foi marcado não somente pela “retomada”, mas pela reestruturação interna do ME. Começou a discutir-se cada vez mais a esfera interna para haver tal retomada.

[74]Esse assunto já foi tratado no primeiro capítulo.

No ano de 1984, houve uma diminuição considerável do número de reportagens, o que é estranho, pois se tratava do período da campanha pelas eleições diretas para presidente da República. O que pode ser explicado pelo fato de que os meses de abril, maio e junho do referido jornal não puderam ser disponibilizados para consulta, visto que estão em péssimo estado de conservação. Por meio da tabela, percebemos que, com o fim da Ditadura Militar, houve uma diminuição do número de reportagens, sendo somente no ano de 1987, na gestão de Marcos Fábio de Oliveira no DCE, que houve uma aparição maior do ME. O fazer-se do movimento vai ocorrendo com a renovação constante dos quadros estudantis, entre idas, vindas, recuos, acomodações e deslocamentos.

A fala de Eurípedes Xavier indica os meandros da relação movimento estudantil, imprensa e Ditadura. Esse é um posicionamento e uma fala diferente da passagem dita por Marcos Fábio. Lipa Xavier participou e foi filiado a diversos grupos de esquerda, como o PCdoB, e integrou a AGREMOC, instituição que, no início dos anos 80, recebeu várias críticas por controlar o DEMC, ao contrário de Marcos Fábio Martins de Oliveira, que se dizia "independente" à época. Por isso suas experiências foram diferentes e, hoje, os dois entrevistados ocupam lugares distintos na sociedade montes-clarense. Eurípedes Xavier foi vereador eleito pelo PCdoB em Montes Claros nos mandatos, 2001-2004 e 2005-2008, e Marcos Fábio, atualmente, é professor da Unimontes. Desse modo, os referenciais para interpretar o passado são outros, ou seja, as marcas do estudante esquerdista acompanham com maior força o militante do PCdoB do que o estudante independente. Isso parece mais visível quando Lipa Xavier afirma que a imprensa: "Ela ainda via no movimento estudantil um certo 'q' de subversão, viam os dirigentes das entidades estudantis de certo modo ainda como subversivos que podiam trazer algum risco à sociedade."[75] Mesmo nos anos 1980, em Montes Claros, a censura e, porque não dizer, a Ditadura, não deixa de se fazer presente nas falas dos estudantes e em suas trajetórias.

Ao relembrar os anos 80, é notória a referência à campanha "Diretas Já", às greves do ABC paulista, à fundação do Partido dos Trabalhadores, à abertura política em 1985 e à Assembléia Nacional Constituinte de 1988. Esses episódios expressam um conjunto articulado de movimentações que conferiam ritmo à sociedade brasileira e à

[75]XAVIER, Eurípedes. Depoimento cedido a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de novembro de 2006.

cidade de Montes Claros, nas lutas pela democracia, e indicavam a formulação de projetos que questionavam o poder instituído em 1964.

As maneiras de questionar as variadas formas cerceadoras vigentes na sociedade se deram por meio da negociação e do conflito. Em Montes Claros, os tentáculos da Ditadura Militar se fizeram presentes por meio das diferentes instituições existentes na cidade, como as faculdades, a prefeitura, a imprensa e outros. Essas formas de desarticulação dos movimentos sociais existentes na cidade constituíam expressões que instituíam anseios projetados por uma elite governante composta por médicos, advogados e fazendeiros que almejavam ser os construtores e narradores da história da região e, por vezes, iam ao encontro de práticas cerceadoras utilizadas pelos governos militares. Desse modo, eles estavam presentes nos jornais, na TV, na prefeitura, nas faculdades, dentre outras instituições, em um espaço marcado pela negociação e pelo conflito, pois nesses mesmos lugares havia simpatizantes dos movimentos sociais existentes na cidade. Por isso consideramos importante tratar minuciosamente as formas de questionar o poder instituído, por se tratarem de configurações e formulações de projetos que movimentam a história como um campo de possibilidades reais e imaginárias vividas e acalentadas pelos sujeitos sociais que transitavam na sociedade brasileira. Os elementos que compõem o controle social e as formas alternativas opostas não se articulam de um dia para o outro, inadvertidamente, mas constituem "projetos historicamente vivenciados em experimentações" que, comumente, têm conexão com uma correlação de forças elaboradas no social, significando imposições de desejos sobre projetos dissidentes, "ainda que perdedores, exprimem vontades, visões e perspectivas do real".[76]

A questão da Ditadura Militar esteve presente na trajetória do movimento estudantil em Montes Claros. Nos primeiros meses do ano de 1980, o presidente do DEMC, Paulo Ribeiro, organizou uma caravana para o Encontro Nacional de

---

[76]VIEIRA, Maria do Pila Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1991, p.08. Em relação à ideia de transição da Ditadura para a democracia, tida como aceita pela maioria dos livros didáticos, considero que aparte a história – em um jogo de exterioridade do que é mais genuíno em sua constituição – do processo. Sidney Chalhoub, no momento em que analisou a chamada "transição" do modo de produção escravista para o trabalho livre no Brasil, advertiu sobre o fato de esse conceito ser problemático, pois ele engessa o movimento da história ao passar uma noção de previsibilidade e linearidade. Assim, como ele, "prefiro, então, falar em 'processo histórico', não em 'transição', porque o objetivo do esforço aqui é, pelo menos em parte, recuperar a indeterminação, a imprevisibilidade dos acontecimentos, esforço este que é essencial se quisermos compreender adequadamente o sentido que as personagens históricas de outra época atribuíam as suas próprias lutas". CHALHOUB, Sidney. Introdução: Zadig e a história. *In*: _____. **Visões da liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Cia das Letras, 1990 p.20.

Estudantes Secundaristas – ENES –, realizado em Belo Horizonte. No I ENES, havia sido decidido que o dia 28 de março de 1980 seria o Dia Nacional de Luto em memória do estudante secundarista Edson Luiz Lima Souto, morto durante o embate entra a polícia militar e os estudantes no restaurante Calabouço, que participavam de uma manifestação da Frente Única dos Estudantes do Calabouço – FUEC –, pela diminuição do preço das refeições no ano de 1968.[77] A UBES foi "reconstruída" no final do ano de 1981, em Curitiba. Antes desse ano, em 1979, no congresso de "refundação" da UNE, realizado em Salvador, os secundaristas presentes aproveitaram a ocasião para marcar o I ENES, naquele mesmo ano em Belo Horizonte. A participação dos secundaristas norte-mineiros nos ENES indica a ligação destes com projetos vivenciados pelo movimento estudantil no país.

Na terceira página dedicada a assuntos da cidade, o Jornal do Norte no dia 21 de março de 1980, em notícia, discorreu sobre o movimento e publicou trechos de panfleto distribuído pelo DEMC na cidade, que convocava os estudantes para o Dia Nacional de Luta e Luto em memória ao secundarista Edson Luiz:

> Há 12 anos atrás, no dia 28 de março de 1968, tombou um herói estudantil, vítima da Ditadura. A polícia da Ditadura, assassinou o nosso colega Edson Luiz que na época, contava com apenas 19 anos de idade. O objetivo deste ato desumano, foi calar uma boca que gritava por um futuro melhor, uma mente consciente que clamava por melhores condições de ensino, por um ensino voltado por interesses populares![78]

A tentativa de comover os possíveis leitores, principalmente os estudantes, é notória. Em vários lugares e momentos houve manifestações em memória a Edson Luiz que, inclusive, acabou por se tornar uma bandeira do movimento estudantil. Desde sua morte em 1968, a presença do seu nome foi considerada símbolo da luta contra a Ditadura. A pesquisadora Maria Ribeiro do Valle analisou os textos publicados pela Revista Visão no momento, que, ao abordar o acontecido no ano de 1968, afirmou que

---

[77]No ano de 1968, houve um ato em tributo ao estudante Edson Luiz em Montes Claros. Em março de 1968, em matéria publicada no Jornal Diário de Montes Claros, intitulada "Choque do Batalhão cercou a Universidade prevendo acidentes", lê-se que foi realizado ato público em tributo a Edson Luiz. A matéria trouxe aversão ao ato do 10º Batalhão de Infantaria que cercou a Faculdade de Filosofia, local em que se realizava uma missa pela morte de Edson Luiz. Wanda Rocha, em monografia sobre a imprensa montes-clarense na Ditadura Militar, afirmou que cerca de cinquenta soldados estavam de sobreaviso em local pouco iluminado, mas, como o ato foi pacífico, com apenas uma missa e pronunciamento dos estudantes, não houve qualquer incidente. ROCHA, Wanda. **O governo militar nas páginas da imprensa montes-clarense**. Monografia. Depto de História, Unimontes, Montes Claros, 2005.

[78]**APAMF**. Jornal do Norte, 21 de março de 1980, p.03.

"o radicalismo estudantil vai exibi-lo ao máximo para atrair a classe estudantil à luta".[79] A força da memória em torno da participação de Edson Luiz na luta contra a Ditadura explica a escolha desse dia como uma data nacional do movimento estudantil. A promoção desse dia em Montes Claros pelo DEMC indica o envolvimento da entidade com as atividades das entidades estudantis nacionais.

Conforme Zuenir Ventura, o estudante Edson Luiz não era um líder estudantil, sendo que sobrevivia graças à alimentação barata do restaurante Calabouço e que, para estudar, recorria a pequenos expedientes, como a limpeza do estabelecimento.[80] No entanto, sua morte contribuiu para gerar descontentamento entre os estudantes. Na edição do dia 28 de março do Jornal do Norte, foi publicada outra notícia em que um histórico explica os motivos do Dia Nacional de Luta e Luto em Memória a Edson Luiz:

> Luto pela morte dos estudantes Edson Luiz, Sônia Maria e o estudante assassinado recentemente no Pará e de todos aqueles que deram a sua vida na luta pela verdade. Luta por um ensino público e gratuito, por mais verbas na educação, pela liberdade de organização e expressão e pelo fim do ensino pago.[81]

Essa manifestação teve espaço no Jornal do Norte. Não podemos deixar de relembrar que Miguel Vinícius (presidente do DA-FAFIL em 1980) e Felipe Gabrich (presidente do DA-FADEC) compunham o quadro de repórteres do periódico, o que indica que a presença desses militantes nas redações dos periódicos possa ter favorecido a publicação desses textos.

Nessa notícia, teve trechos da fala de Paulo Ribeiro, então presidente do DEMC. Além de convocar os estudantes para a manifestação e falar da importância que o ato assumia para o movimento, ele aproveitou a ocasião para dizer que a presença dos estudantes, seria "um sinal de que nós estamos unidos e os estudantes unidos jamais serão vencidos". Esse constituiu um *slogan* do movimento estudantil e das oposições à Ditadura. Não podemos deixar de mencionar que frases de efeito e *slogans* possuem a finalidade de dotar a manifestação de legitimidade e vivacidade nas diversas vezes em que são repetidas, transformando-as em chavões. Quanto mais esses artifícios possuírem elementos que sejam compartilhados pelo grupo, maior sua penetração. Essas frases

---

[79]VALLE, Maria Ribeiro do. **1968**: o diálogo é a violência. Movimento Estudantil e Ditadura Militar no Brasil. Campinas: Unicamp, 1999.
[80]VENTURA, Zuenir. **1968**: o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
[81]**APAMF**. Jornal do Norte, 28 de março de 1980, p.03.

têm, então, o objetivo de reafirmar vontades e projetos. No entanto, o pesquisador precisa estar atento ao que está para além da frase de efeito, percebendo o que representa para cada um esses desejos.

O Jornal do Norte, no primeiro dia de abril do ano de 1980, publicou notícia sobre a manifestação que ocorreu na Praça Pio XII, conhecida Praça da Catedral, em região central da cidade. Na notícia, foi publicado que a manifestação esteve sob vigilância de dois pelotões de choque da polícia militar. Tal fato indica que, mesmo em fins da Ditadura Militar, em um período marcado por uma possível abertura política, o ato promovido pelos secundaristas foi visto com desconfiança pela polícia, visto que, realizado ali, seria uma forma de protesto ao poder instituído.

Na reportagem publicada no jornal foi escrito que os padres da cidade se negaram a participar da manifestação. Em virtude da negação por parte do clero local de participar do movimento, "a solução foi uma simples oração comandada voluntariamente pelo ex-secretário municipal da administração, João Luiz de Almeida Filho".[82] No texto, publicou-se que Paulo Ribeiro criticou o clero local, acusando-o de inoperante, afirmando, inclusive, estar "decepcionado com os padres que não quiseram celebrar a missa em homenagem aos estudantes assassinados em 68".[83] Naquele período, a Teologia da Libertação possuía grande inserção na cidade, principalmente, a partir de vários grupos de jovens, com a proposição de equacionar fé e política. No entanto, era uma vertente dentro da Igreja Católica e não representava o pensamento integral do catolicismo. Embora com forte politização advinda da Teologia da Libertação, a Igreja preferia não participar da manifestação, talvez em virtude do caráter contestador ao poder instituído. Esse posicionamento dentro da Igreja indica a correlação de interesses existentes dentro dela.

Ainda foi publicado no jornal que houve a participação de aproximadamente cinquenta estudantes de colégios da cidade, os quais ergueram faixas e cantaram: "mais arroz, mais feijão e menos opressão", assim como a música "Para não dizer que não falei das flores", de Geraldo Vandré. A paródia cantada provavelmente referia-se ao alto custo de vida enfrentado pelos brasileiros nesse momento. O crescimento econômico, que antes era uma das bases propagandísticas da Ditadura Militar, perdia o efeito positivo e ganhava efeito contrário com a inflação e desemprego crescentes. Paulo Ribeiro aproveitou a oportunidade de publicar sua fala no Jornal do Norte e disse:

---

[82]**APAMF**. Jornal do Norte, 01 de abril de 1980, p.03.
[83]**APAMF**. Jornal do Norte, 01 de abril de 1980, p.03.

> *as escolas atualmente, são aparelhos que trabalham em favor da Ditadura militar*. Disse ainda que o único colégio que apoiou o movimento do diretório foi o Polivalente. Os outros tentaram evitar que os seus alunos participassem. (Grifo nosso).[84]

O trecho da reportagem indica que o DEMC, pelo menos nesse momento, não possuía um bom diálogo com a direção das escolas de Montes Claros de uma maneira geral. O mais interessante é que, quando Paulo Ribeiro afirmou que as escolas eram aparelhos que trabalhavam em favor da Ditadura, uma crítica direta a esta foi realizada e editada no Jornal do Norte em abril de 1980. Segundo Fernando Gabeira, aparelhos eram as casas utilizadas para atividades políticas de esquerda. Esse nome era utilizado pela direita para indicar os lugares onde os "subversivos" se encontravam.[85] Logo, Paulo Ribeiro colocou a escola como um lugar de disseminação de ideias direitistas, como forma de intervir na formação social e política do estudante.

Na reportagem do Jornal do Norte ainda foi publicado que o DEMC havia solicitado aos partícipes que saíssem em grupos, visto que, naquele momento, no quarteirão ao lado, havia dois pelotões da polícia militar. Conforme representantes do diretório, naquela altura dos acontecimentos, testemunhas eram importantes. Na mesma reportagem, o Sargento Caldeira, que comandou os pelotões da polícia militar, reforçou "que a participação da polícia era mínima e estava ali apenas como prevenção, pois, em sua opinião, em todo local, há maus elementos".[86] Nesse momento, a Ditadura ainda não havia chegado ao fim, por isso ainda havia certo clima de desconfiança entre os estudantes. O DEMC sempre esteve envolvido em denúncias e críticas, principalmente por disputar a direção do diretório, o que explicava a presença da polícia. Como a Ditadura não havia findado, percebemos que a presença da polícia militar não foi apenas uma forma de acompanhar a manifestação, mas provavelmente havia certa desconfiança de manifestação mais provocativa quanto ao poder instituído.

O tema ganhou novo destaque em editorial publicado no Jornal do Norte, no dia 09 de abril de 1980, intitulado "A vez dos estudantes", que foi assinado por João Avelino. No editorial, ele comentou sobre o ato organizado pelo DEMC na Praça Pio XII. Conforme João Avelino, esse ato promovido pelo DEMC, ocorrido com grande participação dos estudantes secundaristas, marcaria o reencontro da entidade com os seus representados, visto que essa foi a primeira manifestação organizada pelo diretório

---

[84]**APAMF**. Jornal do Norte, 01 de abril de 1980, p.03.
[85]GABEIRA, Fernando. **O que é isso companheiro**?Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
[86]**APAMF**. Jornal do Norte, 01 de abril de 1980, p.03.

depois de um período de inoperância na década de 1970. A trajetória da entidade nos anos 1970 não foi pesquisada, mas, vez por outra, em alguns materiais produzidos na década de 1980, há menções que apontam certa paralisação nas atividades do diretório nesse período. Depois do ano de 1968, principalmente após o Ato Institucional 5 – AI-5 – e o Congresso de Ibiúna, em que a polícia política prendeu diversos líderes militantes estudantis, a perseguição e censura quanto ao movimento se intensificou.

O editorial foi escrito em certo tom de crítica às gestões que estiveram à frente do diretório nos anos 1970, visto que foi dito que o ato promovido pelo DEMC, em 1980, poderia significar o retorno do diretório ao seu principal objetivo, a saber, a defesa dos direitos dos estudantes. As críticas não terminaram por aí, pois ainda foi ressaltado que o patrimônio do DEMC era fruto de luta de gestões anteriores ao ano de 1968. Como o ano de 1968 - momento em que o AI-5 foi promulgado -, acabou por transformar-se em um marco, não foi estranho sua referência como temporalidade para reforçar a importância do momento e explicar essas experiências. Ao ressaltar as lutas empreendidas pelas gestões anteriores ao ano de 1968, o editorial ressaltou que a construção da Escola Normal foi reivindicação exitosa do DEMC:

> O DEMC sempre desempenhou papel importante dentro da comunidade. Com o advento, entretanto, do regime de exceção, esta entidade tornou-se como a maioria, inteiramente inoperante, servindo apenas a interesses de pessoas que se valeram da marginalização estudantil para tirar altos proveitos financeiros da renda de carteirinhas e em outras realizações em que o estudante foi usado e ludibriado em sua boa fé.[87]

No editorial, é perceptível a crítica à Ditadura Militar que supostamente havia interferido na dinâmica interna do diretório, principalmente pós-1968. O editorial escancara a presença de interesses particulares na instituição, assim como acusa as gestões pós-1968 de corrupção, passando a entidade, depois desse anos, a ser uma "mera expedidora de carteirinhas e trampolim para seus dirigentes ascenderem-se no campo comercial".[88] O tema das carteirinhas em vários momentos ganhou espaço nas páginas do periódico. Acusações de corrupção, envolvendo a venda de carteirinhas, indicam que esse tema está relacionado às disputas dos estudantes pela direção do diretório.

---

[87]**APAMF**. Jornal do Norte, 09 de abril de 1980, p.02.
[88]**APAMF**. Jornal do Norte, 09 de abril de 1980, p.02.

Ainda foi publicado que o estatuto do DEMC nos anos 1970 havia sofrido modificações:

> As modificações feitas em sua estrutura administrativa, promovidas por um estatuto padrão, imposto pelo governo, constituem uma verdadeira aberração e um retrocesso na história democrática desta entidade, cuja principal preocupação a nortear sua filosofia organizada, antes de 1968, era justamente a sua independência, como órgão genuinamente de representação estudantil.[89]

Quanto aos órgãos estudantis nacionais, a Ditadura Militar interferiu em suas organizações. Após o golpe de 1964, a política educacional se modelou com o constante e rígido controle político-ideológico da educação em todos os setores. A crítica de João Avelino indica que o DEMC foi alvo de diversas interferências em sua estrutura.[90] O editorial, em todo momento, ressalta o papel do DEMC na história da cidade e pontua a Ditadura como a principal responsável pelo "retrocesso na história democrática da entidade".

O editor João Avelino ressaltou que a nova diretoria da entidade, representada por Paulo Ribeiro, merece o crédito entre os estudantes, até mesmo porque entre suas primeiras atividades se inclui a criação dos grêmios gerais nas escolas. Ele ainda mencionou: "*não importa que digam que o movimento estudantil é festivo e inconsequente*. O que não se pode é impedir a participação e manifestação do estudante no processo de reestruturação democrática do país".[91] (Grifo nosso). A impressão que considera o movimento estudantil como inconsequente e festivo provavelmente compunha uma forma de ler as experiências estudantis nesse período. No entanto, o editorial chama a atenção para pensar que os estudantes estavam lutando pela reestruturação democrática no país.

O ato público promovido pelo DEMC, inclusive a publicação de notícias e reportagens no Jornal do Norte, também constitui uma forma de luta pela democracia, pelo fato de que os textos publicados possuem forte teor questionador à Ditadura. O espaço obtido pelos estudantes no periódico expressa esse posicionamento do jornal,

---

[89]**APAMF**. Jornal do Norte, 09 de abril de 1980, p.02.

[90]Márcia Pereira da Silva ressalta a política educacional da ditadura militar e a interferência da mesma nas entidades estudantis. "A ditadura colocou fora da lei a UNE e toda tentativa política vinda de acadêmicos; tentou dissolver os órgãos representativos dos estudantes secundaristas, os grêmios estudantis, substituindo-os por centros cívicos, cuja orientação cabia ao professor nomeado para ensinar a nova matéria: Educação moral e cívica". SILVA, Márcia Pereira da. **Em busca do sonho**: história, juventude e repressão: Franca - 1960-1970. Montes Claros: Unimontes, 2001, p.53.

[91]**APAMF**. Jornal do Norte, 09 de abril de 1980, p.02.

não esquecendo que entre os seus repórteres estavam militantes do movimento estudantil.

A questão da Ditadura Militar voltou a ganhar destaque no início dos anos 1980 no Jornal do Norte, quando uma série de ataques ocorridos em Montes Claros ganhou as páginas da publicação, ressaltando-se que essa não foi a primeira vez que esse tema da Ditadura ganhou espaço no periódico. Naquele momento, ainda ocorriam atentados aos grupos de esquerda e às bancas de jornal, que vendiam periódicos de cunho esquerdista no Brasil. A Ordem dos Advogados do Brasil – OAB –, a Associação Brasileira da Imprensa – ABI – e outros segmentos da sociedade civil sofreram esses ataques nos anos 1970. Tais atentados visavam impedir a possível abertura política.[92]

Em Montes Claros, essa questão movimentou o DCE e o DEMC que, consequentemente, se posicionaram quanto a tais atos. O Jornal do Norte publicou notícia de primeira página sobre o acontecido no mês de setembro no ano de 1980. Foi escrito que:

> Várias pessoas de renome discursando expressando o perigo que representa para a nação o aumento de casos de ir às bancas de Jornais, fatos que, ao que tudo indica, são de responsabilidade de grupos de extrema direita empenhados em bloquear o processo de abertura política.[93]

Os estudantes de Montes Claros participaram das lutas sociais pela democracia nesse momento. Eles integraram essas lutas e não apenas direcionaram-se até um periódico e sublinharam sobre o descontentamento quanto a tais atos. A ocorrência de alguns ataques na cidade, em 1980, levou os estudantes e outros setores a uma mobilização maior, segundo noticiava o Jornal do Norte no dia 19 de setembro:

> Em Montes Claros, já foi criado um movimento de combate ao terrorismo direitista que acaba de chegar a esta cidade, tendo sido realizado às 17 horas de anteontem, no DA/ FAFIL, a primeira reunião com esse objetivo. Fazem parte dele o DCE, DAs da FAFIL e da FADIR, Diretório dos Estudantes de Montes Claros, Associação

[92]"Em meados de 1976, começaram ataques à bomba em sedes de instituições civis de caráter oposicionista. A primeira bomba explodiu em 29 de agosto de 1976 na ABI, enquanto outra era encontrada na OAB, ambas no Rio de Janeiro".(p.266). Segundo Francisco Carlos Teixeira da Silva, "em face da ameaça de a oposição definitivamente tomar a liderança do processo de abertura, e em face da perda de privilégios de que gozavam sob o regime militar, a comunidade de informação retornou seu projeto de desestabilizar a abertura. Os atentados eram atribuídos a um pretenso grupo de oposição até então desconhecido". SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Crise da Ditadura Militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. *In*: **O Brasil Republicano.** vol. 4, p. 270.

[93]**APAMF**. Jornal do Norte, 02 de Setembro de 1980, p. 1.

> dos Metalúrgicos, Partido do Movimento Democrático Brasileiro, Partido dos Trabalhadores, Partido Democrático Trabalhista e Jornal Hora do Povo.[94]

A partir dessa citação, tomamos nota de que não foi somente nas greves das capitais brasileiras que esses atos terroristas repercutiram em grandes debates. Em Montes Claros, vários segmentos da sociedade civil se uniram para protestar contra os ataques. O Jornal do Norte, que, anteriormente a essa primeira notícia publicada ao longo do ano de 1980, publicava principalmente temáticas mais gerais relacionadas à cidade, como seus problemas estruturais, a política municipal e os eventos promovidos, teve como assunto a Ditadura Militar e trouxe à tona outras vivências da cidade.

Os órgãos de representação estudantil se uniram, juntamente com outros segmentos da sociedade civil da cidade, o que revela que em alguns momentos o movimento estudantil secundarista e universitário agiu em conjunto. Essa foi uma bandeira que unificou os diversos sujeitos sociais em busca de um objetivo comum: a luta contra a Ditadura. Tais grupos e partidos citados eram afinados ao discurso esquerdista e tidos como seus representantes, sendo que naquele momento objurgavam o governo existente e constituíam um canal de expressão alternativo aos militares. Esses sujeitos comungavam de interesses comuns que atendiam a demandas de um conjunto de lutas cotidianas contra discursos hegemônicos a fim de questionar formas repressivas a princípio naturalizadas e aceitas como senso comum.

A partir desse momento, um boletim foi produzido pelo movimento, objetivando publicizar formas expressivas de manifestação de práticas cerceadoras vividas no terreno das relações sociais. Elementos esses que revelavam (in)junções elaboradas pelos sujeitos sociais que, por conseguinte, compunham lutas sociais em batalhas de memórias que traduzem sociabilidades e produzem conceitos sobre o viver na cidade. Um boletim distribuído pelo movimento foi editado em trechos no Jornal do Norte na edição de 19 de setembro de 1980 e sublinhou que:

> dia 5 deste mês, o terrorismo chegou a Montes Claros para tirar a paz e a tranquilidade do povo desta cidade, na sua caminhada pela democracia e por melhores dias para nossa pátria. Elementos estranhos percorreram as bancas de Jornais e entraram na distribuidora Tahis, ameaçando com bombas e destruições caso

[94]**APAMF**. Jornal do Norte, 19 de Setembro de 1980, p. 3.

> continuasse à venda da imprensa democrática: Hora do Povo, Movimento, Pasquim, Em Tempo, Tribuna Operária e outros[95].

Todas essas entidades a, saber, DEC, DEMC, Associação dos Metalúrgicos, Partido do Movimento Democrático Brasileiro, Partido dos Trabalhadores, Partido Democrático Trabalhista e Jornal Hora do Povo, dentre outras, solicitavam a presença da polícia nas bancas, para garantir a segurança e a tranquilidade, ao mesmo tempo em que intitulavam os grupos como "terroristas" e "apátridas", que reagiam às amostras de alerta e prontidão do "povo brasileiro" para se libertar da corrupção.

Tal fato expõe evidências de como se vivenciava a Ditadura Militar no Norte de Minas Gerais. Mesmo longe das grandes capitais, o clima de repressão se mostrava presente. A invasão à distribuidora Tahis, conhecida por distribuir a imprensa alternativa, pois ligada a grupos de esquerda que não eram afinados ao discurso dos militares, movimentou a cidade que parecia tranquila, conferindo uma diferente dinâmica ao movimento, que construiu e reafirmou os laços existentes entre os grupos de esquerda da cidade. Apesar da existência de grupos ligados à elite composta por fazendeiros e advogados da cidade, no Jornal do Norte, bem como em outros periódicos, havia pessoas que compartilhavam de vários projetos acalentados pelos estudantes, além da presença de ex-militantes estudantis que compunham o quadro de jornalistas dos periódicos locais, o que facilitava a divulgação das ações do movimento.[96]

No ano de 1982, outro acontecimento obteve lugar nas páginas dos periódicos da cidade. Dessa vez, por ocasião de um inquérito aberto para a expulsão do presidente da UNE, Javier Alfaya, por meio da lei de estrangeiros, que os proíbia de qualquer envolvimento com partidos e entidades representativas. Javier Alfaya, em entrevista ao projeto "Memória do movimento estudantil brasileiro", comentou sobre essa experiência à frente da UNE no ano de 1982:

---

[95]**APAMF**. Jornal do Norte, 19de Setembro de 1980, p. 3.

[96]Em outros momentos, a Ditadura se fez presente na cidade de Montes Claros. Evidentemente não fomos os primeiros a apontar sociabilidades calcadas a partir da repressão e censura do regime militar. Evelina Oliveira, no livro "Nova Cidade, velha política" mostrou o clima de repressão vivido pelos estudantes da cidade nos anos 60. As áreas urbanas de Montes Claros, nos anos 60, "foram palco do início da organização estudantil. Mesmo com a atuação restrita a um pequeno grupo, não deixaram de se embalar pelo canto Nacional reformista. Desenvolveram um trabalho assistencialista com algumas incursões pelos bairros mais pobres; e sofreram vários tipos de repressão [...]" OLIVEIRA, Evelina Antunes Fernandes de. **Nova cidade, velha política**: poder local e desenvolvimento na Área da SUDENE. Maceió: EDUFAL, 2000, p. 128.

> O pretexto da Ditadura era o fato de eu ter nascido fora do Brasil e a lei proibir a participação de estrangeiros na vida política brasileira. Curioso é que o Ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, era ele mesmo de família de imigrantes e, logo depois de alguns anos, ele e o filho foram desmascarados como personalidades que, no Ministério da Justiça vendiam vistos de permanência no Brasil para estrangeiros.[97]

A partir do inquérito, iniciou-se uma luta no Brasil com o *slogan* "Javier é brasileiro". A entrevista com Javier Alfaya foi publicada no site do referido projeto que, mormente, foi um dos poucos espaços atribuídos aos movimentos dirigidos pelos estudantes nos anos 80.

Tal luta contra a expulsão de Javier Alfaya repercutiu de distintas formas nas relações sociais vivenciadas pelas entidades estudantis de Montes Claros. O DCE publicou nota no Jornal do Norte, em junho de 1982, afirmando que a Ditadura planejava desmoralizar o ME com tal expulsão. Essa seria uma forma de desarticular as lutas contra o regime ditatorial, notoriamente sufocando o movimento que foi o principal percalço encontrado pelos militares na busca pela concretização de seus objetivos, a saber, o estudantil. O Jornal do Norte, no dia 04 de junho de 1982, publicizou o movimento criado pelo Conselho Nacional de Entidades Gerais:

> No encontro da Coneg segundo o representante do DCE, ficou definido que os DCEs de todo o Brasil iriam fazer no próximo dia 8 um manifesto contra a lei de estrangeiros que arrolou o presidente da UNE para ser expulso do país, por não ser brasileiro, apesar de estar aqui desde os 7 anos.[98]

No entanto, Javier Alfaya disse que houve uma grande mobilização em torno dessa luta, assim como a participação da Ordem dos Advogados do Brasil, de sindicatos, do movimento negro e do movimento feminista, em seu favor. Nesse período, houve limitações à participação de Javier, já que ele foi obrigado a permanecer em sua residência e se apresentar semanalmente à Polícia Federal: "Houve esse constrangimento e eu não pude estar presente em certas lutas do movimento estudantil, porque havia essa limitação, embora eu fosse a reuniões de Salvador e tenha participado de assembléia já com o inquérito de expulsão tramitando".[99]

---

[97] Entrevista com Javier Alfaya disponível no site: www.mme.org.br.
[98] **APAMF**. Jornal do Norte, 04 de junho de 1982, p.03.
[99] Entrevista com Javier Alfayar disponível no site: www.mme.org.br.

Essa foi uma luta que mobilizou o movimento estudantil brasileiro na busca pela defesa dos seus direitos e os estudantes de Montes Claros incluiram-se nela. As arbitrariedades da Ditadura mais uma vez foram questionadas pelos estudantes. O momento era diferente, em relação ao período de grande censura evidenciado principalmente pós-AI-5 em 1968 até meados dos anos 1970, e novas formas de luta e reivindicação eram alternativas engendradas na busca constante pela democracia. O social impunha novos limites, exercia diferentes pressões e alocava outras exigências para a lista das prioridades de reivindicação, exigindo dos movimentos sociais formas inventivas de luta, pois as configurações sociais existentes na sociedade não condiziam com o confronto direto evidenciado notoriamente nos anos 60.[100]

Posteriormente, no Jornal do Norte, em de março de 1984, encontrado em pasta de recortes de jornais intitulada "Denúncias", na DPDOR, foi anunciado que aproximadamente mil e quinhentos universitários iriam participar de uma passeata no centro da cidade pelas eleições Diretas. Conforme o presidente do DCE naquele ano, Benedito de Oliveira Gonçalves, os universitários marcaram para se concentrar próximo à FAFIL,

> a partir das 15 horas quando serão elaborados cartazes, faixas e outros tipos de manifestações, assim como também um 'caixão' das indiretas a ser carregado durante a manifestação que acabará no 'cimentão', onde será realizada a grande manifestação norte-mineira pelas eleições diretas.[101]

Em outra ocasião, menos de dois meses depois, em outro recorte da mesma pasta de colagens, encontramos uma notícia em que o Jornal do Norte divulgou uma vigília realizada pelos estudantes na Câmara Municipal, com o objetivo de conseguir as eleições diretas:

> Presente a vigília feita pelos universitários na Câmara dos vereadores, pelas eleições diretas, o assessor de imprensa da FUNM, Elton Jackson Gomes da Motta, anunciou ontem, que as denuncias feitas por alguns vereadores, tachando os universitários de vândalos, não

[100]Almeida e Weis relataram outras bandeiras de luta. "Dos protestos de 1968 derivariam direta ou indiretamente outras agendas políticas – a defesa do ambiente, o feminismo, a promoção dos direitos das minorias, parte, enfim, dos chamados 'novos movimentos sociais'". ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro–zero e pau–de–arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. *In*: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Org). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000, p.405.
[101]**DPDOR**. Recorte do Jornal do Norte, 17 e 18 de março de 1984.

> tem fundamento, pois não foram os responsáveis pela anunciada bagunça.[102]

É, pois, possível perceber algumas formas de inserção dos estudantes montes-clarenses na campanha pelas eleições diretas. O caixão das "indiretas", assim como uma vigília em frente à Câmara Municipal, indica formas de luta contra o poder instituído. Na passagem acima, indica-se que os universitários foram taxados de vândalos por alguns vereadores, o que pode ter contribuído para a produção de impressões negativas sobre os estudantes perante a sociedade, embora o assessor da FUNM tenha afirmado que as denúncias não apresentassem fundamento. A tensão dessas relações é evidenciada no posicionamento do vereador que foi ao encontro da imprensa e publicizou sua opinião contra os demais. Os reais interesses envolvidos nessa situação não podem ser compreendidos em sua plenitude, mas percebemos as disputas e formas de pressão e limites que eram utilizados por diversos sujeitos sociais em uma via de mão dupla.

A luta pelas Diretas Já ganhou força no ano de 1984, ocorrendo em diversas cidades brasileiras manifestações pelo fim das eleições indiretas. Marco Aurélio Garcia, em artigo intitulado "São Bernardo: A (auto) construção de um movimento operário", teceu considerações instigantes para analisarmos o movimento pelas Diretas Já. Ao analisar o movimento operário, ele afirmou que sua análise não parte de "causas estruturais", compreendidas como formas racionais que se encontram fora do mesmo. Para ele, o movimento operário não é o reflexo de "estruturas" econômicas ou políticas. "Ele se autodetermina; sua racionalidade está no seu interior, na forma pela qual ele faz (e se constitui na) história, isto é, na luta de classes".[103]

Esse suposto apresentado por Marco Aurélio Garcia nos revela ser de grande valia, na medida em que nos instiga a pensar as lutas pela melhoria quanto à educação, dentre elas a luta pelo meio passe e pela estadualização ou federalização da FUNM, não como reflexo de "estruturas" econômicas ou políticas. Pensar as movimentações estudantis a partir de projetos e desejos vivenciados e compartilhados pelos estudantes nos leva a pensar quais utopias moviam e movimentavam esses sujeitos sociais na sua constituição na história, isto é, na luta de classes. Todas essas reivindicações estudantis mencionadas ao longo da dissertação não dizem respeito apenas à lógica econômica dos

---

[102]**DPDOR**. Recorte do Jornal do Norte, 03 de maio de 1984.
[103]GARCIA, Marco Aurélio. São Bernardo: A (auto) construção de um movimento operário. **Revista Desvios**. n.01, nov. 1982, p.10-27.

custos e benefícios, mas vão ao encontro das lutas pela democracia e pela cidadania no país. No que toca à batalha pelas Diretas Já, as diversas lutas empreendidas pelos estudantes não deixam de possuir ligação com as movimentações contra a Ditadura Militar.

O artigo de Marco Aurélio Garcia ainda traz outros elementos interessantes para pensarmos esse momento. O autor destaca a forma reveladora pela qual o discurso oposicionista reage aos acontecimentos no ABC Paulista, pois a classe operária foi assimilada ao projeto liberal de "redemocratização" e passou a ser visto como uma variável desse processo, "o mais novo componente desta sociedade civil onde as classes se diluem, onde todos os gatos são pardos". O movimento oposicionista aproveitou-se das brechas abertas no rígido edifício da Ditadura:

> Mas o fato de suas lutas aparecerem com o objetivo de atendimento de reivindicações imediatas – salários, condições de trabalho, etc. – permitiu, no entanto, que o discurso oposicionista realizasse uma extraordinária operação de apropriação indébita: o movimento operário passou a ser simplesmente considerado como uma aquisição de frente democrática pelo restabelecimento do Estado de Direito. As reivindicações operárias – 'específicas' – se transformaram na particularidade de um projeto democrático-burguês de reorganização social e política do país, apresentando como mais 'amplo', mais 'geral'.[104]

Essa passagem do artigo de Marco Aurélio Garcia é significativa na medida em que nos instiga a pensar que a luta pela estadualização ou federalização da FUNM não constitui uma reivindicação exemplificada a partir de um projeto democrático-burguês. As considerações apresentadas nos levam a pensar as movimentações estudantis como parte constitutiva do processo de constituição e instituição dos estudantes na cidade, isto é, na correlação de forças entre os diversos moradores da cidade.

Nos anos 80, não houve conflito direto entre os militares e os estudantes na cidade de Montes Claros, embora haja registros de manifestações de repúdio à Ditadura, que marcou o meio estudantil não apenas com a repressão. A partir dela, os militares tornaram-se o grupo que passou a ser visto cada vez com maior desconfiança. José Eustáquio, que no ano de 1981 era presidente do DA-FAFIL, em entrevista à edição

---

[104]GARCIA, Marco Aurélio. São Bernardo: A (auto) construção de um movimento operário. **Revista Desvios**. n.01, nov. 1982, p.10-27.

especial do jornal “18 anos da FAFIL”, editado em abril de 1982 pelo mesmo diretório, fez um balanço do regime militar e concluiu que:

> a violência que praticou contra os estudantes nos idos de 64 a 70 teve o dom de castrar e inibir o estudante em todas as suas manifestações. Com isto, estamos a ver que dentro de todas as comunidades políticas já não existem lideranças capazes de provocar uma motivação. [105]

O conjunto do jornal, produzido com máquina de datilografia pelos estudantes, conflui para construir o discurso de que, apesar dos anos de autoritarismo, a FAFIL é um lugar onde os sujeitos sociais vivem e elaboram noções e premissas que questionam e constroem alianças com a ordem estabelecida. É notória a crítica ao regime militar, expressa de forma clara e direta nessa passagem, bem como em outras partes do periódico. Ele interpreta o momento e pontua a desmotivação dos movimentos sociais na luta contra a repressão, atribuída à violência impetrada contra os estudantes e outros grupos. A Ditadura delegou aos estudantes não somente a perda dos seus sonhos, mas os marcou, estereotipando para a sociedade um modelo de juventude irresponsável. Como bem enfatizou Javier Alfaya, quando foi entrevistado pelo projeto Memória do Movimento Estudantil brasileiro: “Havia um clima de desconfiança, de medo em relação aos estudantes criado pela Ditadura”.[106]

Essas construções e produções de percepções estereotipadas sobre os estudantes, bem como as críticas a elas, são percebidas em vários momentos. Márcia Beatriz fala sobre uma festa realizada pelo DCE que representa um episódio importante:

> Era uma festa de estudantes como outra qualquer, com bebida, dança. Mas [a publicação de textos que afirmam que os estudantes da FAFIL são loucos] é uma forma de desmobilizar o movimento. Aí começaram a jogar para a imprensa que todo estudante, principalmente da FAFIL que mexia com o DCE de humanas, n`é, era o pessoal doido. [...] Então estavam sempre veiculando isso (que a gente usava drogas), com festas muito loucas e tal.[107]

---

[105]**ACAHis**. Jornal edição especial “*18 anos FAFILl*”, 29 de abril de 1982.

[106] Entrevista com Javier Alfaya disponível no site: http: www.mme.org.br (Acessado dia 16 de agosto de 2006).

[107]ISABEL, Ely; BEATRIZ, Márcia. Depoimento cedido a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros 15 de outubro de 2006. (Entrevista realizada em dupla, sendo que as partes em parênteses foram ditas por Ely Isabel e as sem parênteses por Márcia Beatriz). As partes entre colchetes constituem esclarecimentos quanto ao texto.

E, como expõem as entrevistadas Márcia Beatriz e Ely Isabel, parecia recorrente a estratégia de relacionar os estudantes a baderneiros e drogados. Nesse período, a FAFIL seria o lugar onde os maiores subversivos estariam. Até mesmo porque as principais lutas e reivindicações partiam do DA dessa faculdade, uma vez que, no discurso dos militares, os estudantes seriam afeitos a ideias ditas subversivas, principalmente os ligados às áreas das humanidades, a partir da suposta conduta irresponsável que os caracterizaria.[108]

Mesmo após o fim da Ditadura, perdurou certo clima de repressão e de medo de seu retorno. Esse período marcou de diversas formas os estudantes que vivenciaram o movimento estudantil em Montes Claros. Gy Reis Brito, que foi presidente do DEMC em 1984 e do DA-FAFIL em 1988, depois que foi perguntado sobre a Ditadura Militar, relembrou que:

> Nesse período aí a gente era observado. Tinha os olheiros n`é? Da polícia secreta, tanto da militar, quanto do exército, como o DOPS, da polícia civil. [...] A gente percebia com frequência a presença de militares à paisana.[109]

Os estudantes, como Gy Reis Brito, que vivenciaram o movimento estudantil, sendo ligados a entidades consideradas esquerdistas, como o PCdoB, em suas narrativas, trazem à tona referências à censura e à repressão.

Márcia Beatriz comenta que, nesse contexto, algumas coisas ainda eram realizadas com um clima de medo e certo receio, pelo fato de existir o "Centrão", segmento político que representava o lugar em que se encontravam integrantes da direita. Em entrevista produzida simultaneamente com duas ex-militantes, quando da abordagem do tema sobre a atuação dos agentes da direita, as entrevistadas Márcia Beatriz e Ely Isabel começaram a falar ao mesmo tempo e de repente as palavras começaram a manifestar-se em tom baixo, como se elas estivessem falando algo

---

[108]Maria Hermínia e Luis Weis relatam isso ao pontuar que: "A hostilidade do regime ao mundo acadêmico, em especial aos cursos de humanidades, tidos com 'antros de subversão', só fazia aumentar o poder de sedução da vida universitária sobre os jovens e o 'espírito de corpo' que se formava naturalmente nas escolas, ao qual era quase impossível ficar alheio". Em outras palavras, os autores afirmam que "sob o autoritarismo, a universidade era o ambiente onde política e vida privada se confundia numa experiência única e inédita". ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro–zero e pau–de–arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. *In*: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Org). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000, p.364.

[109]BRITO, Gy Reis Gomes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

proibido. Sobremaneira, o tom baixo da voz, quando Ely Isabel afirmou "tinha o cara da Ditadura", expressa uma lembrança latente de sua vida, pois falar sobre esse assunto em público seria encarado como algo necessariamente proibido naquele momento.

Numa entrevista em dupla, as memórias de um passado recente se misturam em uma experiência única em que a individualidade de cada lembrança cede espaço a uma trama que é construída na coletividade, embora guarde consigo as particularidades de cada entrevistado(a) que interpreta o que viveu. De repente, o rememorar torna-se constante e sentimentos de nostalgia, medo, alegrias e tristezas imiscuem-se e transformam-se em fios que compõem teias das experiências humanas. Num momento em que as pessoas viveram um período de repressão, as misturas de sentimentos tornam-se cada vez mais latentes:

> Eu lembro daquele que era... eu não lembro o nome dele, eu lembro o povo e não lembro... que era primo daquela amiga nossa... que ele era olheiro (tinha o cara da Ditadura) da Ditadura (um policial que ele ficava por ali. Ainda existia o SNI). Ele não era aluno da faculdade, mas vivia lá. [110]

Logo depois, a entrevistada Ely Isabel afirmou que compreendia que as pessoas, por vezes, criavam que havia a repressão, em virtude do medo e receio do período da Ditadura. Ela comenta acerca dos boatos de que alguém observava o que os estudantes faziam, o que revela que esse medo deixava os partícipes receosos. Tais afirmações das entrevistadas entram em contradição, pois antes elas comentam que havia "o cara da Ditadura", que vigiava os estudantes, e, depois, Ely Isabel diz que muitas vezes as pessoas criavam que havia a repressão e que essas notícias supostamente seriam boatos. Embora tenha ocorrido o fim dos governos militares, o clima de repressão e medo ainda estava presente no meio estudantil.[111]

As movimentações estudantis na cidade expressam a estratégia de atuação política a partir da presença dos estudantes pelos diversos espaços, dentre eles partidos, Câmara Municipal, no enfrentamento das questões cotidianas que afligiam os brasileiros. As presenças estudantis, seja nos festivais artísticos, nas redações dos

---

[110]ISABEL, Ely; XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de outubro de 2006. (Entrevista realizada em dupla, sendo que as partes em parênteses foram ditas por Ely Isabel e as sem parênteses por Márcia Beatriz).

[111]Para o ex-presidente da UBES, Apolinário Rebelo, nos anos 80 "a repressão existia na cabeça do diretor. A repressão existia na cabeça do orientador do centro cívico. A repressão existia de forma velada pelos professores também. Porque eles também eram perseguidos e pressionados". Entrevista com Apolinário Rebelo disponível no site: http: www.mme.org.br. Acessado dia 16 de agosto de 2006.

jornais e em manifestações de repúdio à Ditadura Militar, produziram impressões diversas sobre a juventude naquele momento. Romper com algumas impressões generalizantes e produzir e dotar outras de força constituiu uma ação estudantil. Alguns estudantes questionavam certo preconceito que havia entre os moradores da cidade quanto ao comunismo, aos estudantes da FAFIL que eram vistos muitas vezes como loucos, a participação feminina no movimento, dentre outros. Noutro sentido, por parte de alguns militantes, havia o esforço de dotar a entidade estudantil de maior representatividade entre os estudantes, a fim de se posicionarem como os dotados de consciência para dirigir o movimento e levá-la aos sem consciência. Esse conjunto articulado de situações constituía a correlação de forças presentes na cidade. Dentro da cidade, esses estudantes (dentre eles, principalmente os que se diziam comunistas) movimentavam seus moradores em um processo de mão dupla, embora, em relação a outro projeto de cidade previsto por interesses representados pelo poder constituído local, estivessem “fora da cidade”, pois os valores que esses estudantes carregavam eram opostos ao plano de cidade pensado pela elite representada por médicos, advogados e fazendeiros da região.

Pensar na força, vivacidade e vitalidade das experiências vivenciadas por esses estudantes nos anos 1980 em Montes Claros não demanda grande esforço, na medida em que muitos desses sujeitos citados ao longo do trabalho são conhecidos pela população local na atualidade, estão inseridos na política da região e militam em outros movimentos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaríamos de pedir licença ao leitor para iniciar essas considerações finais a partir de um excerto da entrevista com José Nivaldo Cardoso, o Nivaldo Feijão, que, apesar de não ter ingressado no ensino superior, foi um partícipe ativo das oposições no Norte de Minas Gerais, sendo inclusive um dos fundadores do PT e do bloco carnavalesco Feijão Maravilha, no início dos anos 1980. Em um momento da entrevista, quando indagado a falar sobre o que eles liam, ouviam, ou seja, o que os movia, o entrevistado disse que era rebelde e comunista. Ele disse que: "Falava bem da Albânia, que era um país bom, bonito, bacana. Nós acreditávamos naquilo. [risos]. Era um sonho. No entanto, não era lá essas coisas, n`é? Mas nós acreditava que era um país bom".[112]

Trazemos essa entrevista para localizar um posicionamento que expressa a vitalidade e vivacidade do tema no tempo presente. Ou seja, o trabalho não é apenas sobre o passado, mas também sobre o hoje. As questões levantadas por Nivaldo Feijão e, inclusive, a utilização da entrevista como ato interpretativo no presente nos levam a questionar certas impressões e memórias cristalizadas na sociedade que acabam por barrar as experiências vividas em conceitos explicativos. Assim como Nivaldo, muitas outras pessoas acreditaram numa sociedade alternativa à capitalista e, mesmo sem conhecer a Albânia, lutaram por ela. O desejo de mudança e uma grande dose de certeza de que as possibilidades de transformação estavam próximas de acontecer os incentivaram à luta.

O diálogo com os entrevistados, como os demais materiais, nos leva a várias questões. Dentre elas: "Qual(is) a Albânia(s) move(m) os jovens hoje?". Inspiramo-nos nas propostas de Déa Fenelon, Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, quando propõem a construção de um olhar político, em que o "tempo presente é uma dimensão que nos impulsiona", não importando o tema, espaço e tempo histórico em que situamos a pesquisa. Por isso nosso esforço contínuo de pensar como as questões pontuadas naquele momento podem servir para reflexão no presente. É, portanto, um desafio para nossa prática exercitar em nossos trabalhos o esforço de pensar, registrar e abrir questões para evidenciar que nossas pesquisas, apesar de muitas vezes trabalhar com tempos recuados, explicitam temáticas do presente.

Desse modo, como advertiu o Grupo Memória Popular, "devemos incluir todas as maneiras pelas quais um sentido de passado é construído em nossa sociedade".

---

[112]CARDOSO, Nivaldo José. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 09 setembro de 2009.

[113] Essa premissa nos instiga a uma reflexão com a entrevista de Nivaldo em diálogo com o trabalho. Os estudantes *movimentavam-se na cidade*, andando pelas ruas, bares, instituições, associações, entidades, escolas, faculdades e bairros e, nesse trânsito, eles também *movimentavam a cidade*, deixando marcas de sua presença quando realizavam manifestações, criticavam representantes do poder local, promoviam eventos de cunho esportivo e cultural, construíam alianças, compromissos, afinidades e falta de afinidades. Nesse trânsito, eles se constituíram historicamente como militantes e sujeitos com direitos, sendo que muitos deles ainda hoje militam em outros movimentos, como pelo direito dos professores e das mulheres, dentre outros. Essas trajetórias reportam-se à participação de muitos estudantes em grupos de jovens da Igreja, associações de bairro, grêmios estudantis, partidos políticos, "teatro de rua", grupos ligados à produção artística, redação de jornais, entidades de representação secundarista e universitária, dentre outros espaços.

Na realização deste trabalho, nos embasamos na História Social, por isso não podemos deixar de fazer referência à obra "A história após a crise de 1989", de autoria do historiador Josep Fontana, em que o autor expõe o giro linguístico do social para o cultural que ocorreu nos idos de 1989. Conforme o autor, depois de 1989,

> a demolição dos regimes do leste europeu não significou o fim desta guerra de idéias, mas pareceu o momento adequado para fundamentar um novo e duradouro consenso que devia deixar firmemente assentada a convicção de que toda tentativa de subverter a ordem estabelecida era inútil, que toda revolução – fosse a francesa de duzentos anos atrás ou a soviética de 1917 – acabava convertendo-se num fracasso sangrento".[114]

Fontana ressalta que, nesse momento, foi divulgada a idéia produzida por Francis Fukuyama de "fim da história", reforçando a impressão do fim dos movimentos coletivos. Esse panorama levantado pelo autor nos leva a pensar a historiografia também como um lugar de luta política, sendo que se constitui para o historiador o desafio de pensar os temas que abordar fora de pressupostos que possam engessar o resultado do seu trabalho, pois certas agendas historiográficas já oferecem respostas fáceis e comumente aceitas em muitos lugares.

---

[113]Grupo memória popular. Memória popular: teoria, política, método. In: FENELON, Déa Ribeiro (orgs). **Muitas Memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D`água, 2004, p.283.
[114]FONTANA, Joseph. A história após a crise de 1989. *In*: **História depois do fim da história.** Bauru: EDUSC, 1998, p.17.

No que toca aos movimentos sociais, o sociólogo Rudá Ricci, integrante do Fórum Brasil de Orçamento e do Observatório Internacional da Democracia Participativa, em seu blog, publicou o artigo intitulado "O fim da era dos movimentos sociais brasileiros". Esse artigo provocou o maior *frisson* na academia, tanto que em seu blog várias pessoas postaram mensagens, concordando e, principalmente, discordando dele. O autor, além de apontar o fim da era dos movimentos sociais, afirmou que o Movimento dos Sem Terra está se isolando.[115] A premissa de movimento social apontada pelo autor passa pela entidade e parece não sair dela, o que emperra a visualização de um movimento aberto que aponte para diferentes formas de luta cotidiana enfrentadas no dia-a-dia pelos sujeitos sociais na disputa pelo direito à cidade. Dessa forma, acreditamos que o livro "Quando novos personagens entraram em cena", de Eder Sader é seminal para esse debate. Enquanto diversos autores estavam preocupados com a oposição, por parte de grupos, entidades e associações conhecidas nacionalmente, à Ditadura Militar, Eder Sader, foi ao encalço de como os trabalhadores e trabalhadoras da grande São Paulo, nos anos 1970, estavam sobrevivendo, instituindo e constituindo formas de luta cotidiana na busca pelo direito à cidade. Práticas e presenças que à principio pareciam sem qualquer teor político puderam ser vistas como inundadas de tom reivindicatório e constituíram o enredo da luta pela cidadania e pela democracia.

Na realização desta pesquisa, inicialmente, procuramos ir ao encalço de ações estudantis que não estivessem sob o escopo da entidade estudantil, procurando perceber a amplitude do movimento estudantil. No entanto, as fontes encontradas de alguma forma ou de outra sempre nos levavam a uma entidade, o que nos levou a rever esse suposto que por algum tempo nos impedia de perceber a vitalidade e força da organização estudantil naquele momento. A volta aos arquivos e a releitura constante das fontes nos levaram a perceber a relevância dos movimentos coletivos naquele período e como eles eram importantes como forma de atuação e luta política.

Para pensar esse momento, acreditamos que as movimentações empreendidas pelos estudantes em Montes Claros não se constituíam apenas de entusiasmo e romantismo, mas suas reivindicações expressaram desejos, valores e projetos que, em seu conjunto, no trânsito pela cidade ao ocupar diversos espaços,

---

[115]RICCI, Rudá. *O fim dos movimento sociais brasileiros*. In: http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/ruda-ricci-o-fim-da-era-dos-movimentos-sociais/ (acessado dia 13 de janeiro de 2010). Atualizado e publicado em 20 de outubro de 2009.

expressavam, constituíam e instituíam o enredo das lutas pela democracia e pela cidadania.

FONTES:

1)*APAMF* (Arquivo Pessoal de Américo Martins Filho).
Jornal do Norte, (01/01/1980 à 31/12/1989).

2)*APGRGB* (Arquivo Pessoal de Gy Reis Gomes Brito).
Jornal do DEMC, 1984.
Caderno de colagens. Recorte do Jornal Diário de Montes Claros, 02 de agosto de 1984.
Caderno de colagens. Recorte do Jornal do DEMC, "Restauração dos Grêmios", 1984.
Caderno de colagens. Recorte do Jornal não identificado. Notícia intitulada "Secundaristas querem passe escolar", 1984.
Caderno de recorte e colagens. Notícia de jornal não identificado intitulada "PASSE ESCOLAR", 1984.
Caderno de colagens. Matéria de jornal não identificado intitulada "A Câmara não se emenda", 1984.
Fotografia de manifestação pelo meio passe em 1984.
Panfleto pelo meio-passe.

3)DPDOR (Divisão de Pesquisa e Documentação Regional).
Recorte do Jornal do Norte, 06 e 07 de agosto de 1983.
Recortes do Jornal de Montes Claros, 03 e 04 de setembro de 1988.
Recortes do Jornal Diário de Montes Claros, 26 de agosto de 1988.
Recortes do Jornal Diário de Montes Claros, 24 de agosto de 1988, p.11.

4) ACCHP (Arquivo do Centro de Educação e Cultura Hermes de Paula).
Revista Montes Claros em foco. Ano XII nº. 37, Novembro de 1979.

5)ACAHIs (Arquivo do Centro acadêmico de História).
Carteirinhas estudantis.
Troféus.
Atas.
Relatório da gestão "Vento Novo" do DA-FAFIL, 1983.
Edição especial Jornal Corujão, 18 anos da FAFIL. (datilografado) Montes Claros 29 de abril de 1982.

6) Meio digital
Jpmd.moc/blogspot.com (acessado dia 06 de janeiro de 2010)
www.achetudoeregiao.com.br/mg/montes_claros/historia.htm. (acessado 06 de janeiro de 2010).

Site http: www.mme.org.br

Entrevista com Apolinário Rebelo disponível no site: http: www.mme.org.br. (acessado dia 16 de agosto de 2006).

Entrevista com Javier Alfaya disponível no site: http: www.mme.org.br. (acessado dia 16 de agosto de 2006).

Entrevista com Gisela Mendonça disponível no site: http: www.mme.org.br (acessado dia 10 de abril de 2007).

Entrevista com Clara Araújo disponível no site: http: www.mme.org.br (acessado dia 16 de agosto de 2006).

7)Fontes Orais

BRITO, Gy Reis Gomes. Entrevista cedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

CARDOSO, Nivaldo José. Entrevista cedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 09 setembro de 2009.

ISABEL, Ely. Entrevista cedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 10 de novembro de 2006.

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. Entrevista cedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 10 de novembro de 2006.

PROCÓPIO, Pedro Júlio. Entrevista cedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de julho de 2009.

VELOSO, Charles Edvar Parrela. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de agosto de 2007.

XAVIER, Eurípedes. Entrevista cedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de novembro de 2006.

XAVIER, Manoelito. Entrevista cedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de janeiro de 2009.

XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista cedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros 15 de outubro de 2006.

XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Entrevista cedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; WEIS, Luiz. Carro – zero e pau – de – arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. IN: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilia Moritz.(Org).**História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil** (1964 – 1984). Petrópolis: Vozes, 1987.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta M. D.(orgs). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ARAUJO, Maria Paula Nascimento. **Memórias estudantis**: da fundação da UNE aos nossos dias. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 2007.

BARBOSA, Andreza. A (Des) articulação do Movimento Estudantil: (Décadas de 80 e 90). **Revista Educação**: Teoria e Prática. Franca, vol.10, n.18, jan.-jun. -2002 e n.19, jul.-dez.-2002, p.05-14.

BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. Famintos do Ceará. *In*: FENELON, Déa Ribeiro *et all*. (orgs.) **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D`água, 2004, p.94-115.

BRAGA, Maria Ângela Figueiredo. **Industrialização da Área Mineira da SUDENE**: um estudo de caso. João Pessoa: UFP, 1985.

BRITO, Gy Reis Gomes. **Na terra dos coronéis**: progresso para quem? Estrepes e Prelados na construção do progresso da cidade de Montes Claros (1917-1926). 2002. Dissertação (Mestrado em História – Culturas Políticas) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

CALEIRO, Regina Célia; PEREIRA, Laurindo Mékie. (orgs). **Unimontes**: 40 anos de história. Montes Claros: Unimontes, 2002.

CAMPOS, Edilberto Sebastião Dias e outros. **Sistema de informação, documentação e arquivo do centro Acadêmico de Historia da Universidade de Brasília-SIDOCAH**.(Brasília-DF). 7° Congresso Brasileiro de arquivologia. Brasília, UNB, 1988. (Cadernos de resumos).

CARDOSO JR, Edy Freitas. **Experiência e poder na urbe em expansão**: "cultura política popular" em Montes Claros/MG entre 1930 e 1964. 2008. Dissertação (Mestrado em História – Culturas Políticas) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

CHALHOUB, Sidney. Introdução: Zadig e a história. In: _____. **Visões da liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CHAUÍ, Marilena. Apresentação. Ecléa Bosi. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CHAUÍ, Marilena. Ideologia neoliberal e universidade. OLIVEIRA, Francisco de; PAOLI, Maria Célia. (Orgs.) **Os sentidos da democracia**: Políticas do dissenso e hegemonia global. São Paulo: Vozes: FAPESP: NEDIC, 2000.

CHAUÍ, Marilena. Modernização versus democracia. In: **Escritos sobre a Universidade**. São Paulo: UNESP, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Seminários**. O nacional e o popular na cultura brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CRUZ, Heloísa de Faria e. **São Paulo em papel e tinta**. Periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: EDUC FAPESP, 2000.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**. São Paulo, n.35, jul/dez, 2007, p. 255-272.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1990.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves; PASSOS, Mauro. Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O tempo da Ditadura**: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano; v.4).

FENELON, Déa Ribeiro.(org) Introdução. In: **Pesquisa em história**. Cidades. São Paulo: Olhos Dàgua, 1999.

FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular**. Historia e Perspectivas**. Uberlândia, v. 6. p. 9-23, jan;-jun. 1992.

FERREIRA, Marcelo Valmor. **Cidades de Porte Médio e Populismo**: Montes Claros, um estudo de caso. 2002. Dissertação (Mestrado em História – Culturas Políticas) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

FONSECA, Albenísio. **O lugar na história**: 30 anos de DCE – UCSal. Salvador: Gestão Acorde, 1997.

FONTANA, Josep. A história após a crise de 1989. In: **História depois do fim da História**. Bauru, SP: EDUSC, 1998, p.7-38.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 27 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Publifolha, 2000. [1 ed. 1959].

GABEIRA, Fernando. **O que é isso companheiro**? Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GARCIA, Marco Aurélio. São Bernardo: A (auto) construção de um movimento operário. **Revista Desvios**. n.01, nov. 1982, p.10-27.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo; Cia. Das Letras, 1990.

_____. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, José Paulo Ferreira. **Eleições de 1982**: uma virada histórica em Montes Claros? 2005. Monografia defendida no depto. Política e Ciências Sociais, Unimontes, Montes Claros, 2005.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas**: A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Ática, 1987.

GRECO, Fátima Aparecida. Cultura juvenil: símbolos, estilos e identidades entre utopias e distopias. **Cadernos de História**. Uberlândia: EDUFU, n.12/13, v.1 – 2004 – 2005, p.171-187.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. In: SOVIK, Liv (org.). **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG/Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HOBSBAWM, Eric J. A história de baixo para cima. *In*.: **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 216-231.

HOBSBAWM, Eric J. **Eric Hobsbawm**: A crise do capitalismo e a atualidade de Marx. www.enlacers.com.br (acessado dia 11 de janeiro de 2010). Entrevista realizada por Marcelo Musto, 21 de outubro de 2008.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da História Social. **Projeto História**. São Paulo, n.22, jun. 2001, p.79-103.

JESUS, Alysson Luiz Freitas de. O sertão e sua historicidade: versões e representações para o cotidiano sertanejo – séculos XVIII E XIX. **História & Perspectivas**. Uberlândia, n.35, 247-265, Jul.Dez, 2006.

LEITE, Marcos Esdras; PEREIRA, Anete Marilia. A expansão urbana de Montes Claros a partir do processo de industrialização. In: PEREIRA, Anete Marilia; ALMEIDA, Maria Ivete Soares de.(orgs) **Leituras geográficas sobre o norte de Minas Gerais**. Montes Claros: Unimontes, 2004.

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: Algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa. 1880/1920. In: FENELON, Déa Ribeiro (orgs). **Muitas Memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D`água, 2004.

MARTINS FILHO, João Roberto. **Movimento Estudantil e Ditadura Militar**-1964-1968. Campinas: Papirus, 1987.

MENDES, Leandro de Aquino. **O Partido dos Trabalhadores em Montes Claros**: fundação e consolidação na década de 1980. 2004. 79 fls. Monografia defendida no depto. de História da Unimontes, Montes Claros, 2004.

MENDONÇA, Sônia Regina de; FONTES, Maria Virgínia. **História do Brasil recente**. 1964-1992. São Paulo: Ática, 1996. Série Princípios.

OLIVEIRA, Evelina Antunes Fernandes de. **Nova cidade, velha política**: poder local e desenvolvimento na Área da Sudene. Maceió: EDUFAL, 2000.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(li)gião**: SUDENE, Nordeste, Planejamento e Conflito de Classes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

OLIVEIRA, José A. Saldanha de. **A Mitologia Estudantil**: uma abordagem sobre o movimento estudantil Alagoano. Maceió: SERGASA, 1994.

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. *et all*. **Formação econômica e social do norte de minas**. Montes Claros: Unimontes, 2000.

PATARRA, Judith L. **Iara**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

PEREIRA, Anete Marília. **Cidade média e região**: o significado de Montes Claros no Norte de Minas Gerais. Tese de Doutorado em Geografia. Uberlândia, UFU, 2007.

PEREIRA, Laurindo M. **A cidade do favor**: Montes Claros em meados do século XX. Montes Claros: Unimontes, 2002.

PEREIRA, Laurindo Mékie. **Em nome da região, a serviço do capital**: o regionalismo político norte-mineiro. Tese de Doutorado em História Econômica. São Paulo, USP, 2007.

PEREIRA, Laurindo Mékie. Reflexões sobre a atualidade e operacionalidade do materialismo histórico nos estudos das identidades regionais. **Historia & Perspectivas**. Uberlândia, n.40, p.117-150, jan. jun. 2009.

POERNER, Artur J. **O Poder Jovem**: História da participação política dos estudantes brasileiros. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

POMPERMAYER, Malori J. (org). **Movimentos sociais em Minas Gerais**: emergência e perspectivas. Belo Horizonte: UFMG, 1987.

PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. FENELON, Déa Ribeiro. *et all* (orgs.) **Muitas memórias, outras Histórias**. São Paulo: Olho D`água, 2004.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos. Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Projeto História**. São Paulo, n.10, dez. 1993, p.41-58.

PORTO, César Henrique de Queiroz. **Patrimonialismo, poder privado e violência**: o campo político norte-mineiro durante a Primeira República. 2002. 173 f. Dissertação (Mestrado em História – Culturas Políticas) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

RICCI, Rudá. **O fim dos movimento sociais brasileiros**. In: http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/ruda-ricci-o-fim-da-era-dos-movimentos-sociais/

RIDENTE, Marcelo. **O Fantasma da Revolução Brasileira**. São Paulo: Unesp, 1994.

ROCHA, Wanda. **O Governo militar nas páginas da imprensa montes-clarense**. Monografia. Depto de História, Unimontes, Montes Claros, 2005.

RODRIGUES, Marly. **A década de 80**. Brasil, quando a multidão voltou às praças. São Paulo: Ática, 1994.

ROLLEMBERG, Denise. Esquerdas revolucionárias e luta armada. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (orgs) **O Brasil Republicano**. O tempo da Ditadura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SADER, Eder; PAOLI, Maria Célia. Sobre "classes populares" no pensamento sociológico brasileiro (Notas de leitura sobre acontecimentos recentes). *In*.: CARDOSO, Ruth C. L (org.). **A aventura antropológica**. Teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 39-67.

_____. **Quando novos personagens entraram em cena**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SCHWARTZMAN, Simon; DURHAM, Eunice Ribeiro; GOLDEMBERG, José. **A Educação no Brasil em uma perspectiva de transformação**. www.schwartzman.org.br (acessado dia 10 de janeiro de 2010).

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Crise da Ditadura Militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. IN: **O Brasil Republicano**, vol. 4.

SILVA, Gerlice M. Trabalhadores e sindicatos em Montes Claros-MG na década de 1980. **Revista Iniciação à história**. Montes Claros, v.3-n.01, p.51-64, 2004.

SILVA, Márcia Pereira da. **Em busca do sonho**: história, juventude e repressão: Franca - 1960-1970. Montes Claros: Unimontes, 2001.

SILVA, Marcos A. O trabalho da linguagem. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.6, n. 11, 1985-1986.

SOUZA, Andrey Lopes de; SILVA, Márcia Pereira da. História e historiografia: os estudantes secundaristas em Montes Claros na década de 1980. **Revista Iniciação à História**. Montes Claros, V. 05, 2007.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da Classe Operária Inglesa**. v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 (Oficina da História).

_____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

_____. As peculiaridades dos ingleses. *In*.: NEGRO, Antônio Luigi; SILVA, Sérgio (Orgs.). **E. P. Thompson**. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas/SP: Unicamp, 2001, p. 75-180.

_____. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. Folclore, Antropologia e História Social. *In*.: NEGRO, Antônio Luigi; SILVA, Sérgio (Orgs.). **E. P. Thompson**. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas/SP: Unicamp, 2001. p 227-286.

VALLE, Maria Ribeiro do. **1968**: o diálogo é a violência. Movimento Estudantil e Ditadura Militar no Brasil. Campinas: Unicamp, 1999.

VELOSO, Cândida Maria dos Santos. **Outros modos de viver**: pobreza urbana em Montes Claros (1960-1980). 2002. 185 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

VENTURA, Zuenir. **1968**: o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Zahar. Rio de Janeiro: 1979.

WILLIAMS, Raymond. A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica. **Projeto História**. São Paulo, n.35, jul/dez 2007, p. 15-26.